

MARTA EUGÊNIA FONTENELE PIMENTA

Memórias de Alfaiates: Significados de Vida e Trabalho

Campinas, 2008

MARTA EUGÊNIA FONTENELE PIMENTA

Memórias de Alfaiates: Significados de Vida e Trabalho

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), para obtenção do título de Mestre em Gerontologia. **Linha de pesquisa:** Construção sociocultural da velhice.

Orientadora: Prof^a Dr^a Margareth Brandini Park

Campinas, 2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

P649m Pimenta, Marta Eugênia Fontenele
Memórias de alfaiates: significados de vida e trabalho / Marta
Eugênia Fontenele Pimenta. Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador: Margareth Brandini Park
Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Memória. 2. Memórias – Aspectos sociais. 3. Memórias –
Aspectos psicológicos. 4. Alfaiates. 5. Envelhecimento. 6.
Trabalho. I. Park, Margareth Brandini. II. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Título em inglês : Memories of tailors : meanings of life and work

Keywords: • Memory
• Memories, social approach
• Memories, psychological approach
• Tailors
• Aging
• Work

Titulação: Mestre em Gerontologia

Banca examinadora:

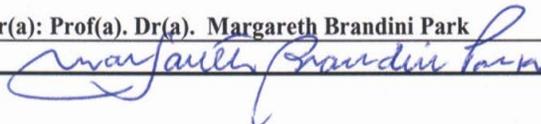
**Profa. Dra. Margareth Brandini Park
Profa. Dra. Olga Rodrigues Moraes Von Simson
Profa. Dra. Maria Madalena Gracioli**

Data da defesa: 05 - 11 - 2008

Banca examinadora de Dissertação de Mestrado

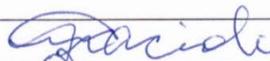
MARTA EUGÊNIA FONTENELE PIMENTA

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Margareth Brandini Park

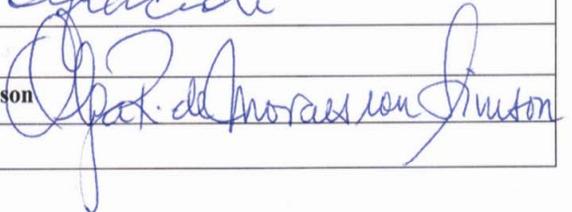


Membros:

Professor (a) Doutor (a) Maria Madalena Gracioli



Professor (a) Doutor (a) Olga Rodrigues Moraes Von Simson



Curso de pós-graduação em Gerontologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 05/11/2008

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, João e Ester,
por me ensinarem o valor e a
poesia do recomeçar.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho querido, Tharik, por me fazer crer que o caminho da vida é sempre um portal para a liberdade. Por me acolher com seu sorriso farto e seus olhos generosos, a cada retorno meu, dos tantos afazeres da pesquisa.

A Fabiana, por ter provocado em mim a necessidade de retornar à academia, oferecendo sua presença em quase todos os momentos desta caminhada.

A minha mãe, por todo seu carinho, estímulo e torcida para que eu terminasse logo e dentro do prazo.

Aos amigos Mirza e Ângelo, pelo incentivo e ensinamentos.

A Godelieve, Tiwani e Maíra, por me receberem com sorrisos amigos e torcerem para que o tempo me fosse generoso. De preferência, com direito a sol, lua, céu limpo e responsabilidades em dia.

A amiga Lucia Secotti, por dividir almoços na cantina e partilhar momentos de tensão, recheados pela esperança mútua de que a troca é artifício necessário para fortalecer quem está na caminhada.

A minha amiga Cristina Lima, por suavidade incomum para acolher, resolver conflitos e mostrar caminhos de paz em cada encontro com seus amigos.

A Professora Olga von Simson, por ter acreditado no meu projeto, ainda quando eu iniciava os primeiros passos, na condição de sua aluna especial.

Ao Professor Etienne Samain, pela generosidade, pelas aulas de metodologia, repletas de conteúdo humano e do sensível, lançando idéias claras sobre a intersecção das áreas de conhecimento no fazer pesquisa.

A Professora Anita Liberalesso Neri, por acolher com profissionalismo, presença humana e eficiência as muitas demandas surgidas no percorrer do trabalho, oferecendo abrigo, conforto e soluções. Por seu exemplo de fidelidade à busca do conhecimento em torno do envelhecimento humano.

Aos funcionários da Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Nadir, Gi e demais colegas, pela paciência em nos ajudar a gerenciar os trâmites da universidade.

Ao Professor Carlos Miranda, da FE, por me oferecer um convívio amigo e de abertura para se construir novas maneiras de pensar as inter-relações entre docentes e discentes na prática do Estágio Supervisionado.

Ao Professor Wenceslao, por ter oferecido, com habilidosas intervenções, meios de inserção e dignidade no acompanhamento das aulas de estágio supervisionado, excepcionalmente no final da escrita desta dissertação.

A todos os colegas de disciplinas, os quais encontrei e com eles partilhamos identidades, durante a pesquisa, pessoas como Marcell Camacho, Maria Aparecida Morais Lisboa e Lucia Secoti.

Aos meus dignos e respeitados informantes, os alfaiates, Natalino, Guerino, Nelson, José e Laerte, que além de tempo, me ofereceram acolhida, humildade e capacidade humana de abrirem seus lares, seus espaços pessoais para ofertar suas interioridades e reminiscências sobre suas vidas e o ofício de alfaiate.

Aos compadres e amigos, Vanderlei e Maria Helena, pelo carinho, solidariedade e presenças humanas ao longo de quase uma década.

Aos meus irmãos, Wagner, Liane, Cesar e Ronaldo, por terem dividido o universo de minha infância, cenários nos quais, eles, de uma maneira e eu de outra, construíamos um repertório de vida, marcados pela singularidade dos que migraram de suas terras de origem, mas que em comum preservam a certeza e a memória de onde tudo começou.

Ao mano Tião, que mesmo estando longe me enviava mensagens de incentivo e confiança.

Aos amigos e artistas Léo e Cássio* (*in memoriam*), pelo sabor do encontro, das tentativas de moldar a vida pela magia das mãos, do fogo e da paixão.

Ao meu sobrinho estimado, Bruno Fontenele, pela inocência, humanismo, racionalidade e esforço para estar presente, mesmo com as dificuldades que a vida capitalista nos impõe.

A minha gratidão especial a Cleide, companheira de todas as horas, com sua singela presença, cumplicidade, solidariedade e carinho incondicional ao povo lá de casa.

Ao Sergio, dileto amigo que empresta sua criatividade para fazer de nossos encontros, um motivo de alegria, com direito a dialetos que só ele sabe criar.

A todas as pessoas que por meu caminho foram singulares, ofertando-me sementes e perspectivas para prosseguir esta caminhada.

SUMÁRIO

RESUMO	xv
ABSTRACT	xvii
MEMORIAL	19
INTRODUÇÃO	27
Capítulo 1	
O OFÍCIO DE ALFAIATE: UMA ANTIGA ARTE	31
1.1 O artesão se forma trabalhando	34
1.2 Alfaiate: um trabalho masculino?	37
Capítulo 2	
METODOLOGIA	
MEMÓRIAS DE ALFAIATES: UMA FORMA DE OLHAR A VELHICE	45
2.1 Memória, memórias: um termo viajante	50
2.2 Abordagem prática-metodológica	55
2.3 Exercício exploratório para constituição da Rede de Informantes	62
2.4 Apresentação dos informantes	65
2.5 A transcrição: múltiplas formas de ouvir o outro	73
Capítulo 3	
CONFIGURAÇÕES DA MEMÓRIA DE UM OFÍCIO	77
3.1 O Menino Aprendiz	79
3.2 O ritual do dedo amarrado	81
3.3 Pequeno Glossário da Alfaiataria	87
3.4 Entrevista com Geraldo Barbosa: Testemunho do ofício no presente	92
Capítulo 4	
O TRABALHO COMO CONTEÚDO IDENTITÁRIO DO ALFAIATE: INTERPRETAÇÃO DE DADOS	97
4.1 A temática dos relatos	119
4.2 A unissonância entre vida e trabalho	121
4.3 Interpretação dos Dados Coletados	125
4.4 Vocação: outras considerações sobre a leitura dos relatos	128
4.5 Como representar a síntese	130
4.6 Propostas de leituras dos sumários	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
BIBLIOGRAFIA	177
ANEXOS	181
TRANSCRIÇÕES	183

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar a temática do trabalho nas narrativas de velhos alfaiates, quando convidados a falarem de suas trajetórias de vida, por meio de processos de reminiscências. O estudo foi desenvolvido com a participação de cinco alfaiates – com faixa etária entre 65 e 98 anos –, os quais passaram a maior parte de sua vida adulta e produtiva, na cidade de Campinas (SP), tendo como fator comum a prática do ofício, no contexto do século XX.

À luz da Gerontologia, e numa perspectiva de valorização da rememoração na velhice, a pesquisa evidencia que esses homens velhos, ao falarem de si apóiam-se na temática *trabalho* (vida laborativa), utilizando-a como uma espécie de fio condutor, para organizarem e estruturarem suas memórias, configurando um estado de unissonância entre vida e trabalho.

Aliando ao método biográfico uma sistematização para a leitura dos relatos, o trabalho amplia o espectro de interpretações das narrativas, possibilitando análises acerca das especificidades nas quais o velho se apóia para falar de si, de suas visões de mundo e do trabalho, como um conteúdo existencial e social.

Palavras-chave: Memória, Alfaiate, Envelhecimento, Trabalho

ABSTRACT

The aim of this research is to look into the topic of work in the narratives of aged tailors, when asked to speak about their lives by means of remembrances. The research was developed with the participation of tailors whose age varied from 65 to 98. They have spent most of their lives in Campinas (SP) having in common the practice of their jobs in the twentieth century.

In the light of gerontology and in the perspective of valuing remembrances in old age, the research gives evidence that these old men, when speaking about themselves, back up on the topic work (working life). They use it as a guideline to organize and structure their memories creating a state of harmony between life and work.

This study enlarges the spectrum of interpretations of the narratives using a biographical method as well as a systematization for the reading of the accounts. This enables analyses about the specifications upon which the elder backs up to speak about himself and to express his ideas about the world and about work as an existential and social content.

Key words: memory, tailor, ageing, work

MEMORIAL

Início este texto dizendo de minha predileção por este tema: o trabalho, e imediatamente ao que ele remete, ou seja, a ação do trabalho na vida. Creio que este olhar curioso pela importância do trabalho se manifestou ainda na minha infância, quando via meu pai (João Fontenele) banhar os pés em bacias de água com sal para aliviar as fissuras provocadas pelas longas caminhadas que fazia, para cumprir o seu ofício, no sertão do Ceará. Meu pai exerceu durante longos anos – mais de 30 anos, pelo que me explicou, em diversas ocasiões –, a função de guarda-fios¹ do Departamento de Correios e Telégrafos (DCT). Até o ano de 1930, este órgão trabalhava em separado do Departamento de Correios, como Repartição Geral dos Telégrafos, sendo fusionados em 1931.

Todavia, a grande mudança se deu a partir de 1969, com a adoção de métodos e sistemas compatíveis com os apelos da modernização em curso. Nesta época, o velho DCT passou a ser denominado Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT ou EBCT). A profissão de meu pai, guarda-fios, foi extinta na década de 1970. Para minha família, a mudança na natureza jurídica da empresa dos correios representou muito mais que uma simples troca de siglas. Significou uma mudança extrema na nossa forma de viver. Essas reviravoltas tiveram início com a aposentadoria (antecipada) de meu pai, um evento de vida que iria acometê-lo meses depois, de uma crise depressiva, ao entrar nos seus 60 e poucos anos. Evidentemente, não tínhamos o reconhecimento desse processo, como nos dias atuais. A notícia de seu desligamento dos Correios repercutia, dia após dia, no seu modo de viver. Era triste, melancólico, quase não conversava, não saía mais de casa e apenas se dedicava à leitura. Lia todos os dias a Bíblia e outros livros que apreciava, como uns que versavam sobre os efeitos medicinais das plantas. Lembro-me bem, era uma coleção de quatro ou cinco volumes, de capas duras, de cor verde, com letras douradas e o título: “As Plantas Curam”.

Interessante observar que no cumprimento de sua função de guarda-fios, meu pai usufruía de uma condição bem distinta, no que diz respeito à organização do trabalho. Ele não tinha uma chefia próxima. As repartições dos Correios, naquela época, no Ceará, eram

¹ Profissional encarregado de zelar para o bom funcionamento de linhas telefônicas e de telégrafo, executando prevenções e/ou reparos nas linhas, ou cabos de luz elétrica.

espalhadas por pequenos municípios. Sendo assim, como funcionário, na maior parte do tempo, era quem organizava sua vida no trabalho, tendo como principal meio de demanda, um aviso, um chamado, de um dos postos de correios mais próximos, que lhe diziam da necessidade de se movimentar até o lugar de um determinado – ponto de linha – onde tivesse havido um problema técnico. E nesse compasso, se um vento, chuva, ou qualquer intempérie provocasse um “defeito na rede”, como ele costumava dizer, com um tom sempre de algo muito grave e importante, deveria responder por esse conserto, fizesse chuva ou sol. Tratando-se do Estado do Ceará, via de regra fazia sol. Caminhar pelas regiões do sertão, a pé, a cavalo, ou de bicicleta era uma constante, debaixo de muito calor, carregando os isoladores, fios e outros apetrechos próprios do trabalho. Durante alguns anos, a área de atuação do meu pai neste território se distribuía de clima bem próprio do sertão, ou em pequenos municípios como Ubajara e Ibiapina (localizadas na Serra da Ibiapaba, ao Noroeste do Estado) e nos arredores destas localidades. Naquela época, idos de 1960 e 1970, estes lugares eram áreas com baixo adensamento populacional e pouca infraestrutura urbana, com muitas dificuldades com meios de transportes, o que não era privilégio só do Ceará, mas era uma característica do Brasil. Essas jornadas de trabalho, que meu pai as denominava de “percorridas”, poderiam durar de um dia a 15 dias e tinham o sentido duplo de se referir à caminhada, ao percorrer do trecho e ao mesmo tempo de investigar as linhas, ponto por ponto. Tudo dependia da extensão da linha e gravidade do “defeito” que ele havia de reparar. Na captura das linhas defeituosas, as caminhadas se davam nessas regiões de clima bem carrasco, como costumavam se referir, o que do ponto de vista das condições de trabalho significava alguns sacrifícios, como por exemplo, encontrar uma moradia para se pedir um copo d’ água.

Na volta para casa, além da pele queimada de sol, meu pai parecia muitas vezes um soldado que chegara de uma batalha: tinha as roupas de cáqui, um tipo de brim, quase sempre em tons de verde, sempre muito manchadas, suadas e mãos e pés – sobretudo os pés – bem-machucados. Eram fissuras, rachaduras, inchaços, que eram cuidados por minha mãe como um ritual. Depois do banho tomado, eram preparadas várias bacias de água com sal. Os pés eram, várias vezes, mergulhados nessas bacias. Além de “acalmar” os ferimentos, a água de sal tirava o inchaço dos pés, justificavam. O repouso, pós-percorrida, que durava em média uns dois dias, era feito desta maneira, deitado, com os pés para cima, quase

alcançando os punhos da rede. Nesse tempo, as conversas se davam ali... No entorno da rede, num canto da sala de jantar. Tempo suficiente para ele narrar, com minúcias, como foi o trabalho, o grau de dificuldade, os riscos que viveu, a sede, até fome, enfim, a estória da percorrida merecia dias, lugar e ouvidos atentos e solidários.

Esta configuração do trabalho, pela mediação única do homem que o faz, sempre me inquietou, afinal, me guiando pelo exemplo de meu pai, eu podia entender que ele não tinha um mandante, um chefe, para lhe dizer “faça isso” ou “faça aquilo”, ninguém o “vigiava”. E então, eu indagava a mim mesma: – Será que todo mundo é assim? Por que será que ele (o pai) é tão rigoroso com o trabalho que ele executa sozinho? Em fazer este trabalho tão bem feito? E por que padece executando esse trabalho, ao mesmo tempo em que não reclama, não se queixa de nada? Eu sentia que meu pai tinha certo orgulho do que ele era para o trabalho e talvez, na mesma medida, do que o trabalho era para ele.

Então, por volta de 1975, eis que uma carta, emitida por sua chefia, chega a nossa casa e aí, uma onda de apreensão e tristeza se espalha pelo ar. O teor da correspondência era algo meio seco e direto. Em linguagem telegráfica, sem apelar para meias-palavras, que a partir de uma data tal, o funcionário João Fontenele estaria compulsoriamente aposentado. Meu pai se entristeceu. Aquilo soou como um golpe. Lembro-me, naqueles dias... Entendi que a despeito de nunca ter conhecido, ter identificado figuras humanas, que se traduzem por chefes, por superiores do meu pai no seu trabalho, passei a compreender que esses personagens existiam e eram de carne e osso. Isso significava que apesar de não circularem presencialmente próximos aos guarda-fios, eram presentes e vigilantes, controlavam o trabalho que era feito por ele e tinham poderes para dispensá-lo, assim... Por meio de uma carta pura e simples.

Foi neste clima de infortúnio, manifestado pela aposentadoria episódica e à falta de perspectivas que mostrassem um novo caminho para o meu pai trabalhar, que a nossa família se deslocou do Ceará, para o Estado de São Paulo, fixando residência em Campinas. Estávamos no ano de 1978. Aqui, na “terra do trabalho”, meus olhos puderam enxergar mais e mais formas de se ganhar a vida. Lembro-me que aos nove anos, minha mente ficava agitada e ao mesmo tempo assustada, quando por volta de meio-dia escutava ao longe, uma sirene, de som muito alto. Logo pensava: – alguém morreu! Que nada! Era só o sinal da Fábrica Clayton e Andersen, avisando aos funcionários o horário de fim ou início de turno;

esta indústria produzia margarina e foi uma grande instalação fabril, onde hoje funciona um hipermercado, no bairro *Swift*, na Avenida Abolição, em Campinas. Aquele apito era bastante concreto para mim, era agressivo. Recentemente, surpreendi-me lendo o sociólogo José de Souza Martins e sua análise em torno dos aspectos singulares do migrante, um deles: o funcionamento da audição do migrante: “[...] na cidade, o migrante não ouve as badaladas do sino da igreja ou o apito da fábrica. Ouve “o sino” e ouve “o apito”, como se os respectivos sons fossem a fala das próprias coisas (MARTINS, 1992, p. 67). E embora ouvir um apito possa parecer uma situação corriqueira, para mim, naquele tempo, foi muito significativo, pois me possibilitou fazer uma nova leitura: ao contrário da percepção que construí observando o trabalho sem vigilância do meu pai, passei a entender que no mundo havia muitos homens que cotidianamente eram fiscalizados nos seus trabalhos; as formas de domínio eram (e são) diversas... os apitos, o vigiar do tempo e tantos outros meios de controle.

Essas lembranças me remetem ao passado e me fazem indagar do por quê de meu interesse por esta ação humana, a ação do trabalho e, em particular, do interesse em conhecer com mais profundidade antigas profissões, os ofícios menores. Por que me interesse por estes tipos de trabalho humano? Não saberia responder. Todavia arrisco-me a dizer que talvez, por não ver sentido no controle sobre o homem que trabalha, os meus olhos e os meus sentidos se dirigiam para este outro cenário: o dos pequenos ofícios, via de regra, onde o homem é mais isento dos meios de regulação e vigilância; vigora o tempo da criação, do seu senso de organização, das suas interioridades, enfim, o artesão, o trabalhador manual, o artista, nunca se submete ao cartão de ponto, às sirenes e aos apitos.

Aos poucos, vou juntando os retalhos destas lembranças e vou compondo as minhas memórias em torno deste assunto, que traduzo como sendo um gosto, um interesse, pelo ato de transformar e criar, impregnado nas representações da atividade do labor. É costurando estas nesgas de lembranças que retomo a esse passado infantil e recomponho algumas cenas de minha infância. Vejo-me encantada, com os olhos estalados no movimento das mãos das mulheres “feiteiras” de fumo, pacientemente postadas com suas largas saias, diante de uma forquilha, torcendo as folhas úmidas de fumo. O tempo não existia... Apenas o movimento lento das mãos, trançando, dando forma aos longos rolos contorcidos, os quais depois seriam levados ao sol para serem curados, durante lentas semanas. Essas mulheres

silenciosas, quando faziam o seu trabalho, pareciam estar em sintonia com algo transcendente. Fitavam o infinito, que poderia dar com um horizonte coberto de pés de caju.

Com o mesmo encantamento, costumava ficar maravilhosamente paralisada diante das velhas chapeleiras, sentadas, com os pés cruzados, trançando as palhas de carnaúba, com dedos ávidos e tão velozes que a aba crescia a olhos nus, como num passe de mágica. Estas paisagens, que confesso encontravam-se perdidas em minha mente só se fizeram presentes e tão nitidamente, quando comecei a buscá-las. Devagar, como luzes que vão se acendendo uma após a outra, passei a recuperar estas cenas, minhas lembranças, da infância vivida até os nove anos no interior do Ceará.

Passados tantos anos, o trabalho produzido com as mãos e pelas mãos continuava a despertar em mim este olhar, um olhar de observador, que não se traduz por uma lógica aparente, mas que se poderia tentar definir por um sentido conjugado entre admiração ao trabalho concreto e à capacidade humana de criar, transformar e dar formas. Nestes tempos, eu já adulta, conheci de perto o que era ser um trabalhador regulado por um cartão de ponto. Horário para entrar, para sair, para almoçar... Assim, era a minha rotina, trabalhando como secretária numa indústria metalúrgica. Rotina que reproduzi durante quatro anos e meio. Todavia, naquele tempo, mesmo estando na indústria, onde a preconização é a da máquina sobrepondo-se ao humano, eu apreciava passear com os meus olhos pelas linhas de produção: galvanoplastia, estamparia, alboxarifados. Nesses espaços fabris, evidentemente, havia máquinas, engrenagens, banheiras de ácidos e outras soluções, moldes, tornos, mas também havia as mãos dos operários, presentes, tanto quanto as máquinas. No alto do barracão, onde operava a estamparia, uma frase escrita e pintada a mão, no topo da parede, insistia em se manter nítida, a despeito da poeira e de demais agentes oxidantes do lugar: *O trabalho dignifica o homem.*

Distante da fábrica, da produção industrial, voltei os meus olhos para trabalhadores manuais, mas agora, estes, eram personagens da vida que habita a cidade. E nela, nesta cidade acelerada do século XXI, especialmente me referindo a Campinas-SP, pinço, aqui e acolá uma placa escrita “alfaiate”, geralmente estabelecimentos modestos, com pequenos letreiros, mas que nos provocam, com sua presença, a pensar no quê poderia mover estes

trabalhadores a manterem-se em atividade numa sociedade que adotou a roupa pronta, industrializada em escala, como um hábito efetivo.

Minha formação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, foi importante para proporcionar-me recursos que de certa forma me permitiram exercer uma percepção, a de olhar a vida sob diversas óticas, não incorrendo na valorização do generalismo *per si*, mas apoiando-se no múltiplo, como um caminho para adquirirmos mais compreensão, percepção e sensibilidade do real que nos circunda. Não mensuro o quanto de pesquisadora existe na jornalista ou vice e versa, entretanto, desde que conclui a graduação, em 1989, minha preferência na prática do trabalho jornalístico foi sempre por oportunidades em que pudesse desenvolver um texto, ou a composição de um material editorial com maior profundidade, o que cabe nos cadernos especiais, suplementos jornalísticos, em que ao profissional é permitido oferecer uma escrita mais liberta da linguagem cotidiana, do factual.

Pensar sobre o que despertou em mim esta inquietude, ou seja, em querer chegar mais próximo do conteúdo laborativo, como um tema de dimensão existencial e social, não se converte – necessariamente – numa resposta única e objetiva, mas acredito que o entendimento possa habitar o universo do que é permeável pelo que nos é caro, nos é precioso, significativo e ao mesmo tempo tão subjetivo na natureza humana.

Com efeito, recolhendo frestas de memórias de minha infância, retalhos de meu viver ao lado de meu pai (e de seus pés exaustos e feridos – após suas “percorridas”), consigo trazer para a razão, para o que é concreto, não a explicação, mas a significação do debruçar-se sobre as reminiscências de velhos, e de velhos que tiveram um trabalho em comum: o ofício de alfaiate. Estes, trabalhando com a conjugação dos sentidos, das mãos, dos olhos, do tato, do querer transformar uma peça de tecido, em uma vestimenta, a qual imprime na pessoa humana, mais que a proteção ao clima, mais que o cobrir do homem “as suas vergonhas”, mas, sobretudo, a transferência de diversos códigos do viver em grupo, do ser social.

Posso assim afirmar que diversos fatores me motivaram a iniciar esta pesquisa: a admiração pela aptidão humana de se relacionar com o trabalho, alimentada pelo interesse em conhecer mais profundamente o conteúdo destas antigas profissões, a memória de ofícios e o que teriam a dizer velhos profissionais destas atividades quanto à vida, vivida

pela arte do ofício. Com efeito, deste olhar incomodado sobre a existência de trabalhadores manuais resistindo à modernidade, deu-se o meu encontro com velhos alfaiates, sapateiros, relojoeiros e costureiras.

Importante notar que em minhas conversas com estes trabalhadores pude perceber que em suas trajetórias a atividade profissional sofreu muitas oscilações, exigindo-lhes uma grande capacidade adaptativa frente às circunstâncias, o que fragmentava meu entendimento sobre a racionalidade de um tempo histórico e a presença deste trabalho - o artesanal. Apenas no que se refere à força transformadora da tecnologia nos meios de produção podemos constatar que muitos hábitos e comportamentos da sociedade do século XXI vêm sendo alterados. Basta pensar, por exemplo, no relógio de pulso em nossos dias. Com a popularização do aparelho celular e o apelo da convergência de recursos de mídias e suportes eletrônicos, exercitados à exaustão nos nossos dias, uma grande parcela de pessoas, principalmente jovens, vem “aposentando” o uso do relógio. Não será difícil, dentro em breve, que o símbolo do século XX, o relógio, entre para o rol das relíquias.

Pensar que os profissionais manuais habitam e dividem este mundo, em que a lógica vigente é a transformação permanente, é levantar questões em torno de como se dá a organização e preservação de seus saberes, bem como de eventuais estratégias de inserção social, ou seja, como se mantêm firmes, vivenciando aquela profissão, diante de tantas mudanças nas condições do fazer aquele trabalho, aquele ofício.

Esta percepção me permitiu compreender que estes homens e mulheres do trabalho manual, como sujeitos sociais, aprenderam a desenvolver diversas estratégias de sobrevivência, no âmbito das transformações tecnológicas, relativas as suas ocupações. Com especialidade, as mulheres costureiras, por tradicionalmente dividirem o espaço do lar com o ambiente do trabalho, foram obrigadas a desenvolver estratégias permanentes que as permitissem conjugar no mesmo ambiente do lar, as tarefas do trabalho em domicílio.

Desta forma, como rotina, essas mulheres arrumam e desarrumam seus cantos de trabalho durante o dia, ou à noite, para poderem dispor de espaço físico que atenda às rotinas da casa e ao mesmo tempo, que lhes permitam desenvolver as tarefas em domicílio. Podemos dizer que seja raro que uma costureira que atenda em domicílio disponha de um ambiente físico na casa destinado apenas para o trabalho. Quase todas, realizam o trabalho

da costura na sala de estar, num dormitório, ou alternam os locais de acordo com o horário do dia e as atividades da família no lar.

Todavia, os diálogos com os velhos alfaiates traziam-me certa unidade de entendimento entre tempo, sociedade, trabalho e formas de organizar e viver o trabalho. Nas suas reminiscências, os velhos alfaiates me diziam de um tempo vivo, de uma cultura de trabalho definida, por procedimentos semelhantes, por ferramentas padrão, por posturas e jargões. Ao tratarem de suas lembranças de ofício costumavam exhibir objetos vinculados à profissão, peças de roupas que não concluíram, mas que as guardam; que mostravam máquinas, ferramentas, ambientes recriados, mas impregnados de índices simbólicos de um lugar próprio do ofício.

Sublinhar a importância que ocupa o lugar do ofício me parece imprescindível, uma vez que imediatamente processa-se no imaginário que neste ambiente inclusivo de rituais, instrumentos, objetos e idéias estabelecem-se também códigos, normas, regras, valores, modelos mentais e interpretações diversas sobre o trabalho do ofício. Também nas oficinas de costura teciam-se intensas relações de sociabilidade entre os alfaiates e seus fregueses, seus vizinhos e o homem urbano que fazia fruir por estas relações suas vivências, aspirações, tensões e sonhos.

No discurso dos alfaiates, notadamente o trabalho, como ato de vida, assume o posto de fio condutor das narrativas, das trajetórias de vida. Assim, pela força do trabalho que brotava do discurso destes alfaiates fui convencida, após dois anos de investigação pessoal, a constituir este projeto, centrando, como objeto, as memórias do ofício de alfaiate, contadas por velhos alfaiates.

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade de ritmos acelerados, de padrões e valores que se alternam constantemente e por tudo isso não é raro enfrentarmos dificuldades para compreender, ou traduzir o que é ser velho. Todavia, é consensual a definição que a velhice é o resultado de todos os anos que a antecedem (ENGLER, 2007). Assim, ampliando este conceito podemos dizer que o *ser velho* é construído por seu capital social e cultural, sua bagagem genética e estrutura biológica, suas crenças e seus valores. Somos na velhice o resultado de um *continuum* que sofreu intempéries, adquiriu conhecimentos e experiências, sofreu, amou, errou, acertou, enfim, somos o que somos por tudo aquilo que vivenciamos.

Isto posto, chamo a atenção para o tema desta pesquisa, que tem como foco as memórias de velhos alfaiates, trabalhadores artesanais, urbanos, que viveram a efervescência do século XX. Inserir o conteúdo ‘trabalho’ no exercício de uma melhor compreensão da velhice me parece uma maneira objetiva de não esquecermos que na sociedade contemporânea, a maior parte dos anos de vida de uma pessoa é dedicada à atividade laborativa. Fazemos uma ressalva imediata referente ao momento controverso em que vivemos a primeira década do século XXI, marcada por uma complexa realidade entre vida e trabalho, em que nações ricas e pobres, enfrentam os efeitos do desemprego e dos aspectos desestruturadores, sem precedentes, advindos da globalização. Enquanto o mundo assiste à propulsão da tecnologia, milhões de pessoas estão desempregadas, subempregadas, com fome, doentes, ou abandonadas à própria sorte.

Muito já foi dito sobre o trabalho, um tema que colocado à mesa, sempre despertará controvérsias. Enquanto para uns o trabalho escraviza, para outros liberta. Pode ser sinônimo de bem-aventurança, ou remeter a algo enfadonho. Se para alguns promove bem-estar, para outros pode constituir-se fator gerador de estresse e exploração. Para o filósofo racionalista inglês, Bertrand Russell, em sua clássica obra “O Elogio ao Ócio”, a crença na virtude do trabalho e na convicção de que ele é o caminho para a prosperidade e a felicidade tem causado muitos malefícios na vida moderna (RUSSELL, 2002, p. 25). Talvez a melhor forma de situar a atividade do trabalho em relação ao ser humano seja a de não colocá-lo, nem tanto ao céu, nem tanto à terra, pois nos seus extremos, os impactos certamente existirão.

Considerando pois que homem, sociedade e trabalho constituem-se um universo de transformação, que se renova, se altera, retroage ou se expande, queremos com este estudo direcionar um olhar para uma etapa da vida em que o conteúdo *trabalho* já não integra a vivência do sujeito. Mas nos instiga a investigar sobre qual seria o seu ancoradouro quando olhamos para o tempo da senescência. Falamos do nosso interesse em buscar novos indicadores acerca do lugar, de um lugar, que seria dado ao trabalho por indivíduos velhos, que viveram intensamente esta relação homem-trabalho, mas que em determinada altura de suas existências, mantém-se em sociedade, mas já não se relacionam com o trabalho como ferramenta de vida.

Se no presente convivemos com o não-trabalho, ou seja, se é cada vez mais tardia a idade para o jovem iniciar a vida profissional, no século XX, o trabalho relacionado à vida do indivíduo ocupou um papel central, entrando na vida das pessoas muito cedo. Para as classes menos favorecidas, comumente, ainda na primeira infância e acompanhava-o até a idade mais avançada.

De maneira generalista, mas nem por isso exacerbada, podemos dizer que o homem do século XX viveu para o trabalho. Seria este homem mais feliz? Seria este homem mais realizado? Diante do binômio vida-trabalho poderíamos listar muitas indagações, mas nos propomos, ancorados pelas memórias de velhos trabalhadores manuais e autônomos, os alfaiates, uma reflexão mais vinculada ao propósito do conhecimento no campo da Gerontologia.

Pensar na possibilidade de a vida laborativa constituir-se um conteúdo de significado específico para o velho, flui da análise das narrativas, da percepção que a temática *trabalho* ocupa um lugar de centralidade na reconstituição das trajetórias de vida dos velhos alfaiates com os quais trabalhamos. Percepção esta que encontramos em Michael Pollack (1992, p.201) ao dizer que por sua natureza, o trabalho de solidificação da memória marca o discurso, a tal ponto que impossibilita mudanças, sendo comum no decorrer de uma entrevista de história de vida, os entrevistados se referirem várias vezes aos mesmos acontecimentos, a certos fatos.

Com relação à hipótese que as reminiscências sobre a vida laborativa do sujeito velho podem contribuir para gerar novas compreensões sobre o envelhecimento ainda há muito a ser pesquisado, mesmo porque, no Brasil, outras questões, como a família e a

sociabilidade, só passaram a integrar o repertório de estudos sobre a velhice a partir da década de 1970 (ALVES, 2007).

De forma geral o trabalho se interpõe na vida do indivíduo e da sociedade criando uma fronteira complexa, pois ao mesmo tempo em que é traduzido como fonte geradora de bem-estar, impulsionador de riquezas e realizações (no plano individual), pode também ser associado ao desprazer, à insatisfação de promover perda de qualidade de vida ou adoecimentos crônicos. O que nos faz entender que as memórias sobre o conteúdo trabalho, quando provocadas numa experiência de reminiscências com velhos, podem promover, no sujeito, repercussões tanto positivas como negativas. O elemento determinante passa a ser única e exclusivamente os recursos individuais e de como elaboraram suas alegrias, decepções, frustrações, enfim, como construíram a sua interioridade.

A leitura que fazemos das narrativas dos informantes nos leva a uma suposição que pode ser uma característica do homem velho narrar a sua vida a partir “do que ele foi” na vida produtiva e social. Numa aspiração de uma síntese: pelo meu trabalho, falo de mim e de minha vida. A este aspecto do discurso – que cola o trabalho às narrativas da vida – do velho, temos chamado de unissonância entre vida e trabalho. Uma tentativa de demarcar estas temáticas como merecedoras de maior atenção e investigação nos estudos sobre a velhice. Acrescentamos também a este raciocínio, o necessário questionamento sobre a especificidade do trabalho manual, do trabalho artesanal, concretizado pela concertação dos gestos, das mãos, e do conjunto de operações dos sentidos, do conjunto sensorial. Narramos nossas vidas evocando nossas memórias, a partir da identidade que edificamos de nós mesmos, pelo ato do trabalho, pela constituição da vida laborativa.

Se admitirmos que, em menor ou maior grau, o trabalho molda o corpo, molda o discurso social do homem e confere determinados significados de vida aos velhos, podemos imaginar que esses fatores, devidamente combinados com aspectos biológicos e genéticos, podem concorrer para uma velhice com mais autonomia, bem-estar subjetivo² e mais qualidade de vida?

Há algum tempo observei durante uns dois anos, um barbeiro que trabalhava, havia uns 30 anos, numa pequena cidade da Região Metropolitana de Campinas, na mesma

² Na Gerontologia, bem-estar subjetivo é conceito utilizado para definir um quadro de satisfação global e referenciada do sujeito velho a domínios e afetos – positivos e negativos (NERI: 2007).

barbearia, no mesmo prédio e endereço. Sempre sorrindo, sociável com os clientes, que eram também seus amigos, Seo Zé Barbeiro fazia do modesto estabelecimento um verdadeiro ponto de encontro. Certo dia, perguntei-lhe a idade e me surpreendi quando respondeu que já passava dos 63 anos. Não apontaria mais que uns 54 anos.

Boa disposição física e estado de espírito em harmonia seriam resultados da maneira como o trabalho foi inserido na vida de uma pessoa e de como ela elaborou sua percepção de mundo, estabeleceu relações, enfim construiu um repertório de recursos positivos na sua velhice? Com efeito, tenho observado nos últimos anos, situações de velhos que no passado (na sua vida produtiva) trabalharam em atividades artesanais, ou trabalhos essencialmente de operações manuais, e constato o mesmo perfil, qual seja, se revelam pessoas que demonstram saber mobilizar o maior número de recursos de enfrentamento, superando limitações para executar bem as Atividades da Vida Diária³ (AVD's), demonstrando bons níveis de desempenho físico e cognitivo.

Ao entrevistar os velhos alfaiates encontrei um discurso carregado pela ação e centralidade do *trabalho* em suas trajetórias de vida. A infância também está representada nos relatos dos alfaiates, fazendo emergir o cotidiano e nele, novamente, a temática do trabalho toma conta das cenas. É narrando o trabalho na infância que os alfaiates evocam reminiscências, configuram suas condições de menino, jovem, adulto e velho. Um sistema cronológico, talvez, mas orquestrado pelo fio condutor: o trabalho nas suas vidas, e como esse conteúdo existencial e social ocupou espaço... Tomou-lhes tempo, trouxe-lhes novas visões e perspectivas. Enfim, é por meio das reminiscências destes homens velhos que nos propomos a conhecer mais sobre a velhice de quem viveu do trabalho produzido com as mãos, com a precisão do olhar, com o prumo de cada movimento, com o corpo todo.

³As Atividades de Vida Diárias (AVD's) representam todas as ações que o idoso consegue executar por ele mesmo, como: vestir-se, tomar banho, realizar atividades domésticas, de lazer, de deslocamento, enfim representam a capacidade do idoso em promover o seu bem-estar e qualidade de vida.

O OFÍCIO DE ALFAIATE: UMA ANTIGA ARTE

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

(Cora Coralina)

Faz algum tempo li um pequeno texto, veiculado por uma instituição religiosa, sobre a sabedoria dos mestres alfaiates, notadamente no que diz respeito à lógica que os guiavam quando talhavam a roupa de seus clientes. Quando a origem do cliente era compatível com a de um homem que estava ascendendo a algum tipo de poder, o talhe de suas vestes deixava a parte da frente com medidas maiores do que as medidas das costas. Ao contrário, quando se tratava de um cliente com posto elevado na sociedade, o mestre alfaiate planejava as medidas deixando a parte de trás mais longa. Qual seria o segredo do mestre alfaiate? – É simples, respondia o artesão. – Quando o homem desconhece os meandros do poder, sua postura eleva-se, sendo necessário que a vestimenta compense o perfil alongado, o nariz empinado. Todavia, passados alguns anos, quando este homem apercebe-se que além da pompa, o poder também representa encargos, a roupa deve oferecer-lhe medidas mais generosas, na parte de trás, para compensar a postura que se curva pelo peso das responsabilidades.

A liberdade de iniciar o primeiro parágrafo do capítulo 1 com a narrativa acima tem origem no meu entendimento de que no cerne desta profissão (alfaiate) há elementos de uma tradição de vários séculos, a qual requer uma necessária aproximação, a fim de que se possa alcançar o que lhe for próprio, no campo das relações do homem com o trabalho, do homem com a vida, do homem com a sociedade, do homem com a inteligência.

Os registros históricos da alfaiataria remontam os tempos medievais, podendo-se calcular quão relevante tem sido o papel deste (e de outros) ofícios para a constituição da história social, sobremaneira na cultura ocidental. Um breve retorno a tempos históricos mais recuados nos parece indispensável para uma compreensão mais ampla sobre a

presença desta atividade laborativa nos processos de edificação do trabalho, no tecido social das sociedades ditas modernas.

A começar pela origem do nome, com as devidas variações em diferentes países, é dado a perceber as raízes e a resistência de uma profissão que lutou para construir um lugar na rede de ofícios que se estabeleceu no ambiente urbano. Na Itália, o ofício é conhecido por *sarto*, na França por *tailleur*, na Espanha por *sastre*. Em Portugal, a palavra reproduz a identidade que lhe é dada pelo mundo árabe, *al-kaiat*, ou *al-kaiiat* (que quer dizer coser). Assim, temos no território europeu a marca do apogeu das corporações de ofício (artesãos e mercadores) se fixando entre os séculos XII, marcando a hegemonia no século XIV.

A literatura disponível, o que observamos não é vasta, sobre o ofício, tende a mostrar o alfaiate como um profissional tido em consideração pelas sociedades urbanas, afinal a indumentária era o atestado da condição social das pessoas. Examinar com maior acuidade este assunto nos faz refletir sobre quais valores embasavam a nobreza portuguesa do século XV e XVI quando entregava suas sedas, cetins e tecidos finos, como o veludo, às mãos de alfaiates. Além de serem os responsáveis por vestir e adornar a nobreza, os mestres alfaiates confirmavam suas raras especialidades quando dominavam todas as etapas da confecção de suas obras de arte, compreendidas por criar o estilo, talhar e costurar. Implícito aí, um rico trabalho de criação que consiste na junção destas habilidades, tendo início pela escolha adequada dos materiais (tecidos, dobrões, ornamentos, fios, bordados, moldes e forros).

Até o século XVI as corporações de ofício viveram o seu clímax de representatividade no território europeu, chegando a ocupar o poder em alguns momentos históricos. Todavia, estes privilégios se manterão até o século XVII. Depois, de forma mais lenta, veio o declínio entre o final do século XVIII e de forma mais aguda nos primeiros anos do século XIX. No Brasil, já no século XVIII, a situação era bem difícil para a vida dos artesãos nas cidades. Os mestres do ofício de alfaiataria, assim como diversas outras categorias de ofícios, tiveram de entrar, muitas vezes, em embates contra medidas extorsivas de seus reis e governantes. Na maioria das vezes, para escapar dos rígidos impostos impingidos a estes profissionais. Em estudo comparativo entre corporações de ofícios dos estados de São Paulo e da Bahia, presentes na sociedade colonial brasileira, a historiadora Maria Helena Flexor (1996), revela as principais dificuldades enfrentadas no

cotidiano pelos oficiais mecânicos (como eram denominados os artesãos no Brasil), destacando-se: o não-reconhecimento social e total desprestígio, a necessidade de se articularem e criarem estratégias de sobrevivência para escapar dos abusivos impostos cobrados pelos governantes das vilas e cidades.

Para o historiador francês, Jacques Le Goff, especialista em Idade Média, para obterem consideração social, os oficiais mecânicos⁴ se valiam da religião, um instrumento indispensável a toda ascensão material e espiritual, segundo os códigos da sociedade medieval. Com efeito, todos os artesãos elegiam e davam visibilidade a seus santos protetores. Ao valorizarem suas ocupações com a “tutela” de um santo patrono, os artesãos medievais afastavam o desprezo e a opressão de temíveis representantes (LE GOFF, 1997). Por esta informação de Le Goff é possível compreender porque em Portugal a categoria é lembrada por sua participação tradicional na procissão de *Corpus Christi*. Para as gerações das quais fazem parte os informantes desta pesquisa, a tradição de terem um patrono, ou santo padroeiro, ao que tudo indica foi reproduzida no Brasil, porém não há apenas um santo a ser lembrado. Os alfaiates entrevistados falam de diversos santos padroeiros, todavia afirmam que a data de comemoração do ofício é o dia 6 de setembro e o santo que é mais fortemente lembrado é São Geraldo.

Com o declínio da Arte, entendida como ofício, e o advento da atividade fabril, uma nova lógica do trabalho se instaura no ambiente urbano. Na realidade brasileira, com a supressão do trabalho escravo, ao final do século XIX – e a deificação de um ideário de vida urbana, com os primeiros ensaios de criação de unidades fabris e o posterior desenvolvimento de um complexo industrial avançado – os trabalhadores integrantes de diversos ramos de ofícios tiveram de se adaptar às novas demandas de modernização tecnológica. A nova lógica produtiva resultou na extinção de muitos ofícios e/ou relegou-lhes uma posição residual e complementar no universo do trabalho urbano.

⁴ No Brasil colônia, os artesãos e artífices eram chamados de oficiais mecânicos.

1.1 O artesão se forma trabalhando

Com o objetivo de situar a existência das corporações de ofício e sua imbricação com o caráter formativo e a transmissão de saberes, vale lembrar que além de ocuparem a Antiguidade Clássica – Grécia e Roma –, as corporações de ofício viveram o seu esplendor na Idade Média, numa Europa entregue às escolas com mestres e aprendizes. Durante a Alta Idade Média (século XI) já existiam, em importantes cidades européias, as denominadas *scholae*, como eram conhecidas as associações de ofício, na sociedade medieval. Na italiana Ravena, havia *scholae* para formar mestres pescadores e mestres açougueiros. Em Roma, formavam-se carpinteiros, sapateiros e hortelãos. Para completar a rede de espaços formativos, os mosteiros, também nessa mesma época, deram importante contribuição, formando jovens artesãos de vários gêneros, como pintores, caldeireiros, cinzeleiros e outros (RUGIU, 1998, p. 26).

Nas escolas antigas medievais e mesmo depois na sociedade feudal, a forma de transmissão dos saberes se dava em grande medida pela aprendizagem direta, feita através da convivência, da observação. Os mestres eram os guardiões dos saberes e os aprendizes, a sucessão, a virtuosidade da continuidade da Arte, do ofício.

Com o descortinar de um novo cenário socioeconômico, na Europa do século XVIII, a partir de eventos impactantes como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial – em que as classes dominadas clamavam por princípios de liberdade e igualdade – e que em paralelo, no setor produtivo, a máquina passou a dividir o espaço do trabalho com o homem, as corporações são atingidas e entram em declínio. Todavia, tudo indica que aquelas velhas estruturas impregnaram as sociedades no tocante ao patrimônio pedagógico do qual se serviam para ensinar um ofício a um aprendiz, ou seja, teriam deixado uma herança pedagógica, a qual se estruturava pela síntese de que a melhor forma de um aprendiz aprender é fazendo. E assim, mesmo com todas as transformações ocorridas nos meios de produção e a expansão do sistema capitalista os saberes dos ofícios, em sua maioria, continuaram a ser transmitidos nos mesmos moldes: mestre e aprendiz e entre ambos, a relação daquele que detém o saber e do outro que, para acessar esse saber, precisa observar muito e copiar o mestre.

Mesmo após a desapareção das corporações, algumas soluções foram criadas para aqueles que apreciavam o *ser artesão*, ou desejassem fazer de seus filhos um artesão, um homem com ofício. No Brasil, cujo início de história de ocidentalização se dá no momento histórico em que as corporações de ofício já haviam se enfraquecido na Europa, foram reproduzidos certos modelos de “corporações”, muitas vezes denominadas “associações” ou irmandades. Porém essas estruturas não seguiam o modelo europeu no que diz respeito ao sentido formativo. Eram informais, não tendo inclusive estrutura regimental (FLEXOR, 1996, p.173), contudo ao se organizarem ganhavam força, pois adquiriam representatividade na Câmara.

Na historiografia brasileira há curiosos registros sobre como os ofícios persistiram e se fixaram no ambiente urbano. Os mestres aceitavam acolher um jovem em casa para, dentro de um período estipulado, transmitir-lhe um determinado ofício. O aprendiz era colocado sob a guarda do mestre – ou amo, como era comum referir-se a um oficial mecânico, em 1715 – mediante um contrato, o qual poderia ser verbal. Caso o aprendiz fugisse ou adoecesse, o mestre (ou amo) poderia aplicar uma multa ao pai do principiante, cláusula previamente combinada entre as partes. A relação de convivência nesses casos era plena de autoridade, do mestre sobre o aprendiz, sendo considerado ideal que além de transmitir o ofício ao discípulo, o mestre também cuidasse de sua educação. Na rotina do aprendiz estava implícito o dever de auxiliar o mestre em diversos serviços, principalmente os domésticos.

O fato de o saber ser transmitido pela aprendizagem direta alimenta um raciocínio na direção de que dominar um ofício possa significar tarefa simples. Para tanto, há um discurso histórico neste sentido, que tenta reduzir o ofício a um trabalho menor. Flexor traduz, no trecho a seguir, um pouco de como era reproduzido no Brasil colônia o ato de aprendizado de um ofício:

No aprendizado, o treinamento era mais dos músculos e dos sentidos do que da imaginação, pois ele era baseado unicamente na imitação. Este tipo de aprendizagem direta permaneceu no que se relaciona aos ofícios, praticamente até os dias atuais. (FLEXOR, 1996, p.186)

Para a arquiteta italiana, admiradora do artesanato brasileiro, Lina Bo Bardi, após o século XVIII, a resistência do que é artesanal prevaleceu muito mais como herança do ofício do que como “parte viva de uma estrutura social”. A herança educativa do artesanato, deixada pelas corporações de ofício, encontra formas de representação muito fortes também no século XIX, quando se tem em diversos países europeus a orientação de governos, como o italiano, no sentido de fortalecer a implantação de escolas técnicas (na Alemanha, denominadas *Realschulen*), as quais deveriam formar artesãos manuais como ajudantes de alfaiate, marceneiro, ferreiro e ferrador de animais (RUGIU, 1998, p. 165). Entretanto, o que movia este espírito de ressurgimento de espaços educativos para certos trabalhos artesanais era o interesse em suprir a necessidade da nova indústria que despontava naquele cenário. Sendo assim, o que nascia eram novos ofícios de técnicos intermediários e não novos aprendizes.

1.2 Alfaiate: Um trabalho masculino?

A divisão social do trabalho historicamente é composta por fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, sendo necessário, portanto que em qualquer discussão desta ordem o contexto seja levado em consideração. Na atualidade, a despeito de ser cada vez mais representativa a presença da mulher em novas áreas de atividades produtivas, os embates pela conquista de igualdade entre os gêneros no território da vida produtiva continuam demandando organização, mobilização e pressão por políticas públicas justas e tardiamente essenciais.

No tocante a uma análise de gênero, no ofício da alfaiataria, de forma a corroborar para a naturalização masculina, é preciso nos remeter à origem deste ofício, o qual nasce no seio das antigas corporações de ofício, instituições fundadas em sociedades nas quais a “categoria” homem definia a maior parte das hierarquias estabelecidas nos vínculos, formas de poder e de relacionamento.

Ao observarmos as diversas formas de aparição do ofício no período pós-declínio das corporações e avançarmos este olhar por sobre a Europa dos ventos iluministas, nossa visão enxergará um cenário favorável à compreensão que apesar do ofício de alfaiate nascer em “berço” masculino, passará séculos a fio obscurecendo, ou não reconhecendo, a presença feminina em seu meio. Isto vale tanto para a mulher que se relaciona com o ofício como cliente do alfaiate, como para a mulher que deixa a casa para trabalhar nos ateliês, ou casas de moda européias.

A seguir apresentamos duas sínteses as quais entendemos poderão servir de indícios para pensarmos em quais cenários socioeconômicos e culturais a mulher, embora de forma “invisível”, firma sua presença na alfaiataria tida masculina:

- a) Na sociedade européia, impactada pelas idéias iluministas e movimentos seminais, como a Revolução Francesa e Revolução Industrial, ambiente propício para a reivindicação feminina, por mais espaço na vida social.
- b) Em decorrência do crescimento populacional das cidades, notadamente no século XIX, ampliando a competição entre os trabalhadores autônomos e urbanos, estimulando os alfaiates a subcontratarem mulheres para tarefas “menores”, o que

deu origem, por exemplo, à “categoria” de calceira. Costurando as calças, cortadas pelos alfaiates, a mulher calceira fazia um trabalho “invisível” no ambiente físico da alfaiataria e representava a mão-de-obra barata e ágil, contribuindo para que o alfaiate conseguisse honrar o prazo de entrega da roupa aos fregueses. Enquanto na alfaiataria se produzia o terno (composto de calça e paletó – às vezes também o colete), no prazo médio de três dias, as calceiras eram acionadas para costurarem e darem o acabamento às calças.

Com efeito, considero ser necessária uma boa carga de relativização sobre a afirmação de que a alfaiataria seja atividade exclusivamente de homens, mas também indago sobre o quê teria motivado a instauração desta verdade relativa. Arrisco-me a dizer que poderá ser uma questão também ligada à moral, uma vez que durante a confecção de uma peça de roupa, existe o momento da prova, ou de “dar a prova”, quando o freguês vai ao alfaiate para experimentar a roupa (em prova), ou seja, ainda não finalizada. É natural que neste momento seja inevitável um determinado grau de contato físico entre quem faz a roupa e quem contrata o serviço, ou seja, entre alfaiate e freguês, ou cliente.

Narrando uma das etapas de sua vida produtiva em São Paulo, um dos alfaiates entrevistados nesta pesquisa, afirma que na década de 1950, era muito comum o alfaiate ser procurado pelo público feminino. As mulheres elegantes da sociedade paulistana apreciavam os longos casacos – o sobretudo⁵ – feitos sob medida e assim não se intimidavam quando era necessário conferir a roupa, “dar a prova”, momento em que era necessário despirem-se das peças de roupas externas. Todavia não encontramos argumentações teóricas que aclarassem em definitivo este vínculo secular, como uma questão categorizada de gênero, entre o homem e esta profissão.

O tempo histórico traz a confirmação desta constância de movimentos na égide do ofício da alfaiataria. Há regras, mas também há flexibilidade no exercício do ofício, podendo ser a alfaiataria uma configuração que apresenta muitas formas de organização e de uso, por quem a faz e por quem a demanda, o que pede uma abertura de olhar sobre as contradições existentes no mundo do trabalho. A despeito de ser tida e percebida como uma

⁵ O sobretudo é uma peça muito comum em países ocidentais de clima frio; é utilizado por homens e mulheres que o vestem por cima de outras peças. Os alfaiates desta pesquisa alertam que o comprimento correto do sobretudo é abaixo do joelho. A peça serve como proteção contra o frio e a chuva.

profissão eminentemente masculina, a alfaiataria já serviu às mulheres, tanto no sentido delas terem sido clientes de alfaiates, como na condição de atuarem na profissão. Importante ressaltar que para alcançar esta compreensão foi preciso um exercício lento para recolher fragmentos bibliográficos dispersos, e aos poucos juntá-los e interpretá-los. Com efeito, uma iconografia datada do século XVIII serviu-nos de importante recurso para demarcar estas questões de gênero permeadas pela contradição histórica existente no mundo do trabalho.

A iconografia francesa retrata cenas cotidianas que confirmam a presença feminina no mundo da alfaiataria; a mulher como usuária da roupa sob medida, bem como mão-de-obra qualificada, trabalhando fora de casa, em ambiente historicamente de domínio masculino. [Fig. 1]



[Fig 1] Cena de um alfaiate atendendo a uma mulher (França, 1737)⁶. Observa-se que atrás da mulher – de quem o alfaiate confere as medidas – há uma segunda figura feminina, numa postura de auxiliar da tarefa, ou propriamente acompanhante (dp/ domínio público)

⁶ Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:18th_century_fashion

Alguns nós históricos vão se tornando visíveis e, como num quebra-cabeça, revelam que as mulheres, em diversos momentos, teceram suas lutas para impor a presença feminina no mundo da alfaiataria. Na sociedade medieval os alfaiates homens teriam costurado roupas sob medida, para ambos os sexos até o final do século XV (HOLLANDER, 1996). Vale frisar que para esta sociedade a roupa, em suas minúcias, estava diretamente atrelada ao poder econômico e político de quem as vestia, tendo o vestuário das classes dominantes ganhado, neste período, muitos adornos, sendo hábito dos mais endinheirados o uso da seda, do veludo e os enfeites com peles raras. Os menos abastados se vestiam à base do linho e da lã.

A hegemonia masculina do ofício, ao atender ambos os sexos, foi ameaçada mais tarde, já na segunda metade do século XVII, quando em 1675, na França, um grupo de costureiras sob alegação de se sentirem constrangidas, ao terem de provar suas roupas com os alfaiates masculinos, solicitaram ao Rei Luís XIV autorização para formarem uma guilda – ou corporação – de alfaiates femininos (SILVA e AUED, 2005). As mulheres européias não se contentaram apenas com o fato de serem atendidas pelos mestres alfaiates. A iconografia francesa da segunda metade do século XVIII evidencia que homens e mulheres dividiram o mesmo espaço na arte de costurar sob medida.

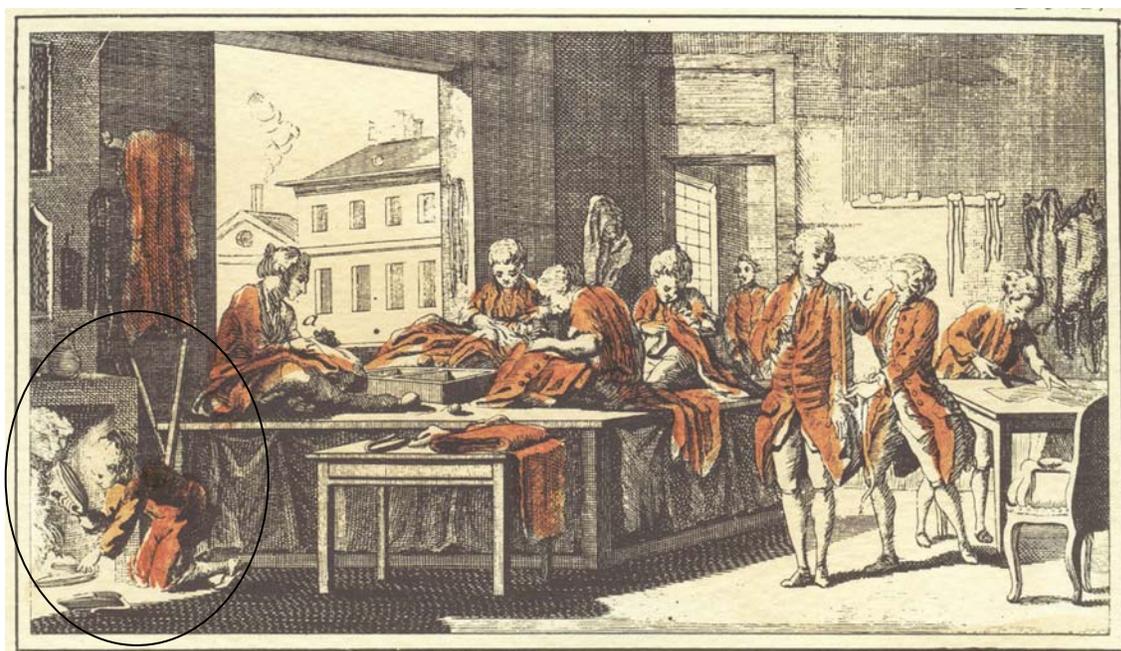
[Fig. 2]



[Fig. 2] Mulheres dividem o espaço e as tarefas, numa alfaiataria, França, 1769⁷.
(dp/ domínio público)

⁷ Idem.

Destas representações devemos destacar a importante contribuição que o filósofo iluminista, Denis Diderot oferece aos olhos do presente, quando ao editar a grande obra de sua vida, a *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, auxiliado por outros iluministas⁸ não menos relevantes, incorpora centenas de desenhos, de sua autoria, revelando o universo dos ofícios, aos compêndios da publicação. [Fig. 3]

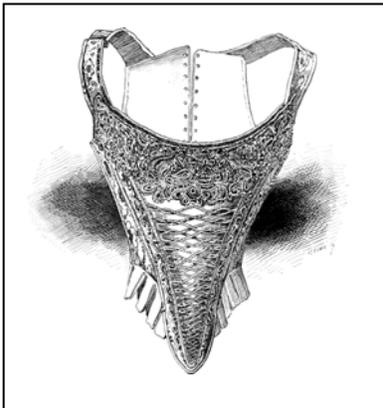


[Fig. 3] No desenho de Diderot (reproduzido pelo artista italiano Remondini), o cenário de alfaiataria no século XVIII; pode-se observar a presença de aprendizes em tarefas auxiliares como a de pôr brasa ao ferro de passar (no destaque, canto inferior esquerdo).

Até a metade do século XVII, a alfaiataria, manteve-se prestigiada no campo social, afinal se tratava de uma atividade ornamental, desenvolvida por habilidades artísticas de seus criadores, responsáveis por vestir bem os homens, emprestando-lhes criação artística e técnica durante todas as suas etapas do *fazer*, compreendidas pelo desenhar, o talhar e o costurar. A natureza criativa aliada à técnica, ao desenho, o corte de confecção permanecia associada ao trabalho do homem, que também era o responsável por criar uma peça base para o vestuário feminino, os corpetes⁹. [Fig.4]

⁸ Considerada uma obra coletiva, a grande enciclopédia das ciências, das artes e dos ofícios, editada por Denis Diderot, publicada em 1777, contou com a participação também de outros renomados iluministas como: Rousseau, D'Alembert, Voltaire e Montesquieu.

⁹ O corpete é uma peça de roupa íntima feminina que modela o busto e sustenta os seios.



[Fig.4] Exemplo de corpete ornamentado. *Corset*, na França. Esta peça acompanhou a indumentária feminina desde o século XVI. Considerado “um suplício” pelas mulheres, por moldar as formas naturais do copo feminino, o espartilho ou corpete, foi abolido em definitivo no século XX.¹⁰

Não obstante terem conseguido a autorização do rei para organizarem sua atividade, com o *status* de alfaiataria, as mulheres pertencentes à guilda teriam “deixado” a cargo dos mestres alfaiates a criação do estilo, ou seja, os homens desenhavam, moldavam e entregavam-nas o *corset*. Para as mulheres, reunidas na guilda, ficaram as tarefas para complementação de suas roupas, com ornamentos, acabamentos e acessórios decorativos.

As mulheres nunca eram alfaiates, dificilmente criavam estilo ou corte com técnica, apenas ajustavam e costuravam tecidos. Dessa divisão entre o trabalho realizado pelos homens e mulheres é que resultou a imagem séria e de prestígio do alfaiate masculino que chega ao século XX e, por outro lado, contribuiu para manter as mulheres afastadas do ofício, exercendo apenas trabalhos aparentemente menos importantes na confecção de roupa masculina, como a costura de calça e colete.

(SILVA e AUED, 2005, p. 5)

A questão da divisão do trabalho não aparece de forma clara e com referencial teórico substancial na literatura que pesquisamos, mas especulamos sobre a possibilidade de ter origem no fato dos mestres alfaiates se aquilatarem de outros saberes, que não

¹⁰ Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:18th_century_fashion

somente o saber desenhar e costurar. Até porque, a sociedade na qual estavam inseridos, tinha bases cimentadas com relação ao lugar, sempre restrito, imposto à mulher, o que era desigual também no nível de ensinamento oferecido aos homens e às mulheres. Não seria uma virtuosidade exclusiva do gênero masculino, portanto, a familiaridade com a matemática, os cálculos, uma vez que à mulher daquela época não eram permitidos certos conteúdos: a aritmética, por exemplo. Logo, os mestres alfaiates tinham o domínio para o cálculo de tecidos e eram notáveis em matéria de escolher, ousar em criações de estilos e pesquisar novos materiais. A seu favor tinham esses mestres, a livre circulação para pesquisar e investigar as novidades envolvendo os tecidos, os fios, os acessórios de forros, as sustentações, enfim, mantinham-se como especialistas, e recebiam em troca por seu brilhantismo, o prestígio nos círculos dos viajantes, comerciantes e nos salões, onde a nobreza desfilava as obras lapidadas por suas mãos.

Podemos agregar a esta reflexão também o papel social ocupado pela mulher até o século XIX e em alguns aspectos, até a segunda metade do século XX. No campo das diferenças, os itens são diversos, indo da forma de educação propiciada a homens e mulheres à conquista da mulher em poder circular livremente por espaços públicos e/ou considerados como territórios masculinos.

No município de Cosmópolis, vizinho de Campinas (SP), cujo acolhimento de mão-de-obra de imigrante – notadamente italianos, no final do século XIX e início do XX – encontramos registros da presença feminina na alfaiataria, mas é importante sublinhar que esses registros dão-nos a ver que a divisão do trabalho se estruturava pela extensão da família para dentro do ambiente de trabalho, logo todos os laços de hierarquia prevalescentes eram os familiares: o chefe da família era o chefe da alfaiataria. De outro modo, a mão-de-obra feminina deixava de ser “invisível”, mas não se impunha em pé de igualdade no tocante à divisão do trabalho: a tarefa feminina era possivelmente a mesma de um aprendiz, ou seja, ela alinhavava, caseava, enfim, executava operações menores às do saber maior, que estava sob domínio dos homens, e dos homens de mando, no caso, o alfaiate. [Fig. 5] e [Fig. 6]



[Fig.5] Alfaiataria da Família Fozzati, na década de 1930, em Cosmópolis (SP); A mulher (canto direito) é dona Antonia Fozzatti, esposa do dono da alfaiataria, Senhor Humberto Fozzati (em pé); o aprendiz, Roberto Cabrino (ao centro) e o oficial de alfaiate, Honorato. Imagem cedida por José Honorato.



[Fig.6] Alfaiataria da Família Fozzati, na década de 1930, na Avenida Ester, centro de Cosmópolis (SP); observa-se que a família está diretamente associada ao trabalho. Imagem cedida por José Honorato.

MEMÓRIAS DE ALFAIATES: UMA FORMA DE OLHAR A VELHICE

“Chegarei assim ao campo e aos vastos palácios da memória, onde se encontram os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros, trazidas pela percepção”.

(Santo Agostinho¹¹)

Os estudos sobre o envelhecimento humano têm alcançado consideráveis avanços para a ampliação do conhecimento relacionado às inferências dos aspectos biológicos, psicológicos e sociais na velhice e ao longo do processo de envelhecimento. Infância, idade adulta, os eventos de vida, as questões do *self* e outros temas estudados, corroboram para uma abordagem do envelhecimento com um caráter mais interdisciplinar, capaz de contemplar as dimensões psíquica, biológica, social e cultural, possibilitando à sociedade ocidental apreender mais sobre esta fase da vida, tão complexa quanto inevitável.

Inserido na linha de pesquisa que entende a velhice como uma construção social, este estudo propõe um olhar mais apurado sobre a história de vida e as memórias de velhos profissionais da arte da alfaiataria. Por meio de análises dos relatos de vida buscamos identificar e interpretar, nas narrativas, significados e interações para uma melhor compreensão do *ser velho*. Nossa discussão se estrutura por três eixos, a saber: a memória de velhos alfaiates, o envelhecimento humano e a vida laborativa – o trabalho, aqui visto como um conteúdo existencial. Debruçar-se sobre as lembranças de um grupo de velhos, que têm em comum em suas trajetórias de vida uma profissão, a de alfaiate, e a partir desta identidade, marcada pelo trabalho, e por um contexto histórico e geográfico, investigar sobre a inferência do conteúdo laborativo – notadamente, o trabalho artesanal – na constituição do envelhecimento.

Desta maneira, se para a maioria das pessoas, o trabalho faz parte da vida, entendemos ser necessário também abordar a discussão acerca do sentido da vida na

¹¹ Ver AGOSTINHO, Santo. Santo de Hipona. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 278.

velhice. Nos dias atuais, na sociedade da informação, do conhecimento, do tempo real, e de todas estas denominações que se abrigam no ‘guarda-chuva’ do que se convencionou chamar de pós-modernidade, decifrar o sentido da vida passa por entender-se a figura humana como personagem que convive com um ritmo alucinado de mudanças nos mais variados campos: nas relações pessoais, de trabalho, no questionamento de valores e na prevalência de simulacros. Verdade é que o homem, como ser social, sempre esteve em busca de definições acerca do sentido de sua existência.

Um dos estudiosos que contribuíram para que o sentido da vida ganhasse um embasamento teórico foi o psiquiatra Viktor Frankl¹², o qual partindo de sua experiência médica – e como ex-prisioneiro de um campo de concentração – formulou conceitos que atribuem como a principal força motivadora do homem, a busca e a descoberta de sentido. Debruçadas sobre os estudos e pesquisas existentes acerca de sentido da vida, Freire e Resende (2001, p.74), afirmam que o tema vem sendo considerado por muitos pesquisadores um item fundamental, a ser levado em conta nas avaliações de saúde psicológica e na qualidade da existência das pessoas.

Recorrendo a diversos pesquisadores, as autoras citam o estudo realizado por Debats¹³, no qual a vida profissional figura na lista dos conteúdos atribuídos como fonte relevante para o sentido pessoal de vida. Apesar de Debats ter desenvolvido a pesquisa com jovens na faixa etária entre 20 e 23 anos, o resultado é bastante interessante para as reflexões do envelhecimento, uma vez que fornece subsídios para pensarmos se o significado que a vida profissional ocupa na vida do jovem, se mantém na velhice.

Nesse estudo, as categorias de relacionamento e vida profissional, tradicionalmente vistas como as mais importantes fontes de sentido na vida de adultos jovens, continuam sendo apontadas como as mais relevantes, justamente no contexto atual, em que tantos jovens terminam seus estudos e não conseguem emprego e no qual se verifica um aumento da taxa de separação de casais e do distanciamento entre as pessoas, sobretudo nos grandes centros urbanos. (Freire e Resende 2001, p.83)

¹² Viktor Frankl é psiquiatra, considerado o fundador da *logoterapia*, terapia embasada no sentido da vida. Para ele, o sentido da vida prepara o ser humano para manter a saúde mental e sua integridade, mesmo em condições adversas, enquanto que a ausência em encontrar sentido para a vida favorece o desenvolvimento de neuroses e adoecimentos.

¹³ Sobre os sentidos pessoais de vida, D.L. Debats (1999) publicou, dentre outros trabalhos, “Sources of meaning: An investigation of significant commitments in life”, *Journal of Humanistic Psychology* 4, v. 39 (outono).

Desta forma, entendendo a importância do conteúdo trabalho como um teor existencial que influencia no sentido da existência individual e do grupo, acreditamos que a conjugação entre memória (histórias de vida) e trabalho acena para a obtenção de produtos de memória que acrescentem conhecimentos para a contextualização da identidade, das trajetórias e do desenvolvimento de indivíduos e grupos.

A partir deste ponto, passamos à demarcação da representação dos eixos estruturadores deste estudo, recorrendo às etimologias das palavras: velhice, memória, e trabalho. *Velhice* é o estado ou condição do que é próprio ao velho. É a idade avançada que se segue à idade adulta. É bom lembrar que na história humana, as sociedades mais primitivas reservavam ao velho um lugar de destaque no grupo, uma vez que a longevidade era associada à sabedoria e ao sagrado. Eram nessas sociedades que o ancião ocupava o posto de guardião da memória de seu povo. Com a proliferação dos suportes tecnológicos, a guarda da memória está cada vez mais distante do referencial humano atribuído até então aos mais velhos.

Esse papel social dos idosos foi sendo gradativamente perdido ao longo da história das sociedades, mas muito mais intensamente, na contemporaneidade, quando cada vez mais se diversificam e se sofisticam os suportes para o registro e suporte da memória (escrita, imprensa, fotografia, vídeo, discos, CDs, DVDs, disquetes etc), sendo que o enorme volume de informações fez surgir instituições especialmente voltadas ao trabalho de seleção, coleta, organização, guarda e manutenção adequada e divulgação da memória de grupos sociais ou da sociedade em geral, nessas novas sociedades do esquecimento. (SIMSON, 2001, p. 63)

Na sociedade industrial, ou sociedade do trabalho, velhice é termo visceralmente associado ao senso de utilitarismo, estágio em que o evento “aposentadoria” ganha o *status* de um “ritual de passagem” entre o que é ser novo e o que é ser velho, o produtivo e o improdutivo. E para tanto, contamos com o reforço da legislação vigente, que estabelece a idade de 65 anos como o marco da aposentadoria, fator que impulsiona uma redutiva compreensão social de que o indivíduo é velho quando atinge os 65 anos ou quando tem idade superior a este marco.

Numa perspectiva de se alcançar a natureza da lente social colocada sobre a velhice no mundo contemporâneo ocidental e como as mentalidades são alteradas conforme as circunstâncias socioeconômicas, vale observarmos que após uma vigorosa campanha de desvalorização do velho nos anos de 1960, o paradigma vigente na primeira década do século XXI é a negação do *ser velho*. A não-admissão da velhice vai incorporar e alimentar um discurso cultural no sentido de que o velho é um consumidor em potencial, desejoso de longevidade e ao alcance dos mais variados apelos mercadológicos. O jogo da negação e disfarce do envelhecimento, numa sociedade do consumo, afasta, cada vez mais, o velho de sua verdadeira e legítima condição.

O contraditório se faz presente nesta fase atual, de primeira década do século XXI. Aquele sem prestígio, que enfrentou os derradeiros dias do século XX, ingressa no novo milênio com uma visão muito diferente de velhice. Ao atingir o marco da aposentadoria, o sujeito visto, até então, como alguém que se tornou incapaz de produzir, passa a ser visto e cobiçado como um consumidor em potencial. O mercado voltado para a população idosa tenta preencher todas as lacunas possíveis do público consumidor, indo do plano de saúde, aos hotéis e roteiros turísticos especializados. Logo, no Brasil, o trinômio trabalho, aposentadoria, velhice tem dado o tom das mentalidades, seja culturalmente, na forma de ver a velhice, seja na prática de negação da velhice que atinge inclusive a forma de tratamento dado às pessoas consideradas velhas.

Quanto ao termo memória – que abordarei no item subsequente –, sabe-se que no decorrer das civilizações o sentido desta palavra (memória) ganhou diversas dimensões. Há explicações para o verbete memória, que vão das derivações por metonímias aos sentidos diacrônicos, tendo na modernidade, este termo cedido relevante emprego às atividades relacionadas à computação e à informática. E neste último segmento, nos dias atuais, com o domínio da telemática e da realidade virtual, a “memória” figura também como objeto concreto, uma mercadoria, posta à venda nos mais inusitados formatos e suportes, representada por meio de inventos como o chip, e as placas de memória. Apesar de todas as variações que o vocábulo possa ter sofrido ao longo dos séculos, o termo *memória* continua presente nos contextos histórico, literário, religioso, ético e educacional.

Para melhor entender o conteúdo simbólico da palavra *trabalho*, recuperamos um pouco do registro de sua origem. Aceito pelas comunidades lingüísticas, o termo *trabalho*

seria uma derivação do antigo latim e carregaria o significado de um gosto tão amargo quanto de refinada desumanidade. Assim, trabalho é derivado de *tripalium*, instrumento de tortura utilizado pelos povos romanos para castigar os escravos. O instrumento era feito com três estacas, formando um tripé. Talvez por isto, a associação quase sempre feita ao trabalho como elemento que remete a algo desagradável, sufocante, escravista, torturante. Segundo esses registros históricos, entre o escravo e o instrumento havia um carrasco e este era o responsável pela execução do castigo, ou do “trabalho”. Ainda, para tratar da atividade humana seja no campo do trabalho artesanal, manual ou intelectual me referirei a termos como vida laborativa, vida profissional, e trajetória profissional.

Antes da abordagem acerca da memória (e das memórias), o que passarei a tratar no item a seguir, sinalizo para a escolha que faço ao utilizar, no decorrer deste texto, os termos *velho*, *velhice* e *envelhecimento*. Conforme já assinalado por vários pesquisadores, acredito que as expressões utilizadas, tais como: terceira idade, idade madura, melhor idade, idade legal e tantos outros, não correspondem a uma atitude desprovida de carga preconceituosa, constituindo-se, em certa medida, como afirmações de negação da realidade do velho.

Se não houvesse preconceito, não seria necessário disfarçar nada por meio de palavras. Se as palavras parecem assumir conotação negativa ou pejorativa, o problema não está nelas, mas nas razões pelas quais elas tiveram seu significado modificado. Se as várias realidades da velhice e do processo do envelhecimento fossem bem conhecidas, não seria necessário temê-las, evitá-las ou negá-las. (NERI e FREIRE, 2000, p. 14)

2.1 Memória, memórias: um termo viajante

Desde os tempos mais remotos, o vocábulo *memória* esteve ligado a significados que perpassam o místico, o cognitivo, o afetivo, o individual, o coletivo e o exercício para se alcançar a interioridade humana. Na cultura grega antiga, o esquecimento era idealizado como um rio, o *Lethe*, sendo a memória a deusa *Mnemosine*, a que livrava do perigo do esquecimento, a responsável por revelar ao poeta, os segredos do passado.

Não somente os gregos se valeram da linguagem metafórica para expressar pensares sobre o lembrar e o esquecer. Na arquitetura metafórica do teólogo e filósofo Santo Agostinho, no *livro X*, das *Confissões*, a memória assume uma conformação física, emblemática e engenhosa. O bispo de Hipona vai falar dos “vastos palácios da memória” e de compartimentos similares ao termo, como o “armazém”, o “depósito”, lugares em que o homem abriga todas as suas vivências e sensações. Referindo-se às memórias como imagens, suscetíveis de serem “convocadas”, este pensador disserta sobre o funcionamento – e as maravilhas da memória – como sendo um momento em que o sujeito, estando nos seus “palácios”, passa a regê-las, a orquestrá-las:

Realizo interiormente todas essas ações, no grande palácio da memória. Encontram-se aí, à minha disposição, céu, terra e mar, com aquilo tudo que neles colher com os sentidos, excetuando-se apenas o que esqueci. É aí que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que realizei, quando, onde e sob que sentimentos as pratiquei. Aí estão também todos os conhecimentos que recordo, seja por experiência própria ou pelo testemunho alheio. (Agostinho, Livro X, p.279)

Recorro ao emprego de *memórias* – assim, no plural – para referenciar dados recuperados da experiência coletiva, mediados por crenças e valores culturais. Segundo Neri¹⁴, no tocante à pesquisa sobre os sistemas e processos da memória no envelhecimento, o enfoque que tem prevalecido desde os anos de 1970 se baseia na analogia entre o pensamento humano e o funcionamento do computador, originando um modelo estruturado

¹⁴ Refiro-me ao artigo “A memória e as Memórias na Velhice: um enfoque psicológico”, de NERI, Anita Liberalesso, (2008, no prelo).

por três sistemas de armazenamento na memória, quais sejam: o sensorial, o de curta duração e o de longa duração – responsáveis pela retenção ou pelo esquecimento.

Conforme Neri¹⁵ a memória sensorial é responsável pelo armazenamento inicial e breve dos estímulos externos. Uma vez processadas, as informações resultantes são transferidas para a memória de curta duração, sob a forma de imagens, palavras ou números. O funcionamento desse sistema pode sofrer a interferência de deficiências sensoriais e o aumento na latência das respostas, ou dilatação no tempo de reação, que se refletem em maior lentidão do desempenho.

Trabalhando como uma etapa posterior à memória de cunho sensorial, a memória de curto prazo recebe as informações e as retém por um curto período, variável entre segundos ou minutos; após esta operação dá-se o filtro, ou seja, as informações podem ser utilizadas, descartadas ou organizadas, antes de serem armazenadas.

Na memória de longo prazo, se processa a terceira operação, a que consiste na recepção das informações (da memória de curto prazo) e no seu armazenamento. É atribuída a esta categoria de memória uma capacidade de armazenamento ilimitada, retendo as informações também por tempo ilimitado. (RICOEUR, 2007)

Neri chama atenção para a necessidade da existência dos modelos interdisciplinares na construção do conhecimento ligado às memórias na vida adulta e na velhice. Para a autora, a produção de conhecimento psicológico sobre os processos e as funções das memórias, na vida de adultos e idosos, tem revelado enriquecimento admirável em decorrência da associação de conhecimentos médicos sobre o funcionamento da memória à prática da pesquisa de cunho interdisciplinar.

Ao admitir que as operações da memória – armazenamento, recuperação e codificação –, são influenciadas por sentidos e significados próprios da subjetividade, como valores e emoções, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento – psicólogos, historiadores, memorialistas, e cientistas sociais – trabalham com o preceito de que a memória é seletiva e interpretativa.

Seletividade e interpretação são, assim, atributos aplicáveis às memórias de fatos da vida pessoal, do grupo ou da sociedade, expressas pela linguagem. É por intermédio da

¹⁵ Ibidem, p. 4.

linguagem que crianças, jovens, adultos e velhos aprendem, narram, constroem, avaliam e compartilham o significado de suas experiências. No âmbito individual, o lembrar permite a construção da personalidade e do *self* e do senso de temporalidade individual. No âmbito coletivo o lembrar permite a construção da história e da cultura. Memória individual e memória coletiva são, assim, faces indissociáveis da realidade humana. (Mc Adams, 1996 Apud NERI. Ibidem, p. 4)

Afastado da valorização do item memória individual, Maurice Halbwachs (2006), nas primeiras décadas do século XX, entende que a memória, por sua natureza, deveria ser um fenômeno coletivo e social, e como tal estaria sujeita a flutuações, transformações e mudanças constantes. Para este pesquisador, existe um processo de “negociação” na conciliação de memórias individuais e memória coletiva. Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum¹⁶. Essa habilidade da memória, de deslocar-se, também foi destacada por Certeau (1994) ao afirmar que a memória, não estando em si, está em outro lugar e se desloca.

Ao que nos indica a literatura, o século XX foi plataforma para muitos pensadores se lançarem ao desafio de comentar, tentar definir, descrever e dissertar sobre a memória, repercutindo na constituição de um discurso da memória. No rol destes proeminentes, sublinhamos o filósofo Henri Bergson, que deixou em sua obra marcas muito evidentes do valor que para ele tinha a memória, quando posta ao lado das discussões pertinentes ao corpo, à vida, à matéria, ao espírito. Para Bergson existem dois tipos de memórias bem distintas: uma delas é a memória fixada no organismo, composta pelo “conjunto dos mecanismos inteligentemente montados e que garantem uma réplica adequada às diversas interpelações possíveis”. A outra, Bergson denominou de memória verdadeira, acerca da qual definia seu funcionamento como sendo:

Coextensiva à consciência, retém e alinha uns após outros todos os nossos estados à medida que se produzem, reservando para cada fato seu lugar e, por conseguinte, marcando-lhe sua

¹⁶ Halbwachs, Maurice. Apud Pollak, Michael. In: “Memória, Esquecimento, Silêncio”. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

data, movendo-se realmente no passado definitivo e não como a primeira, num presente que recomeça incessantemente. (BERGSON, 2006, p. 91)

Considerando que a essencialidade do indivíduo deve ocupar lugar de primazia nas pesquisas compromissadas em reconstruir versões do passado, Portelli (1998), revela que mantém certa resistência para utilizar o termo “memória coletiva”, chegando mesmo a evitá-lo. Para o pesquisador italiano, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais, o que requer respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo.

Nas histórias de vida de cinco velhos alfaiates – representando gerações diferentes – encontramos relatos em que a maioria deles vivenciou fatos e acontecimentos, próprios de seu tempo. Exemplificando: o desprestígio da roupa sob medida e a ausência de uma cobertura previdenciária para profissionais autônomos são repertórios comuns que se configuram como eventos de vida, podendo ser vistos tanto pela ótica do individual como do coletivo. Tomando como base a explicação de Portelli, defensor da História Oral como uma ciência, as recordações até podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. “Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais”.

Também, nesta linha de investigação, interrogo sobre o grau que a especificidade do trabalho manual pode representar nas reminiscências de velhos alfaiates. Ecléa Bosi vai abordar esta questão e admitir que há dimensões específicas na forma como velhos trabalhadores manuais organizaram e deram luz as suas memórias, durante estudo em que a pesquisadora se debruçou sobre a coleta de análise de histórias de vida de trabalhadores mecânicos, os quais tiveram como tempo histórico as primeiras décadas do século XX, na cidade de São Paulo. Sobre a reflexão de Bosi, detalharemos com mais vagar no capítulo 4.

Ao tratar da íntima relação entre memória e identidade social, Michael Pollak (1992) explica que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes e imutáveis e isso costuma ser bastante perceptível aos pesquisadores que desenvolvem entrevistas de história de vida. Principalmente nas entrevistas mais longas, em que a ordem cronológica não está sendo seguida e o entrevistado volta várias vezes em algumas questões:

É como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente – houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos torna-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. (1992, p. 201)

A engenhosidade da memória tem instigado o homem, desde as mais remotas sociedades, a entender, conhecer e compreender o seu funcionamento. Dentre o conhecimento construído pelas diversas ciências perscrutoras deste elemento, a afirmação que a memória é seletiva tem sido invariavelmente aceita.

É verdade, nós não nos lembramos de tudo o que aconteceu ou que nos foi ensinado ao longo de nossa vida. Descartamos a maioria das experiências vivenciadas e só retemos aquelas que possuem significado, isto é, são funcionais para nossa existência futura (SIMSON, 2001, p. 64).

A análise dos dados coletados com os velhos alfaiates – por meio dos relatos de vida – tem possibilitado identificar a força demarcatória da temática *trabalho*, como sendo um elemento que monopoliza o *ethos* do discurso sobre as histórias de vida. Esta evidência é notada pela forma como os velhos alfaiates organizam seus relatos, seja quando falam de suas memórias da infância, seja quando narram a juventude, ou rememoram eventos de vida.

2.2 Abordagem prática-metodológica

Muito já se tem dito sobre a utilização da História Oral como recurso metodológico aplicado à pesquisa qualitativa. É sabido das diversas contribuições da História Oral quando aplicada pelas ciências que estudam o homem em suas múltiplas dimensões, propiciando a valoração de aspectos que estavam ignorados na história de uma pessoa ou de um grupo, ou simplesmente esquecidos, reprimidos ou ‘deprimidos’ da própria identidade, os quais poderão ser trazidos “à luz da lembrança” sendo ressignificados.

A força da História Oral é a força de qualquer história metodologicamente competente. Vem da extensão e da inteligência com que muitos tipos de fonte são aproveitados para operar em harmonia. (PRINS, 1992, p.194). Discorrendo sobre uma experiência com mulheres militantes de movimentos sociais na década de 1980, a antropóloga Teresa Caldeira (1992) define o ato de escutar o outro como uma “entrada num universo desconhecido, um universo a ser desvendado”. Em várias áreas, como a Psicologia, a Sociologia e a Gerontologia, o ato de recordar – para ouvidos atentos e respeitosos – é visto como oportunidade de obtenção de benefícios para o velho, como aumento do bem-estar subjetivo (do sujeito e/ou do grupo), melhoria da auto-imagem e senso de pertencimento ao seu lugar de origem, suas tradições, sua cultura.

A escolha da metodologia da História Oral neste trabalho está definida pela essência do objetivo da pesquisa, a qual propõe investigar sobre a centralidade e o(s) significado (s) que o trabalho (o ofício) possa ter na vida de velhos alfaiates. Eles, somente eles, os velhos alfaiates poderão falar desta experiência única, oferecendo ao presente muito mais que suas histórias de vida, mas um conjunto de informações relevantes sobre a sociedade a qual estiveram inseridos no início do século XX, os valores, os desafios, as frustrações, as conquistas, enfim, falarão de suas meninices, dos eventos de vida, das cores dos cafezais, do ritual do aprendiz com seu dedo médio amarrado...

Para o desenvolvimento desta pesquisa nos pautamos pela idéia de construção de uma relação de confiança com os informantes, o que significou empreender em tempo de aproximação, conversações e preparação de um clima favorável para a coleta de depoimentos e eventuais contatos complementares. Após o contato exploratório, organizamos as conversações com os velhos alfaiates partindo sempre de uma consulta

prévia de agendamento para a entrevista. É sempre bom lembrar que uma das características da pessoa idosa é não tomar decisões no mesmo ritmo acelerado dos mais jovens, notadamente na velocidade em que tudo se processa nos tempos atuais. Assim, preferíamos sempre perguntar se eles (os alfaiates) estavam dispostos a marcar um encontro, deixando a prerrogativa de confirmação sempre em aberto. No sentido de melhor explicitar estes passos metodológicos relaciono a seguir os procedimentos utilizados após a etapa exploratória para formação da rede:

1 – O primeiro Contato

Após contatos breves por telefone (com os informantes) em que evidenciava a existência da pesquisa, retificava o convite e manifestava o interesse da pesquisadora em agendar um horário para uma conversa. Prefiro usar a palavra “conversa” ao contrário de “entrevista”, pois o termo mais técnico parece imprimir um compromisso muito formal e complicado, o que pode, dependendo do informante, despertar desinteresse, nesta fase em que ele ainda não está totalmente familiarizado com o pesquisador. Depois de acertada a data, deixei o entrevistado à vontade para dizer um lugar de sua preferência para fazermos a conversa.

Muitas vezes, o entrevistado manifesta o desejo de dar o depoimento fora de casa, onde possa se sentir à vontade para falar. Estas são observações de situações muito subjetivas e podem ocorrer quando o informante mora com filhos e/ou parentes e deseja ter uma conversa mais privativa e distante de situações impeditivas, como interrupções e/ou ruídos provenientes da rotina da casa. Mesmo quando a entrevista foi realizada nos domicílios dos informantes, percebi que dependendo das circunstâncias, pode haver a manifestação do informante em escolher o local onde prefira conceder o depoimento.

A escolha do local para a entrevista, cremos, pode estar ligada ao fato de o idoso desejar mais privacidade – ficando mais distante dos ouvidos de membros da família – ou por outras questões, como a afetividade, sentir-se bem em estar em determinados ambientes. Por exemplo, um dos alfaiates, na segunda entrevista quis sair da sala de visitas para conversar na edícula, onde mantém muitas referências do ofício, como máquina de costuras, armários, tesourão e outras ferramentas de trabalho. Em outros casos, o

informante escolhia sempre um lugar da casa, mas em horário em que havia pouca circulação de membros da família, ficando evidente a necessidade de privacidade para falar.

2 – A primeira entrevista

O objetivo da primeira entrevista foi colher o material mais abrangente do relato, gerando um registro amplo que poderia conter dados representativos do ofício na trajetória de vida dos velhos alfaiates. Ficaria para a próxima entrevista uma oportunidade de complementar dados, elucidar questões. Durante os primeiros minutos da aproximação com o informante procurei não ligar o gravador de imediato. Procuo ter alguns minutos de conversas amenas, de forma a descontraír o informante e ao mesmo tempo perceber qual é o seu grau de interesse, de bem-estar naquele dia e de envolvimento com a pesquisa naquele contato. Quando pretendi fazer registros fotográficos do informante, procurei fazê-lo mais para o final da entrevista, obrigatoriamente perguntando antecipadamente ao informante sobre o consentimento para o registro. Houve casos em que não efetuei o registro com o gravador durante o contato da primeira entrevista. O porquê? Por perceber que ainda não era o momento. Estas percepções poderiam ser descritas com situações como: depois das conversas amenas, em que o pesquisador começa a querer introduzir o assunto da pesquisa, o informante responde-lhe dando voltas, mudando de assunto, e se esquivando do assunto, com demonstração clara que não está preparado, não está envolvido (ou ainda não sente confiança no trabalho e/ou no pesquisador), não está disposto, não deseja falar naquele momento. Nestes casos, eu evitava o tom mais formal de argüição da pesquisa e procurava marcar um outro encontro.

3- A segunda entrevista

Pelo plano inicial de desenvolvimento desta pesquisa estabelecemos – após o necessário contato exploratório e definição da rede – um total de duas seções de entrevistas a serem realizadas individualmente com cada velho alfaiate. A primeira, conforme explicitado no item acima cumpriria o papel de absorver a carga de um relato mais longo e

a segunda se destinaria a complementar eventuais lacunas dos depoimentos. Considerando as variáveis – que nem sempre na primeira entrevista registra-se o depoimento – e por seguir uma sugestão da banca de qualificação sobre a necessidade de voltar a campo para tratar de elucidação de questões como as mensagens subliminares presentes nos relatos, efetuamos ao longo da pesquisa três contatos com a rede, tendo como natureza o registro, a complementação de dados e/ou elucidação de questões pontuais. O desenvolvimento da pesquisa está estruturado pelas etapas a saber:

1. O levantamento da rede de informantes
2. A constituição da Rede de Informantes
3. Os informantes e o registro de seus relatos orais
4. A transcrição dos relatos
5. Temáticas Mapeadas
6. A análise e interpretação dos relatos

Entendemos que a abordagem biográfica contribuiu para que pensássemos a pesquisa como uma oportunidade singular de conhecermos não somente o passado, mas também e, sobretudo, como pensam (e como lembram) os homens que a este passado se reportam: o modo de vida, as formas de relações sociais, o ofício de alfaiate, a sociedade em que estavam inseridos. Dados que poderiam ser categorizados, *a priori*, como grandes linhas, mas que ao serem examinados ganham relevo, propiciando ao pesquisador perscrutar outros aspectos e dimensões do envelhecer.

Apenas para exemplificar a riqueza contida no teor dos relatos dos informantes, citamos as referências sobre a estruturação de ruas e espaços públicos da cidade de Campinas e as vivências nesses espaços, nas primeiras décadas do século XX. Os velhos alfaiates, ao falarem de suas vidas, recorrem a lembranças sobre o meio físico aflorando referências minuciosas que dão conta de transformações da maior importância para a memória de cidades, uma intra-articulada operação conjugando pensamento, rememoração e linguagem.

[...[*Lá na (Rua) Washington Luís, era tudo mato por lá, não tinha nem luz na estrada, não tinha nada [...]*

[...] *tomei o bonde, bonde dez, parava bem ali na porta da casa dela, na (Rua) Sales de Oliveira com avenida João Jorge, ela já estava na janela...*

Trechos do relato do alfaiate Natalino Antonio Augusto, em 2008, aos 98 anos

Esta questão, a da riqueza dos relatos dos alfaiates constituía-se numa hipótese, num pressuposto, para esta pesquisadora, o que foi plenamente respondido com as entrevistas, as gravações de depoimentos e a análise e interpretação dos dados. No que diz respeito à memória do trabalho, foco principal desta pesquisa, encontramos nos relatos desses velhos trabalhadores manuais um repertório valioso de vocábulos próprios de um ofício secular. A observação atenta a esta herança de linguagem, nos possibilitou trazer para a pesquisa configurações visuais acerca da forma como se organizavam os ateliês, as alfaiatarias, as relações e divisões do trabalho e um glossário da alfaiataria, contendo termos próprios do ofício, este último item, constando no capítulo 3, na página 63.

Como se pode notar, trabalhar com o método biográfico não representa tão-somente recolher depoimentos. Ao registrar e organizar os dados levantados no decorrer de uma empresa com a metodologia da História Oral, o pesquisador se defronta com uma massa de informações instigantes e significativas para a compreensão do homem que fala e do tempo de que fala este homem. Esta analogia, entre o homem, o seu tempo e o registro das histórias do sujeito, no tempo, foi sabiamente sentida por Gilberto Freyre quando resolveu editar o seu diário, versando sobre a adolescência e a sua primeira mocidade. Prefaciando a obra, Freyre (1975: viii) registra:

“(...) O homem de uma época pode, pela arte ou pelo gênio criador de valores, transmitir parte do seu tempo a outros tempos. O que, sendo certo, daria a certos homens o poder de evitar a morte total, no mundo, quer de si próprio, quer do tempo por ele vivido. Enquanto o tempo vivido por vários outros homens poderia sobreviver, em grande parte, a cada um desses homens. Um processo dialético. (...)”

Aliado à rica massa de conteúdo histórico, a pesquisa com o método biográfico guarda uma característica muito própria: a de uma única fonte possibilitar a produção de mais de uma história. Sobre esta questão a chave pode estar guardada na avaliação de Portelli acerca da constatação que na sociedade contemporânea, por motivos diversos, as pessoas reúnem fragmentos de muitas recordações sociais diferentes, mas inconfundivelmente pessoais. Com efeito, uma única pessoa pode oferecer variadas histórias:

Cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias *em potencial* (grifo do autor), de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados. Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. (PORTELLI, 1997, p. 17)

A escolha das cinco temáticas¹⁷ pinçadas na leitura atenta das transcrições dos relatos (tratadas no *capítulo 4* desta dissertação) representa, sobretudo uma decisão de recorte de cunho metodológico identificado previamente com o objeto da pesquisa, contudo, a matéria-prima das entrevistas, ou seja, constatamos nesta pesquisa que os relatos transcritos dos informantes, oferecem dados passíveis de outros estudos numa perspectiva sociológica, de utilização crítica e pertinente à Gerontologia.

A fatura de dados propiciada pela utilização da abordagem biográfica emana, queremos crer, da possibilidade de construção conjunta da pesquisa, ou seja, pesquisador e informante se envolvem na mesma direção, a de construir um conhecimento tendo como base o homem e seu tempo, o homem e sua atuação como um ser social e interativo. Desta maneira, algo maior se coloca nesta relação. Não se trata apenas de alguém fazendo questões e outro respondendo. Se de um lado há uma pesquisadora interessada em suas histórias de vida e nas interações do conteúdo laborativo em suas trajetórias, de outro lado estavam lá, homens velhos, diante da oportunidade de ressignificarem suas vivências, de falarem de si, de suas visões de mundo e de seu trabalho. Os alfaiates se portam como

¹⁷ Refiro-me às cinco temáticas propostas como foco de análise do discurso dos alfaiates nesta pesquisa, constantes do Capítulo 4, as quais são: *infância, trabalho na infância, trabalho na vida adulta, paisagens e cenários e eventos de vida*.

arquivos-vivos, em interação construtiva com o pesquisador e não simplesmente como livros, folheados e recolocados nas suas estantes, como se faz numa biblioteca.

O foco se dirige ao objetivo de perscrutar os caminhos que a História Oral me possibilitou pensar ao longo dessa jornada – no que diz respeito aos itens a saber: como organizei os passos da pesquisa, a pesquisa de campo propriamente dita, o tratamento dado aos depoimentos colhidos e a quais repercussões, em torno do sensível, está inclinado o pesquisador, disposto a enfrentar o desafio de ouvir e conhecer o universo do outro. Para tanto, quero dizer como foi possível organizar a rede de informantes, como esta rede se compôs e como se deu a relação entre pesquisador e sujeitos. Posteriormente, tratarei das reflexões sobre as quais me debrucei ao iniciar o processo de transcrição das entrevistas, abordando as vertentes da oralidade e da visualidade.

Considero relevante também citar a utilização da fotografia em algumas etapas das entrevistas, constituindo-se a imagem estática, como importante auxílio no registro de aspectos relevantes do *modus operandi* desta atividade profissional. Foi possível perceber, por exemplo, que os alfaiates mantêm muito próximos de sua rotina diária, máquinas antigas, suprimentos de costura, o dedal de alfaiate, as agulhas, objetos que no plano simbólico manifestam-se como elo duradouro, vitalício entre o homem, este tipo específico de trabalho manual e as representações desta atividade na velhice.

2.3 Exercício exploratório para constituição da Rede de Informantes

Conforme já descrito anteriormente, a construção da rede de informantes se deu a partir do momento em que intensifiquei o olhar observador sobre a realidade circundante. O que antes era um olhar de curiosidade, no meu universo pessoal, passou a ser um objeto de estudo. Ampliei meu tempo de dedicação para perscrutar estabelecimentos comerciais como as pequenas relojoarias (oficinas de conserto), sapatarias e raríssimas alfaiatarias, as quais nem levam esse nome nos seus letreiros. Preferem citar atrativos como roupas masculinas – alta costura, ou o nome do proprietário do estabelecimento, exemplo: Gustavo, Alta Costura.

Aos poucos fui desenvolvendo estratégias de aproximação com estes profissionais e a partir do contato mais próximo pude entender que nem todo estabelecimento que parece ser uma alfaiataria é de fato um ateliê de costura masculino, nos moldes do que seria comum no início do século XX. Entrar numa sapataria, encomendar um trabalho e aproveitar o tempo de atendimento para ter o tempo de observar tudo: máquinas, ferramentas, prateleiras, odores, arrumações peculiares, barulhos, o jeito de anotar, de controlar, de calcular o valor do trabalho e o tempo para entregar o serviço. Se o sapateiro desse uma chance, logo entabulava uma conversa sobre o tempo de atividade dele no ramo, perguntava sobre quem havia lhe ensinado o ofício e desta forma, ou pela simples aproximação amigável, visitei relojoeiros, carpinteiros, costureiras e alfaiates.

Estes contatos exploratórios foram importantes para conhecer um pouco mais das peculiaridades pertinentes a cada categoria e até mesmo a questão de gênero. Compreendi que as mulheres costureiras, por terem o hábito do trabalho em domicílio, dificilmente preservam para si um ambiente destituído do ambiente da casa (SORJ e ABREU: 1992), o que dificultava a minha análise quanto à forma como o trabalho feito em domicílio poderia ser sistematizado, por suas etapas de criação e como estes fatores poderiam ser relevantes para uma compreensão histórica da atividade. Por uma questão de escolha metodológica resolvemos então não inserir na pesquisa as mulheres costureiras, ou modistas.

Procurei bibliografia sobre alfaiataria, mas não obtive muito êxito. O máximo que encontrei foi um livro sobre moda masculina, o qual tem o propósito de orientar o público masculino a vestir-se bem, independente do tipo físico. O tempo passou e por volta de

2004 comecei a descobrir antigos alfaiates, já aposentados. A partir daí, uma nova fase na pesquisa se descortinou. Nos primeiros contatos exploratórios que desenvolvi com antigos alfaiates me defrontei com a integridade da alfaiataria ficando claro o quanto esta arte se impôs em meio a toda sorte de transformações próprias do século XX.

Importante notar que neste íterim se deu o embate no processo de seleção do meu objeto de pesquisa entre duas categorias: alfaiates *versus* sapateiros. Todavia ao buscar o conhecimento mais histórico dessas profissões – e após conjugar dados históricos com a forma com a qual estas atividades se reproduziam na atualidade, entendi que a arte do sapateiro perdeu muito das características originais, estando distante da *práxis* do ofício. O sapateiro de hoje, no sentido do artesão, não faz o sapato. A ele ficam reservados os pequenos reparos e tarefas de tinturaria. Compreendi então que encontrava nos alfaiates uma carga maior de preservação, de integridade das características próprias do ofício.

Olhar para o universo físico e social que nos cerca e compreender que a ação do trabalho do homem está presente em praticamente tudo a que temos acesso é uma brincadeira abstrata que costumava fazer desde menina. Tudo numa cidade foi transformado, colocado, instalado, erguido, desviado, implodido, restaurado, costurado, enfim, pelas mãos de homens e mulheres. Assim, aprendi desde cedo a enxergar a presença do trabalho no mundo no qual vivemos. Buscar interagir com estes profissionais é outro exercício que venho praticando já há algum tempo.

Ao descreverem as etapas comuns à arte da alfaiataria, como a criação de um paletó, por exemplo, esses trabalhadores se apropriavam de um vocabulário específico, com jargões do ofício e descreviam o feitiço citando procedimentos, gestos e posturas que há séculos se reproduzem nesses espaços. A atividade, apesar de se mostrar em declínio, era constituída com base numa organização de trabalho que preconizava uma sistematização, tanto na habilidade operativa, como na sua forma de inserção no contexto social mais amplo.

Em 2005 gravei a primeira entrevista exploratória com um alfaiate: Natalino Antonio Augusto. Em 2006, fixei o recorte dos sujeitos na categoria dos alfaiates. Depois do senhor Natalino, estabeleci contato com Guerino Andrigo, que mora no mesmo bairro em que moro, o Taquaral. A aproximação com o senhor José Jovanini, foi menos demorada, uma vez que já o conhecia, por meio de relações familiares entre a minha família e a dele. E por

meio de amigas pesquisadoras fui apresentada aos alfaiates Nelson Franco de Oliveira e Laerte Zago.

No transcorrer do trabalho de campo encontrei Geraldo Barbosa, um alfaiate, vivendo de sua profissão, e vale dizer, bem realizado profissionalmente, instalado num dos bairros mais tradicionais de Campinas, o Cambuí. Do contato com este alfaiate, mais novo, que os demais da rede de informantes, colhi um rico depoimento e resolvi incorporá-lo à pesquisa, principalmente para reflexões em torno da capacidade do ofício em mostrar resistência, encontrando espaço para se inserir na sociedade da modernidade, da tecnologia e dos hábitos homogeneizados. As contribuições do senhor Geraldo Barbosa são apresentadas no *capítulo 3*.

2.4 Apresentação dos informantes

Composta por cinco velhos alfaiates, a rede de informantes se constitui de homens com faixa etária entre 65 e 98 anos. Dos cinco, dois são nascidos em Campinas e três em cidades do interior paulista, tendo o grupo vivido a maior parte de suas trajetórias profissionais na cidade de Campinas. Podemos concluir que três gerações estão representadas nesta rede, sendo: dois alfaiates entre 98 e 86 anos; dois com 75 anos e o mais jovem, aos 65 anos. Sobre o nível de escolaridade, os alfaiates viveram uma época em que as escolas na área rural eram escassas ou mesmo inexistentes. A maioria atesta em seus relatos que teve pouco tempo de escolarização e as experiências se deram por fases de descontinuidade, ou grande dificuldade para se locomoverem a pé, enfrentando longas distâncias entre as fazendas onde moravam e os povoados onde havia pequenos grupos escolares. Os que já viviam em Campinas e freqüentaram a escola associam a esta fase da vida as dificuldades provenientes dos poucos recursos que a família dispunha para oferecer uma fase escolar com alimentação adequada e algum conforto material. Assim, a média de escolaridade dos alfaiates pesquisados situa-se nas primeiras séries de alfabetização, tendo a marca de filhos de agricultores que passaram a trabalhadores urbanos. Quanto ao ofício, conforme já mencionamos, o aprendizado foi transmitido com base na aprendizagem direta.

Estes velhos alfaiates têm, por meio de seus relatos, oferecido informações de grande relevância para a compreensão de questões ligadas à presença do ofício nas cidades, às estratégias de inserção do homem do campo no meio urbano e, sobretudo como a condição de trabalhadores artesanais – na maior parte do tempo, como autônomos – lhes proporcionou inserção social e afirmação como cidadãos produtivos, assegurando-lhes um papel claro e definido de provedores de suas famílias. Outros fatores que nos deram a conhecer os velhos artesãos deste estudo:

a) Origem familiar ligada ao campo

Três alfaiates têm em suas trajetórias a condição de terem vivido parte de suas infâncias no ambiente rural, especificamente em grandes propriedades de cultivo

cafeeiro ou outras lavouras do estado de São Paulo, e terem migrado de seus locais de origem para viverem na cidade de Campinas. Nesse contexto podemos compreender que os alfaiates de nosso estudo fazem parte da geração nascida nas primeiras décadas do século XX e como tal, transporta em suas histórias de vida a herança social configurada a partir dos fluxos imigratórios, ocorridos fortemente no final do século XIX, responsáveis pela vinda de mão-de-obra para as fazendas de café na região de São Paulo.

c) Predominância de descendentes de italianos no ofício:

Quatro, dos cinco informantes são descendentes de famílias italianas, sendo um, o senhor Nelson Franco de Oliveira, com origem espanhola (por parte da mãe). No curso dos relatos, ao citarem a família e a infância, os alfaiates que descendem de imigrantes italianos evidenciam que a tradição familiar era a da vida ligada à terra, sendo de origens humildes, tendo vivido em grandes fazendas da região, na condição de filhos de colonos. Pela checagem das datas, as famílias (de origem italiana) dos alfaiates são gerações remanescentes dos fluxos imigratórios ocorridos no final do XIX. Nesta questão é importante notar também que foi fato comum, nas narrativas, a mãe ser apontada como a figura da família que exerceu influência e até mesmo pressão para que o filho passasse a seguir o ofício urbano. Alguns narram, com eloquência, que partiu da mãe a iniciativa de ir procurar uma vaga de aprendiz para o filho. Pensar numa herança cultural que ligue a alfaiataria ao povo italiano nos instiga a associar fatores como a notável habilidade do italiano nos assuntos relacionados à moda, à roupa, a estilo de vestir-se. Assim, não é por acaso que nos dias atuais, importantes centros culturais, como Milão, continuem a pautar internacionalmente a moda do *prêt-à-porter*. Especulamos sobre a possibilidade de as famílias italianas vindas ao Brasil naquela época, para trabalhar na lavoura de café, ao acompanharem a lógica de valorização do modo de vida urbano, passarem a efetuar o movimento de deslocamento do campo para as cidades, incentivando os seus filhos a ingressarem nos meios produtivos prestigiados pela cidade. Nesta lógica, o ofício passaria a ser visto como uma ocupação respeitada, uma espécie de

passaporte para o camponês ingressar na vida urbana, sem se submeter à condição de operário da indústria em franca evolução na cidade, no início do século passado.

A seguir, passamos à apresentação dos informantes [Fig.7]:

[Fig.7] (da esquerda p/ à dir.): Natalino Antonio Augusto, Guerino Andrigo, José Jovanini, Nelson Franco e Laerte Zago.





GUERINO ANDRIGO , 86 ANOS

Nasceu em 8 de fevereiro de 1922, em Catanduva, interior de São Paulo, porém foi registrado em Bálamo. É filho de dona Ida Poli e José Andrigo. Os pais eram imigrantes italianos e portugueses. Os avós maternos vieram da Itália e os avós paternos são italianos e portugueses, respectivamente. A família trabalhou como colonos em fazendas na região de São José do Rio Preto, em São Paulo. A infância foi vivida na roça. É casado com dona Lourdes Andrigo. Pai de três filhos. Mudou-se, já casado, para Campinas, na década de 1960. Mora na Vila Isa, região do Taquaral, em Campinas.

Sobre o registro fotográfico:

FOTO: MARTA FONTENELE

A foto foi produzida durante uma entrevista, no espaço reservado que o alfaiate mantém em sua casa. É uma edícula, na qual ele conserva a máquina de costura, móveis, utensílios da alfaiataria. Utiliza-se do espaço para fazer serviços como reformas e pequenos consertos nas suas roupas, nas roupas da família, ou quando é procurado por algum conhecido.



NATALINO ANTONIO AUGUSTO, 98 ANOS

Nasceu em 18 de dezembro de 1909, na Fazenda Jurema (localizada entre os municípios de Campinas e Valinhos). Tinha dois irmãos e uma irmã. Seus pais italianos, Nicola Piera Agustinho e Ângela Tassi mudaram-se para Campinas quando ele tinha dez anos, em 1922. Nesta época, moravam na Fazenda Samambaia, na mesma região. Fixaram residência na Rua Barão de Jaguará, no Centro de Campinas.

Sobre o registro fotográfico:

FOTO: MARTA FONTENELE

Durante a primeira entrevista, Seo Natalino nos apresentou algumas medalhas. Uma das medalhas (a de honra ao mérito) ele ganhou quando criança, na escola, das mãos do bispo; as outras medalhas se referem a condecorações por sua participação, como voluntário, na Revolução Constitucionalista de 1932. Durante a entrevista, escolheu uma das medalhas (a de combatente em 1932), colocou-a no pescoço e posou para a foto.



NELSON FRANCO DE OLIVEIRA, 75 ANOS

Nasceu em 12 de julho de 1932, na Rua Bandeirantes, no bairro Cambuí, em Campinas. É filho de José Franco de Oliveira e Josefina Rodrigues Nunes. Teve mais três irmãos, dois mais velhos e outro mais novo do que ele. Sua mãe tinha origem espanhola. Casado com dona Maria Ferracini Franco de Oliveira; tiveram três filhos: Nelson, Nilson e Teresa. Na velhice, vem enfrentando problemas de saúde em função de diabetes. Amputou dois dedos do pé em 2006, mas se mostra muito resiliente para não se abater pela doença. Continua acompanhando a esposa em algumas tarefas como fazer a feira uma vez por semana, auxilia na criação dos netos (Julia e Gabriel) e costuma dar palestras para comunidades jovens. Três vezes por semana faz caminhada (de até 6 quilômetros) e pratica uma hora de musculação na academia. Eventualmente costura, mas mantém conservadas algumas ferramentas do ofício como o tesourão, o ferro, esquadros e réguas, o dedal e as agulhas de alfaiate. Sobre o seu estado de saúde, costuma responder para os amigos: “Do pé pra cima eu estou ótimo”.

Sobre o registro fotográfico: FOTO: MARTA FONTENELE

O registro foi feito na sala de estar da casa de Seo Nelson, quando da minha segunda visita. Seo Nelson se posicionou no sofá e encarou a câmera.



JOSÉ JOVANINI, 75 ANOS

Nasceu em Itápolis, Noroeste Paulista, em 1932. Neto de italianos, por parte de pai e mãe, se criou no sítio da família, com mais seis irmãos. cursou até a quarta-série. Teve três filhos: Eduardo, Lucia e Regina. É viúvo de dona Lourdes Jovanini. Confessa que não tem orgulho de ter sido alfaiate e se queixa de não ter conseguido comprar uma casa própria. Quando perguntado o que faria se não tivesse sido alfaiate responde: “Eu seria isso mesmo. Era isso, ou a roça”.

Sobre o registro fotográfico:

FOTO: MARTA FONTENELE

O registro fotográfico foi feito na sala de jantar da casa onde o senhor José Jovanini vive há vários anos, no Jardim Amazonas, em Campinas. Ele mostrava à pesquisadora alguns utensílios de alfaiataria, como régua, esquadros, dedal e um curioso “desmanchador¹⁸” de pontos, construído por um colega de trabalho, feito com um pedaço de canaleta de alumínio e uma ponta de faca. Com esta ferramenta era mais rápido e fácil desfazer uma costura, do que se usasse uma lâmina (gilete) ou tesourinhas.

¹⁸ Sobre este utensílio, ver imagem, na sessão de objetos biográficos de Seo José Jovanini.



LAERTE ZAGO, 65 ANOS

Nasceu em 26 de agosto de 1942, em Campinas, no bairro Vila Nova. É descendente de italianos, sendo o terceiro filho do casal, Maximino Zago e Duzolina Calamari Zago. O pai trabalhava na Fazenda Santa Elisa, do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). Tem dois irmãos e uma irmã. É casado com a senhora Vanda de Brito Zago e tem quatro filhos: Rita de Cássia, Vanderlei Antonio, Rosimeire Aparecida e Elaine Cristina. É o mais novo da rede de informantes e também o alfaiate que menos tempo atuou no ofício. Trocou a alfaiataria pela fotografia. Escreve cerca de mil cartas por mês com mensagens cristãs e de apoio a pessoas anônimas, mas também dirigidas a políticos, celebridades, radialistas, padres e artistas.

Sobre o registro fotográfico:

FOTO: MARTA FONTENELE

Laerte Zago disse que iria costurar uma fronha, enquanto eu o fotografava. E prontamente, começou a costurar em sua velha máquina, na edícula que fica na casa onde residiam seus pais (já falecidos), espaço que ele utiliza como sendo um escritório. Há no local, uma pequena cozinha (na qual está a máquina de costura); uma sala com escrivaninha, máquina de escrever, armários repletos de fotos e envelopes. Há também um dormitório com cama, tábua de passar roupa e um armário. Ele comentou que precisa ter o espaço de trabalho, distante da casa da família. “Eu preciso ter um canto só meu”. Alguns minutos depois... A fronha estava pronta.

2.5 A transcrição: múltiplas formas de ouvir o outro

Ao longo da pesquisa de campo, na medida em que realizava as transcrições das entrevistas com os informantes, tarefa que requer tempo e dedicação, pude perceber que uma certa inquietude tomava conta de mim. Os relatos são de quase duas horas de gravação por entrevista. Há de se observar que por se tratar de pessoas idosas, há especificidades relacionadas ao tom de voz – às vezes muito baixo – e a determinados sotaques regionais. Eu não sabia bem definir esta inquietude, mas pressentia que estava ligada diretamente à tarefa de fazer as transcrições. Em algumas transcrições demorei três dias para concluir uma entrevista, com curtos intervalos; em outras entrevistas precisava espaçar por até uma semana a transcrição, uma necessidade que se manifestava não só pelo cansaço imposto pela tarefa, mas por me sentir muito mergulhada no mundo descrito do informante, um mundo que para mim vinha recheado de imagens e sensações.

Comecei a refletir sobre a possibilidade de a transcrição significar um outro tipo de contato com o informante, um contato diferente daquele que acontece no dia, no ato da entrevista. Para mim, soava como um segundo encontro entre pesquisador e informante. Pensando por aí, considerei também que no ato da entrevista a interação pesquisador *versus* informante é marcada em grande medida por um tipo de presença participante, por parte do pesquisador, passível de sofrer interferências a partir do momento em que suas preocupações não se resumem apenas a perguntar e a ouvir a sua fonte. Em muitos momentos da entrevista é natural ao pesquisador – aquele que não conta com um auxiliar de pesquisa – observar o gravador, checar se está gravando, se gravou, se a fita acabou, se precisa virar a fita, enfim... A atenção está dividida em certa medida, entre o discurso, a interação com o entrevistado e a eficiência e competência da técnica de gravação e efetivação do registro.

Nesse período, guiei-me pela reflexão em torno de uma questão: podemos tomar a transcrição como um ato meramente operacional, que nos possibilitará tão-somente o aprisionamento da fala do informante por um aparelho eletrônico? Podemos pensar que no momento da transcrição, algo mais possa estar presente, além da solidão do pesquisador, que irá conjugar os sentidos da audição, da operação mecânica da escrita – a mão, ou no computador – e de toda a sua carga subjetiva, o seu repertório pessoal, e imaginativo para

efetivar a transposição do registro do gravador para o formato escrito, o documento? Quero falar de minha percepção de que – durante o ato da transcrição – o pesquisador tem a oportunidade de vivenciar um segundo e profundo contato com o informante, o que contribui para uma maior aproximação do pesquisador com seu campo de estudo e com questões que dizem respeito à interioridade de seu informante.

Comumente associada a um caráter eminentemente técnico, a transcrição tem nos provocado sobre a necessidade de uma observação mais específica acerca do desafio de nos postarmos a ouvir o outro. Uma questão que se coloca entre Visualidade e Oralidade. Ao ouvir os alfaiates, temos percebido que associado aos relatos emergem imagens, as quais, como cenas se propagam e se “colam” como roteiros das pequenas histórias narradas, mas que ganham um sentido próprio quando entrelaçadas à grande história individual de cada informante. Mas sabemos que dependendo do volume de entrevistas, nem sempre o pesquisador terá condições (tempo) para realizar esta tarefa.

O que fazer com estas imagens que brotam das transcrições? Descrevê-las seria também uma forma de registro? Temos experimentado a possibilidade de rabiscar, desenhar, com o auxílio do computador (*software* de criação) cenas que brotam da emoção que nos tem provocado alguns relatos de nossos informantes. À primeira vista, ao olharmos despreziosamente para estes traços temos a impressão que assim como para o pesquisador, o exercício de ouvir o outro é também um momento de ler, no sentido de sentir a história do outro e de sentir nossas próprias histórias.

A seguir relaciono um conjunto dos ensaios que nos foram possíveis “rabiscar” eletronicamente, a partir desse estágio de repercussão que a transcrição promoveu no pesquisador [Fig.8].



[Fig.8] - Ensaios produzidos no período em que a pesquisadora vivia o momento das transcrições. No imaginário, o menino, na madrugada, buscando o equilíbrio entre o ser menino e o trabalho que lhe invadia o corpo e a alma. (Corel Draw).

“(...) O homem de uma época pode, pela arte ou pelo gênio criador de valores, transmitir parte do seu tempo a outros tempos. (...) (Freyre, 1975, p. viii)

As alfaiatarias reconstituídas nas narrativas dos velhos alfaiates tinham a forma de estabelecimentos comerciais e, comumente, estavam instaladas pelo centro de Campinas, ou em bairros muito próximos da região central, como o bairro Cambuí. Em seu interior, balcões largos, ferros de passar à brasa, mesas, biombos, máquinas de costura, aviamentos e uma lógica própria na divisão do trabalho. Neste ambiente, o dono da alfaiataria, o patrão, era também o mestre, logo o detentor do saber daquele ofício. Na escada hierárquica, formada por quatro níveis, distribuíam-se: o alfaiate (dono da alfaiataria), o contramestre, oficial-alfaiate e o aprendiz.

Assim organizados prestavam à sociedade o serviço de fazer roupas masculinas, sendo parte desta atividade as múltiplas tarefas: medir, riscar, cortar, alinhar, passar, casear, chulear, fazer enchimentos, cerzir, moldar e gerenciar. Nos relatos também vamos encontrar situações em que a alfaiataria se desloca do comércio formal para a casa do alfaiate. Isto se dava quando o alfaiate tentava “trabalhar por conta” e ao levar o trabalho para a casa, escapava do fisco, ou seja da legalização da oficina.

Importante observar que mesmo optando pelo trabalho em domicílio, ao contrário das mulheres costureiras, os alfaiates costumavam demarcar bem seu espaço, criando ambientes mais reservados e independentes da rotina familiar. A seguir, relacionamos as funções que estruturavam a organização do trabalho na alfaiataria que fez parte da vida dos velhos artesãos desta pesquisa. Vale observar que alfaiatarias de porte maior do que as estruturas conhecidas e descritas por nossa rede de informantes poderiam ter uma escala hierárquica diferente, sendo existentes outras funções como destacamos a seguir:

Ajudante de contramestre – profissional que corta os tecidos, usando moldes, ou sob orientação do contramestre;

Meio-Oficial – é o aprendiz de oficial, que auxilia costurando pensas, fazendo bolsos, enquartando frentes e mangas;

Coleteiro – é o oficial que confecciona todos os tipos de coletes;

Calceiro – é o oficial que confecciona todos os tipos de calça, inclusive o culote¹⁹;

Acabador – é o oficial que faz ombros, golas e prega mangas;

Buteiro – é o oficial que faz reparos em geral;

Passador – é o oficial encarregado de passar todas as peças do vestuário;

Quatro níveis hierárquicos, múltiplas tarefas:



O alfaiate (patrão, ou dono da alfaiataria)

Além de gerenciar o estabelecimento, dominava todo o processo da atividade, com habilidade para tirar as medidas, cortar, preparar e finalizar as peças;



Contramestre

Assim como em outras profissões, o contramestre substituiu o mestre diante de algumas necessidades; além de distribuir tarefas para os oficiais, era habilitado a tirar as medidas do freguês, cortar e dar a prova;



Oficial-Alfaiate (ou só oficial)

É quem costura as peças trabalhadas. Também era muito demandado para fazer o terno, compreendido por três peças: calça, paletó e colete.



Aprendiz

Realizava as etapas de preparação do tecido, (lavar, estender e passar) e a guarnição, com o ponto-mole, chuleio, enchimento de entretelas, lapelas e golas; respondia pela limpeza da alfaiataria. Há relatos do aprendiz realizando pequenas tarefas domésticas em benefício do dono

¹⁹ O culote é um tipo de calça bastante larga na parte da frente e bem justa nas pernas, apropriada para andar a cavalo e usar com botas de cano alto.

da alfaiataria como: fazer café e servir, fazer compras na feira, ou comprar cigarros. Levar e buscar encomendas.

3.1 O menino aprendiz

O aprendiz, etimologicamente, aquele que aprende uma arte, um ofício, constitui-se na vida dos velhos alfaiates um marco determinante para suas trajetórias de vida. Primeiro, porque o período de preparação do aprendiz, baseado na aprendizagem direta, na imitação, requeria muita dedicação, perseverança e abnegação e segundo, porque como aprendizes nunca eram remunerados, sendo esporádico até mesmo um pagamento simbólico por seus préstimos. De acordo com o relato dos alfaiates era comum que o aprendiz se mantivesse nesta condição por um período que variava entre quatro e cinco anos. Tempo necessário para que aprendessem a fazer uma peça de paletó, considerada a peça mais difícil.

Durante o período de aquisição dos saberes do ofício, o menino ou jovem aprendiz levava uma rotina muito distante do que poderia ser um processo de ensino-aprendizagem, pelo menos no padrão convencional de formação que prevê: um educador (ou instrutor) e um aluno. Não havia métodos sistematizados em cartilhas, ou manuais. Todo o ensinamento era fundamentado na observação de *quem faz e como faz*. Em alguns trechos dos relatos os alfaiates descrevem que dentro da alfaiataria ninguém perdia tempo ensinando o aprendiz. Eles, os aprendizes, é que criavam as condições para dominar as técnicas do ofício. São estratégias que se manifestam da personalidade de cada um desses meninos. Por exemplo, o alfaiate Nelson Franco de Oliveira conta que para aprender a cortar as peças, aproveitava os finais de jornada, quando os demais oficiais tinham ido embora e ele encontrava condições de examinar as calças e paletós, já cortados, que ficavam sobre os balcões. Assim, pela observação, do corte, da marcação, das peças moldadas, os saberes do ofício foram se aproximando de sua percepção e com o tempo, o aprendiz passava a dominar melhor a “engenharia” das peças e a lógica da criação.

Na fala dos alfaiates é presente uma relação de dominação do alfaiate patrão, o que seria o mestre. Assim, na condição de aprendizes, era comum os meninos realizarem tarefas como: limpar a alfaiataria, lavar e passar os tecidos (cuidado necessário para determinados tipos de pano que costumam encolher após a lavagem, como, por exemplo, o linho), fazer compras na feira, comprar cigarros para o patrão. No âmbito do ofício, antes de iniciar os trabalhos com a agulha, os aprendizes eram responsáveis por, além de lavar e pôr os tecidos

para secar ao sol, passar o ferro nos tecidos. Ato contínuo, o menino aprendiz tinha o dedo médio amarrado (com uma tira de tecido ou barbante) para “domesticar” a mão para os trabalhos com a agulha. Desta maneira iniciavam o aprendizado – trabalhando – realizando a etapa da guarnição (entenda-se proteção do tecido para ir à máquina) que é o ponto-mole e o chuleio. Na medida em que iam adquirindo prática eram-lhes confiados os enchimentos de entretelas, lapelas e golas. Há relatos do aprendiz realizando pequenas tarefas domésticas em benefício do dono da alfaiataria como: fazer café e servir, fazer compras na feira, ou comprar cigarros. Levar e buscar encomendas no comércio.

3.2 O ritual do dedo amarrado

O primeiro ensinamento transmitido ao aprendiz numa alfaiataria diz respeito não a uma etapa de confecção de uma peça de vestuário, mas sim à “domesticação” da mão do iniciante, a fim de torná-la apta a lidar com a agulha. Trata-se do ritual do dedo amarrado. O que nos faz lembrar a ênfase exposta por Déjourns ao citar a presença do corpo no trabalho:

Para que seja possível um trabalho de qualidade, é preciso que ele passe por uma subjetivação da matéria, da ferramenta ou do objeto técnico (...). É preciso constituir uma espécie de familiaridade com os objetos, que passe por uma impregnação do corpo, da subjetividade inteira, até nas insônias e nos sonhos.

(DÉJOURS, 2001, p. 93)

Desta maneira, a iniciação às técnicas da alfaiataria se dava com a preparação da mão de aprendiz, que consistia em prender-lhe o dedo médio, normalmente da mão direita (destros). Esta sujeição do aprendiz ao ritual era evidenciada sob a forma de respeito e confiança à representação do ofício na vida e ao mesmo tempo dos saberes que poderiam co-existir no âmago daquela profissão. “Às vezes, a gente saía de casa e para os outros não repararem na mão amarrada, a gente punha a mão no bolso, escondia a mão”, relembra um de nossos informantes alfaiates.

Voluntarioso, o aprendiz se punha a moldar-se, a moldar a mão para que, a partir dela, simbolicamente, ele recebesse o passaporte, o ingresso, estivesse finalmente apto a entrar no ofício. Interessante esta preferência do ofício pela escolha das mãos e sua ritualização. Credo numa capacidade singular das mãos transportarem uma grande força persuasiva, o historiador da Arte, Henri Focillon dedicou um capítulo inteiro de seu livro “A vida das formas” para um “Elogio da mão”:

[...] A face humana é sobretudo um composto de órgãos receptores, enquanto a mão é ação, agarra, cria e, por vezes, dir-se-ia mesmo que pensa. Em repouso, não é um instrumento sem alma, abandonado sobre uma mesa ou pendendo ao longo do corpo: o hábito, o instinto e a vontade de agir meditam nela e não é necessário um grande esforço para se adivinhar o

gesto que vai executar[...] Que qualidade é esta que faz que um órgão mudo e cego possa comunicar conosco com tanta força persuasiva? É porque se trata de um dos mais originais e diferenciados, como o são as formas superiores de vida. (FOCILLON, 1943, p. 108)

O ritual, espécie de moldagem do corpo, era necessário porque o dedal utilizado pelos alfaiates não tem proteção no fundo, sendo o instrumento indispensável para evitar que o alfaiate, ao ter de alinhar peças, se machuque com as “espetadas” de agulha. [Figs. 34 e 35] O dedo médio – e a mão como um todo – só seriam “libertados”, quando o aprendiz conseguisse manusear habilmente a agulha, utilizando o dedal de alfaiate. Este tempo de moldar a mão variava de aprendiz para aprendiz.



[Fig. 34 e 35] O dedal utilizado pelos alfaiates tem abertura no fundo (ao contrário do dedal utilizado pela costureira); a orientação do ofício é apoiar o dedo médio, que direciona a agulha, na lateral do acessório. As mãos expostas na foto são do alfaiate José Jovanini.

Do grupo de cinco alfaiates, um revelou que não foi preciso amarrar o dedo para que aprendesse a utilizar a agulha e o dedal. No seu primeiro dia de aprendiz, conta o senhor Natalino Antonio Augusto, já conseguiu dominar o uso do dedal no dedo médio, com eficiência. E esta lembrança ele registra em tom de orgulho: – *Mas eu não precisei amarrar o dedo. Eu desde a primeira vez já pus o dedo e já foi! Já comecei!*²⁰ Sobre este tipo de

²⁰ Ver transcrição do alfaiate Natalino Antonio Augusto.

manifestação de superação é interessante refletirmos sobre a presença de fatores subjetivos dos meninos aprendizes em direção à necessidade de demonstrar talento e habilidade e assim buscar a aceitação de continuidade de sua presença na alfaiataria. Neste aspecto, o que fica, para além da iniciação ritualística, é a não submissão à aprovação, é a essência da busca por suplantar-se.

Com relação ao feitiço²¹ das peças, os primeiros procedimentos confiados ao aprendiz eram:

Chuleio (ou chulear) - tipo de ponto na borda do tecido com a finalidade de revestir, evitando que o tecido desfie durante a confecção da roupa.

ponto-mole – tipo de ponto que permite organizar, juntar as peças antes do tecido ir para a máquina. São pontos largos, frouxos, por isso “mole”.

acolchoamento de entretelas, lapelas e golas – a alfaiataria utilizava crina (de origem animal) e/ou algodão para fazer o enchimento da parte superior (revestindo os ombros) do paletó, fazendo a peça ganhar relevo e oferecer um bom caimento, deixando os homens (mais franzinos) mais encorpados.

Caseado – ponto que emoldura a abertura em que se faz a união de duas partes da roupa com o botão.

Ao adentrarmos no universo físico da alfaiataria, julgamos necessário destacar que a humanidade tem construído o lugar social das profissões se valendo da argamassa de sua própria história, da dinâmica das transformações do mundo do trabalho e pela complexificação da sua divisão social. Afinal é na oficina, na loja, no ateliê, que o ritual do ofício se concretiza e nele, ao serem conjugados – saberes e fazeres – se constroem materialidades – o fruto do ofício – e também imaterialidades simbólicas.

Necessário evidenciar, portanto, que reconhecer e identificar o lugar do ofício são indispensáveis para entendermos a carga de significados que uma determinada sociedade atribui a uma profissão, a um ofício. Ao evocarmos o lugar do ofício, imediatamente nos ocorre imaginar que neste ambiente inclusivo, de rituais, instrumentos, objetos e idéias, estabelecem-se também códigos, normas, regras, valores, modelos mentais e interpretações diversas sobre o quê é o trabalho do ofício.

²¹ Sobre pontos de costura feitos manualmente com a agulha, na alfaiataria, ver item 3.3 Pequeno Glossário da Alfaiataria.

A seguir apresentamos um esboço de configuração de uma alfaiataria, de nível médio, criada a partir dos relatos dos alfaiates de nossa rede [Fig. 36].



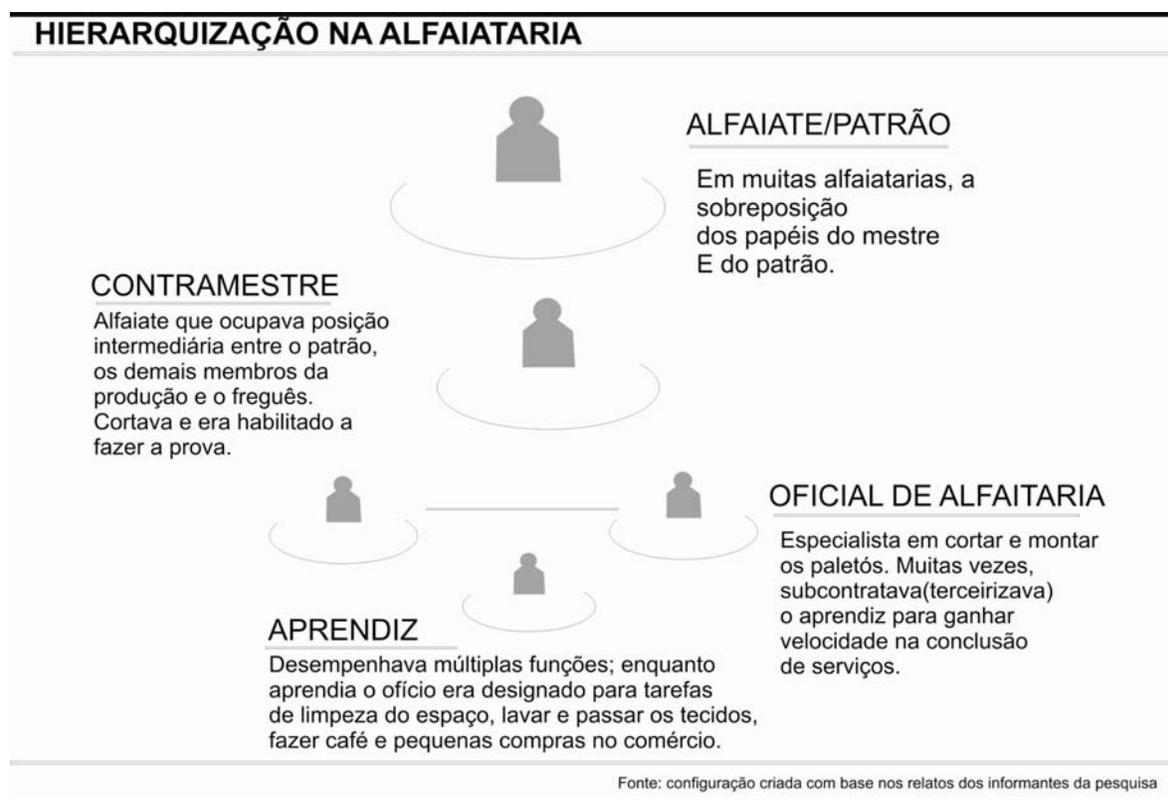
[Fig 36] Configuração da organização do trabalho numa alfaiataria de médio padrão em cidades como Campinas - São Paulo, proposta a partir do relato de velhos alfaiates. Representação gráfica produzida pela pesquisadora.

Ainda no sentido de me aproximar mais intimamente deste lugar social do trabalho, julgo ser de relevância tentar promover um reconhecimento de como era organizada a produção no universo da alfaiataria deste tempo estudado. Segundo os informantes, na configuração das alfaiatarias de suas vidas profissionais, o trabalho era organizado a partir de uma estrutura hierárquica verticalizada tendo início pelo aprendiz passando para os oficiais de alfaiataria, os contramestres; no topo, estava o alfaiate, comumente, o patrão. O dono do saber, ou seja, o alfaiate poderia ter a função sobreposta de patrão.

O contramestre, numa transposição para as nomenclaturas utilizadas nos dias atuais pelo Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO) poderia ser o atual “gerente”, supervisor e

tantos outros nomes atribuídos a postos de mando. Ao aprendiz, conforme destacamos anteriormente na apresentação da organização da alfaiataria eram atribuídas inúmeras funções, destituídas de sentido direto para o ofício, mas muito relevantes para o funcionamento do local de trabalho.

Para acessar os saberes do ofício eram impostos ao menino, muito esforço e abnegação, sendo comum a atribuição de tarefas tais como: limpeza do ateliê (ou oficina), lavar e passar os tecidos, preparar café, pagar contas e até fazer a feira para os patrões. Com base na memória de nossos informantes, oferecemos uma representação da divisão do trabalho de que nos falam suas memórias, trazendo as principais qualificações de cada função hierárquica. [Fig. 37]



[Fig 37] Configuração da hierarquização do trabalho, criada a partir do relato de velhos alfaiates numa alfaiataria de médio padrão em cidades como Campinas, São Paulo. O destaque para a informação que o alfiate, enquanto detentor do saber do ofício acumulava também a função de dono da alfaiataria (patrão).

Reúno a seguir, algumas informações complementares, como a metragem de tecido necessária para a confecção das peças: calça, paletó e terno, conforme relatos dos informantes:

METRAGEM DOS TECIDOS/PEÇAS

PEÇAS	MEDIDA
CALÇA	(1,20 m)
PALETÓ	(1,80 m)
ROUPA (CALÇA+PALETÓ).....	(3,00 m)
TERNO (CALÇA+COLETE+PALETÓ)	(3,30m)

Os tecidos (ou fazendas) tinham normalmente a largura de 1,50 m; quando a peça, dobrada, apresentava a largura de 0,75 m, costumava-se chamá-la de enfestada. O tecido que oferecia maior preocupação para os alfaiates era o linho, porque era caro e comercializado com 0,70 m de largura, o que significava que era preciso até 7 metros de pano para se fazer uma roupa (calça e paletó); o linho deveria ser lavado (e posto a secar no varal) antes da costura, porque era previsto que depois de molhado encolhesse até 10%. Em compensação, por ser um tecido usado para o verão, não requeria forros, o que facilitava as operações de feitió.

3.3 Pequeno Glossário da alfaiataria

Os relatos dos alfaiates de nossa pesquisa nos oferecem ainda uma riqueza em matéria de jargões e termos técnicos, verdadeiros códigos lingüísticos do ofício. A seguir, relacionamos os vocábulos, ou expressões que conseguimos registrar e demarcar seus significados durante as entrevistas e análise das transcrições.

Alinhavar – ponto manual, feito para demarcar uma área da peça que será costurada a posterior, na máquina de costura.

Buteiro – Alfaiate que se dedica a fazer pequenos consertos e reparos em roupas. Categoria que costumava não ser considerada profissionalmente.

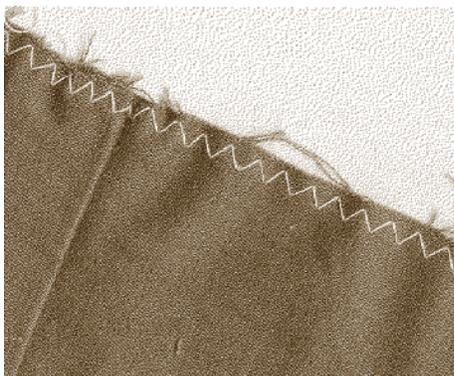
Calceira – Mulher contratada para costurar a calça, cortada pelo alfaiate, na alfaiataria. A calceira trabalhava em casa e comumente recebia os serviços encomendados em domicílio.

Caseado [Fig. 38] – na alfaiataria, casear (fazer o caseado) é fazer o ponto no entorno da abertura da chamada “casa” dos botões. Deve ser seqüencial e reto e para ficar de bom nível deve ter regularidade na altura. O aprendiz fazia este ponto a mão. Trabalho considerado fino, pois fica à mostra, evidenciado o capricho e esmero artesanal. A máquina elétrica vai trazer a opção deste ponto, o que significa redução de tempo na confecção de alfaiataria.



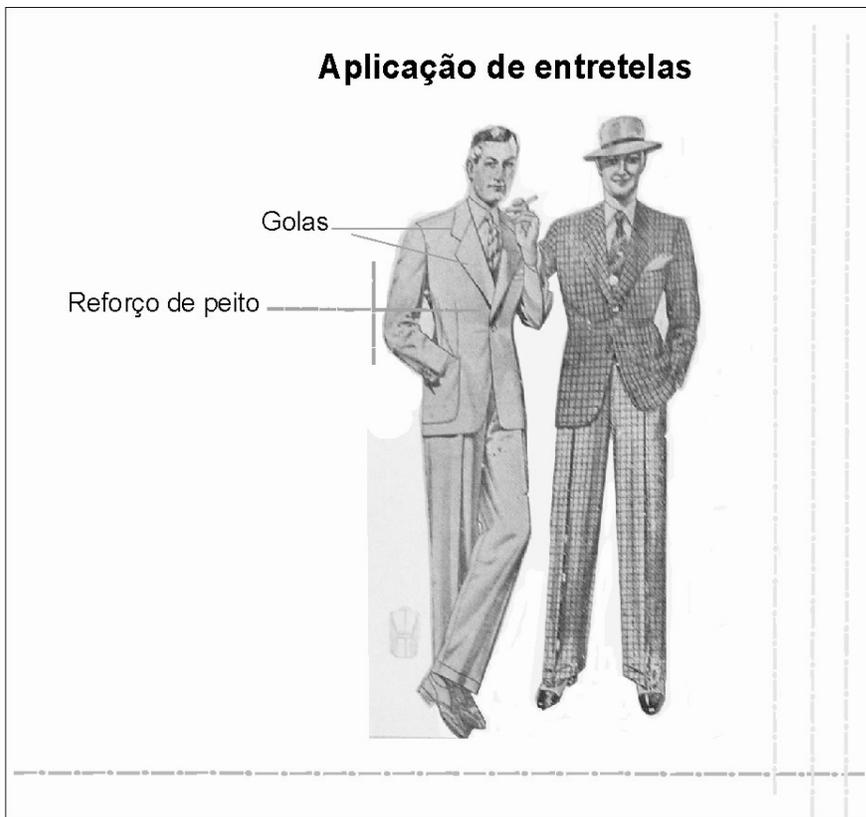
[Fig. 38] Digitalização de detalhe de costura (ponto ‘caseado’), feita pelo alfaiate José Jovanini, durante a entrevista

Chulear [Fig. 39] – é o ato de fazer o chuleio, um dos principais pontos feitos a mão; a finalidade do chuleio é evitar o desfiamento do tecido durante as etapas de feitiço. Este ponto era tarefa do aprendiz de alfaiate até ser inserido nas tarefas próprias dos oficiais. Após a chegada máquina de costura elétrica, o que no Brasil se deu na década de 1970, o chuleio deixou de ser feito manualmente. **Chuleio (ou chulear)** - tipo de ponto na borda do tecido com a finalidade de revestir, evitando que o tecido desfie durante a confecção da roupa.



[Fig. 39] Digitalização de detalhe de costura do alfaiate José Jovanini; ponto feito pelo informante durante entrevista.

Entretela [Fig. 40] - Tecido espesso que é inserido entre a fazenda e o forro de uma roupa para encorpá-la; entreforro, reforço de peito, podendo ser utilizado mais de um material para compor a entretela. É utilizada na alfaiataria para dar volume, formas, aos colarinhos e estrutura superior do paletó.



[Fig 40] Criação a partir de reprodução fotográfica de antigos catálogos.
 Coleção particular do alfaiate Geraldo Barbosa. Ilustração: Marta Fontenele

Entretelar – fazer, confeccionar a entretela.

Guarnecer – significa preparar o tecido, o pano; fazer a guarnição é fazer o ponto de chuleio no tecido, preparando-o para não desfiar durante as etapas de confecção da peça. [Fig. 41]



[Fig. 41] Fotografia feita durante entrevista
 com o alfaiate Guerino Andriago.
 FOTO: MARTA FONTENELE

Livro de medidas – caderno de anotações em que o alfaiate mantém os apontamentos com as medidas (as dimensões do corpo) de seus fregueses. A tomada de medidas é feita com fita métrica, com a qual o alfaiate vai medindo as partes do corpo que influenciam no talhe do tecido como: pulso, ombros, cintura etc.



Moldes [Fig. 42] – o alfaiate usa o molde para cortar, talhar o tecido. O molde é feito em papel; normalmente são bobinas de papel usadas especialmente para a produção das peças de roupa de um cliente; o molde é feito a partir das medidas tiradas do corpo do freguês; os alfaiates costumam guardar os moldes de cada cliente, uma forma de ganhar tempo na produção; mesmo assim, a cada nova encomenda, o alfaiate costuma conferir as medidas do cliente.

[Fig. 42] Reprodução fotográfica de Diagrama com detalhes de moldes, da coleção particular do alfaiate Guerino Andriago. FOTO: MARTA FONTENELE

Ponto-mole – este ponto permite a organização, a junção das peças, preparando-as para ir para a máquina. São pontos largos, frouxos, por isso “mole”.

Ponto picado – Um tipo de ponto utilizado na confecção do paletó, deixando à mostra um tracejado, nas margens da roupa, podendo ser feito com linha da mesma cor do tecido. É também conhecido por *pesponto*. Na alfaiataria da geração dos informantes desta pesquisa, este acabamento era feito à mão. Atualmente, com a modernização, é feito também na máquina de costura.

Terno 120 – era um terno feito com um tipo de linho especial – o linho 120 –, vendido por um preço superior aos demais linhos. As cores de preferência para os ternos com o linho 120 eram: branco, azul claro e bege. Havia alfaiates em Campinas especializados em trabalhar com o terno 120, que exigia habilidade no talhe e no capricho para evitar qualquer sujeira no contato com a máquina de costura. Era uma roupa que chamava atenção, por isso as pessoas que a usavam eram, normalmente, de classe econômica alta. Nas entrevistas os alfaiates se referem ao perfil do freguês desta peça dizendo: – “Ah, Era só milionário que usava o terno 120”.

Tirar as medidas – é a tarefa de examinar, com uma fita métrica e anotar as medidas do freguês. Esta é a primeira tarefa do alfaiate, pois só a partir do conhecimento das medidas do freguês é que se inicia o corte do tecido e todas as demais operações. Segundo um dos alfaiates de nossa pesquisa há para cada peça uma quantidade de medidas a serem tomadas do freguês.

Relacionamos a seguir as peças e suas respectivas medidas:

Paletó – pede 11 pontos de medidas

Calça – pede 7 pontos de medidas

Colete – pede 5 pontos de medidas.



[Fig. 43] Reprodução de banco de imagens domínio público

Tirar a prova, ou dar a prova [Fig. 43] – é o momento em que a roupa, já bastante adiantada, é pré-montada, normalmente com alfinetes e o ponto de alinhavo, para que o cliente vista e o alfaiate possa examinar todos os detalhes das medidas. Após esta etapa, o alfaiate marca uma nova data para que o cliente venha retirar a roupa finalizada, pronta.

3.4 Entrevista com Geraldo Barbosa: Testemunho do ofício no presente

Pensar no ofício de alfaiate como uma profissão em extinção foi uma operação que levou algum tempo, durante esta pesquisa, para que eu refutasse ou pelo menos que conseguisse reunir informações que me permitissem compreender a questão de uma maneira menos peremptória. Primeiramente, pensei em considerar que o ofício, nos moldes em que a rede de informantes relatava, estava de fato se desconcertando, afinal os alfaiates com os quais trabalhava já não ganhavam a vida fazendo ternos, chuleando, tirando medidas... Eu estava lidando com velhos alfaiates, aposentados, já distantes do cotidiano do ofício.

As primeiras conclusões a que fui levada caminharam no sentido de perceber que o mundo moderno, identificado com a pressa, movido a *prêt-à-porter* não reservaria mais espaço à nostalgia, ao tempo calmo e tão singular do trabalho artesanal, feito com as mãos, com os olhos e com toda a conjugação dos sentidos. Também pensar que além do trabalho com as mãos, a arte da alfaiataria implica em uma carga significativa que ultrapassa a simples finalidade de vestir o outro. É preciso enxergar um pouco mais. Esse *vestir* requer que se demore um pouco mais, uma vez que ao vestir o freguês, o alfaiate está lhe dando mais que o pano talhado e costurado para proteger-lhe do frio e cobrir-lhe a intimidade do corpo. Ao talhar a roupa, o paletó, a calça, o colete, o alfaiate está transferindo uma porção de valores e sentidos construídos única e exclusivamente pela vida do homem em grupo, pela vida do homem como um sujeito social.

No fazer a pesquisa, na busca de perscrutar os rumos do ofício, se era algo em extinção ou não, encontrei na internet alguns ressurgimentos de valorização da alfaiataria, numa perspectiva de agregar a tradição ao moderno, aquela eterna prática de apropriação do “antigo” para valorizar o novo, prática inerente à lógica do capitalismo. Mas, além destas apropriações encontrei em Campinas alguns estabelecimentos que mantinham em sua aura e em sua compleição os moldes da alfaiataria, em medida razoável, conhecida e identificada pelos velhos alfaiates desta pesquisa. Desta maneira, achei oportuno registrar neste capítulo algumas informações da entrevista que realizei com o alfaiate Geraldo Barbosa, proprietário do estabelecimento Geraldo Alta Costura (masculina), localizado na Avenida Júlio de Mesquita, no bairro Cambuí.



[Fig. 44] Geraldo Barbosa, alfaiate que se mantém em atividade, trabalhando em sua Casa de Moda, como prefere definir seu estabelecimento, em Campinas, na Avenida Júlio de Mesquita. FOTO: MARTA FONTENELE

Nos relatos de Geraldo Barbosa, o que mais nos chamou atenção foi a maneira como demarcou as resistências em seu encontro com o ofício, sobretudo no que diz respeito à etapa de aprendiz. Tudo começou em Muzambinho, interior de Minas Gerais. Primeiramente, ao ser encaminhado ao ofício, pelo pai, o qual entendia que todos os filhos deveriam ter um ofício diferente, se Geraldo não se satisfizesse em cumprir o papel de aprendiz, na concepção do ofício e de sua época. Ou seja, os meninos, ao serem iniciados, também na experiência de Geraldo Barbosa, eram colocados para varrer a alfaiataria e fazer serviços menores. “Conversei com minha mãe e disse: – Se for para eu ficar lá eu quero também uma máquina de costura”, relembra. E foi assim que conseguiu uma ruptura: como aprendiz, passou a dividir o lugar com os oficiais, trabalhando em sua máquina própria. Um acontecimento muito diferente para a época, posto que o aprendiz só costumava ter sua máquina, após alguns anos de iniciação.

Depois, de posse da máquina, Geraldo não aceitou ficar apenas costurando as peças cortadas pelos outros alfaiates. – Ah, eu queria aprender a cortar também. A partir desse momento, o aprendiz passa a procurar outros caminhos, que não o da aprendizagem direta e foi buscar escolas formais para aprender as técnicas da alfaiataria. Nesses novos caminhos incluem-se escolas de corte no Brasil (São Paulo) e escolas em Milão. Ele se define um *expertise* em alfaiataria pelos métodos italiano, espanhol e português. Em seu estabelecimento, Geraldo mantém catálogos destes estilos de escolas de alfaiataria, os quais

lhes são tão preciosos que só manuseia reproduções, organizadas em formato de apostila. – Não empresto, não vendo e não dou, sentencia o alfaiate, ao ser perguntado sobre a possibilidade de eventual consulta a sua literatura especializada em alfaiataria. Pensar nas transformações recorrentes ao mundo do trabalho é passar a entender o raciocínio que este profissional faz ao nominar o seu estabelecimento. Para ele, a denominação adequada não é mais alfaiataria, nem oficina, nem ateliê, o alfaiate Geraldo Barbosa é proprietário e trabalha numa casa de moda. É bom lembrar que alfaiates mais velhos, como Guerino Andrigo, que trabalhou na capital paulista na década de 1950 também faz uso desta expressão, ao que nos parece ser um *revival*, não só da alfaiataria, mas do valor simbólico da atividade e de suas representações na sociedade. Aliás, a avaliação que Geraldo Barbosa faz da permanência da arte da alfaiataria no mundo contemporâneo é das mais positivas. Para ele não existe declínio. Em sua análise, as pessoas de bom gosto sempre manterão o hábito de se vestir com roupa bem-talhada, o que só é possível recorrendo aos serviços de um profissional alfaiate.

Com base em seu relato foi possível organizar um mapa (veja a seguir), trazendo os principais profissionais e alfaiatarias existentes na região central da cidade por volta do início da década de 1980²². Esta relação de nomes foi narrada em poucos minutos, relacionando simultaneamente o nome do alfaiate com o endereço onde estava localizado o estabelecimento.

²² A partir do relato de Geraldo Barbosa, a área central de Campinas foi novamente inspecionada pela pesquisadora e da lista de nomes de velhos alfaiates foi localizado apenas um alfaiate: Salvador Asta, estabelecido na Galeria Trabuși, na Rua Barão de Jaguará.

ALFAIATARIAS EXISTENTES EM CAMPINAS NA DÉCADA DE 1980



João Pinto Alfaiate

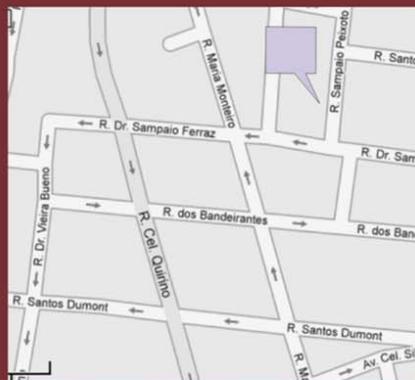
Jacobussi Alfaiate

Irineu Alfaiate

Angelo Berton Alfaiate

Tarsílio Alfaiate

BAIRRO CAMBUI



Chiquetto Alta Costura

Outros estabelecimentos

Leoni Alfaiate

José Paulo Virga

Casa Queiroz Alfaiate

Alfredo Alfaiate

Luiz Carlos Mattos

Salvador Asta Alfaiate

Ziggiatti Alfaiates

Pascoal Palermo

Verginelli Alfaiate

Leão Alfaiate

Sebastião de Queiroz

Souza e Alves

Outros Estabelecimentos pela Cidade

Henrique Brenelli (Vila Industrial)

Raimundo de Oliveira (R. Visconde de Taunay)

Paulo Francisco da Silva

Orcídio de Paula Silva

Rocha Alfaiate

Fonte: Alfaiate Geraldo Barbosa (Geraldo Alta Costura)

[Fig. 45] Mapa com as principais alfaiatarias existentes na região central de Campinas até a década de 1980, segundo relatos do alfaiate Geraldo Barbosa. No presente, a maioria destes ateliês/alfaiatarias desapareceu. O alfaiate Salvador Asta ainda se encontra em atividade, conforme constatação de pesquisa de campo, feita pela pesquisadora em agosto de 2008.

CAPÍTULO 4

O TRABALHO COMO CONTEÚDO IDENTITÁRIO DO ALFAIATE: INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

*“A memória é passado – tornar-se-á
nossa estrela guia para a seqüência de
nossa exploração” (Aristóteles)*

Sobre o fato que o indivíduo constrói sua identidade tendo como referência a ocupação ou o papel profissional, vários autores contribuíram para avançarmos nessa discussão. Todavia a proposta deste estudo é discutir se há a centralidade do trabalho na vida do velho, a partir de suas lembranças, de suas memórias. Desta forma, em busca de elementos que concorram para explicitar melhor a percepção que o tema trabalho é parte integrante da identidade do velho alfaiate, reunirei a seguir informações históricas sobre o ofício e reflexões acerca das configurações das alfaiatarias, onde trabalharam os sujeitos desta pesquisa e o que foi possível ser feito a partir dos relatos coletados.

Para falar sobre a identidade do alfaiate, proponho uma breve reflexão sobre o significado da vestimenta, da roupa, para nós e para a sociedade. Pensamos que o ato de vestir, na sociedade contemporânea, passa por três dimensões humanas: uma dimensão fisiológica (para se proteger do frio, por exemplo); uma dimensão moral, pois com a roupa escondemos o nosso corpo, “nossas vergonhas” e a terceira dimensão é a psicológica, afinal nos vestimos também para nos mostrarmos ao outro, por nossa estima, por nossas vaidades, por uma necessidade de sermos aprovados. Debruçados sobre a Psicologia da Vida Cotidiana, Rivière e Quiroga atribuem à roupa uma função tanto social como psicológica. Para os autores, a escolha da roupa é um dos primeiros passos que damos no sentido de captar chaves de nossa identidade.

O grau de identificação entre corpo e vestimenta é tão grande que uma modificação nas roupas implica sempre uma variação de atitude; assim quem sofre uma perda deve evidenciar sua dor por uma roupagem determinada, o luto, que implica um a modificação em seus atos e no tratamento que recebe dos demais. A vestimenta é

uma expressão indireta de cada indivíduo e não só está incluída de forma definitiva em nossa própria imagem como é parte da imagem do outro (RIVIÉRE e QUIROGA, 1998. p.20 e 21).

No mesmo sentido, em direção a oferecer uma definição para o termo *trabalho*, vamos buscar apoio em bases teóricas sociológicas, mas também na necessidade de flexibilizar o entendimento, dado sua amplitude de significados e os múltiplos empregos desta palavra adotados pela língua e pelas sociedades. Inicialmente, vamos nos situar na conceituação aplicada pela economia política, na qual *trabalho* é a definição de toda atividade humana que auxiliada ou não por máquinas, se caracteriza como fator essencial da produção de bens e serviços. Para além da etimologia do termo, queremos neste estudo aproximar o conteúdo *trabalho*, no sentido laborativo, à experiência do viver e do envelhecer.

Na lógica da sociedade capitalista, o sujeito social é na maioria das vezes identificado não pelo “quem é”, mas como citou Hanna Arendt (1981), a própria linguagem induz ao “o que alguém é”, indagação que coloca a profissão, o trabalho, como índices definidores da identidade social de uma pessoa. Na vida cotidiana não é raro as pessoas definirem a identidade de outra complementando ao nome próprio, a profissão, ou o lugar onde a pessoa trabalha.

Ao estudar os almanaques de farmácia no Brasil, Margareth Brandini Park encontra uma representação do círculo da vida – lançada na edição do *Almanaque Sadol* de 1950 –, na qual o conteúdo trabalho aparece em dois momentos: no tópico *luta diária* e no tópico *trabalho*. As duas imagens correspondentes à legenda são de trabalhadores operando máquinas. Para a pesquisadora, naquela época, o governo de Getúlio Vargas reforçava a valorização do trabalho na vida do país, “daí sua ênfase no ciclo da vida, expulsando da última casa a morte, que aparecia em antigos calendários, de forma caricata. Expulsa-se e teme” (PARK, 1999, p. 37). Para um Brasil que naquela época tentava construir uma imagem de nação forte, desenvolvimentista, a representação conjugada do homem-máquina passava a preencher a percepção coletiva do modelo econômico a ser disseminado.

Inspirado nos conceitos de Marx e comprometido em oferecer entendimentos acerca do modo de produção capitalista contemporâneo, Ricardo Antunes (2000) admite em “Os sentidos do Trabalho” a capacidade da atividade laborativa atuar como um conteúdo

fundante e estruturador dos processos de sociabilização. Cinco anos antes desta obra, ao discutir as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho, Antunes (1995) já defendia que a despeito de todas as crises, não existe a possibilidade de o elemento trabalho deixar de ocupar o papel de centralidade na estrutura social, uma vez que a primazia da sociedade moderna é produzir mercadorias.

Mais que admitir a presença central da vida laborativa no organismo social, procuro pensar que o *ser velho*, por ter demarcado em sua trajetória a carga expressiva da vivência do trabalho pode oferecer ao campo investigativo do envelhecimento, a palavra. E esta, revestida por um caráter sinalético – na forma narrativa – atua como um importante meio de acesso e interpretações a questões próprias de quem emprestou o corpo, a mente, a subjetividade e todos os seus recursos biológicos e psíquicos para gerar a configuração de um ser social específico. Este ser social está identificado e comprometido com uma atividade que o define, que o insere no cosmos social.

Investigando as psicopatologias do trabalho, com ênfase nas relações entre trabalho e saúde mental, o psiquiatra e psicanalista francês, com formação em psicossomática, Cristophe Déjours (1992) tem proposto, por meio de farta produção bibliográfica, uma nova lente para se examinar as repercussões da atividade laboral na vida das pessoas. Para ele, a subjetividade é elemento central a ser levado em conta quando se pretende alcançar um maior aprofundamento sobre a significação do conteúdo trabalho na vida do sujeito, sendo necessário dispor de recursos da psicanálise individual.

A narrativa dos velhos alfaiates traz para o tempo presente não só a centralidade do trabalho na vida adulta, mas também os meandros de como as vidas destes homens foram marcadas, ainda na infância, pelo compromisso laborativo. Neste aspecto, nos chama atenção o grau com que o trabalho infantil esteve fortemente impregnado ao modo de vida dos meninos que viveram nas décadas iniciais do século XX sua primeira infância. Eram eles: leiteiros, lavradores, entregadores de encomendas no comércio, ajudantes de pequenas tarefas em casas de família, aprendizes de alfaiate. Vejamos alguns desses relatos pelas vozes dos velhos alfaiates:

(...) Então veja só as passagens que a gente tem...Aí depois dos 10 anos que eu passei... como falei, a ser entregador de roupa, entregava leite, depois entregador de roupa, na Alfaiataria Patielli... Aí fui entregar de dia e voltava à noite pra aprender o ofício, de profissão. Aí foi passando...quando eu tinha mais ou menos

uns 12 anos, eu passei a ser aprendiz direto, não trabalhava mais na rua, só lá dentro com os profissionais. E fui aprendendo...(...)

Fragmento do relato de Seo Nelson Franco de Oliveira²³

(...) Eu tinha mais ou menos uns quatorze anos, mais ou menos. Eu não queria, eu queria mecânico, mas naquele tempo os pais que..., esse que é bom, então me pôs pra trabalhar. Nós morávamos no sítio quando eu comecei a aprender ofício, se eu falar pra você, hoje pra andar um quarteirão eu pego ônibus, eu saía cinco..., levantava cinco horas da manhã no sítio, tinha que andar correndo, correndo, pra chegar lá pras sete horas na alfaiataria. Você faz a conta, eu corria mais de uma hora e meia, porque eu tinha que atravessar fazenda, cafezal e tudo pra chegar na cidade, pra eu chegar, ele dizia (o alfaiate patrão) sete horas, porque eu que tinha que abrir a alfaiataria, que limpar...(...)”

Fragmento do relato de Seo Guerino Andrigo²⁴

Tempo, idade, comportamento, lugares, paisagens, são componentes dessa narrativa e elementos de uma memória despertada por uma temática notadamente conjugada: trabalho-vida e/ou vida-trabalho, que se torna factível de análise tomando a palavra como um veículo, mais que isso, a palavra como um ato, que envolve o pensar, o sentir, o visitar outros tempos (passado), e nesses deslocamentos, em que a memória transporta o sujeito, encontramos a nós, em outra pele, com outra idade, outras perspectivas, outras experiências. Assim, palavra (ato), memória (veículo) e o *ser velho*, quando se encontram no tempo do envelhecer, que não é nem passado, nem futuro, constituem um novo ser, que ao mesmo tempo é observador de si, da sua vida e das experiências do outro.

Narrando suas andanças por situações de trabalho nas madrugadas, usufruindo aqui e ali de um gesto de solidariedade, criando estratégias de sobrevivência, jeitos e formas de contribuir para o sustento da família, os meninos, hoje alfaiates, teriam sido “homens feitos”, muito cedo, se *trabalho* fosse então entendido como marca emancipatória, de inserção na vida produtiva da sociedade capitalista.

²³ Ver Anexos, Transcrição de Nelson Franco de Oliveira.

²⁴ Ver Anexos, Transcrição de Guerino Andrigo, entrevista exploratória.

Mas depois, daí eu já saí e fui trabalhar na leiteria, entregando os leites de madrugada. Eu lembro uma passagem agora, época de frio, era mais frio né? Mais, ali na Rua Sacramento, até hoje a casa está lá. Bem em frente ao Senac. Até hoje tá lá a casa... Eu entregava leite naquela casa. A gente não tinha sapato, não tinha agasalho de frio, não tinha nada...Era uma camisa, camisa e calça curta e pronto e ia trabalhar.

Um dia essa senhora deixou autorizado para o padeiro. Que também o padeiro levava pão de madrugada lá. Entregava nas casas pão naquele tempo. E tinha um pãozinho redondinho assim (gestos). Um dia ela esperou eu chegar e que eu fui pôr o leite assim...abriu a porta. Eu levei um susto, quando abriu aquela porta. Ela falou: – Ô menino...todo dia vai ter um pãozinho redondinho assim pra você (gestos)...você pode pegar que é seu. Eu autorizei o padeiro pra ele deixar um pãozinho pra você... pegar todo dia.

Fragmento do relato de Seo Nelson Franco de Oliveira²⁵

Seria este envolvimento com o ato do trabalho, logo na infância, o determinante para que em suas narrativas estes velhos alfaiates elejam o trabalho como o seu principal vetor na direção que nos possa conduzir a sentidos, a significados de vida? Acredito que por meio do exercício de rememoração dos velhos alfaiates seja possível oferecer também uma representação do que foi a profissão para estes sujeitos, os quais nos falam, em suas velhices, não como livros, mas como arquivos-vivos, sobre suas vivências, na dimensão existencial e na dimensão do trabalho. Estas dimensões – vida e trabalho, coladas nas narrativas pessoais dos informantes, nos mostram uma estrutura viva e dinâmica, de uma memória individual e coletiva que à luz da Gerontologia reafirma o quanto é relevante o ato de rememorar na velhice e o quanto este exercício pode repercutir em bem-estar emocional para si e para o grupo onde o velho se insere.

Com uma mostra constituída por cinco alfaiates, com faixa etária entre 65 e 98 anos, centramos o recorte temporal na cidade de Campinas, no século XX, lugar e período em que os informantes viveram e exerceram o ofício de alfaiates. Embora esteja alicerçada pelas vertentes do envelhecimento, da memória e do trabalho, esta pesquisa não se demorará em discussões teóricas sociológicas, mas demarcará aspectos contraditórios do mundo do trabalho pela via do ofício.

²⁵ Ver Anexos, Transcrição do Alfaiate Nelson Franco de Oliveira.

O desafio ao qual nos lançamos é estruturado numa parceria com estes velhos trabalhadores, os quais são convidados e estimulados a reconstruírem suas memórias – histórias de vida – as quais são narradas a partir de uma solicitação (bem ampla) da pesquisadora em torno de: “Fale-me sobre sua vida”. O que surpreende como hipótese de pesquisa é o fato de, muito embora os entrevistados saibam, de antemão, que o interesse da pesquisa é focado na sua profissão de alfaiate, ao organizarem seus discursos, a retórica adotada segue uma ordem cronológica e ao mesmo tempo, fortemente vinculada à atividade laborativa deles, é o que proponho neste trabalho citar como uma unissonância entre vida e trabalho, quero dizer: os alfaiates falam de suas vidas pelo fio condutor do trabalho.

A construção da pesquisa com estes informantes, somado a leituras que tenho feito acerca do trabalho manual, tem evidenciado que existe uma singularidade no modo de organização e de como se processa, se veicula o saber artesanal. O conhecimento destes alfaiates não foi transmitido por livros ou por processos de aprendizagem formal, ou não-formal. Os saberes foram assimilados em grande medida pela observação, pela imitação, pelo acerto e erro. Dos cinco alfaiates que entrevistei nenhum aprendeu o ofício numa escola, em livro, ou teve um professor.

Conforme explicitado nas páginas anteriores, fora de minha rede de informantes, o alfaiate Geraldo Barbosa, com faixa etária um pouco inferior à do grupo pesquisado, foi o único que revelou uma experiência totalmente adversa no que se relaciona à maneira como aprendera o ofício. Não se contentando em ser aprendiz, por imitação, assim que pôde, tratou de ir estudar alfaiataria fora do Brasil, em escolas especializadas de Milão, na Itália. Sua relação com o ofício é de plena realização, mantendo-se no mercado, em localização privilegiada no bairro Cambuí, em Campinas. Definindo-se um profissional da alta costura, Seo Geraldo é um testemunho que o ofício não está em extinção, mas vive o seu movimento feérico, de constante transformação e resistência.

Ainda no campo do que é próprio a uma pedagogia do ofício, ou da transmissão do saber, é válido atentar para o que tem sido demonstrado em alguns estudos – provenientes de áreas diversas como: Antropologia, Psicologia, Sociologia, Psiquiatria –, ao apresentarem elementos que apontam para uma relação “simbiótica” entre homem e trabalho. Investigando o universo dos trabalhadores da indústria calçadista de Franca,

Maria Madalena Gracioli destaca a importância dos *saberes tácitos* que os sapateiros (da indústria São Paulo Alpargatas) constroem diariamente ao realizarem suas tarefas.

Também os saberes construídos no dia a dia pelo manejo de ferramentas, utilização de máquinas, pelas falas e gestos cotidianos parecem desaparecer sob os olhos do capital. No interior da produção, a criatividade parece camuflada e os saberes resumidos ao saber fazer. A competência profissional está reservada ao pessoal dirigente, parece ser "proibida" aos demais operários. A possibilidade de saber e criar não é para os operários, justamente estes que produzem. As empresas reproduzem as ideologias burguesas organizadoras de políticas pedagógicas em que imprimem brutalmente a divisão entre "produtores" - os operários e "criadores" - a sociedade burguesa. (GRACIOLLI, 2000, p. 147)

A partir de investigações clínicas, o médico e especialista Christopher Déjours afirma que, além da presença do corpo biológico, existe um corpo erógeno, o qual está implicado na habilidade técnica e na inteligência da tarefa. A observação referente ao que hoje se denomina por habilidades tácitas (*tacit skills*), ou *inteligência do corpo* afirma Déjours, vem de um passado distante, sendo designada pelos gregos por *metis*.

É, aliás, dessa implicação do corpo e da subjetividade inteira que procede o poder extraordinário que o trabalho tem no sentido de revelar a subjetividade a ela própria — uma vez que o trabalho seja qualificado — mas também seu poder de destruir a subjetividade — uma vez que o trabalho seja desqualificado, desprovido de sentido, repetitivo e absurdo, como é possível se constatar no trabalho em linha de montagem, ou na *saisie* [tomada] de dados informáticos por parte de digitadores submetidos a cadências infernais²⁶.

Ao mergulharmos na lógica do ofício, percebemos que a despeito de todas as mudanças impostas pela modernidade — seja pelos novos tipos de tecidos, nos materiais, ferramentas e equipamentos, ou nas relações de trabalho com o mercado —, a atividade da alfaiataria se manteve muito preservada, tanto na forma de inserção de seu significado social, como nas dinâmicas de interação com a comunidade. Nesta interação entramos em contato com o conhecimento do trabalho artesanal tanto em seu significado histórico, mais

²⁶ Ver DÉJOURS, Christophe. Apud. CARDOSO, 2001, p. 93.

amplo, como nas particularidades das formas como operavam no cotidiano os mestres artesãos, nas suas relações com os aprendizes, com os clientes “com os poderes temporais e espirituais” (SAVIANI, 1998).

Nesta linha reflexiva lançamos algumas indagações, a saber: tomaríamos o *trabalho* como um conteúdo que pauta as elaborações das memórias do velho que viveu a sociedade do trabalho, notadamente a sociedade ocidental do século XX? Ou esta característica constitui-se uma marca de quem sobreviveu pelo trabalho artesanal, o trabalho feito com as mãos? Ou ainda, a marca de falar de si pelo viés do trabalho apareceria apenas nesta geração de idosos de nossa pesquisa, velhos, do gênero masculino, nascidos em famílias numerosas, que migraram do campo para a cidade e que entraram no ofício da alfaiataria como forma de sobrevivência e de contribuir para o sustento de suas famílias?

É preciso pensar também que ao eleger este ou aquele assunto para discorrer sobre suas vivências, o sujeito está selecionando o que considera válido e significativo para a consolidação de suas memórias. É a sua subjetividade que ordenará o que deve e o que não deve emergir nos relatos. O resultado deste processo de seleção são as memórias declarativas, ou seja, a memória que trata de pessoas, fatos, eventos, seqüências de fatos e eventos, de conceitos, de idéias etc. Logo, ao selecionar o que quer para suas memórias, o informante lembra certas coisas e esquece outras? Estas indagações nos guiam em direção ao que conceituados estudiosos da memória, nos mais variados campos do conhecimento, têm apresentado: o fenômeno do esquecimento. Por que esquecemos? Do que esquecemos? Por que elegemos certas lembranças e outras não? Para especialistas em fisiologia da memória, o fato de esquecer está ligado às perdas que se dão ao longo do nosso processo de envelhecimento – as perdas de sinapses²⁷ e de neurônios – que ao desaparecerem levam consigo cenas, momentos, quem sabe dias, enfim conteúdos de nossas existências que se vão, que se apagam e que se findam.

Abordando o fenômeno do esquecimento como uma arte, o médico Ivan Izquierdo diz que reprimimos certas memórias de nossas vidas quando a evocação destes eventos nos pune, com sentimentos insuportáveis, direta ou indiretamente, sendo a repressão portanto uma obliteração geralmente (embora nem sempre) voluntária de memórias ruins e

²⁷ Na Fisiologia, trata-se do ponto de contato entre neurônios, onde ocorre a transmissão de impulsos nervosos de uma célula para outra.

prejudiciais. Segundo o cientista, Freud já avaliava há mais de um século que as memórias tidas como indesejáveis poderiam ser excluídas da consciência, partindo do princípio que o ser humano dispõe de recursos para aplicar o que convencionou chamar de repressão das memórias prejudiciais. “Reprimimos as lembranças das dores, das torturas, das humilhações, das coisas terríveis ou penosas [...]” (IZQUIERDO, 2004, p. 101)

E assim, me conduzindo pelas sendas da memória e pela síntese que memória e esquecimento caminham juntos, ou muito próximos, reflito sobre a carga discursiva que o tema *trabalho* ocupa nas falas dos alfaiates. Se após uma longa jornada de vivência, um velho alfaiate consegue nos falar de sua vida trazendo para o tempo presente a atividade do trabalho como o centro de sua narrativa, pode-se concluir que no rol das memórias evocadas, a memória que trata de sua vida com o ofício não se caracteriza como uma memória ruim ou prejudicial?

A seguirmos o pensamento de Izquierdo além das configurações biológicas de nosso cérebro e seus vínculos com a produção de memória nossa estrutura seletiva de memória e esquecimento trabalharia também mediante a existência de uma ordenação, de filtros, que lhe pautasse o funcionamento do que deveria ser armazenado e de quais conteúdos poderiam ou deveriam ser esquecidos? É possível pensar que nossas subjetividades, repertórios de vida, aspectos psicológicos, itens que habitam a mais intacta estrutura da interioridade, possam escolher o que queremos preservar de nossas memórias?

Explicitamos a seguir um pouco mais de nosso entendimento sobre quatro indícios de percepções próprias da velhice, após a coleta, análise e interpretação dos dados provenientes das entrevistas com os velhos alfaiates:

- a) a autoimagem reconstruída
- b) aceitação de suas escolhas – acertos e erros
- c) sentimento de responsabilidade pela vida dele e de outros
- d) autopercepção nas dimensões existencial e social
- e) os objetos biográficos e sua importância para o velho

a) a autoimagem reconstruída

Nos primeiros contatos com os informantes observei que todos demonstravam estranhamento por meu interesse em torno de suas vidas e seu trabalho como alfaiate. Conforme já citado em trecho desta dissertação, os alfaiates me perguntavam “por que” do interesse desta pesquisadora em sua existência, vivida de forma tão ordinária, sem grandes fatos para serem contados, muito menos numa pesquisa científica. Com o passar do tempo, na medida em que foram sendo realizadas as entrevistas, começamos a notar uma mudança na forma de se posicionarem, de falarem de si. Os alfaiates, agora, procuram seus guardados, os objetos remanescentes da profissão, como ferros de passar roupa (à brasa), tesourões de alfaiates, dedal, máquinas e tantos outros itens. Contudo, quando perguntados sobre alguma fotografia alusiva ao ofício eram enfáticos: “Não tenho nenhuma”. Também não demonstravam interesse em apresentar qualquer registro fotográfico alusivo a outra etapa de suas vidas, como por exemplo, a família, ou episódios de qualquer natureza. Resolvi então respeitar a posição dos alfaiates e não insistir mais com pedidos de fotografias. Após a qualificação, com a orientação da banca examinadora, para retornar a campo e investigar sobre quais seriam as (possíveis) mensagens subjacentes aos relatos nos surpreendemos com uma nova disposição dos informantes, que agora, espontaneamente, ofereciam à pesquisa fotografias que mantinham em álbuns de família. Neste contato de retorno a campo levei para os informantes o resultado do texto construído para o exame de qualificação.

Apesar de entenderem que era um texto com linguagem acadêmica, tiveram interesse em folhear e tecer comentários observei semblantes de contentamento. Estas contribuições trouxeram uma reflexão em torno de que os informantes, ao perceberem que estavam trabalhando em parceria para a construção de uma pesquisa passaram a acrescentar novos dados, desta vez com fotografias. Neste aspecto entendemos que os informantes, no processo de construção do estudo, tiveram a oportunidade de reconstruir sua auto-imagem, ao mesmo tempo em que falavam de sua trajetória de vida profissional. Outra leitura que fiz deste momento da pesquisa está na direção de que os velhos alfaiates, a despeito de falarem do ofício, também sentiram a necessidade de se revelar por outros conteúdos existenciais,

os quais interpretamos aqui de uma forma sintética, mas que pode ser tomada como uma reflexão construída durante o fazer desta pesquisa.

Natalino Antonio Augusto, alfaiate e soldado constitucionalista

No primeiro contato exploratório desta pesquisa, o senhor Natalino vivia o impacto da perda de sua esposa, dona Zuleika Salin; sua narrativa apresentava com ênfase as lembranças do ofício, conjugando a narrativa do ofício ao curso da vida. No nosso segundo contato, a narrativa era de confirmação dos relatos anteriores, mostrando um certo contentamento com o que já havia sido informado. Quando retornamos, após o exame de qualificação e lhe apresentamos o relatório nos surpreendemos com um novo estado de espírito. Agora, ele espontaneamente foi buscar fotografias em seus guardados. Ao apresentar as fotografias, a ênfase por nós observada, estava na sua experiência vivida de uma outra representação social, agora como um soldado constitucionalista. Importante observar que esta articulação foi feita com muita serenidade, mas que se torna muito visível para o pesquisador, uma vez que a observação atenta permite captar o gestual, os silêncios, a comoção etc. Observações que vão desde a escolha que faz o informante para retirar de seu álbum determinada fotografia e com ela se demorar longos minutos, (falando dela e das lembranças suscitadas pela imagem), até as negações sobre a existência de fotografias alusivas ao ofício. O senhor Natalino disse – várias vezes – que tinha uma fotografia do tempo em que era alfaiate, “mas acho que apaguei da memória o lugar onde guardei”. De fato, Natalino encerrou a terceira entrevista sem encontrar esta fotografia. Enquanto isso, sua atenção estava, durante a entrevista, em mostrar e contar detalhes da revolução constitucionalista, da qual foi um voluntário e das medalhas que fazem parte das comemorações anuais sobre o evento histórico.

Por todos esses aspectos, uns muito evidentes, outros da ordem da subjetividade, entendemos que no desafio de uma síntese de identidade, o que Natalino Antonio Augusto nos transmitiu é que além de alfaiate, sua trajetória de vida tem marcas como a de um soldado voluntário, papel do qual muito se orgulha e quer associar a sua identidade como sujeito social.

Nelson Franco de Oliveira, alfaiate, soldado disciplinado e bom jogador de futebol

A narrativa do senhor Nelson nos chamou a atenção por vários aspectos. Eram entrevistas longas, transcrições longas e quando organizamos os gráficos visualizamos o reflexo desta profundidade, com uma faixa densa de *eventos de vida*, fazendo um corte incisivo nas narrativas sobre o *trabalho na vida adulta*. Depois de refletir, com vagar, sobre os gráficos e relatos do informante, passamos a entender que para Seo Nelson ter sido alfaiate representa um capítulo em meio aos demais que compuseram sua história. Surpreendemos-nos com a quantidade de fotografias que nos ofereceu (no terceiro contato) e pela forma como organizou as temáticas, agrupando fotografias com as seguintes categorias: da família, do futebol e do serviço militar. Estes fatos nos fizeram pensar sobre a possibilidade de o senhor Nelson ter feito de fato uma revisão de vida por força da participação na pesquisa. A ênfase maior da narrativa do senhor Nelson transmite sua identificação com o mérito da disciplina, e de como por ter sido sempre um menino, um jovem e um velho disciplinado, conseguiu superar obstáculos. Nelson Franco, alfaiate, soldado disciplinado e bom jogador de futebol.

Guerino Andrigo, alfaiate, o resiliente

As narrativas do senhor Guerino reúnem aspectos de um apurado senso de responsabilidade e cooperação, seja com os pais, os irmãos e depois na vida adulta com as dificuldades de saúde da filha (Sônia) e de outros parentes próximos, como a cunhada e o sogro. Consciente de que precisava carregar alguns fardos, que só a ele cabiam, Seo Guerino fez o melhor que pôde. Esses encontros se fazem sintetizados nas fotografias que apresenta para a pesquisa, evidenciando seu amor paternal e fiel à filha Sônia, perda muito dolorosa, ao sogro que ajudou a cuidar até a morte, aos cunhados. A resposta a eventuais incompreensões, ingratidões, insucessos é o desabafo, o perdão. O ofício de alfaiate tem lugar definido como a sua marca como profissional honesto, digno, com o qual conseguiu prover sua família e ajudar a outros quando possível.

Laerte Zago, alfaiate, fotógrafo e mensageiro

O alfaiate Laerte Zago é a confirmação para nós que a pesquisa reserva surpresas e que de fato as hipóteses existem para serem derrubadas, ou quando possível, confirmadas. O senhor Laerte nos surpreendeu ao dizer que desejava esquecer tudo que dissesse respeito ao ofício de alfaiate. Sofrimento, humilhação, oclusão social (o informante diz que o trabalho de alfaiate esconde o artista, quem aparece é quem veste a roupa), insatisfação profissional, frustração. Esta é uma síntese da leitura do relato deste informante, que de uma maneira paradoxal traz a relevância da temática *trabalho na vida adulta*, marcada pela negação, para ocupar o maior trecho de sua narrativa. Laerte Zago reivindica que sua identidade, além de alfaiate seja grafada como um fotógrafo e um mensageiro de cartas que dizem do amor, do otimismo. Interpretamos como uma forma clara de manifestar que desta maneira ele, sujeito, não está escondido atrás da máquina de costura, mas sim, é ele quem assina a autoria de suas fotografias e suas cartas.

José Jovanini, alfaiate, viúvo; o silêncio como marca do luto

O comedimento, a ponderação, o silêncio... Valendo-se sempre de poucas palavras Seo José manteve-se como informante deste estudo. Algumas poucas queixas sobre a não-valorização do ofício, o que não lhe permitiu adquirir a casa própria, situação sempre comentada por sua esposa (já falecida) e companheira da arte da costura, dona Lúcia, mas a certeza de que o ofício foi a melhor opção para sua vida. Assim educou seus três filhos, viveu com dignidade. Seu silêncio está contido principalmente pela dor da perda, da viuvez. Diante da morte, da perda, ele opta pelo silêncio.

A seguir apresentaremos uma amostra das principais escolhas de fotografias cedidas à pesquisa pelos alfaiates, as quais consideramos como parte da coleta de dados utilizados para análise das temáticas expostas mais adiante, neste *Capítulo 4*.

Reconstruindo a auto-imagem

Seo Natalino Antonio Augusto, alfaiate e soldado constitucionalista

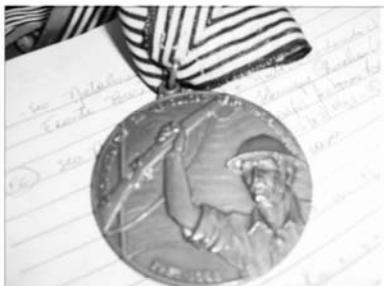


Seo Natalino, durante
A entrevista

FOTOGRAFIAS APRESENTADAS



1



2



3



4



5



6

Legendas: 1 – O senhor Natalino, em pé, (à esq.), com amigos soldados constitucionalistas; 2 – Medalha recebida em comemoração anual da Revolução de 1932; 3 – primeira medalha de honra ao mérito, recebida na escola, das mãos do bispo; 4 – Medalha recebida em comemoração anual da Revolução de 1932; 5 – O casamento com dona Zuleika Salin; Natalino, o segundo (à esq.) com os irmãos.

Reconstruindo a auto-imagem

Seo Nelson Franco de Oliveira alfaiate, soldado disciplinado e bom jogador de futebol



Seo Nelson durante a entrevista.

FOTOGRAFIAS APRESENTADAS



1



2



3



4



5

Diante de tantas fotografias oferecidas pelo senhor Nelson Franco de Oliveira, deixamos agrupadas a série Exército e a série Futebol, respectivamente, figuras 1 e 2; a fotografia 3 é a primeira comunhão de Seo Nelson; 4 – Seo Nelson e os irmãos Zequinha e Arlindo; na fotografia 5, a esposa, dona Maria.

Reconstruindo a auto-imagem

Seo Guerino Andriago, alfaiate e bom homem,
o que se resignou pelas amarguras, prejuízos e incompreensões.



Seo Guerino, durante a entrevista,
confere detalhes de seu relato

FOTOGRAFIAS APRESENTADAS



1



2



3



4



5

1 – O casamento do senhor Guerino com dona Lourdes; 2 – a filha Sônia, quando criança; 3 – a filha Sônia, quando jovem. Ele demonstra ter sofrido muito com o adoecimento da filha, uma de suas grandes perdas; 4 – A identidade do sogro (Flausino Ferreira); 5 – os cunhados, muito comentados nos relatos.

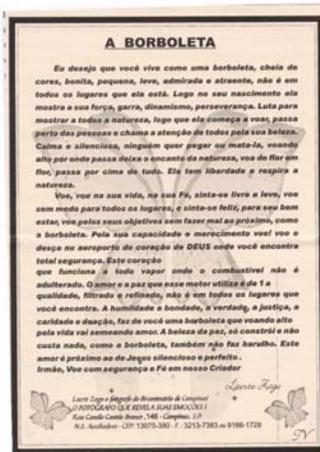
Reconstruindo a auto-imagem

Seo Laerte Zago, alfaiate e fotógrafo; mensageiro de cartas de auto-ajuda para milhares de anônimos



Seo Laerte, durante a entrevista

FOTOGRAFIAS APRESENTADAS



1 – Retrato entregue como sendo a imagem preferida para uso na pesquisa; 2 – o cartão de visita do fotógrafo profissional; 3 – casa que fotografou em Hortolândia (SP); 4 – a mensagem “A Borboleta”, dedicada à pesquisadora. Seo Laerte costuma associar o nome da pessoa a um animal e distribui mensagens de valorização e otimismo; 5 – o desenho da árvore, criado quando foi hospitalizado para uma cirurgia renal. O desenho traz uma dinâmica de leitura otimista.

Reconstruindo a auto-imagem

Seo José Jovanini, alfaiate, viúvo; o que carrega o silêncio, como marca do luto.



Seo José examina o texto da qualificação.

FOTOGRAFIAS APRESENTADAS



1

1 – Fotografia em que o senhor José (à esq.) está ao lado de dona Lúcia, quando da conclusão do curso de costureira que ela fez. Ao lado de dona Lúcia, os pais dela e a irmã.

b) aceitação de suas escolhas – acertos e erros

Ao narrarem suas histórias de vida, os velhos alfaiates evocam temáticas que transportam a valorização (ou não) de suas trajetórias. O que observamos é que mesmo diante de um assunto que não lhe traz valorização, a forma como narram certos episódios, em que não tiveram um bom desempenho na vida, seja no plano pessoal, afetivo ou profissional costumam fazê-lo dentro de um estado de espírito de tranquilidade, sem demonstrarem reações como: vergonha de si ou do ouvinte (o pesquisador), autocobrança e ressentimentos.

c) sentimento de responsabilidade pela vida dele e de outros

Os informantes desta rede são homens velhos e aposentados. Uns apresentam perda de funcionalidade por decorrência de adoecimentos, porém demonstram a percepção que querem ser úteis à família, revelando para tanto atitudes e modos de vida neste sentido. Dentre os informantes temos: avós que ajudam a cuidar dos netos diariamente, marido que é o cuidador da esposa (que enfrenta perda de autonomia e funcionalidade); cuidam de suas casas, desempenham tarefas de vida doméstica e há velhos que desenvolvem atitudes completamente atípicas como o caso do senhor Laerte Zago, que rotineiramente escreve para centenas de pessoas anônimas, postando milhares de cartas por mês com mensagens de entusiasmo e otimismo.

d) autopercepção nas dimensões existencial e social

A rememoração dos alfaiates traz componentes fortes de que, frente a uma oportunidade de ressignificação, ou seja, diante de quem se coloque para escutar-lhes, os velhos sabem arremeter seus recursos cognitivos e afetivos atestando suas percepções e revelando-se como protagonistas de suas trajetórias. Eles deixam claro que na condição de sujeitos sociais agiram com a firmeza de quem tinha o leme à mão. Assim, nos contam de suas participações ativas na sociedade, seja em relação ao passado rememorado, seja posto em referência ao tempo presente. O curso narrativo das entrevistas e a análise das

transcrições apontam diversos momentos em que os informantes demonstram uma notável capacidade de análise, comparação e criticidade sobre o tempo histórico. Mais do que uma narrativa sobre a vida, os relatos dos alfaiates dizem sobre como viveram, de quais valores comungaram – ou estranharam – e intensamente, seja entrecortado entre pausas, momentos, episódios, cenas, epílogos... O resultado da vida lembrada que nos oferecem estes velhos profissionais manuais é demarcado pela face da sociedade na qual se inserem e foram inseridos.

Neste aspecto, por apontar uma análise que, à primeira vista parece essencialmente amparada na subjetividade do pesquisador, faz-se necessário explicitar a metodologia desta pesquisa e a forma como desenvolvemos a leitura e a interpretação dos conteúdos das transcrições, trabalho que estruturamos a partir do mapeamento de temáticas do discurso dos velhos alfaiates.

d) os objetos biográficos e sua importância para o velho

Em nosso cotidiano é muito comum ouvir comentários – nocivos e não menos preconceituosos – acerca do gosto, ou da “mania” que os velhos mantêm por seus objetos pessoais. Não por acaso, na mesma sociedade, tem-se a associação de mobília antiga, objetos ou roupas velhas a expressões como velharias, tralhas e sua imediata sintetização a algo não menos duro como: “isso é coisa de velho”. Contudo, mesmo no mundo da globalização e sua lógica do rápido, do descartável, da vida útil, os objetos pessoais – ou objetos biográficos – vêm chamando a atenção para uma significativa carga simbólica que transferem à vida das pessoas. Para Ecléa Bosi é exatamente a preconização do movimento intenso, uma das marcas da vida moderna, que vai realçar para o velho a importância de certos objetos:

Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a quietude, a disposição tácita mas expressiva. Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. (1994, p. 441)

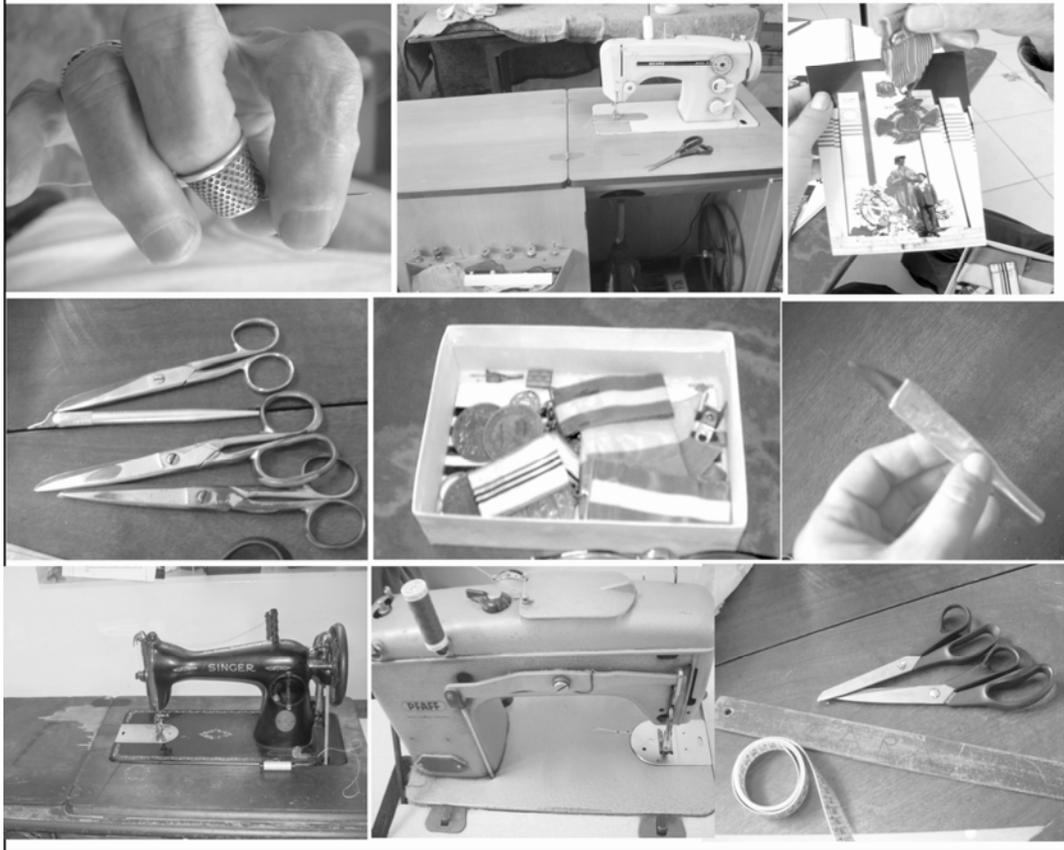
Durante a pesquisa com os alfaiates esta demonstração de convivência e deferência deles com alguns objetos pessoais, principalmente com ferramentas ou acessórios ligados à atividade da alfaiataria foi muito marcante. São dedais, agulhas, tesourões, fitas métricas, régua, máquinas de costura, moldes, relíquias que estão quietas a ocupar um canto especial em suas casas. Estes objetos, quando postos ao lado de questões íntimas do envelhecer “falam”, agem como testemunhos de uma história – de um homem, ou de muitos, de uma sociedade e seu tempo, seu modo de organizar-se, de transformar, de instituir o trabalho e o sentido dele para o homem. Todos os cinco alfaiates da rede de informantes nos apresentaram objetos biográficos que guardam consigo mesmo após longos anos de afastamento do ofício.

Ao nos mostrarem esses objetos, costumavam fazê-lo com certo ar de humildade, quase uma espécie de timidez, mas que se diluía serenamente na medida em que começavam a falar sobre o que cada um desses instrumentos representava. Se fosse o dedal, lá vinham as lembranças do dedo amarrado, de como o homem utiliza o dedal e a diferença entre o seu uso pelo alfaiate e pela costureira. E assim, por meio dos seus velhos objetos os alfaiates trouxeram ao presente a confirmação de sua identidade, da configuração de sua profissão, seus meandros, suas técnicas. Procurei dar o valor devido à apresentação dos objetos biográficos dos alfaiates, efetuando o registro fotográfico e registrando atentamente os comentários, suas descrições e finalidades, o que agregou ao estudo novos elementos para a compreensão deste ofício e desta geração de informantes numa perspectiva do envelhecimento.

Muito embora as fotografias sejam também recursos biográficos, neste estudo procuramos dá-las um lugar diferenciado, destinando-as a se constituírem um recurso de manifestação da identidade, por isso, aparecem organizadas em separado no item anterior, denominado *reconstrução da auto-imagem*. Esta decisão se deu por conta da leitura que fizemos do momento em que as fotografias foram apresentadas pelos alfaiates, quando apresentei-lhes o resultado do relatório de qualificação, momento em que manifestaram a iniciativa de abrir os seus álbuns e registros fotográficos guardados, num exercício claro de complementar e inferir na composição de sua identidade.

A seguir registramos uma prancha com alguns dos objetos biográficos apresentados à pesquisa pelos alfaiates no processo de rememoração de seu ofício [Fig.46].

PRANCHA COM OBJETOS BIOGRÁFICOS PERTENCENTES AO OFÍCIO



[Fig.46] **Acima**, da esq. p/ dir: o dedal de alfaiate e a máquina de costura do senhor Guerino Andrigo e a medalha de soldado constitucionalista do senhor Natalino Antonio Augusto; **na segunda série**: o conjunto de tesouras do senhor José Jovanini, a caixa de medalhas do senhor Natalino e um desmanchador de costura do senhor José Jovanini; **na terceira série**: a máquina de costura do Senhor Laerte Zago e a máquina de costura e as tesouras, régua e fita métrica do Senhor José Jovanini.

4.1 A temática dos relatos

Ao dissertar sobre o caráter dos velhos em sua clássica “Arte Retórica e Arte Poética”, Aristóteles apregoava que os velhos “vivem de recordações mais do que de esperanças, porque o que lhes resta de vida é pouca coisa em comparação do muito que viveram”. Muito embora saibamos que, do ponto de vista biológico, por esta inspiração do filósofo grego e por diversos estudos desenvolvidos sobre os diferentes tipos de memória, é natural que o velho detenha uma competência notável para rememorar o tempo passado. Numa perspectiva da Psicologia, segundo estudos de Anita Neri, estas peculiaridades da memória do velho fazem parte de uma estrutura complexa que combina fatores biológicos, psicológicos e sociais.

A Psicologia oferece explicações para a alta competência dos idosos em narrativas que versam sobre a experiência passada. Uma hipótese é que essas ações seriam estratégias compensatórias em relação a alterações na capacidade de realizar novas aprendizagens, lembrar de informações recentemente adquiridas e realizar tarefas concorrentes ou simultâneas. O principal motivo da ocorrência de narrativas ricas em detalhes seria motivacional, ou seja, alguns idosos se envolveriam com elas para se manterem ativos e instrumentais, para evitar senso de inferioridade ou de incompetência, para buscar prazer, para evitar depressão e para buscar informação. Outros o fariam para melhorar a sua imagem social do que ser relegado a segundo plano por causa das dificuldades de funcionar na vida cotidiana. (NERI, 2007, p.8, no prelo)

Com o propósito de identificar especificidades das memórias destes velhos alfaiates debrucei-me sobre os seus relatos no intuito de observar e analisar seus aspectos estruturais e suas peculiaridades. Não recorri a nenhum estudo de análise do discurso, mas tentei ser fiel ao propósito de interpretação e compreensão dos relatos, numa perspectiva do envelhecimento. Procurei entender como os informantes organizavam suas narrativas, o ir e vir das temáticas no transcurso da fala, os temas mais abordados, os menos lembrados, os temas provocam e evidenciam subjetividades e “sentimentos”. Neste sentido, dei confiança aos lugares (cidades e paisagens) que emergiam nas narrativas e obviamente perscrutei a intensidade e o ritmo com que o tema do ofício aparece e se mantém no curso narrativo.

Seguindo estas orientações observamos, por exemplo, que a maioria dos informantes, viveu a infância no espaço rural, tendo feito a transposição do rural para urbano e a partir da migração, o componente do ofício aflora como temática que guiará o curso de vida. Como são estes lugares, o que eles representam, como um homem velho trata das memórias do espaço em que viveu sua vida produtiva e adulta?

4.2. A unissonância entre vida e trabalho

Tomando como base a intrínseca relação entre o mundo dos velhos e o mundo da memória, ou mais claramente como se referiu Bobbio, “o mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória” (1997, p. 30), ao analisarmos os relatos de vida dos velhos alfaiates – que constroem conosco esta pesquisa – dentre as diversas temáticas percebidas, a ênfase entre *vida e trabalho* se mostrou muito presente e viva na fluência narrativa dos discursos. Tal observação despertou interesse mais acurado na análise dos relatos, não apenas porque os informantes desatam o fio de suas narrativas pelo tempo da infância e pelo fato que começaram a trabalhar quando eram meninos, mas, sobretudo porque a cadência da narrativa, passando pela vida adulta e produtiva, até chegar às suas velhices é ritmada pelo conteúdo do *trabalho* (vida laborativa). Nesta pesquisa a palavra *trabalho* recebe uma leitura que a reveste de uma dimensão maior, um conteúdo existencial e social. Outros estudos, como o desenvolvido por Ecléa Bosi, com trabalhadores manuais, também deixaram a ver que a memória do trabalho costuma ser recorrente nas narrativas com pessoas idosas.

Entender um pouco mais acerca da ligação do velho à memória do trabalho e à característica de falar de si recorrendo aos referenciais de sua vida produtiva, às configurações sociais que representou na esfera do social, do viver em grupo, pede uma leitura sobre o contexto vivido por estas pessoas. Neste aspecto, o pensamento marxista – o homem como ser social é um produto do meio – responde à demanda de que para entendermos o homem é indispensável que saibamos ler o mundo no qual ele vive. Nesta pesquisa, além de trabalharmos com homens velhos, lidamos com pessoas que viveram uma época histórica marcada pela prevalência do trabalho e de uma lógica em que as inter-relações do homem se vinculavam a uma subjetiva, mas latente ordem: a ordem do que é produtivo, do que é útil para a sociedade.

“O trabalho é nosso fato social total. Ele estrutura não somente nossa relação social fundamental. Ele é, sobretudo, o centro de nossa visão de mundo depois do século XVII. Trata-se de uma categoria construída que nasce de uma situação sócio-política particular”. (MEDA, 1995, p.26 *Apud.* NARDI, 2006, p. 31)

Com efeito, do homem do século XX esperava-se trabalho, produção, ritmo, aceleração, impulso, abertura e disposição para o novo, para o *porvir*. Um outro aspecto que julgamos importante sublinhar nesta breve contextualização sócio-histórica é a carga de contradição que vai permear o universo do mundo do trabalho dos alfaiates desta pesquisa, uma vez que no campo do pragmatismo tratam-se de profissionais que sobreviveram do trabalho feito com as mãos, o que implica reconhecer que são remanescentes de um saber de tradição medieval. E é esta herança do ofício (e de toda a carga de significados que lhe é própria) que aparecerá dialogando com uma ordem social em que as relações de trabalho assumem a forma contratual, que gera o “emprego” e por conseguinte instala a integração por excelência da sociedade salarial, onde o trabalho manual terá pouco ou quase nenhuma visibilidade.

Pesquisadores franceses, como Delamotte (2002), ao discutir criação e trabalho recuperam o pensamento de oposição existente entre trabalho criativo e trabalho taylorizado:

Esses dois tipos constituem as extremidades de uma escala de classificação das atividades e profissões, do mais prestigiado ao menos valorizado. É dessa forma que Hannah Arendt, por exemplo, efetua uma separação entre o trabalho, a ação e a obra e o operário surge como o *homofaber* por excelência, isto é, aquele que transforma diretamente a natureza por meio do seu trabalho. (DELAMOTTE, 2002, p. 98)

Este autor argumenta ainda que a criação está carregada de sentido na medida em está diretamente vinculada à atividade. Então, a ação pessoal na forma do trabalho artesanal passa a ser altamente valorizada, enquanto no mundo industrial a regra é a divisão e a fracionalização do trabalho, o que não significa também imaginar que o valor do ofício, assim posto, em contraposição ao trabalho industrial, seja uma realidade clara para os informantes desta pesquisa. Esta percepção, a da valorização do ofício, não é captada na avaliação que fazemos dos relatos de nossos informantes. Principalmente se considerarmos as reações dos informantes logo no início do estudo, nos primeiros contatos. Os alfaiates, principalmente nos primeiros contatos com a pesquisadora e o teor deste estudo revelavam-se surpresos pelo interesse manifesto. Era comum, a pergunta: – Mas por que a senhora (dirigindo-se à pesquisadora) quer saber sobre isso? Com o passar do tempo, como se

tivessem se acostumado a falar de sua profissão os informantes ganharam desenvoltura, foram tornando-se verdadeiros participantes e por que não dizer co-autores deste estudo.

Queremos crer que o estranhamento manifestado pelos informantes reserva um pouco da velocidade com que as coisas se modificaram no século XX. O âmago deste mundo, no qual viveram os sujeitos desta pesquisa, foi matizado também pela premência da transformação, do pós-guerra, da mudança do campo para o mundo urbano, da industrialização, da competição. Cremos que a somatória destas características peculiares ao século XX nos fornece recursos para refletir sobre o modelo de narrar adotado pelo velho alfaiate, o qual ao ser convidado a falar de si, responde com um discurso de unicidade, em que trabalho e vida caminham juntos, pela infância, na vida adulta, nos eventos de vida, seja no nascimento, no casamento, na conquista, na perda, ou no luto, na morte.

Retomando a questão da estrutura narrativa dos informantes, consideramos válido lembrar que na formulação de nosso roteiro de entrevista²⁸ optamos por questões abertas, que serviriam mais como ponto de apoio e norteamento da conversação do que como inflexões fechadas de um questionário. Não obstante o informante ter recebido previamente todo o esclarecimento necessário sobre a intencionalidade da pesquisa, ou seja, eles sabiam que se tratava de um estudo a respeito do ofício de alfaiate nas suas vidas, ao iniciar a entrevista a fala do pesquisador era posta no sentido de “Então, conte-me sobre sua vida” e não “Fale-me sobre o ofício de alfaiate na sua vida”. A partir desta questão, ampla, o informante organizava, a seu modo, a narrativa. Ao transcrevermos as entrevistas e nos debruçarmos na interpretação dos dados, passamos a enxergar com maior clareza o relevo dado pelos informantes à conjugação entre vida e trabalho, o que pode ser desdobrado também pelo viés: os alfaiates falam de suas vidas apoiando-se no *trabalho*, como um conteúdo existencial e social.

A atenção dispensada neste estudo ao aspecto da unissonância entre vida e trabalho, evidenciado na estrutura narrativa destes velhos profissionais do trabalho manual nos motivou ainda a pensar que seja possível existir uma intencionalidade – mesmo que subjetiva – dos informantes, homens velhos, na direção de, mediante o ato da entrevista,

²⁸ O roteiro de entrevistas está detalhado em Anexos, neste trabalho. Diz respeito a um recurso utilizado pela pesquisadora para auxiliar-lhe na orientação da entrevista, trazendo Questões Objetivas e Diretas norteadoras da entrevista.

encontrarem estímulos e razões para construírem (ou ressignificarem) uma identidade própria, uma identidade de velhos alfaiates, alicerçada pela carga de significados da profissão de alfaiate e da natureza própria da identidade do velho. Na busca por responder ou compreender melhor a forma como os velhos alfaiates organizaram suas memórias na narrativa passamos a refletir sobre como poderíamos interpretar os dados coletados, etapa que descrevemos a seguir.

4.3 Interpretação dos Dados Coletados

A leitura das transcrições tomou certo tempo desta pesquisa. No primeiro contato de leitura a sensação que apreendemos foi de uma porção de lembranças sobre um tempo recuado, misturadas a eventos de vida, com pinceladas aqui e acolá sobre o ofício de alfaiate. Ler e reler fazia parte do desafio. Passamos a anotar alguns pontos de tensão ou pouco claros na narrativa. Uns falavam mais, outros eram mais contidos. Após várias leituras, em tempos diferentes, começamos a identificar, numa primeira síntese, alguns eixos estruturadores da narrativa, em que se manifestam elementos como: uma lógica cronológica, o trabalho na infância e na vida adulta, os eventos de vida e uma característica não tão intensa, mas nem por isso não significativa, as citações de ruas, avenidas, locais, lugares em que se deram os acontecimentos, ou simplesmente referências espaciais utilizadas como apoio para as narrativas. Algo que parece fazer parte de um suporte para associar, agrupar e dar eficácia às narrativas e que aqui identificamos como cenários e paisagens. A seguir dissertamos um pouco mais sobre cada um destes elementos das narrativas dos alfaiates:

a) lógica cronológica – à primeira vista, os depoimentos dos alfaiates se organizam pela forma de um relato seguindo um modelo cronológico, ou seja, a fala é construída a partir da passagem do tempo. Assim, ao iniciarem seus relatos os informantes nos conduzem a entrar numa espiral do tempo, com início na sua infância e a partir dela, prosseguir numa narrativa linear entre tempo (idade cronológica), trabalho, eventos de vida.

b) o trabalho na infância – Examinando os relatos, nos chama atenção o grau com que o trabalho infantil esteve fortemente impregnado ao modo de vida daqueles meninos, que viveram sua infância nas primeiras décadas do século XX, assumindo desde cedo um vínculo muito estreito com a responsabilidade e a rotina do trabalho. São unânimes as declarações de que o trabalho na infância esteve presente na vida dos informantes. Assim, são comuns as citações como: *“Com 8 anos eu morava no sítio...”* E a partir daí, desta pista, deste marco, o discurso se desenvolve e empresta novos contornos, volumes, motivos e cadência para a narrativa. O registro destas lembranças é feito com um sentimento de total aceitação sobre o fato, ou seja, os alfaiates demonstram que para a educação, o trabalhar na tenra idade faz bem e é importante na edificação da personalidade, do caráter e na

construção de um senso cidadão. Eles evidenciam com orgulho suas vivências como engraxates, leiteiros, ajudantes dos pais na roça, entregadores de encomendas, aprendizes de alfaiataria e ajudantes em casas de família. É decorrência desta origem humilde que o ofício vai entrar em suas vidas como um alento, uma possibilidade de adquirirem uma profissão para viverem nas cidades e sobretudo, como uma alternativa de sobrevivência. Apresentamos a seguir alguns trechos representativos das narrativas em torno do trabalho na infância:

Relato Guerino Andrigo:

Nós morávamos no sítio quando eu comecei a aprender ofício. Se eu falar pra você... Hoje pra andar um quarteirão eu pego ônibus, eu saía cinco..., levantava cinco horas da manhã no sítio, tinha que andar correndo, correndo, pra chegar lá pras sete horas na alfaiataria. Você faz a conta, eu corria mais de uma hora e meia, porque eu tinha que atravessar fazenda, cafezal e tudo pra chegar na cidade, pra eu chegar, ele (o dono da alfaiataria) dizia sete horas, porque eu que tinha que abrir a sapataria, tinha que limpar...

Relato Nelson Franco:

“(...) Quando chegou nos meus 10 anos eu já comecei a trabalhar. Várias coisas eu fazia.(...) (...) Isso aí era aos 10 anos. Então eu saía...Todo dia eu ia na casa da mãe dele que morava na Rua Silva Teles, aqui no Cambuí, pra ajudar a fazer algum doce pra mim levar na casa deles. Eu arrumava a cozinha lá, pra comer (gestos), pra comer, pra almoçar. Arrumava cozinha, moleque com 10 anos. Mas depois, daí eu já sai e fui trabalhar na leiteria, entregando os leites de madrugada.

Relato Seo José Jovanini:

Acordava às 5 horas da manhã. Era o responsável por tirar o leite das vacas e ajudar a mãe em algumas tarefas. Mesmo assim, conseguia brincar um pouco. De pé no chão, correndo pra lá e pra cá pelo meio do mato. Às 7 horas, eu e a Bertina (a irmã) rumavam para a escola. Caminhavam 5 quilômetros para chegar lá. Quando saíam da escola, trocavam de roupa no rancho mesmo e iam diretamente para a lida com o pai. E aí, era o trabalho na lavoura de algodão até anoitecer.

b) o *trabalho na vida adulta* – no que diz respeito à intensidade dos argumentos de memória, observamos que, nas narrativas, o trabalho na vida adulta aparece com notória intensidade. Talvez o item *trabalho na vida adulta* se faça tão presente na narrativa dos alfaiates pela característica de o discurso fluir estruturado por uma ordem cronológica, o que implica na sua convergência para a maior parte da vida produtiva, ou seja, além de começarem a trabalhar muito cedo, soma-se o fato de que as pessoas passam a maior parte de suas vidas na atividade plena do trabalho, da vida produtiva.

c) os *eventos de vida*²⁹ – além de falar da infância, do trabalho infância e na vida adulta, os alfaiates constroem a narrativa entremeando citações sobre fatos que marcaram suas trajetórias como o casamento, o nascimento dos filhos, a primeira comunhão, a morte de um filho, a mudança de emprego, a viuvez e outros. Como um roteiro linear de um filme, os alfaiates tecem suas histórias de vida servindo-se de uma narrativa que conjuga harmoniosamente o sujeito a um tempo, o sujeito ao seu papel, sua identidade social, aos fatos e às relações com pessoas e lugares e a afetividade (ou simplesmente a condição humana) diante de acontecimentos alegres, positivos ou negativos.

d) *paisagens e cenários* – quando nos debruçamos nas transcrições observamos que no curso das narrativas, aqui acolá surgiam umas emendas, o tipo de uns adendos, referências que não eram totalmente imprescindíveis na compreensão de um trecho narrativo, mas que estavam ali, presentes. São referências a lugares, ruas, avenidas, de como eram certos espaços da cidade, mas que necessariamente não diziam respeito ao eixo principal da fala. Ao ler e reler as transcrições, essas observações tornaram-se mais evidentes. Passamos a considerá-las como um elemento que deveria ser registrado na análise, não somente por se constituir uma contribuição para eventuais leituras sobre as transformações que se dão nas cidades, mas por fazerem parte de um estudo interessado no ato de rememoração de pessoas velhas.

²⁹ Segundo Neri e Fortes (“Eventos de vida e envelhecimento humano” In: *Velhice Bem-Sucedida: Aspectos Afetivos e Cognitivos*, Campinas: Papirus, 2004), o conceito de evento de vida nos estudos de envelhecimento humano é fundamentado por construções teóricas que o definem como sendo importante fonte de influência para o desenvolvimento humano durante todo o curso da vida. Podendo ser esperados, como o caso da menarca (para as mulheres), a aposentadoria, ou inesperados como: acidentes, perda de emprego etc.

4.4 Vocação: outras considerações sobre a leitura dos relatos

Em busca de algum vestígio sobre eventuais marcas da existência de vocação – nos moldes de como este termo, comumente é entendido, ou seja, as pessoas nascem com uma inclinação por uma determinada ocupação profissional – não encontramos em nenhum dos relatos dos cinco alfaiates entrevistados esta situação. Estudos no campo da Psicologia Aplicada à Educação já evidenciaram que no processo de escolha de uma ocupação há diversos fatores a influenciar uma pessoa a se sentir inclinada a esta ou aquela atividade profissional, sendo que a influência do ambiente no qual está imerso o sujeito é considerada um dos itens capitais no rol destes fatores.

“Pode se dizer que a vocação se adquire:

1. desde quando você foi criança até os anos atuais de sua juventude;
2. num processo longo, contínuo, que se vai estruturando com o tempo;
3. por influência do ambiente ou dos ambientes em que você viveu e dos quais participa;
4. por injeções, mensagem de seus pais;
5. por identificação com modelos profissionais de pessoas que você admirou ou admira e de pessoas que você rejeitou; (MINICUCCI, 1979, p. 13)

Conforme explicitado no item anterior, a entrada do ofício na vida dos meninos alfaiates esteve mais ligada a um conjunto de aspirações em prol de empreender uma mudança de vida, que significasse migrar do campo para a cidade e na lógica do urbano pudessem dispor de uma identidade e uma ferramenta que lhes garantisse o sustento. É aqui que entra a “escolha” do ofício, ou a aceitação do ofício como estratégia de inserção e manutenção na lógica da cidade, em harmonia com os valores da sociedade produtiva.

A vocação, ou a presença da transmissão do ofício, como uma profissão de família, não são fatores evidenciados nas configurações da vida profissional dos informantes deste estudo. Dos cinco informantes apenas um cita que teve um tio alfaiate, o Seo José Jovanini e que este fato o aproximou da profissão. Invariavelmente os informantes ingressaram na alfaiataria pela condição de aprendizes e como tal estiveram sujeitos a situações de trabalho extremamente adversas e precárias.

Na maioria dos relatos o que se destaca no encontro do menino com o ofício são a casualidade ou a mãe (migrante do campo) que procura acomodar a família na cidade, arranjando uma oportunidade para os filhos adquirirem um ofício. Na entrevista de Seo Natalino Antonio Augusto, por exemplo, filho de colonos descendentes de italianos que trabalharam em fazendas de Campinas e região, a vinda da família para Campinas demandava algumas providências, sendo uma das mais importantes (além de economizar para comprar a casa própria), encaminhar os filhos para os ofícios.

Seo Natalino: *Com onze anos, doze anos, fui aprender ofício. Então eu não sabia nem o que era alfaiate, mas minha mãe saiu, conversou com um alfaiate, ela ali na Regente Feijó e eu fiquei e ela me arrumou lá pra mim trabalhar lá, aprender ofício. E assim eu aprendi ofício de alfaiate.*

Naquele tempo, década de 1930, relata o senhor Natalino, o ofício de alfaiate era considerado pela sociedade como uma boa ocupação, enquanto que o trabalho na construção civil (ramo em que o pai, então agricultor, veio a se dedicar na cidade) era tido como um serviço pesado e destinado a pessoas sem qualificação profissional.

A possibilidade de sair da roça foi a principal motivação do senhor José Jovanini para abraçar o ofício de alfaiate apresentado como possibilidade de ocupação por um tio. Muito semelhante ao caso do senhor José é o relato de Guerino Andrigo, também filho de lavradores, descendentes de italianos e moradores em fazendas na região de São José do Rio Preto (SP). Vir para a cidade (em Neves Paulista/SP) e trabalhar no ofício se mostrava como possibilidade de uma vida melhor, contudo, entre uma safra e outra, o senhor Guerino, mesmo já atuando como alfaiate, ainda se deslocava da cidade para “o mato” para auxiliar a família na lida das lavouras de café, arroz, feijão etc:

Seo Guerino “(...) É... Na lavoura, roçar mato... essas coisas, ajudar... Minha mão... era de alfaiate e era toda calejada (risos)... pegar foice, essas coisas... (...)”

4.5 Como representar a síntese

Por termos identificado, como resultado das diversas leituras das transcrições, uma intensidade e recorrência de temáticas e que essa lógica poderia ser percebida e estava presente no repertório narrativo dos velhos alfaiates, procuramos pensar como representar esta síntese, de uma forma que pudesse ser objetiva e que ao mesmo tempo conjugasse visualmente a percepção de todos estes caminhos do curso narrativo. Ao observarmos as entrevistas, na forma bruta da transcrição, percebemos que cada informante havia contribuído com um relato singular, por seu repertório de vida, suas origens, percepções de mundo, enfim, por sua trajetória. Todavia, esta abundância de temáticas logo nos fez perceber que apesar de trazerem histórias de vida com suas marcas de individualidade, os velhos alfaiates também davam pistas de que havia certa similaridade no temário de suas narrativas. Exemplificando: os cinco informantes se queixaram de não terem organizado a contento a questão de sua aposentadoria. Os mais velhos justificavam o fato dizendo da ausência de uma estrutura previdenciária para trabalhadores autônomos no Brasil na primeira metade do século XX. Os demais informantes citavam problemas ligados à falta de informação sobre como contribuir para a Previdência, quando não eram trabalhadores tipicamente formais, ou ainda, questões ligadas à precarização das alfaiatarias, pois era comum trabalharem por produção, ou seja, por peça produzida, ou trabalharem informalmente em suas casas.

Foi com esta percepção que identificamos fatos como: a maioria dos alfaiates da rede de informantes eram descendentes diretos ou indiretos de imigrantes italianos; suas origens estavam ligadas à vida no campo, mais precisamente pertenciam a famílias pobres, vivendo como lavradores em grandes fazendas do interior de São Paulo e que em determinado momento – com o ideário de uma vida urbana - resolveram sair do campo e se fixarem na cidade. E no que diz respeito à vida laborativa, todos tiveram a experiência de trabalhar quando meninos.

A análise amíúde destes relatos nos fez pensar que as memórias dos velhos alfaiates denunciavam um modo de viver, de pensar e de agir muito singular, o que reforçou para nós a teoria social com base nas *coortes*, citadas nos estudos de envelhecimento. Então, guiada por esta ordenação peculiar das memórias dos informantes, procurei pensar como

representar estas percepções sobre as narrativas, de forma que pudesse compartilhar uma leitura com maior grau de objetividade.

Primeiramente, organizamos o sumário, o que foi feito a partir da leitura linear das entrevistas, seguindo *pari passu* a narrativa do informante, acrescentando ponto-e-vírgula para sinalizar a mudança de um assunto para outro.

No exemplo a seguir traçamos este paralelo entre a leitura da entrevista transcrita e a organização do sumário, utilizando-se um fragmento da narrativa do informante Nelson Franco de Oliveira:

Trecho da entrevista transcrita

Como eu contei naquele dia né? Falei da minha infância né? Como foi minha vida né?...Quando nós, quatro irmãos, menores, o mais velho tinha 10 anos, outro 8, eu 6 e outro 4...então, todos meninos né? Então foi difícil para nós, tanto pra minha mãe como para nós, moleque. Não tinha recurso nenhum né, naquele tempo não existia o que existe hoje, a aposentadoria né?

Trecho correspondente do sumário

A infância, com os quatro irmãos (menores que ele); a situação difícil para a mãe, viúva, manter a família; análise entre passado e presente e a constatação de que na sua infância o trabalhador não tinha direito à aposentadoria;

Nas páginas que se seguem apresentarei os cinco sumários, organizados dos informantes, compostos a partir da transcrição, por ordem individual e de forma seqüencial, demarcando o discurso pela cadência dos assuntos narrados durante a entrevista. Após a apresentação dos cinco sumários, tratarei da utilização dos sumários como sínteses para a demarcação gráfica das temáticas identificadas.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA – SEO NATALINO ANTONIO AUGUSTO

Entrevista realizada em 2005

Vida na fazenda e vindas semanalmente a Campinas para vender a produção própria, como víveres, palha para cigarro e outros gêneros; citação de ruas como a Rua Barão de Jaguará para onde a família iria se mudar; lembrança da mãe e de como era econômica; lembrança de como o tio Vitório Chinallia orientou a mãe a comprar a casa na cidade de Campinas, a partir da compra de libras esterlinas; o casamento com dona Zuleika Salin aos 26 anos; citação de como era pequena a casa da família de dona Zuleika; citação de que o pai era lavrador e na cidade foi trabalhar na construção civil; citação sobre os irmãos que não puderam estudar e da participação de um tio que os alfabetizou; citação de ter cursado uma escola mista na Fazenda Samambaia com a professora dona Amália de Arruda Legendre; memória de ter estudado no Externato São José, no noturno e ter recebido uma medalha de honra ao mérito, que guarda até hoje: lembranças de colégios da época como Colégio Ateneu Paulista, O Diocesano e o Culto à Ciência; citação sobre o encontro com ofício de alfaiate aos 11, 12 anos; citação de alfaiate na Rua Regente Feijó onde aprendeu o ofício; lembrança que um trecho da Rua Barão de Jaguará passou a se chamar Oscar Leite; citação de ter trabalhado com os alfaiates Quirino Salvucci e Afonso Jacobussi; citação de alfaiatarias – Tesoura de Ouro - onde trabalhou e na Rua João Jorge; que aprendeu a cortar roupas, fazer paletó, calça, colete e capa com o Afonso Jacobussi; sobre ter parado ofício por volta de 1988; sobre o aprendiz na alfaiataria; sobre como o alfaiate manuseia o dedal, que é diferente do das costureiras; sobre as primeiras tarefas de guarnecer, chulear e o ponto-mole; sobre um alfaiate, Quirino Salvucci que morava na Rua José Paulino; o trabalho com Afonso Jacobussi e a remuneração de 15 mil réis; sobre a Tesoura de Ouro, que ficava na Rua Treze de Maio; o trabalho por conta; sobre quanto se cobrava pelo feitio de uma calça e um paletó de brim e casimira; sobre as mulheres calceiras; não gostava de subcontratar terceiros; os clientes viajantes que pediam calças com bolsos muitos fundos para guardarem o dinheiro nas viagens; os alfaiates não gostavam de fazer as calças porque têm muito detalhe e tomam muito o tempo; a peça mais difícil era o paletó, os pontos do paletó, uma peça quase toda feita à mão; o caderno de medidas dos clientes; o tipo de clientes/freguês; sobre um cliente que morava entre as Ruas Barão de

Jaguará, Moraes Salles e Ferreira Penteado; citação que naquela época sapateiro e barbeiro eram ofícios da moda; O reconhecimento social que tinha quem conseguisse se empregar na Companhia Paulista de Estrada de Ferro ou na Mogiana; lembrança sobre a figura de Getúlio Vargas na década de 1930 e os direitos trabalhistas; sobre como era o regime de partilha do imigrante que chegava e ia trabalhar nas fazendas; sobre o fim da escravidão; sobre a vinda dos pais de Gênova, na Itália, para o Brasil; sobre a vida social na Praça; a discriminação racial contra os negros; a existência de barbeiros só para brancos e barbeiros só para negros; citação sobre os clubes sociais que havia na época; que a Casa de Saúde Campinas também era Circolo Italiani Uniti; o namoro com dona Zuleika e o casamento; citação de diversas ruas de Campinas por onde circulava na década de 1930; a mãe foi pedir a mão da noiva em casamento; a morte de dona Zuleika; a morte do filho Sergio; sobre netos e bisnetos; sobre como a mãe lhe encaminhou para o ofício; tinha prazer em atender bem o freguês; fazia todas as peças, inclusive o colete; o aprendizado do colete, com a coleteira dona Deolinda Salvucci Nucci, irmã do Quirino Salvucci; sobre as calceiras, que recebiam a peça já cortada, apenas costuravam; os clientes de dona Zuleika que era costureira e as ruas onde moravam; o estudo que conseguiu proporcionar aos dois filhos; o trabalho do ofício em casa; nos anos de 1950 a experiência como comerciante de uma banca no Mercado Municipal; a ausência da aposentadoria e as dificuldades em aposentar-se; o retorno ao ofício na condição de empregado para recolher à Previdência; A Casa de Lascio, da família Ziggiatti.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA – SEO GUERINO ANDRIGO

Entrevista realizada dia 01/05/2007

Vida de alfaiate em São Paulo (década de 1950); Retorno a São José do Rio Preto a pedido da família; citação sobre alfaiataria em São Paulo; citação sobre contramestre; citação sobre Casa de Moda em São Paulo; referência ao clima paulistano; exemplo de diálogo com um freguês; citação sobre tarefas e funções dentro da alfaiataria; trabalho de alfaiate para mulheres em São Paulo (anos 1950); referências ao valor monetário do trabalho; atendimento a mulheres em situação de “provas de roupas” na alfaiataria; problemas de saúde quando vivia em São Paulo (úlcera); morava em hotel em São Paulo; a volta para São José do Rio Preto e o reinício no ofício; a família em números e morte da irmã pequena (Sônia); descrição sobre a falta de transporte para socorrer a irmã doente; descrição sobre a condição das estradas da época; sobre a morte dos irmãos; reinício do ofício São José do Rio Preto; sobre o início da aprendizagem do ofício em Neves Paulista; o trabalho dos pais na lavoura e as diversas mudanças da família de fazenda a fazenda; sazonalidade na alfaiataria – baixo movimento após as colheitas; mão de alfaiate calejada pelo trabalho com enxada; sobre o trabalho de sapateiro; o namoro com dona Lourdes; alfaiataria em casa; o casamento (em 1947); tristeza porque a mãe não foi ao casamento; as novas responsabilidades com a cunhada órfã de mãe; novas atribuições para administrar os bens do sogro; a doença e morte anunciada do sogro.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA – SEO LARTE ZAGO

Entrevista realizada em 27/11/2008

Engraxate, aos 15 anos, na Vila Nova em frente à Igreja; pegava ônibus para aprender o ofício na cidade; bonde da linha Guanabara; alfaiate Bento Pinto de Paula; trabalho de chulear, passar calças e ternos, passar a entretela; modelo de calça e de paletó; enchimento nos ombros; pano de algodão; linho 120 fios; linho branco; Casa do Coração de Jesus; Alfaiataria Melicar; Alfaiataria na Vila Nova (por volta de 1960); mudança para Rua Carolina Florence; ritual da Ave Maria às seis horas; alto falante na porta da alfaiataria; estudo e interesse pela música; relatos sobre as exigências dos clientes; estratégias para lidar e agradar clientes chatos; as decepções com a profissão de alfaiate; o início da profissão de fotógrafo; a não-escolha pela profissão de alfaiate; a vida simples e sem recursos financeiros; a vida de aprendiz e os trabalhos na alfaiataria; a montagem e desmontagem do ferro de passar roupa; o mestre alfaiate Bento de Paula; aprender na prática; costurando terno por dentro; fazer um caseado; fazer com a mão; a rigidez do mestre alfaiate; os trabalhos indiretos dos ofícios; Casa Regente; Casas Pernambucanas; negociação da compra de tecidos; o anonimato do alfaiate; o excesso de trabalho “escondido”; o alfaiate-patrão e a relação com o cliente; calça boca de sino; as transformações do mundo da moda; as decepções, desvalorizações e as perdas como alfaiate e os ganhos enquanto fotógrafo; o baixo rendimento do trabalho do alfaiate; a visibilidade social do trabalho do fotógrafo; Alfaiataria Nossa Senhora das Graças; trabalho de 45 anos do pai na Fazenda Santa Eliza; o adoecimento decorrente da profissão de alfaiate; 12 anos de exercício do ofício; 39 anos de fotógrafo; o tempo de dedicação à fotografia e os retornos da profissão de fotógrafo; a rotina de horários do trabalho do alfaiate; molhar o tecido; ausência do contrato de trabalho; a escrita de cartas e o envio de mensagens especiais pelo correio; visita ao amigo com câncer e a posterior cura da doença; o desejo de esquecer de algumas lembranças do ofício de alfaiate; a queda de bicicleta em frente à Igreja na volta de buscar o leite na Avenida Barão de Itapura; a remuneração do trabalho do pai; a mãe lavadeira; os três irmãos.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA – SEO NELSON FRANCO DE OLIVEIRA
Entrevista realizada dia 21/06/2007

A infância, com os quatro irmãos (menores que ele); a situação difícil para a mãe, viúva, manter a família; análise entre passado e presente e a constatação de que na sua infância o trabalhador não tinha direito à aposentadoria; comparação entre as crianças pobres de sua época, que trabalhavam e as de hoje, que pedem esmolas; o abandono da infância hoje aproxima as crianças das drogas; a mãe enérgica conduziu a família; o irmão mais velho, aos 10 anos já trabalhava numa padaria; freqüentava a escola aos 7 anos; aos 10 anos começou a trabalhar em casas de família; o trabalho na casa da mãe do advogado Romeu Tórtima, que morava na Rua Silva Teles, no bairro Cambuí; ganhava comida em troca do trabalho de ajudar nas tarefas domésticas (arrumava a cozinha); o trabalho como entregador de leite na madrugada; o episódio na casa que entregava leite, na Rua Sacramento (em frente ao Senac); a vida de criança pobre, com roupas simples, sem agasalho e sapatos apropriados para se proteger do frio e chuva; a senhora que ofereceu ao menino leiteiro, um pãozinho todos os dias; a garoa fina de madrugada; outro episódio envolvendo a casa em frente ao Senac – a mulher que lhe presenteou com uma capa para frio e chuva; a alegria de ganhar o presente; a capa para frio e chuva foi comprada pela senhora na Casa Ezequiel; a chegada à primeira alfaiataria de sua vida, a Patielli; entregava roupas durante o dia na casa dos fregueses da alfaiataria; à noite estudava o ofício na mesma alfaiataria; passou a ser aprendiz aos 12 anos; a provocação do patrão na alfaiataria mostrando ao aprendiz quanto em dinheiro os oficiais recebiam; a percepção que já sabia o ofício e passou a receber os primeiros pagamentos; saiu da Patielli a convite de um alfaiate de nome Alcides Lopes, que saiu para montar seu negócio próprio em casa, na Rua Boaventura do Amaral e o chamou para vir junto; a saída da alfaiataria de seo Alcides Lopes porque ele adoeceu (lepra); o registro que os leprosos, naquele tempo, eram isolados pela sociedade; Seo Alcides Lopes foi levado para Piratininga, ou Itapetininga; seo Nelson foi trabalhar com o alfaiate João Pinto, com quem terminou de aprender a profissão; nesta alfaiataria do João Pinto era quem recebia maior salário; atribui o fato de ganhar mais por ser, aos 17 anos, muito disciplinado e tinha vontade de trabalhar e de ganhar dinheiro; os alfaiates casados, quando chegava às 6 da tarde iam no relógio de ponto para ir embora; seo Nelson ficava sempre até depois das 6 da tarde trabalhando; chegou

a hora de ir para o Exército; quando foi ao Exército trabalhava na Rua Dr. Quirino; ficou no Exército, em Pirassununga, durante um ano e tinha 19 anos; nascido em 1932, entrou no Exército com 18 anos e saiu aos 19 anos; reforça para os filhos a educação que teve, baseada na “disciplina da honestidade”; a disciplina no quartel o diferenciava dos demais colegas, sempre “andava na linha”; lembra do coronel Hermenegildo de Oliveira Carneiro, o qual tinha mais de 50 anos; coronel Hermenegildo usava sempre casaca de frio e todo mundo tinha medo dele; o episódio em que o coronel – mexendo a perna, parecendo muito bravo – pergunta aos soldados “quem era de Campinas”; a ordem que o coronel lhe deu, para ir até Campinas, na Remonta do Exército, que ficava em Valinhos, com a missão de ir buscar dois cavalos; comentários sobre o trajeto e locais como a companhia de Transporte onde ficava a FEPASA; o elogio que o coronel fez ao soldado, no retorno de Campinas, dizendo: “Oh cavalo bonito hein?”; a amizade que surgiu da missão de ir buscar os cavalos; o coronel lhe chamava de “Franco”; na sala do coronel havia uma porta vaivém e ele tinha liberdade de entrar na sala; o coronel o tratava por “meu filho”; os capitães começaram a pedir para ele levar os documentos para o coronel assinar, uma vez que tinha mais proximidade e era bem-tratado pelo militar; o passeio que fez montado no cavalo do coronel Hermenegildo, passando em frente à Escola Normal, “fazendo pose”, até chegar na Rua 13 de Maio, em Pirassununga; a época de sair “dar baixa” do Exército; saiu do Exército em 15 de setembro (1952); ataque a um quartel no Nordeste, por comunistas; no momento da saída do Exército, elogios do coronel na presença dos demais militares; o diálogo com o coronel e a afirmação que a mãe escrevia-lhe cartas e contava que sofria com o alcoolismo do irmão mais velho; a carta de apresentação que o coronel lhe entregou; guarda a carta até o presente, conta com orgulho; tem mania de guardar as coisas; nos guardados tem uma colher e um garfo da época do Exército; esta época, de militar, foi importante “por causa da disciplina”; recomenda aos netos que prestem o serviço militar fora de Campinas, para aprenderem mais longe da família; a mãe era linha-dura, descendente de espanhóis; a mãe batia nos filhos “quando precisava; todos os irmãos foram trabalhadores; dois dos quatro irmãos já faleceram; cita a data de nascimento, dia e ano, de cada irmãos – 1928; 1930; 1932 e 1934; retornou à alfaiataria (do João Pinto) após o serviço militar; tinha a chave da alfaiataria; o episódio da brincadeira com o menino Renato (que trabalhava na alfaiataria e a discussão com o dono da

alfaiataria— João Pinto; o fato de o alfaiate chamá-lo de anarquista o magoou muito; a saída da alfaiataria de João Pinto; o início do trabalho em domicílio, na casa que tinha no bairro Cambuí; avalia que conseguiu ganhar dinheiro trabalhando como alfaiate; gostava de trabalhar no ofício; quando casou com dona Maria moravam na Rua dos Alecrins; começou a formar a freguesia própria; a mãe morava na Rua Bandeirantes (Cambuí); Após o casamento trabalhou mais um quatro anos em casa e em 1960 mudaram-se para a Rua Santos Dumont, próximo a igreja; ficou na Rua Santos Dumont até 1968; a freguesia era do Cambuí; tinha na alfaiataria um oficial e um ajudante; tinha as calceiras que trabalhavam em domicílio; dona Maria (a esposa) era calceira e ajudava, fazendo uma casa por dia; a chegada da roupa-feira; caiu o movimento da alfaiataria; teve de ir trabalhar como vendedor numa loja; os fregueses continuavam levando peças para ele consertar; os fregueses começaram a comprar roupas com ele na loja; trabalhou nos estabelecimentos – Loja do Tom e Ducal; lamenta a mudança ilustrando uma conversa com os fregueses; a mudança da alfaiataria para a loja se deu em fins de 1968; revela que sentiu e sente falta da alfaiataria (em tom de bom humor); analisa que a roupa feita não tem qualidade; a facilidade em comprar teria sido a razão de as pessoas mudarem de hábito – do alfaiate para a loja de roupa pronta; não dá para comparar a qualidade da alfaiataria com a roupa pronta; lojas especializadas em roupas masculinas, que existiam no centro, na Rua Conceição, Francisco Glicério – da fábrica vinham os paletós semi-montados (só alinhavados, sem manga); o cliente provava a peça semi-pronta; responde à pesquisadora que ser alfaiate depende de dom; lembra-se que aos 10 anos já estava dentro da alfaiataria e prendia o dedo (o ritual do dedo médio amarrado para usar o dedal de alfaiate); conta que tentou ensinar a dona Maria (esposa) para também usar o dedo amarrado como o alfaiate; mostra como é que se deve manusear a agulha utilizando o dedal de alfaiate; dona Maria avalia que o jeito de trabalhar do alfaiate aumenta a precisão do acabamento e a estética é melhor; a agulha de alfaiate é menor (mostra uma peça, que mede uns 3 centímetros); mostra um antigo dedal que guarda com muito zelo.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA – SEO JOSÉ JOVANINI
Entrevista realizada em 09/08/2008

Os irmãos; os pais descendentes de italianos; a vida na roça; dificuldades para estudar; a pequena cidade de Nova América; o gosto pelo futebol; o trabalho na infância; as lembranças da rotina no dia de sábado; a Revolução de 1932; o cavalo Estrela; os tios-avós; as plantações de algodão e café no interior paulista; as peças inteligentes do trabalho de alfaiate; paletó e manga; os pequenos trabalhos e consertos de alfaiate na velhice; aprender a profissão de alfaiate; amarrar o dedo; a morte da esposa, dona Lourdes (1996).

4.6 Propostas de Leituras do Sumário

Estruturados os sumários, passamos à etapa complementar de demarcar as temáticas das narrativas. A seleção das temáticas se baseou num processo longo de proximidade com a leitura das transcrições. Muitas vezes nos guiando pelo olhar curioso que buscávamos ao analisar o relato individual e por vezes, na comparação entre uma entrevista e outra, na expectativa de encontrar um indicativo, um norte para a compreensão em torno de quais seriam as peculiaridades, marcas, a lógica da conjugação das memórias dos velhos alfaiates com suas narrativas. Para tanto, resolvemos atribuir cores diferentes às temáticas que já havíamos previamente identificado, quando da fase de leituras das transcrições. Nesta etapa estávamos preparando o terreno para, na seqüência, usufruir dos possíveis resultados do que o material gráfico nos proporcionaria. Então, escolhemos as cores: **verde** para demarcar a *infância*; **vermelho** para *trabalho na infância*; **laranja** para representar *paisagens e cenários*, com o **rosa** ficaram os *eventos de vida* e com o **azul** marcamos o *ofício na vida adulta*. A tarefa de demarcação das cores sobre o trecho do sumário foi executada no computador, com o *software corel draw*. A seguir, relacionamos as cinco temáticas narrativas e as respectivas cores atribuídas a cada uma:



Infância

Identificada nos trechos em que o informante aborda sua vida quando menino.



Trabalho na Infância

Quando o trabalho faz parte da vida do alfaiate nos anos da infância.



Paisagens e cenários

As ricas descrições reconstituídas pelos alfaiates, ao rememorarem suas vidas, referem-se aos espaços significativos para seu repertório.



Eventos de vida

Aqui citados como acontecimentos que podem trazer repercussões de natureza estressora, mas que ao se manifestarem demandem enfrentamentos e acrescentem novas perspectivas de viver.



Ofício na vida adulta

O discurso demarcado pela presença do trabalho

na vida adulta, em especial o ofício da alfaiataria
(em segundo plano, eventuais citações de outras
atividades na vida produtiva)

A visualidade surgiu assim como um elemento facilitador para o pesquisador dirigir seu olhar para o curso narrativo. Ao contemplar um sumário mapeado com as temáticas, a sensação imediata é de se ter encontrado algo. É como se o que era subjetivo na análise ganhasse agora uma forma concreta. Olhar para o relato sem cores e depois com cores nos provocava um estranhamento: o de que a fracionalização da narrativa por cores tematizadas transferia uma concretude à análise, fornecendo mais recursos para a interpretação. Era palpável a carga de informações de determinado informante sobre as suas lembranças em torno do trabalho na infância, dos eventos de vida que pincelavam sua trajetória, do quanto trabalhou na sua vida.

Importante notar que ao conferirmos relevância à representação gráfica dos relatos deixamos a perceber que o recurso visual nos possibilitou uma condição mais confortável de decodificar certos comportamentos e movimentos presentes no discurso dos informantes. Neste aspecto, chamamos a atenção para a ocorrência de alguns movimentos observados nesta etapa de demarcação das temáticas. Queremos dizer do estranhamento observado, na medida em que, no instante em que se pincelava um trecho de uma temática, notava-se simultaneamente que havia uma articulação, uma combinação com outra informação e ambos andavam juntos, eram indistituíveis, o que foi bem aparente nos trechos em que aparecem os *cenários e paisagens*. Não figuravam como informação central, mas saltavam no meio da narrativa, o que nos fazia refletir sobre sua função na estrutura narrativa.

Este aspecto muito singular dos relatos, em que pela representação gráfica nos foi possível identificar esta conjugação entre lembranças, pode ser posto à discussão se trouxermos para a análise a participação do elemento *imaginação*. Sobre a combinação entre memória e imaginação Ricoeur, influenciado pelos textos fundadores dos antigos sábios gregos, contribui dizendo que:

É sob o signo da associação de idéias que está situada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contigüidade, evocar

uma – portanto imaginar –, é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela. Assim, a memória reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação. (RICOEUR, 2000, p. 25)

Prosseguindo o trabalho de examinar os relatos, pinçamos um exemplo da representação gráfica proposta e aplicada aos testemunhos dos informantes. É possível, no fragmento esboçado do sumário, a seguir, nos confrontarmos com a articulação engenhosa, em que para declarar uma lembrança, o informante recorre à outra, uma espécie de jogo de sobreposição, ou conjugação de lembranças, as quais, irmanadas, parecem se fortalecer para dar substância à lógica e permitir o curso de uma narrativa eficaz.

Vejam os recortes em que lembranças evocam lembranças, presentes no curso das narrativas:

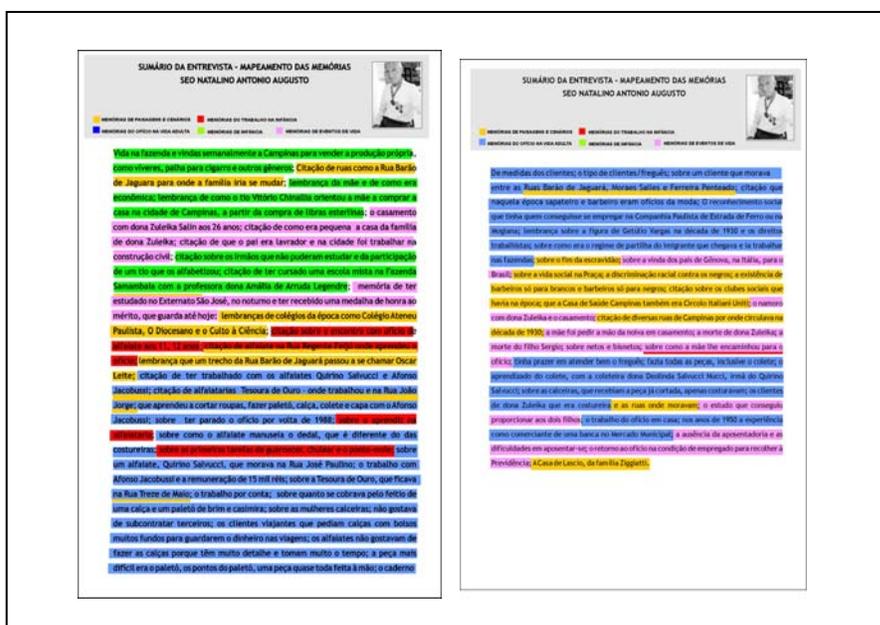
alfaiate aos 11, 12 anos; citação de alfaiate na Rua Regente Feijó onde aprendeu o ofício; lembrança que um trecho da Rua Barão de Jaguará passou a se chamar Oscar Leite; citação de ter trabalhado com os alfaiates Quirino Salvucci e Afonso Jacobussi; citação de alfaiatarias Tesoura de Ouro - onde trabalhou e na Rua João Jorge; que aprendeu a cortar roupas, fazer paletó, calça, colete e capa com o Afonso Jacobussi; sobre ter parado o ofício por volta de 19

[trecho da narrativa de Natalino Antonio Augusto (sumário)];

O trecho narrativo sobre a presença do trabalho na infância (**cor vermelha**) articula-se com *cenário e paisagens*, trazendo o nome da rua (**cor laranja**); trecho com o nome de velhos alfaiates com os quais trabalhou representando, a temática *ofício na vida adulta* (**cor azul**), novamente transporta dados sobre *cenário e paisagens*, as alfaiatarias, os endereços (**cor laranja**). Podemos indagar: o nome da rua foi importante para o informante “armazenar” a memória do local onde aprendeu a profissão ou sua intenção era falar sobre a paisagem que conheceu na cidade e ao lembrar dessa rua, saltou-lhe a informação (a lembrança) também de que foi naquela rua que conheceu os primeiros aprendizados do ofício de alfaiate? Para demarcar este encontro de sentidos e articulações na leitura das narrativas, denominamos aqui de lembranças articuladas (ou integradas). Em qualquer hipótese, certamente estaremos diante de uma operação (ou de várias) orientada pela combinação entre memória e imaginação.

Queremos acreditar que no desafio de fazer a leitura do dizível, seja legítimo recorrer a novos caminhos, que permitam ao pesquisador oferecer não só o resultado da análise, mas o processo de construção da análise, uma forma de dar visibilidade à representação, no presente, do que está ausente. Neste sentido, ao darmos profundidade à análise dos sumários mapeados, entramos em total familiaridade com as configurações destas narrativas, articuladas, com formas concretas e instigantes. O manuseio das imagens no computador nos provocou a pensar outras possibilidades de leituras das sínteses, geradoras dos sumários, os quais revelavam versatilidade para serem mostrados como Esquemas de Leituras, nas seguintes versões: sumário com texto mapeado, sumário sem o texto mapeado, numa perspectiva de linha do tempo [Fig 47], [Fig. 48] e [Fig.49].

ESQUEMA DE LEITURA - SUMÁRIO COM TEXTO MAPEADO



[Fig.47] Esquema de leitura com o texto do sumário mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas atribuídas à narrativa.

ESQUEMA DE LEITURA - SUMÁRIO SEM O TEXTO MAPEADO



[Fig. 48] Esquema de leitura em que o texto é retirado, sendo representadas apenas as cores das temáticas, na ordem de demarcação feita anteriormente.



[Fig. 49] Esquema de leitura numa perspectiva de linha do tempo, produzido com o resultado do sumário mapeado sem o texto e disposto numa direção horizontal, a partir de um movimento de inclinação no sentido anti-horário.

Passamos a apresentar a seguir os Esquemas de Leituras contendo as três versões dos sumários mapeados pelas temáticas, referentes aos cinco informantes.

Informante: NATALINO ANTONIO AUGUSTO

Idade em 2008: 98 anos

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: Natalino Antonio Augusto



■ PAISAGENS E CENÁRIOS ■ TRABALHO NA INFÂNCIA
■ OFÍCIO NA VIDA ADULTA ■ INFÂNCIA ■ EVENTOS DE VIDA

Vida na fazenda e vindas semanalmente a Campinas para vender a produção própria, como víveres, palha para cigarro e outros gêneros; Citação de ruas como a Rua Barão de Jaguará para onde a família iria se mudar; lembrança da mãe e de como era econômica; lembrança de como o tio Vitório Chinallia orientou a mãe a comprar a casa na cidade de Campinas, a partir da compra de libras esterlinas; o casamento com dona Zuleika Salin aos 26 anos; citação de como era pequena a casa da família de dona Zuleika; citação de que o pai era lavrador e na cidade foi trabalhar na construção civil; citação sobre os irmãos que não puderam estudar e da participação de um tio que os alfabetizou; citação de ter cursado uma escola mista na Fazenda Samambaia com a professora dona Amália de Arruda Legendre; memória de ter estudado no Externato São José, no noturno e ter recebido uma medalha de honra ao mérito, que guarda até hoje; lembranças de colégios da época como Colégio Ateneu Paulista, O Diocesano e o Culto à Ciência; citação sobre o encontro com ofício de alfaiate aos 11, 12 anos; citação de alfaiate na Rua Regente Feijó onde aprendeu o ofício; lembrança que um trecho da Rua Barão de Jaguará passou a se chamar Oscar Leite; citação de ter trabalhado com os alfaiates Quirino Salvucci e Afonso Jacobussi; citação de alfaiatarias Tesoura de Ouro - onde trabalhou e na Rua João Jorge; que aprendeu a cortar roupas, fazer paletó, calça, colete e capa com o Afonso Jacobussi; sobre ter parado o ofício por volta de 1988; sobre o aprendiz na alfaiataria; sobre como o alfaiate manuseia o dedal, que é diferente do das costureiras; sobre as primeiras tarefas de guarnecer, chulear e o ponto-mole; sobre um alfaiate, Quirino Salvucci, que morava na Rua José Paulino; o trabalho com Afonso Jacobussi e a remuneração de 15 mil réis; sobre a Tesoura de Ouro, que ficava na Rua Treze de Maio; o trabalho por conta; sobre quanto se cobrava pelo feitio de uma calça e um paletó de brim e casimira; sobre as mulheres calceiras; não gostava de subcontratar terceiros; os clientes viajantes que pediam calças com bolsos muitos fundos para guardarem o dinheiro nas viagens; os alfalates não gostavam de

[Fig.50] Esquema de leitura do sumário com o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.

Continuação

Informante: NATALINO ANTONIO AUGUSTO

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: Natalino Antonio Augusto



■ PAISAGENS E CENÁRIOS ■ TRABALHO NA INFÂNCIA
■ OFÍCIO NA VIDA ADULTA ■ INFÂNCIA ■ EVENTOS DE VIDA

De medidas dos clientes; o tipo de clientes/freguês; sobre um cliente que morava entre as Ruas Barão de Jaguará, Moraes Salles e Ferreira Penteado; citação que naquela época sapateiro e barbeiro eram ofícios da moda; O reconhecimento social que tinha quem conseguisse se empregar na Companhia Paulista de Estrada de Ferro ou na Mogiana; lembrança sobre a figura de Getúlio Vargas na década de 1930 e os direitos trabalhistas; sobre como era o regime de partilha do imigrante que chegava e ia trabalhar nas fazendas; sobre o fim da escravidão; sobre a vinda dos pais de Gênova, na Itália, para o Brasil; sobre a vida social na Praça; a discriminação racial contra os negros; a existência de barbeiros só para brancos e barbeiros só para negros; citação sobre os clubes sociais que havia na época; que a Casa de Saúde Campinas também era Circolo Italiani Uniti; o namoro com dona Zuleika e o casamento; citação de diversas ruas de Campinas por onde circulava na década de 1930; a mãe foi pedir a mão da noiva em casamento; a morte de dona Zuleika; a morte do filho Sergio; sobre netos e bisnetos; sobre como a mãe lhe encaminhou para o ofício; tinha prazer em atender bem o freguês; fazia todas as peças, inclusive o colete; o aprendizado do colete, com a coleteira dona Deolinda Salvucci Nucci, irmã do Quirino Salvucci; sobre as calceiras, que recebiam a peça já cortada, apenas costuravam; os clientes de dona Zuleika que era costureira e as ruas onde moravam; o estudo que conseguiu proporcionar aos dois filhos; o trabalho do ofício em casa; nos anos de 1950 a experiência como comerciante de uma banca no Mercado Municipal; a ausência da aposentadoria e as dificuldades em aposentar-se; o retorno ao ofício na condição de empregado para recolher à Previdência; A Casa de Lascio, da família Ziggatti.

[Fig. 51] Continuação da análise do sumário [Fig.50] Esquema de leitura do sumário com o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.



[Fig. 52] Esquema de leitura do sumário sem o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

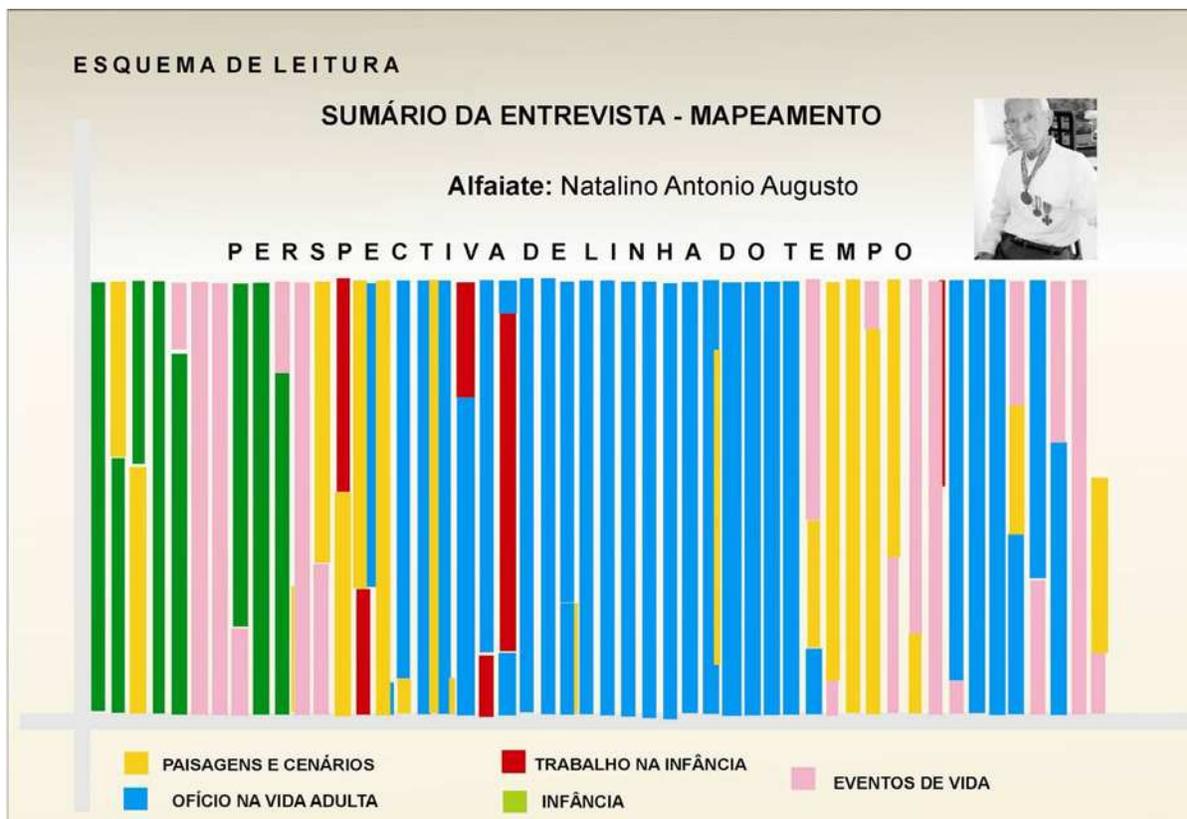
Alfaiate: Natalino Antonio Augusto



- PAISAGENS E CENÁRIOS
- TRABALHO NA INFÂNCIA
- OFÍCIO NA VIDA ADULTA
- INFÂNCIA
- EVENTOS DE VIDA



[Fig. 53] Continuação do Esquema de leitura do sumário sem o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de memórias atribuídas à narrativa.



[Fig.54] Esquema de leitura numa perspectiva de linha do tempo. Nesta disposição, o gráfico do informante evidencia com maior clareza a intensidade da temática *ofício na vida adulta*. (cor azul)

Informante: GUERINO ANDRIGO

Idade em 2008: 86 anos

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: Guerino Andrigo



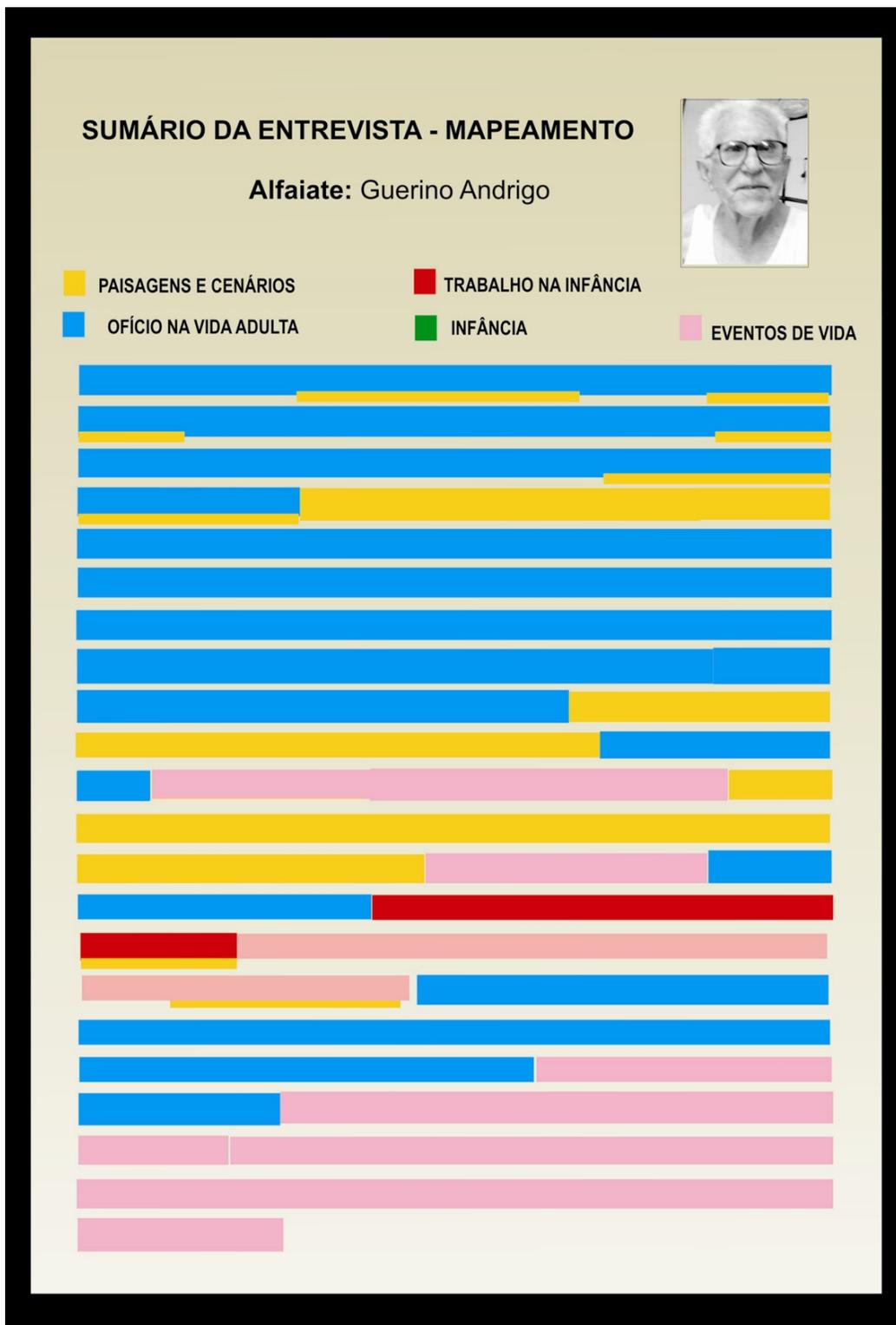
■ PAISAGENS E CENÁRIOS ■ TRABALHO NA INFÂNCIA
■ OFÍCIO NA VIDA ADULTA ■ INFÂNCIA ■ EVENTOS DE VIDA

Vida de alfaiate em São Paulo (década de 1950); Retorno a São José do Rio Preto a pedido da família; citação sobre alfaiataria em São Paulo; citação sobre contramestre; citação sobre a Casa de Moda onde trabalhou em São Paulo; referência ao clima “frio” paulistano; exemplo de diálogo com um freguês; citação sobre tarefas e funções dentro da alfaiataria; trabalho de alfaiate para mulheres em São Paulo (anos 1950); referências ao valor monetário do trabalho; atendimento a mulheres em situação de “provas de roupas” na alfaiataria; problemas de saúde quando vivia em São Paulo (úlcera); a moradia em um hotel em São Paulo; a volta para São José do Rio Preto e o reinício no ofício; a família em números e a morte da irmã pequena (Sônia); descrição sobre a falta de transporte para socorrer a irmã doente; descrição sobre a condição das estradas da época; sobre a morte dos irmãos; reinício do ofício São José do Rio Preto; sobre o início da aprendizagem do ofício em Neves Paulista; o trabalho dos pais na lavoura e as diversas mudanças da família de fazenda a fazenda; sazonalidade na alfaiataria, o baixo movimento após as colheitas; mão de alfaiate calejada pelo trabalho com enxada; sobre o trabalho de sapateiro; o namoro com dona Lourdes; alfaiataria em casa; o casamento (em 1947); tristeza porque a mãe não foi ao casamento; as novas responsabilidades com a cunhada órfã de mãe; novas atribuições para administrar os bens do sogro; a doença e morte anunciada do sogro.

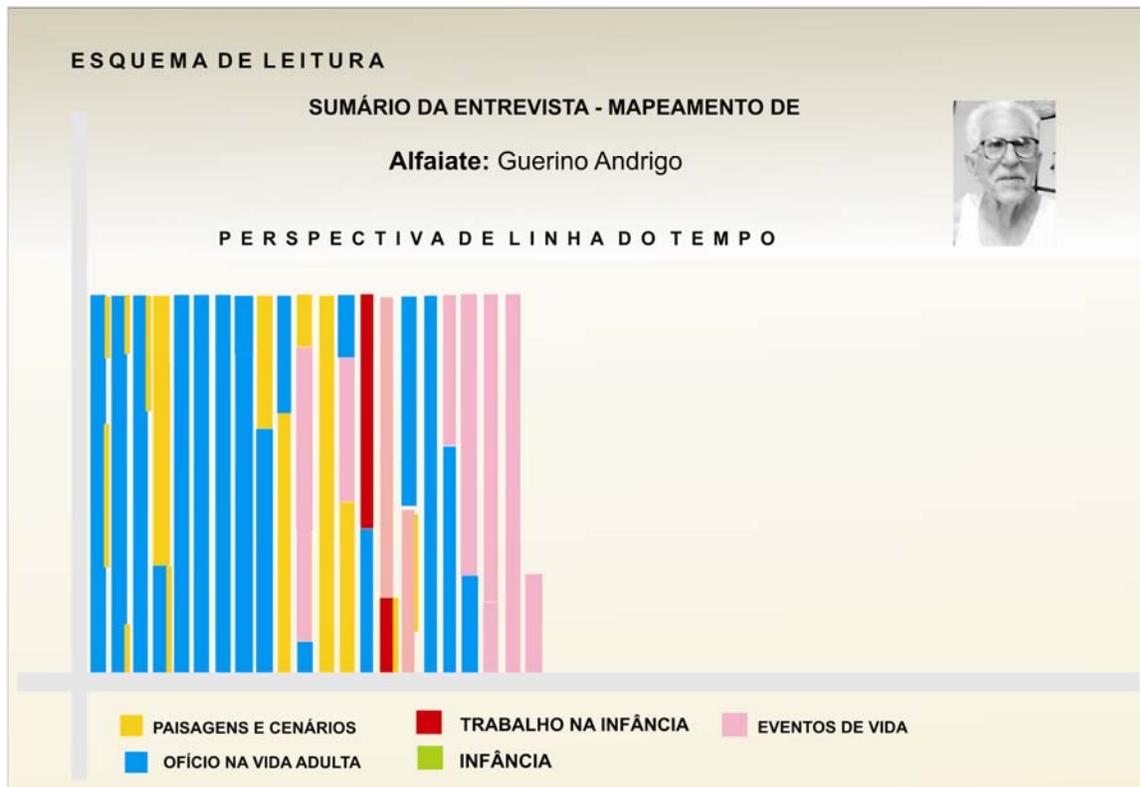
[Fig.55] Esquema de leitura do sumário com o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.

Continuação

Informante: INFORMANTE GUERINO ANDRIGO



[Fig.56] Esquema de leitura do sumário sem o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.



[Fig. 57] Esquema de leitura numa perspectiva de linha do tempo. Nesta disposição, o gráfico evidencia a intensidade na temática *ofício na vida adulta*, que se prenuncia desde o início da narrativa, compondo quase uma divisão meio a meio, se comparado com as demais temáticas.

Informante: NELSON FRANCO DE OLIVEIRA

Idade em 2008: 76 anos

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: Nelson Franco de Oliveira



■ PAISAGENS E CENÁRIOS ■ TRABALHO NA INFÂNCIA
■ OFÍCIO NA VIDA ADULTA ■ INFÂNCIA ■ EVENTOS DE VIDA

A infância, com os quatro irmãos (menores que ele); a situação difícil para a mãe, viúva, manter a família; análise entre passado e presente e a constatação de que na sua infância o trabalhador não tinha direito à aposentadoria; comparação entre as crianças pobres de sua época, que trabalhavam e as de hoje, que pedem esmolas; o abandono da infância hoje aproxima as crianças das drogas; a mãe enérgica conduziu a família; o irmão mais velho, aos 10 anos já trabalhava numa padaria; freqüentava a escola aos 7 anos; aos 10 anos começou a trabalhar em casas de família; o trabalho na casa da mãe do advogado Romeu Tórtima, que morava na Rua Silva Teles, no bairro Cambui; ganhava comida em troca do trabalho de ajudar nas tarefas domésticas (arrumava a cozinha); o trabalho como entregador de leite na madrugada; o episódio na casa que entregava leite, na Rua Sacramento (em frente ao Senac); a vida de criança pobre, com roupas simples, sem agasalho e sapatos apropriados para se proteger do frio e chuva; a senhora que ofereceu ao menino leiteiro, um pãozinho todos os dias; a garoa fina de madrugada; outro episódio envolvendo a casa em frente ao Senac a mulher que lhe presenteou com uma capa para frio e chuva; a alegria de ganhar o presente; a capa para frio e chuva foi comprada pela senhora na Casa Ezequiel; a chegada à primeira alfaiataria de sua vida, a Patielli; entregava roupas durante o dia na casa dos fregueses da alfaiataria; à noite estudava o ofício na mesma alfaiataria; passou a ser aprendiz aos 12 anos; a provocação do patrão na alfaiataria mostrando ao aprendiz quanto em dinheiro os oficiais recebiam; a percepção que já dominava o ofício e passou a receber os primeiros pagamentos; saiu da Patielli a convite de um alfaiate de nome Alcides Lopes, que saiu para montar seu negócio próprio em casa, na Rua Boaventura do Amaral e o chamou para vir junto; a saída da alfaiataria de seo Alcides Lopes porque ele adoeceu (lepra); o registro que os leprosos, naquele tempo, eram isolados pela sociedade; Seo Alcides Lopes foi levado para Piratininga, ou Itapoetininga; seo Nelson foi trabalhar com o alfaiate João Pinto, com quem terminou de aprender o ofício;

[Fig. 58] Esquema de leitura do sumário com o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: Nelson Franco de Oliveira



- PAISAGENS E CENÁRIOS
- TRABALHO NA INFÂNCIA
- OFÍCIO NA VIDA ADULTA
- INFÂNCIA
- EVENTOS DE VIDA

nesta alfaiataria do João Pinto era quem recebia maior salário; atribui o fato de ganhar mais por ser, aos 17 anos, muito disciplinado e tinha vontade de trabalhar e de ganhar dinheiro; os alfaiates casados, quando chegava às 6 da tarde iam no relógio de ponto para ir embora; seo Nelson ficava sempre até depois das 6 da tarde trabalhando; chegou a hora de ir para o Exército; quando foi ao Exército trabalhava na Rua Dr. Quirino; ficou no Exército, em Pirassununga, durante um ano e tinha 19 anos; nascido em 1932, entrou no Exército com 18 anos e saiu aos 19 anos; reforça para os filhos a educação que teve, baseada na “disciplina da honestidade”; a disciplina no quartel o diferenciava dos demais colegas, sempre “andava na linha”; lembra do coronel Hermenegildo de Oliveira Carneiro, o qual tinha mais de 50 anos; coronel Hermenegildo usava sempre casacão de frio e todo mundo tinha medo dele; o episódio em que o coronel mexendo a perna, parecendo muito bravo pergunta aos soldados “quem era de Campinas”; a ordem que o coronel lhe deu, para ir até Campinas, na Remonta do Exército. que ficava em Valinhos, com a missão de ir buscar dois cavalos; comentários sobre o trajeto e locais como a companhia de Transporte onde ficava a FEPASA; o elogio que o coronel fez ao soldado, no retorno de Campinas, dizendo: “Oh cavalo bonito hein?”; a amizade que surgiu da missão de ir buscar os cavalos; o coronel lhe chamava de “Franco”; na sala do coronel havia uma porta vai-vém e ele tinha liberdade de entrar na sala; o coronel o tratava por “meu filho”; os capitães começaram a pedir para ele levar os documentos para o coronel assinar, uma vez que tinha mais proximidade e era bemtratado pelo militar; o passeio que fez montado no cavalo do coronel Hermenegildo. passando em frente à Escola Normal. “fazendo pose”. até chegar na Rua 13 de Maio, em Pirassununga; a época de sair “dar baixa” do Exército; saiu do Exército em 15 de setembro (1952); ataque a um quartel no Nordeste, por comunistas; no momento da saída do Exército, elogios do coronel na presença dos

[Fig.59] Neste trecho da narrativa o senhor Nelson dá significativa ênfase à época em que prestou o serviço militar, o que compreendemos como uma temática de *evento de vida*. Dos relatos dos cinco informantes esta característica se mostrou singular.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: Nelson Franco de Oliveira



- | | | |
|--|---|---|
| ■ PAISAGENS E CENÁRIOS | ■ TRABALHO NA INFÂNCIA | |
| ■ OFÍCIO NA VIDA ADULTA | ■ INFÂNCIA | ■ EVENTOS DE VIDA |

demais militares; o diálogo com o coronel; a mãe escrevia-lhe cartas e dizia-lhe sobre o alcoolismo do irmão mais velho; a carta de apresentação que o coronel lhe entregou; guarda a carta até o presente, conta com orgulho; tem mania de guardar as coisas; nos guardados tem uma colher e um garfo da época do Exército; esta época, de militar, foi importante “por causa da disciplina”; recomenda aos netos que prestem o serviço militar fora de Campinas, para aprenderem mais longe da família; a mãe era linha-dura, descendente de espanhóis; a mãe batia nos filhos “quando precisava; todos os irmãos foram trabalhadores; dois dos quatro irmãos já faleceram; cita a data de nascimento, dia e ano, de cada irmãos 1928; 1930; 1932 e 1934; retornou à alfaiataria (do João Pinto) após o serviço militar; tinha a chave da alfaiataria; o episódio da brincadeira com o menino Renato (que trabalhava na alfaiataria e a discussão com o dono da alfaiataria João Pinto; o fato de o alfaiate chamá-lo de anarquista o magoou muito; a saída da alfaiataria de João Pinto; o início do trabalho em domicílio, na casa que tinha no bairro Cambuí; avalia que conseguiu ganhar dinheiro trabalhando como alfaiate; gostava de trabalhar no ofício; quando casou com dona Maria moravam na Rua dos Alecrins; começou a formar a freguesia própria; a mãe morava na Rua Bandeirantes (Cambuí); Após o casamento trabalhou mais um quatro anos em casa e em 1960 mudaram-se para a Rua Santos Dumont, próximo a igreja; ficou na Rua Santos Dumont até 1968; a freguesia era do Cambuí; tinha na alfaiataria um oficial e um ajudante; tinha as calceiras que trabalhavam em domicílio; dona Maria (a esposa) era calceira e ajudava, fazendo uma calça por dia; a chegada da roupa-feira; caiu o movimento da alfaiataria; teve de ir trabalhar como vendedor numa loja; os fregueses continuavam levando peças para ele consertar; os fregueses começaram a comprar roupas com ele na loja; trabalhou nos estabelecimentos Loja do Tom e Ducal; lamenta a mudança ilustrando uma conversa com os fregueses; a mudança da alfaiataria para a loja se deu em fins de 1968; revela que sentiu e sente falta da alfaiataria (em tom de bom humor); analisa que a roupa feita não tem qualidade, a

[Fig. 60] Continuação da demarcação do sumário com o texto.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: Nelson Franco de Oliveira



- PAISAGENS E CENÁRIOS
- TRABALHO NA INFÂNCIA
- OFÍCIO NA VIDA ADULTA
- INFÂNCIA
- EVENTOS DE VIDA

facilidade em comprar teria sido a razão de as pessoas mudarem de hábito do alfaiate para a loja de roupa pronta; não dá para comparar a qualidade da alfaiataria com a roupa pronta;

Lojas especializadas em roupas masculinas que existiam no centro; na Rua

Conceição, Francisco Glicério - da fábrica vinham os paletós semi-montados (só alinhavados, sem manga); o cliente provava a peça semi-pronta; responde à

pesquisadora que ser alfaiate depende de dom; lembra-se que aos 10 anos já

estava dentro da alfaiataria e prendia o dedo (o ritual do dedo médio amarrado

para usar o dedal de alfaiate); conta que tentou ensinar a dona Maria para

também usar o dedo amarrado como o alfaiate; mostra como é que se deve

manusear a agulha utilizando o dedal de alfaiate; dona Maria avalia que o jeito

de trabalhar do alfaiate aumenta a precisão do acabamento e a estética é

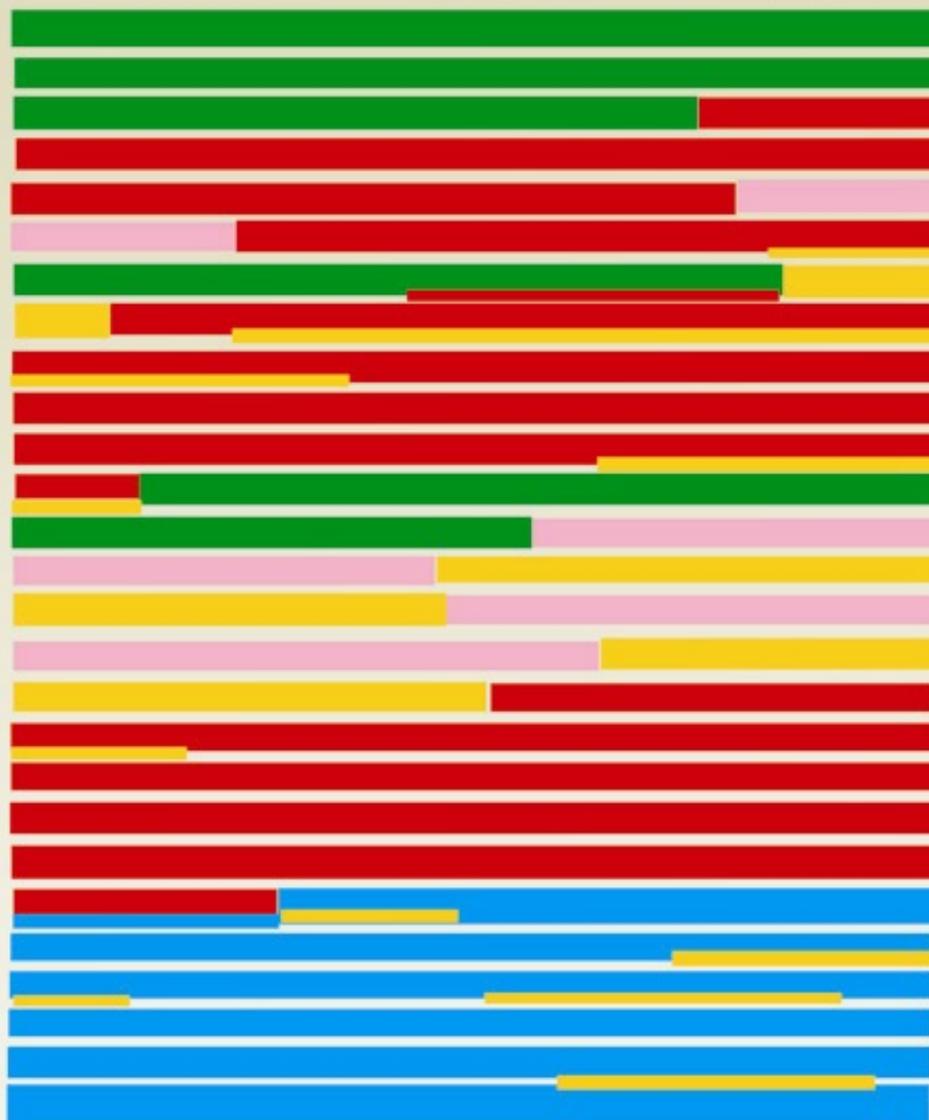
melhor; a agulha de alfaiate é menor (mostra uma peça, que mede uns 3

centímetros); mostra um antigo dedal que guarda com muito zelo.

[Fig. 61] Conclusão da demarcação do sumário sem o texto.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaite: Nelson Franco de Oliveira



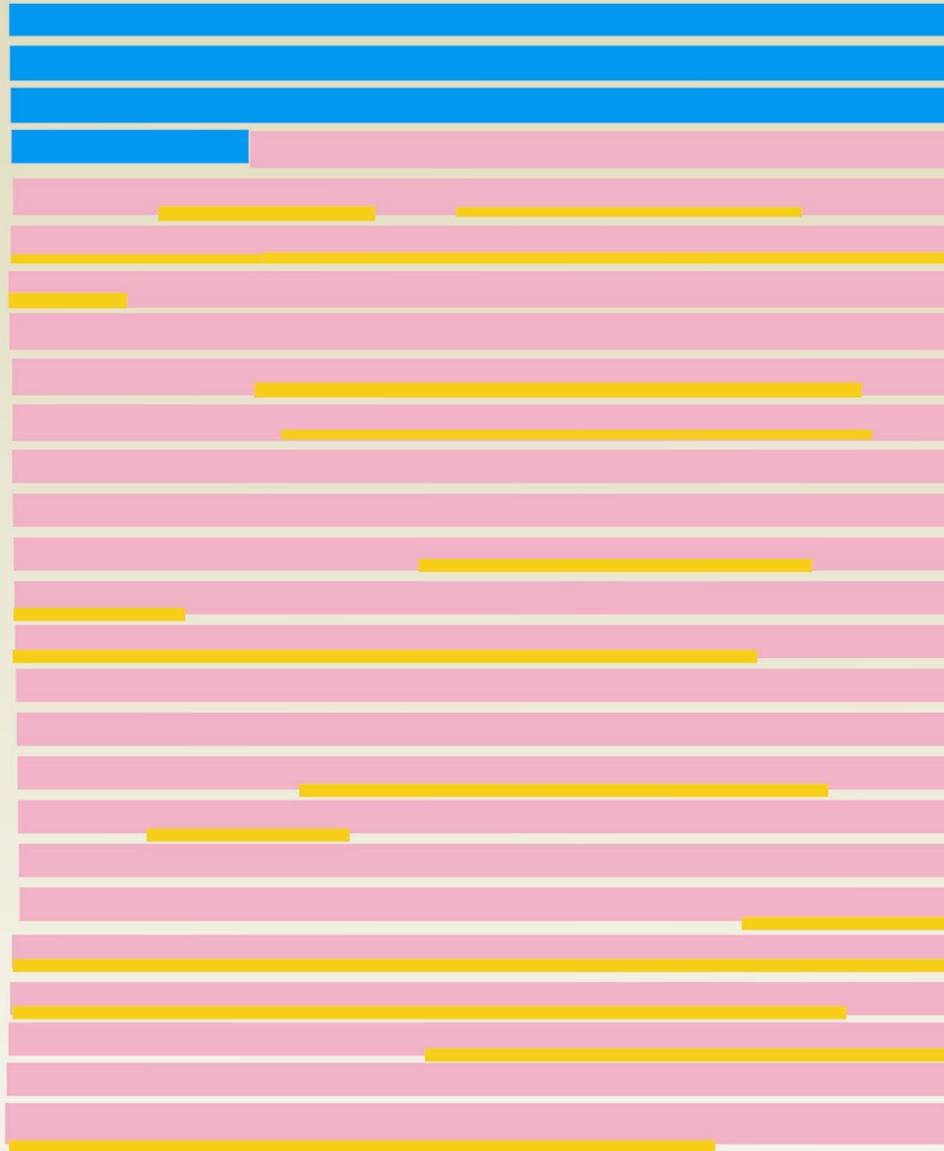
[Fig. 62] Esquema de leitura do sumário sem o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: Nelson Franco de Oliveira



- PAISAGENS E CENÁRIOS
- TRABALHO NA INFÂNCIA
- OFÍCIO NA VIDA ADULTA
- INFÂNCIA
- EVENTOS DE VIDA



[Fig. 63] Esquema de leitura do sumário sem o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa. Ênfase à coloração rosa, da temática *eventos de vida*.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: Nelson Franco de Oliveira



[Fig. 64] Conclusão do esquema de leitura do sumário sem o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.



[Fig. 65] Esquema de leitura numa perspectiva de linha do tempo. Nesta disposição, o gráfico evidencia a intensidade das temáticas *ofício na vida adulta* e *eventos de vida*.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

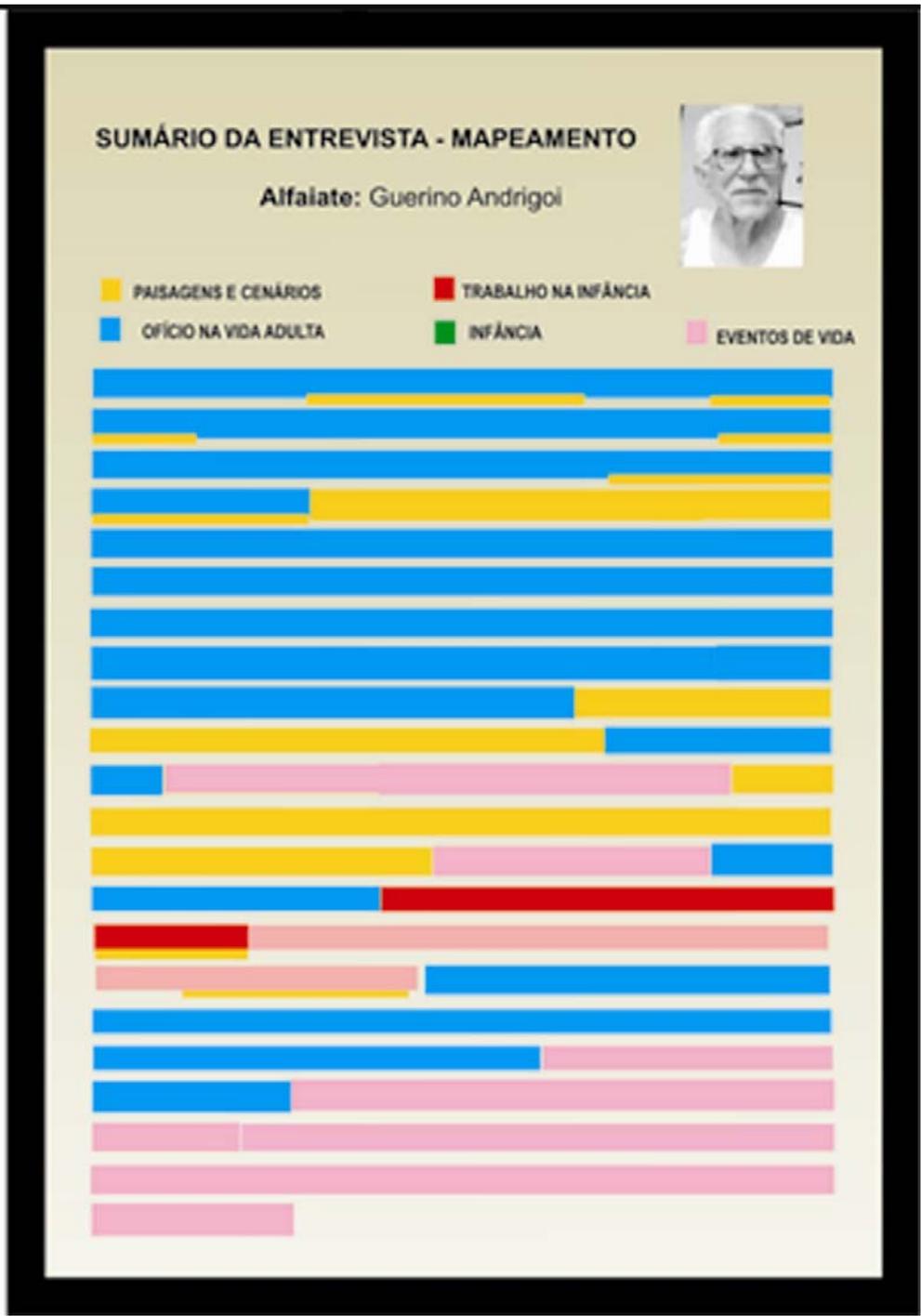
Alfaiate: Guerino Andrigoi



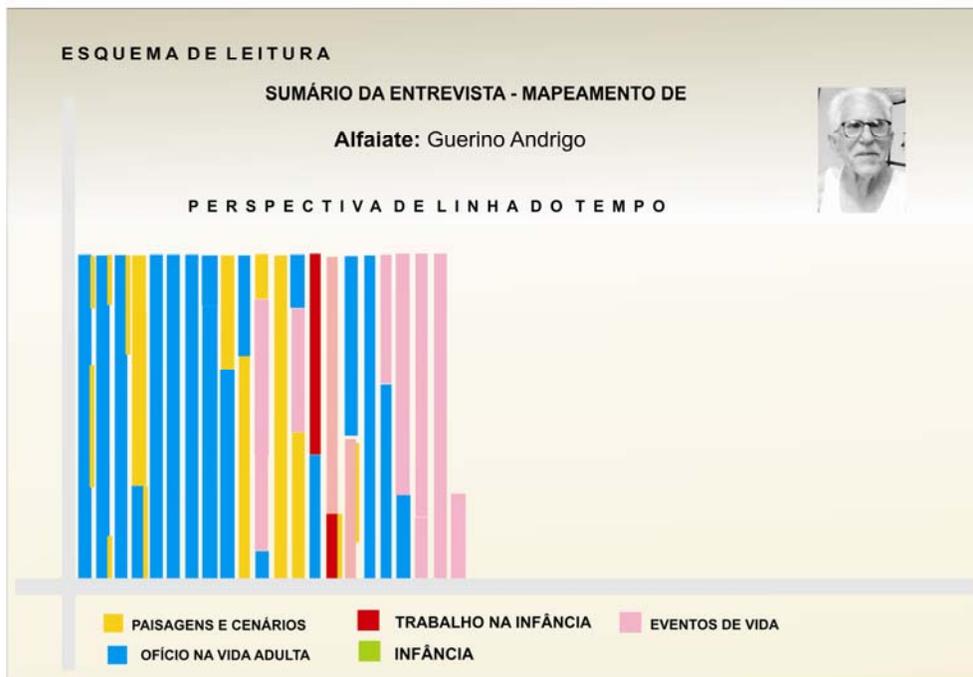
- PAISAGENS E CENÁRIOS
- TRABALHO NA INFÂNCIA
- OFÍCIO NA VIDA ADULTA
- INFÂNCIA
- EVENTOS DE VIDA

Vida de alfaiate em São Paulo (década de 1950); Retorno a São José do Rio Preto a pedido da família; citação sobre alfaiataria em São Paulo; citação sobre contramestre; citação sobre a Casa de Moda onde trabalhou em São Paulo; referência ao clima “frio” paulistano; exemplo de diálogo com um freguês; citação sobre tarefas e funções dentro da alfaiataria; trabalho de alfaiate para mulheres em São Paulo (anos 1950); referências ao valor monetário do trabalho; atendimento a mulheres em situação de “provas de roupas” na alfaiataria; problemas de saúde quando vivia em São Paulo (úlcera); a moradia em um hotel em São Paulo; a volta para São José do Rio Preto e o reinício no ofício; a família em números e a morte da irmã pequena (Sônia); descrição sobre a falta de transporte para socorrer a irmã doente; descrição sobre a condição das estradas da época; sobre a morte dos irmãos; reinício do ofício São José do Rio Preto; sobre o início da aprendizagem do ofício em Neves Paulista; o trabalho dos pais na lavoura e as diversas mudanças da família de fazenda a fazenda; sazonalidade na alfaiataria, o baixo movimento após as colheitas; mão de alfaiate calejada pelo trabalho com enxada; sobre o trabalho de sapateiro; o namoro com dona Lourdes; alfaiataria em casa; o casamento (em 1947); tristeza porque a mãe não foi ao casamento; as novas responsabilidades com a cunhada órfã de mãe; novas atribuições para administrar os bens do sogro; a doença e morte anunciada do sogro.

[Fig. 66] Esquema de leitura do sumário com o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.



[Fig. 67] Esquema de leitura do sumário sem o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.



[Fig. 68] Esquema de leitura numa perspectiva de linha do tempo. Nesta disposição, o gráfico evidencia a intensidade na temática *ofício na vida adulta*, que se prenuncia desde o início da narrativa. O informante concentra os *eventos de vida* no curso final da narrativa.

Informante: SEO LAERTE ZAGO

Idade em 2008: 66 anos

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

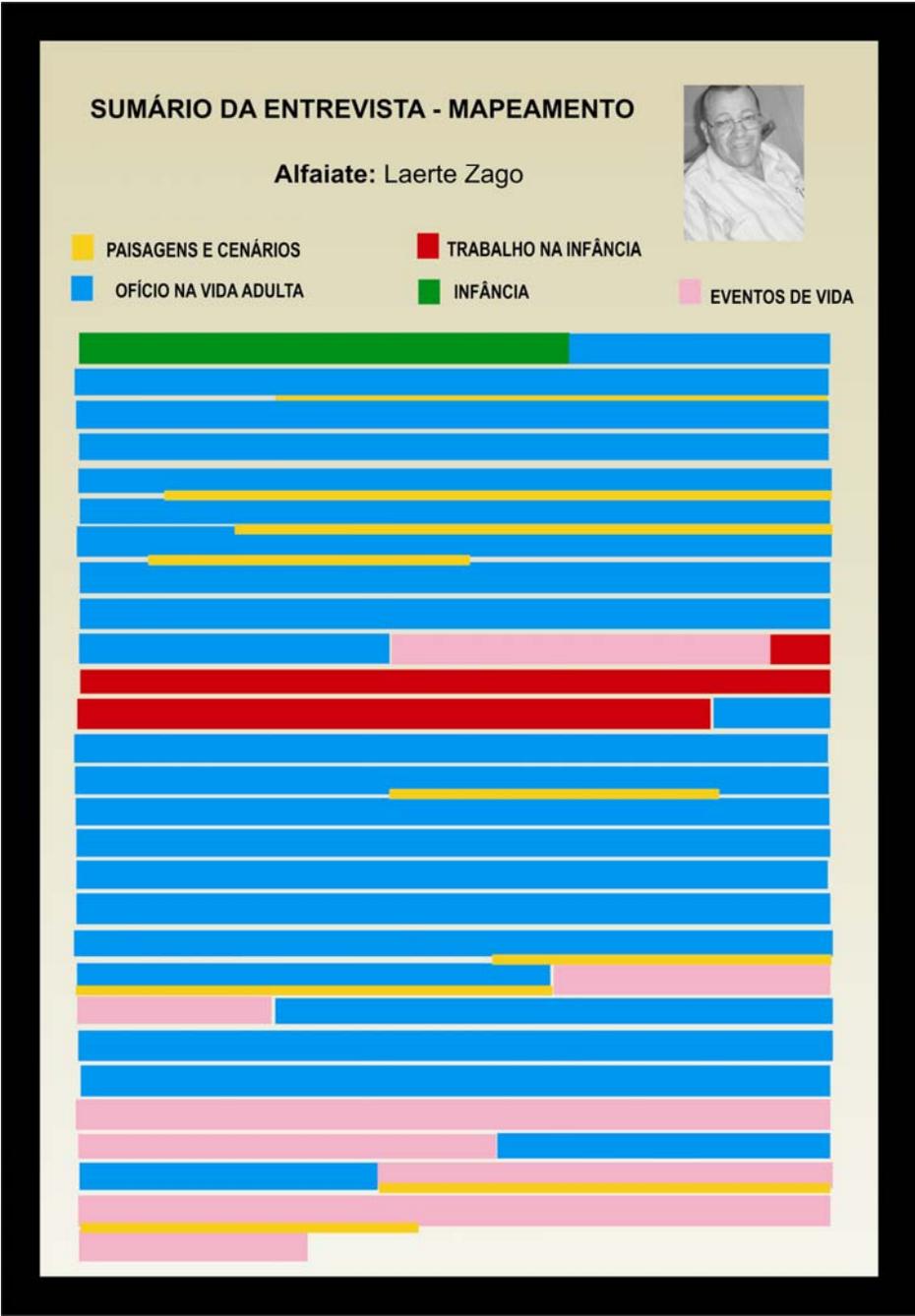
Alfaiate: Laerte Zago



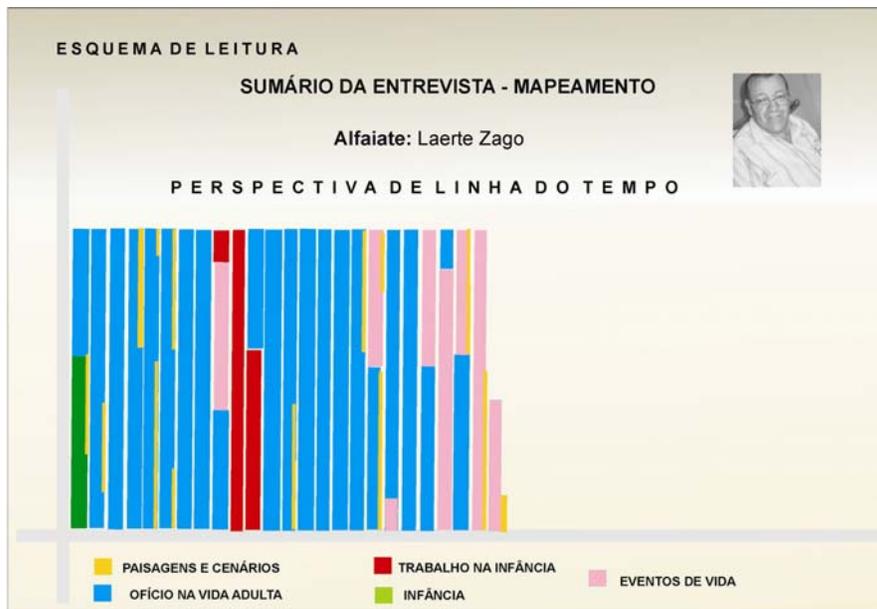
■ PAISAGENS E CENÁRIOS ■ TRABALHO NA INFÂNCIA
■ OFÍCIO NA VIDA ADULTA ■ INFÂNCIA ■ EVENTOS DE VIDA

Engraxate aos 15 anos na Vila Nova em frente à Igreja; pegava ônibus para aprender o ofício na cidade; bonde da linha Guanabara; alfaiate Bento Pinto de Paula; trabalho de chulear, passar calças e ternos, passar intertela (entretela); modelo de calça e de paletó; enchimento nos ombros; pano de algodão; linho 120; linho branco; Casa do Coração de Jesus; Alfaiataria Melicar; Alfaiataria na Vila Nova (por volta de 1960); mudança para rua Carolina Florence; ritual da Ave Maria às seis horas; alto-falante na porta da alfaiataria; estudo e interesse pela música; relatos sobre as exigências dos clientes; estratégias para lidar e agradar clientes chatos; as decepções com a profissão de alfaiate; o início da profissão de fotógrafo; a não-escolha pela profissão de alfaiate; a vida simples e sem recursos financeiros; a vida de aprendiz e os trabalhos na alfaiataria; a montagem e desmontagem do ferro de passar roupa; o mestre alfaiate Bento de Paula; aprender na prática; costurando terno por dentro; fazer um caseado; fazer com a mão; a rigidez do mestre alfaiate; os trabalhos indiretos do ofícios; Casa Regente; Casas Pernambucanas; negociação da compra de tecidos; o anonimato do alfaiate; o excesso de trabalho “escondido”; o alfaiate-patrão e a relação com o cliente; calça boca de sino; as transformações do mundo da moda; as decepções, desvalorizações e as perdas como alfaiate e os ganhos enquanto fotógrafo; o baixo rendimento do trabalho do alfaiate; a visibilidade social do trabalho do fotógrafo; Alfaiataria Nossa Senhora das Graças; trabalho de 45 anos do pai na Fazenda Santa Eliza; o adoecimento decorrente da profissão de alfaiate; 12 anos de exercício do ofício; 39 anos de fotógrafo; o tempo de dedicação à fotografia e os retornos da profissão de fotógrafo; a rotina de horários do trabalho do alfaiate; molhar o tecido; ausência do contrato de trabalho; a escrita de cartas e o envio de mensagens especiais pelo correio; visita ao amigo com câncer e a posterior cura da doença; o desejo de esquecer de algumas lembranças do ofício de alfaiate; a queda de bicicleta em frente à Igreja na volta de buscar o leite na Barão de Itapura; a remuneração do trabalho do pai; a mãe lavadeira; os três irmãos.

[Fig. 69] Esquema de leitura do sumário com o texto. O relato deste informante, que trocou a alfaiataria para ser fotógrafo, apresenta uma peculiaridade: ele diz que deseja esquecer a época do ofício, contudo, o discurso referente a sua vida como alfaiate é o que mancha a grande parte do curso narrativo.



[Fig.70] Esquema de leitura do sumário sem o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.



[Fig. 71] Esquema de leitura numa perspectiva de linha do tempo. O discurso do informante é demarcado pela ênfase do *ofício na vida adulta*. A temática do trabalho é marcante em todo o curso narrativo do senhor Laerte Zago, não obstante sua necessidade de recusar a (memória da) trajetória profissional de alfaiate.

Informante: SEO JOSÉ JOVANINI

Idade em 2008: 74 anos

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: José Jovanini



■ PAISAGENS E GENÁRIOS ■ TRABALHO NA INFÂNCIA
■ OFÍCIO NA VIDA ADULTA ■ INFÂNCIA ■ EVENTOS DE VIDA

Os irmãos; os pais descendentes de Italianos; a vida na roça; dificuldade para estudar; a pequena cidade de Nova América; o gosto pelo futebol; o trabalho na roçaria; o dia de sábado; a Revolução de 32; o cavalo Estrela; os tios-avós; as plantações de algodão e café; as peças inteligentes do trabalho de alfaiate; paletó e manga; os pequenos trabalhos e consertos de alfaiate na velhice; aprender a profissão de alfaiate; amarrar o dedo; a morte da esposa (1996).

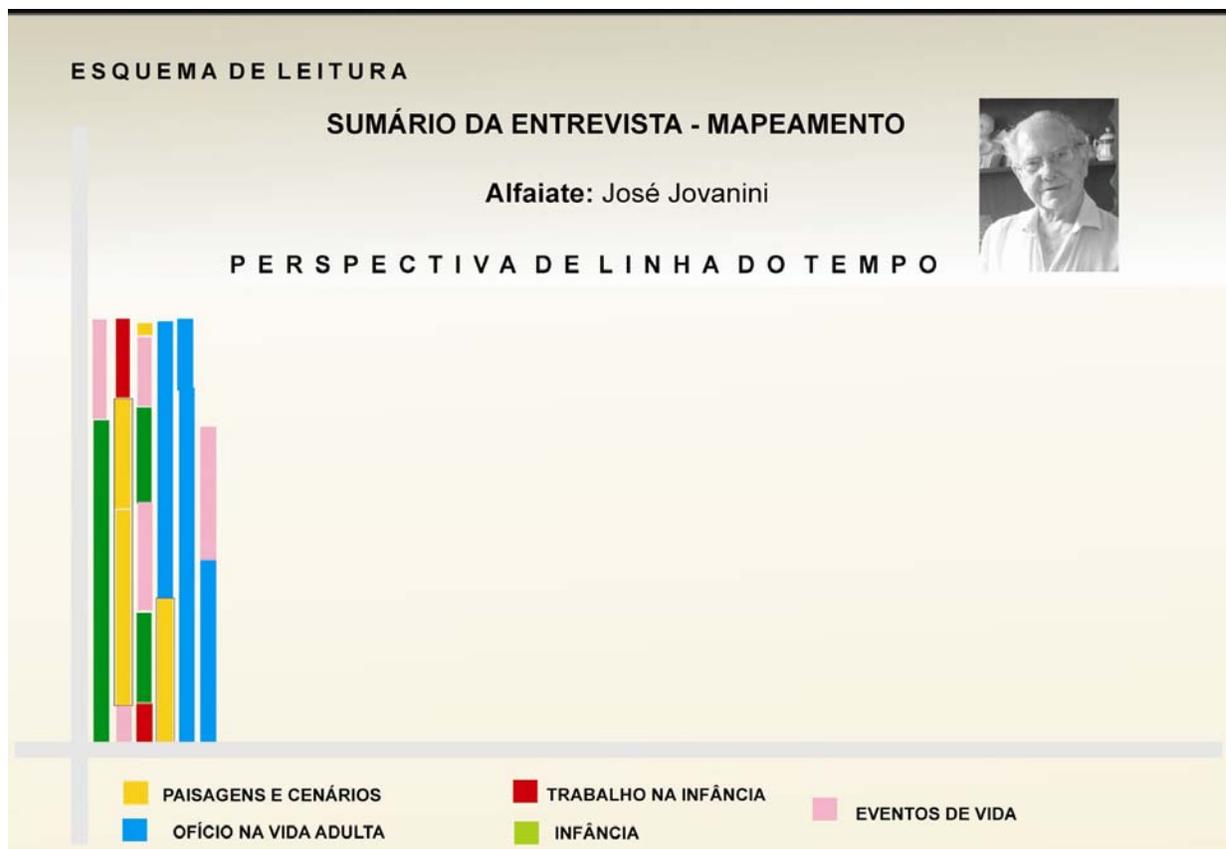
[Fig.72] Esquema de leitura do sumário com o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa. O informante apresenta um relato bem mais conciso que os demais. O silêncio demarcado nas poucas linhas nos deu a perceber que algumas perdas, como a viuvez “falamos alto”, ressentem e se incorporam ao comportamento do velho.

SUMÁRIO DA ENTREVISTA - MAPEAMENTO

Alfaiate: José Jovanini



[Fig.73] Esquema de leitura do sumário sem o texto, mapeado pelas cores dos cinco tipos de temáticas identificadas na narrativa.



[Fig. 74] Esquema de leitura numa perspectiva de linha do tempo. Embora marcado pela concisão, o relato do informante mostra um equilíbrio de intensidade para as quatro temáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até chegar à fase final de estruturação para a análise dos dados coletados observei que várias janelas foram se abrindo, ampliando o nosso olhar e despertando o interesse por explorar instrumentos alternativos de análises das narrativas. É bem verdade que os esquemas de leitura (sumários mapeados) propostos neste estudo emprestaram recursos visuais muito válidos e eficientes para o tratamento dos dados da pesquisa, principalmente por possibilitarem analisar visualmente a incidência das temáticas selecionadas: *infância, trabalho na infância, paisagens e cenários, ofício na vida adulta, eventos de vida*. Entendo que a experimentação dos esquemas de leitura pode atuar como facilitadora da análise, podendo estes esquemas serem empregados como um instrumento a mais, a serviço do método biográfico.

Outra consideração que julgo ainda necessária citar sobre esta experimentação, diz respeito a uma motivação para não restringir a análise à simples inferência de categorias (temáticas) e hipóteses previamente colocadas. Neste aspecto, investiguei uma possível estrutura visual que ordenasse as categorias de análise, abrindo caminho para associações entre a ação do sujeito, sua subjetividade e o contexto em que estava inserido.

Nesta discussão, considero pertinente lembrar que a entrevista – como instrumento de pesquisa – se constitui como uma estratégia de interação mediada pela ação de dois personagens (o pesquisador e o informante) e como tal, afasta-se totalmente da simples coleta de dados, supostamente neutra, encaminhando-se para uma situação em que serão produzidas posições e falas, reciprocamente orientadas. Do ponto de vista do pesquisador está colocada uma carga de intencionalidade, evidenciada em inúmeras marcas de sua presença no trabalho, na análise reflexiva sobre o próprio trabalho, na escolha da rede de informantes, no recorte temporal, na duração das longas entrevistas e no debruçar-se sobre os dados coletados. Este quadro de busca, no qual está submerso o pesquisador, o encoraja a perscrutar novos meios e instrumentos que lhe possibilitem lapidar o trabalho.

No tocante ao emprego de recursos visuais considero relevante salientar que os Esquemas de Leituras somados a outros elementos constitutivos do processo de construção da pesquisa como: a observação participante, a literatura sobre envelhecimento e memória, as imersões nos textos sobre sociologia do trabalho e história oral, as leituras e discussões

realizadas durante as disciplinas do curso e um denso trabalho exploratório para a formação da rede de informantes, possibilitaram a construção de uma análise sobre o grupo pesquisado delineada pelos seguintes itens: a identidade individual dos alfaiates e sua condição de trabalhadores manuais; o sentimento de pertencimento à categoria social que é a da velhice. Para tanto, devemos sublinhar que subjacente a esta linha de observação, o elemento espaço-temporal acompanhou todas as etapas, pois acreditamos que a pesquisa alinhada ao método biográfico requer uma atenção constante às inferências do contexto social. No tocante à hipótese acerca da centralidade do trabalho na vida dos velhos alfaiates, observando-se que neste estudo o *trabalho* ocupa uma dimensão de conteúdo existencial e social, entendo que a observação atenta das narrativas e as representações mostradas nos Esquemas de Leituras oferecem uma resposta muito condizente com os objetivos propostos.

Após estas considerações, acerca dos aspectos metodológicos do estudo, registro a seguir alguns apontamentos sobre a consolidação da pesquisa no tocante às especificidades da memória dos velhos alfaiates e às sínteses construídas com eles no trabalho com o método biográfico, o que evidentemente recai sobre a importância das principais temáticas emergidas dos relatos. Com efeito, observo que a categoria *trabalho na infância*, embora traga informações relevantes sobre como era comum os meninos pobres, nascidos nas primeiras décadas do século XX, serem introduzidos à vida laborativa, não é tão significativa do ponto de vista da intensidade quando posta ao lado de outras temáticas como o *ofício na vida adulta*, a qual vai absorver narrativas muito densas relacionadas à vida produtiva destes trabalhadores.

Quanto à categoria temática *cenários e paisagens*, elemento que surge de um estranhamento no momento de identificação (demarcação cromática) das temáticas nos sumários organizados, concluímos que as citações de ruas, avenidas e lugares da antiga Campinas – cidade em intensa transformação econômica e social – vivida pelos alfaiates no século XX, apareceram nos trechos das narrativas não com um propósito vital, ou seja, eram adicionais mas se extraíssemos esses trechos certamente não teríamos prejuízos na compreensão da mensagem. De toda forma, mesmo não sendo imprescindíveis, preferimos aceitá-las e dar-lhes um *status* de temática. Pensamos ser válido para a pesquisa deixar a interrogação acerca desta temática: será que os lugares dão suporte à memorização? É

possível pensar que os alfaiates se utilizaram destes suportes para desencadear uma determinada narrativa? Ou todos estes elementos estão interligados? Um item que deixamos sublinhado com o nosso entender de que merece estudos mais aprofundados sobre sua aparição nos relatos de vida.

Sobre a temática *ofício na vida adulta*, o relato do informante Laerte Zago nos chama atenção quando analisamos a transcrição, pois fica evidente a insatisfação do informante com o ofício de alfaiate na sua trajetória de vida e nos voltamos para o esquema de Linha do Tempo. Paradoxalmente, enquanto o informante nega toda e qualquer identidade com o ofício, na representação gráfica dá-se o oposto, ou seja o *ofício na vida adulta* (e tratando-se quase que exclusivamente do discurso referente ao ofício de alfaiate), na cor azul, toma conta da trajetória. “Gostaria de esquecer tudo desse tempo”, sintetiza Seo Laerte. Tomamos esta espécie de contradição entre discurso e intenção de discurso como uma força de negação. Na ânsia de negar a não-identidade com o ofício e uma carga de sofrimento e angústia, o informante sobrepõe o objeto negado à construção narrativa. Acreditamos que o refinamento de meios de análise contribua sobremaneira para um maior aproveitamento maior da subjetividade nos relatos de vida.

À peculiaridade de dar relevo – intensidade e duração – às narrativas em que discorrem sobre o ofício em suas vidas, os velhos alfaiates nos convidam a refletir acerca desta forma narrativa vir a ser uma marca própria, deles, sujeitos que ganharam a vida trabalhando com as mãos. Notadamente, Ecléa Bosi, ao desenvolver estudos sobre memórias de velhos, na cidade de São Paulo, chama a atenção para diferenças entre a configuração do pensamento dos trabalhadores mecânicos (manuais) e dos trabalhadores pertencentes a outras atividades. A autora avaliou que os primeiros eram donos de uma vivacidade singular para compor sua “biografia social”, oferecendo testemunhos com “continuidade linear”, sendo possível se pensar que o trabalho manual oferece uma dupla significação para o sujeito:

- 1) Envolve uma série de movimento do corpo penetrando fundamente na vida psicológica. Há o período de adestramento, cheio de exigências e receios; depois uma longa fase de práticas, que se acaba confundindo com o próprio cotidiano do indivíduo adulto.
- 2) Simultaneamente com seu caráter corpóreo, subjetivo, o trabalho significa a inserção obrigatória do sujeito no sistema de relações econômicas e sociais. Ele é um

emprego, não só como fonte salarial, mas também como lugar na hierarquia de uma sociedade feita de classes e de grupos de *status*. (BOSI, 1994, p. 471)

Ao citar a questão da intensidade nos relatos chamo a atenção para as diferenças de massa de informação resultante das entrevistas de um e de outro informante. Assim, enquanto tem-se relatos longos como os dos senhores Natalino e Nelson, temos a contribuição do senhor José Jovanini marcada por uma característica de síntese.

No que diz respeito à temática *eventos de vida* tenho a observar que se trata de uma categoria que aparece com uma intensidade modesta, mas revela uma carga muito forte de significação nos relatos, principalmente no tocante à esfera da afetividade na vida dos informantes. Por intermédio dos *eventos de vida* o pesquisador acessa a interioridade dos informantes, o que lhe é mais pessoal, o resultante do que a narrativa imprime quando abre espaço para os momentos em que foram felizes, tristes, nos momentos em que o sofrimento se manifestou, bem como as apreensões e/ou alegrias. Com referência a esta temática, o informante Nelson Franco de Oliveira apresenta uma utilização muito expressiva, que difere das demais. O senhor Nelson associa os *eventos de vida* a *paisagens e cenários*, criando um divisor na narrativa, marcada pela temática *ofício na vida adulta*. E ao final da narrativa tem-se o retorno das lembranças do *ofício na vida adulta*. Esta leitura, muito visível no esquema esboçado na Linha do Tempo, quando somada a outras avaliações sobre o informante, transparece uma consolidação de dados que faz muito sentido: o senhor Nelson se mostrou no curso da pesquisa um informante sempre muito centrado em realçar seu estado de espírito, marcado pelo enfrentamento diante das adversidades. E para tanto, reúne todo o seu repertório de lembranças de situações em que pôde aplicar sua capacidade de superação. Foi assim na infância pobre, na garra para aprender o ofício, ao não se deixar intimidar pelo preconceito do sogro, comerciante e descendente de italiano (que o considerava negro, por ter os cabelos crespos) e agora, na sua velhice, continua bravamente enfrentando as complicações da diabetes. Por todas estas características, no esboço que traçamos da reconstrução da autoimagem, lemos a identidade do informante Nelson Franco como o alfaiate, mas também com o espírito de um soldado disciplinado, que conduziu sua vida e a família com os mesmos valores de retidão; a outra faceta é o talento para o futebol, o que fica patente com o farto volume de fotografias que oferece à

pesquisa, mostrando suas participações em jogos, quando jovem, vivendo no bairro Cambuí, em Campinas.

Na dualidade entre o dizer e o que está por trás do não-dito, registro a contribuição do senhor José Jovanini, o informante que em matéria de massa de narrativa e oferecimento de fotografias se mantém, no decorrer de toda a pesquisa, de modo conciso, por vezes, demonstrando, categoricamente, um limite para desvendar-se. Entretanto, embora traga pinceladas leves de *eventos de vida* em sua narrativa, seo José Jovanini nos oferece, com o seu silêncio e o comedimento uma outra reflexão: a de que o lugar que o trabalho ocupa em sua vida não é maior que a dor da perda, a dor da morte, manifesta na viuvez. Ele, diante desta dor, faz a opção pelo silêncio, quebrado pelas poucas palavras contidas, mas nem por isso vazias de significado.

A análise detalhada dos Esquemas de Leitura em concomitância com a análise das transcrições evidenciam ainda que o homem velho pode trazer para as oportunidades de ressignificação um denso repertório de vida associando o trabalho como um conteúdo existencial, conjugando a individualidade com o viver em grupo, dentro de contextos sócio-culturais mais amplos.

Por fim, espero que esta pesquisa possa contribuir para os estudos comprometidos com as causas do envelhecimento. Entendo que as narrativas destes velhos trabalhadores manuais trouxeram mais que especificidades de uma profissão (em extinção ou em transformação). Os resultados obtidos estão na observação atenta das transcrições e nos desdobramentos incorporados à pesquisa, com a sugestão dos Esquemas de Leitura e os recursos gráficos visuais. Todavia, registro que a riqueza das contribuições dos velhos alfaiates reside, sobretudo, na forma como eles, informantes, se dispuseram a construir o estudo, contribuindo como arquivos-vivos da memória e conscientes de sua importância como sujeitos sociais.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

AGOSTINHO, Santo. Santo de Hipona. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2002.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo, Boitempo, 2000.

_____ *Adeus ao trabalho?* São Paulo: Cortez, 1995.

ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*, Edições de Ouro: Rio de Janeiro, 1969 [Original francês: *Art Rhétorique et Art Poétique*].

BO BARDI, Lina. *Tempos de Grossura: O Design no Impasse*. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 1994.

BOBBIO, Norberto. *O Tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BERGSON, Henri. *Memória e vida*. (Tradução: Claudia Berliner). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEJOURS, Christophe. *A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. (Tradução: Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira). 5 ed. Ampliada, São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

FOCILLON, Henri. *A vida das formas. Arte e Comunicação*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1943.

HOLLANDER, Anne. *O Sexo e as roupas: A evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. (Tradução: Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer – cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

LE GOFF, J. *Pour un autre Moyen Age; temps, travail et culture em Occident*. 18 essais, Paris: Gallimard, c. 1997.

MARTINS, José de Souza. *A aparição do demônio na fábrica. Origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo: Editora 34, 2008.

Mc ADAMS, D.P. (1996). *Personality, modernity, and the storied self: A contemporary framework for studying persons*. *Psychological Inquiry*, 7, 295-321. Apud. NERI, Anita Liberalesso. “A Memória e as Memórias na Velhice: um enfoque psicológico”, (no prelo).

NARDI, Henrique Caetano. *Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo: Fapesp, 1999, (Coleção Histórias de Leitura).

PICHON-RIVIÉRE, Enrique e QUIROGA, Ana Pampliega. *Psicologia da Vida Cotidiana*. (Tradução: Claudia Berliner), São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RUSSEL, Bertrand. *O elogio ao ócio*. (Tradução: Pedro Jorgensen Júnior). Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SAVIANI, Dermeval. “Educação e Trabalho Artesanal”. In: Santoni Rugiu, Antonio. *Nostalgia do Mestre Artesão*. (Tradução: Maria de Lourdes Menon). Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

ARTIGOS

ALVES, Andréa Moraes. “Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares”. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.) *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

CALDEIRA, Teresa. “Memória e Relato: A Escuta do Outro”. In: *Revista do Arquivo Municipal. Memória e Ação Cultural*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico Municipal, 1992.

CARDOSO, Marta Rezende. “Entrevista a Cristophe Déjours”. In: *Ágora* v. IV n. 2 Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon. Concedida pela Internet, em setembro de 2001.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. “Ofícios, Manufaturas e Comércio”. In: *Coletânea de Textos apresentados no I Congresso Brasileiro de História Econômica – História Econômica do Período Colonial*. Hucitec-Fapesp: São Paulo, 1996.

FREIRE, Sueli Aparecida e RESENDE, Marineia Crosara de. “Sentido de vida e envelhecimento”. In: *Maturidade e Velhice – Trajetórias individuais e socioculturais*. Anita Liberalesso Neri (org.). Campinas, SP: Papirus, 2001 (Coleção Vivacidade).

NERI, Anita Liberalesso. “A Memória e as Memórias na Velhice: um enfoque psicológico”, (*no prelo*).

_____ e FREIRE Sueli Aparecida. “Apresentação. Qual é a idade da velhice?” In: NERI Anita Liberalesso e FREIRE Sueli Aparecida (organizadoras). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

POLLAK, Michel. “Memória e Identidade Social”. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____ “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In: *Projeto História São Paulo*, (15) abr. 1997

PRINS, Gwyn. “História Oral”. In: BURKE, Peter (Org.) *A Escrita da História – Novas Perspectivas*. (Tradução: Magda Lopes). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

VON SIMSON, Olga R. Moraes. “Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento – O exemplo do Centro de Memória da Unicamp”. In: Filho, Luciano Mendes de Faria. *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias – Questões para a História da Educação*. Campinas/SP: Unicamp, 2001, (Coleção Memória da Educação).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1973.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, (org.). *As Faces da Memória*. Campinas: CMU-Unicamp, Coleção Seminários, 1987.

CADERNO DO CEDES/Centro de Estudos Educação Sociedade – Vol. 26, n.68, 2006.

DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2ª edição, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Tempo Morto e Outros Tempos – Trecho de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.

GRACIOLI, M. M. *Os saberes dos sapateiros*, 2000. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Práticas Educativas) – Universidade de Franca, Franca/SP.

LOPES, Luiz Paulo da Moita e BASTOS, Liliana Cabral (Org.). *Identidades – Recortes Multi e Interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. *Os Trabalhadores: Estudos sobre a História do Operariado*. Tradução de Marina Leão Teixeira Viriato de Medeiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Pensamento Crítico; V. 45).

LE GOFF, Jacques. *Por Amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. (Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes). São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998 (Prismas).

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1984.

NERI, Anita Liberalesso e DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999. Coleção Vivacidade.

_____ (org.). *Desenvolvimento e Envelhecimento – Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Vivacidade).

_____. *Qualidade de Vida e Idade Madura – Campinas*, SP: Papirus, 1993. (Coleção Vivacidade).

_____. *Maturidade e Velhice – Campinas*, SP: Papirus, 2001. (Coleção Vivacidade).

SAMAIN, Etienne (org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von, (org.). *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

_____. *Carnaval em Branco e Negro – Carnaval Popular Paulistano (191 4-1988)* Campinas, Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von, e GIGLIO, Zula Garcia “A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida” In: *Desenvolvimento e Envelhecimento: Perspectivas Biológicas, Psicológicas, Sociológicas*. NERI, Anita Liberalesso (org). Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Vivacidade).

ROTEIROS DE ENTREVISTA

Marta Eugênia Fontenele Pimenta

1) **Dados Biográficos Ficha de Identificação**

Nome:
Idade:
Naturalidade:
Estado Civil:
Nome dos Pais:
Nome da Esposa:
Filhos (as):
Escolaridade:
Outras ocupações:

2) **Questões Abertas**

2.1 Conte-me sobre sua vida.

2.2 Questões Abertas? Complementares

Nos momentos em que o pesquisador sente a necessidade de compreender um trecho, ou até mesmo confirmar uma fala, são dirigidas perguntas como:

Quando isto aconteceu mesmo?

Qual foi a palavra que o senhor disse nesse trecho?

Que idade o senhor tinha nesta época mesmo?

E assim por diante...

3) **Questões Dirigidas**

3.1 Como foi o aprendizado do ofício?

3.2 Como era o trabalho do aprendiz?

3.3 Como é “amarrar o dedo”? O senhor pode explicar melhor?

3.4 Qual era a rotina na alfaiataria?

3.5 O que é buteiro? Caseado? Chulear? Etc? (complementações sobre o jargão)

ROTEIROS DE ENTREVISTA

Marta Eugênia Fontenele Pimenta

Este roteiro foi aplicado na volta a campo, após recomendação da Banca de Qualificação, com o objetivo de identificar possíveis mensagens subjetivas existentes nos relatos dos informantes.

1. Questões Dirigidas

1.1 Como o senhor se sente colaborando para uma pesquisa para a universidade?

1.2 O que significou este momento de oferecer suas memórias para um estudo como este? O que o senhor sentiu?

1.3 Por que esta pesquisa ganha importância para o senhor, agora, neste momento de sua vida?

TRANSCRIÇÕES

Informantes:



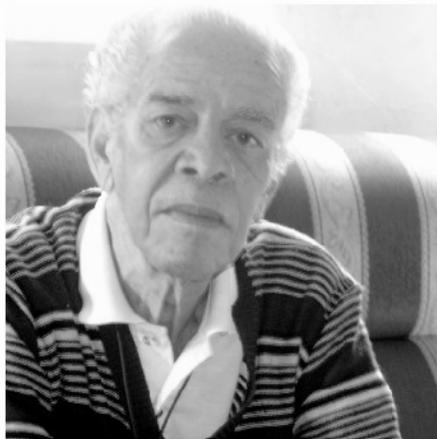
Seo Guerino Andrigo



Seo José Jovanini



Seo Natalino A. Augusto



Seo Nelson Franco de Oliveira



Seo Laerte Zago

Natalino Antonio Augusto

A l f a i a t e

soldado constitucionalista



Entrevista com Seo Natalino Antonio Agostinho

Data: junho de 2005

Local: Unicamp, Campinas/SP

A entrevista foi realizada numa sala da Unicamp, onde o genro do senhor Natalino trabalha como pesquisador.

Nesta sessão, Seo Natalino inicia seu relato pela mudança da família da área rural para a vida urbana em Campinas.

LINHA DO TEMPO

TERRITÓRIOS

Fazendas da região de Campinas

Ruas centrais de Campinas

PERSONAGENS QUE SE DESTACAM NA NARRATIVA:

A mãe

O tio Vitório Chinallia

A professora, Dona Amália de Arruda Legendre

A namorada Zuleika (e esposa)

EVENTOS DE VIDA

A vinda (da roça) para a cidade, Campinas

O namoro com dona Zuleika

A experiência como soldado

O casamento

Início:

Seo Natalino: ...continuação de Barão de Jaguará além da FEPASA, pra cima da linha e, continuava como sendo Barão de Jaguará. Nós mudamos pra lá, meu pai comprou a casa lá e nós mudamos. Porque a minha mãe era muito economista, minha mãe era o seguinte: a gente vinha lá da fazenda, era sábado, vender alguma coisa que se produzia lá na fazenda, frango, ovos, palha pra fazer cigarro, essas coisas né e minha mãe, também por hábito, quando a gente tinha um dinheirinho ela ia no (?), não sei se você chegou a...

Pesquisadora: Já ouvi falar.

S.N: Ele negociava com libras esterlinas, inglesa.

Pesquisadora: Olha que inteligente ela hein!

S.N: E ele comprava uma ou duas libras esterlinas na (?)

Pesquisadora: E guardava.

S.N: E guardava no lenço né, amarrava. (risos). E chegou uma época que meu tio, chamava-se Vitório Chinallia morava aqui na cidade.

Pesquisadora: Era Chinallia.

S.N: Chinallia.

Pesquisadora: Seu tio.

S.N: Meu tio, Vitório Chinallia. E ele se interessou, porque ele achou que os meninos da minha mãe e do meu pai já estavam crescendo e não poderiam ficar na fazenda, tinha que vir pra cidade pra tomar um outro rumo de vida né. Então aí ele se interessou e perguntou quantas libras ela tinha, ela contava né, então eles contaram lá o dinheiro em libra e deu quatro contos, aquele tempo, quatro milhões e meio que custava uma casa aquele tempo né. E com essa importância meu pai e minha mãe, mais minha, era economista da...

Pesquisadora: Da família.

S.N: Da família. Eles compraram essa casa lá na continuação da Barão de Jaguará e nós moramos lá.

Pesquisadora: Até a sua vida adulta.

S.N: Até adulto, mesmo depois de casado eu ainda morei lá.

Pesquisadora: Aí o senhor casou-se com que idade ?

S.N: Eu me casei no dia que eu completava vinte e seis anos. Eu me casei com Zuleika, Salin Augusto.

Pesquisadora: Com vinte e seis anos. A dona Zuleica Salin, ela era descendente de libaneses ?

S.N: ãh ?

Pesquisadora: Era descendente de libanês?

S.N: Não, de italiano, era um Salin N, não era M.

Pesquisadora: ah é Zuleika Salin...

S.N: Salim Augusto, era o nome dela de solteira era Zuleika Salin.

Pesquisadora: Tá, com N.

S.N: Com N.

Pesquisadora: E aí depois ficou Zuleika Salin...

S.N: Augusto.

Pesquisadora: Augusto. E a dona Zuleica o senhor conheceu ela aonde?

S.N: Ah nós moramos sempre pertinho.

Pesquisadora: Ah eram vizinhos?

S.N: Era vizinho, desde que eu vim do sítio eles moravam aí de frente, a casa dela era muito pequenininha, então nós se conhecemos assim.

Pesquisadora: Quando o pai do senhor veio morar no Centro de Campinas com a família qual era a atividade dele ?

S.N: Meu pai trabalhava em lavoura né e ele foi trabalhar na indústria, função de prédios, como amassador de reboques e lá ele fez a vida dele né e minha mãe era doméstica.

Pesquisadora: Certo. E os filhos estudavam aonde?

S.N: Os filhos como, eu ?

Pesquisadora: O senhor e seus irmãos.

S.N: Os meus irmãos não estudaram, não tiveram nem o primário, mas aprenderam com um tio meu, chamava-se..., um tio irmão da minha mãe que ele já era alfabetizado um pouco né e ele ensinou o suficiente pra eles viverem, agora depois eles...

Pesquisadora: Ele alfabetizou os seus irmãos.

S.N: Meus irmãos.

Pesquisadora: Olha, que bom.

S.N: E eu cursei uma escola lá mista na Fazenda Samambaia com a professora dona Amália de Arruda Legendre

Pesquisadora: Na escolinha da fazenda.

S.N: Na escolinha de fazenda.

Pesquisadora: A professora era a Amália...

S.N: Dona Amália de Arruda Legendre.

Pesquisadora: De Arruda Legendre. E lá o senhor foi alfabetizado. E morando no Centro de Campinas...

S.N: Eu tive praticamente muito pouco tempo lá, foi menos de um ano. Agora depois eu vim pra cidade, depois eu fiz um curso, já correspondendo aquela época ao segundo ano, no Externato São João noturno e lá eu recebi uma medalha de honra ao mérito.

Pesquisadora: Olha! O que que o senhor fez, porque era bom aluno ?

S.N: Não sei se foi por comportamento né e quem me colocou a medalha no peito foi o Bispo Dom Barreto.

Pesquisadora: Olha!

S.N: Lá no Externato São João tinha um teatrinho e eu fui chamado lá, mas eu não estava nem sabendo que eu estava contemplado, porque nós estávamos na parte superior, então quando chamaram meu nome os meus coleguinhas lá falaram, tão chamando o seu nome lá

no palco. Eu falei, do que? Aí tornaram chamar, então eu desci a escadaria lá e fui lá , então o Bispo falou, *vem cá menino*. Eu estava lá, eu não me recordo se estava prefeito, algum representando o prefeito, mas o Bispo eu lembro muito bem porque foi ele que me colocou a medalha na cabeça.

Pesquisadora: Olha!O Senhor guardou a medalha ?

S.N: Tô com ela lá em casa.

Pesquisadora: Guardou até hoje. Olha que maravilha!

S.N:Guardei. Honra ao mérito.

Pesquisadora: Honra ao mérito. Então o senhor estudou no Externato. Por acaso o senhor ouviu falar de um colégio, talvez anterior a este, chama Colégio Rosa ? Nunca ouviu falar ?

S.N: Não. Aquele tempo tinha o Colégio Ateneu Paulista, tinha O Diocesano, tinha o Culto a Ciência.

Pesquisadora: Culto a Ciência.

S.N: Esses colégios tradicionais aqui.

Pesquisadora: Aí o senhor estudou no Externato. E aí...

S.N: Mas só um ano.

Pesquisadora: Só um ano.

S.N: Depois eu queria trabalhar.

Pesquisadora: Aí depois foi trabalhar. Com que idade o senhor foi trabalhar ?

S.N: Com onze anos, doze anos, fui aprender ofício. Então eu não sabia nem o que era alfaiate, mas minha mãe saiu, conversou com um alfaiate, ela ali na Regente Feijó e eu fiquei e ela me arrumou lá pra mim trabalhar lá, aprender ofício. E assim eu aprendi ofício de alfaiate.

Pesquisadora: Ela perguntou se o senhor queria ?

S.N: Não.

Pesquisadora: (risos) Ela decidia.

S.N: Decidia. E aí eu fui, me dei bem como alfaiate, porque aos dezessete anos já comecei a trabalhar por minha conta, na minha casa mesmo.

Pesquisadora: Na casa da sua mãe.

S.N: Da minha mãe, lá na Oscar..., depois já mudou o nome pra Oscar Leite.

Pesquisadora: Sei.

S.N: A Rua Barão de Jaguará passou a ser Oscar Leite, da linha pra lá né.

P: E aí..., quem foi que ensinou pro senhor o ofício ?

S.N: É, eu trabalhei com diversos, trabalhei..., o primeiro que me colocou um dedal na mão chamava-se Manoel, era um portuguêsinho, depois trabalhei com Quirino Salvucci, trabalhei com... (pausa), eu trabalhei com outro alfaiate, Afonso Jacobussi.

Pesquisadora: Esse é famoso aqui né.

S.N: Trabalhei na Tesoura de Ouro, Tesoura de Ouro era uma alfaiataria muito boa que tinha aí na Treze de Maio né, trabalhei lá muito tempo. Depois de lá, trabalhei com Olivero (?) na Avenida João Jorge. De lá eu comecei a trabalhar por minha conta. Então eu já aprendi corte de roupas, paletó, calça, colete e capa com o Afonso Jacobussi e passei a trabalhar por minha conta, até agora há pouco tempo né.

Pesquisadora: Quando o senhor parou ?

S.N: Ah eu parei, acho que faz uns dez ou doze anos.

P: Por volta de mil novecentos e noventa e dois... ?

S.N: Não, antes um pouco.

Pesquisadora: Antes um pouco.

S.N: É oitenta e pouco.

Pesquisadora: Oitenta e oito, por aí.

S.N: É.

Pesquisadora: Muito bem. E como foi a sua experiência de aprendiz, por exemplo, o primeiro dia de trabalho do senhor o senhor lembra como é que foi ?

S.N: Ah foi que naquela época o aprendiz de profissão que nem alfaiate, ensinava até os patrões amarrar o dedo assim, porque punha o dedal né e o dedal de alfaiate é diferente de costureira né.

Pesquisadora: Ah é ?

S.N: Ele não tem o fundo.

Pesquisadora: Não tem o furo ?

S.N: O fundo

Pesquisadora: O fundo, entendi, é furado.

S.N: O fundo do dedal.

Pesquisadora: Do dedo.

S.N: Então o alfaiate empurra a agulha de lado, a mulher não, a costureira empurra a agulha pelo fundo.

Pesquisadora: E o alfaiate é pelo lado. Faz pra gente ver só pra eu entender. O alfaiate faz como ?

S.N: De lado né, assim.

Pesquisadora: Ah, entendi.

S.N: De lado né aqui.

Pesquisadora: Entendi. E dedal tá aqui.

S.N: E o dedal aqui, mas o dedal é furado, então a gente empurra a agulha de lado.

Pesquisadora: De lado, na lateral do dedal.

S.N: Na lateral e a costureira, bordadeira é pelo fundo.

Pesquisadora: Pelo fundo da agulha. E ele amarrava o dedo...

S.N: Pra poder acostumar.

Pesquisadora: O anular, pra poder...

S.N: Ms eu não precise amarrar.

Pesquisadora: Ah é ?

S.N: Eu desde a primeira vez já pus o dedo e já foi, já comecei.

Pesquisadora: Já começou.

S.N: (?) né, e assim eu fui indo.

Pesquisadora: Tá certo. E eles ensinaram pro senhor primeiro os acabamentos ou já começaram ensinando corte, os moldes, como era o... ?

S.N: Não, não, primeiro o alfaiate costuma assim, primeiro ele costuma guarnecer um pedaço de pano né. Sae o que é guarnecer ?

Pesquisadora: Não sei.

S.N: É um chuleadinho na beirada, pra não desfiar.

Pesquisadora: Prepara o tecido pra não desfiar, chama guarnecer.

S.N: Guarnecer. Depois tem o ponto mole, o ponto mole é o seguinte: são duas peças né, a frente de um paletó juntadas são duas né, então pra marcar não marca com o giz, faz um ponto mole, dá uma puxada mole...

Pesquisadora: Ah. Bem mole.

S.N: E depois a gente abre as duas partes e corte no meio, então marca as duas partes, chama-se ponto mole.

Pesquisadora: E a linha que faz o ponto mole tem uma cor diferente do tecido pra enxergar.

S.N: É.

Pesquisadora: É ?

S.N: Geralmente é a linha branca pra poder marcar.

Pesquisadora: Então quer dizer que o alfaiate não usa o giz.

S.N: Não, ele usa o giz por fora.

Pesquisadora: Por fora.

S.N: Mas para marcar as frentes do paletó ele usa mais o ponto-mole, pra marcar, pra marcar (?), pra marcar os pontos aonde vai o bolso, então ele usa...

Pesquisadora: Então o senhor começou aprendendo o dedal, guarnecer, ponto mole, e depois ?

S.N: É, aí eu já fui ajudando, já fui me desenvolvendo dentro da profissão né, já fui trabalhando. Depois esse primeiro rapaz que eu trabalhava com ele, que tinha vindo de Portugal, ele também...

Pesquisadora: Era o Manoel.

S.N: Manoel. Ele não tinha muita prática, porque ele também veio jovem de lá e aqui os (?) eram diferentes, ele também achou que ele devia se empregar numa alfaiataria aqui pra poder aperfeiçoar. Então ele me encaminhou com esse Quirino Salvucci, que morava na José Paulino, e lá eu em desenvolvi bem, quase que eu já montava um paletó. Aí depois lá eu saí, eu ganhava cinco mil réis por mês...

Pesquisadora: Era bastante ?

S.N: Era pouco, mas..., com tanto que eu saí de lá eu fui trabalhar com esse Afonso Jacobussi, não tratei preço e ele me pagou quinze mil réis o primeiro mês, já dei um altinho né.

Pesquisadora: O dobro.

S.N: Depois de lá do Jacobussi eu fui trabalhar na Tesoura de Ouro, já era uma casa boa que tinha na Treze de Maio, eu já fui ganhando cem mil réis.

Pesquisadora: Nossa!

S.N: Vê como que a gente muda de... Depois dos cem mil réis eu fui trabalhar com esse Alberto (?), mas trabalhava como..., já com cento e cinquenta e aí eu deixei e fui trabalhar por minha conta.

Pesquisadora: Ah, falou chega de ser...

S.N: Aí eu já tinha...

Pesquisadora: Chega de se empregado.

S.N: É, eu já tinha uma freguesia, já tinha os colegas que começaram a me incentivar pra eu fazer terno pra eles, então eu já fazia um terno, uma calça, terno de brim. Aquele tempo cobrava-se vinte e cinco, trinta cruzeiros o feitio de uma calça e um paletó de brim, oitenta ou noventa de casemiro.

Pesquisadora: De casemira.

S.N: E a gente punha o material. Aí já era mais ou menos esse preço de oitenta, noventa, depois passei acento e vinte, eu tinha uma boa freguesia.

Pesquisadora: Seu Natalino na época que o senhor era alfaiate existiam as mulheres calceiras ?

S.N: Existiam.

Pesquisadora: E elas competiam, como é que era ?

S.N: As calceiras recebia serviço da gente, vamos supor...

Pesquisadora: Ah, vocês contratavam.

S.N: A gente se quando quisesse abreviar o serviço a gente só fazia o paletó e dava a calça pra fazer pra fora, o colete também né.

Pesquisadora: A calça e colete vocês terceirizavam.

S.N: A coleteira era outra.

Pesquisadora: Ah era outra.

S.N: É, tinha moça que só trabalhava como coleteira e tinha outras que eram calceiras, só faziam calça, elas pegavam já a calça cortada, só mandava o aviamento, que era o bolso, tertela, essas coisas e elas faziam o resto né.

Pesquisadora: Então o alfaiate já entregava a calça pra...

S.N: Pra calceira.

Pesquisadora: Pra calceira já cortada.

S.N: Cortada. Mas eu nunca tive calceira, eu tinha (?) que fazia as duas peças, tanto o (?) como a calça e se tivesse necessidade de fazer um colete eu fazia também e até batina de padre eu cheguei a fazer.

Pesquisadora:É?

S.N: Colote, sabe... colote militar ?

Pesquisadora: Sei, ahã.

S.N: Também eu fazia.

Pesquisadora: Qual a peça que o senhor gostava mais de fazer?

S.N: Bom, a gente..., eu gostava de trabalhar em todas elas, porque eu..., eu não gostava de dar pra fora porque eu tinha... Não sei se eu não tinha confiança, eu tinha confiança no meu serviço. Então eu tinha freguês aí muito bons, viajantes e outros, tinha freguês que gostava muito de bolsos aqui na frente, bem fundo, pra guardar o dinheiro, porque ele viajava daqui até a Bolívia, ficava dois, três meses fora e recebia duplicata né...

S.N: Ia guardando tudo na calça.

S.N: E guardava no bolso e tinha que ser um bolso com botão em cima pra poder fechar.

Pesquisadora: Seu Natalino. E por que que as mulheres calceiras trabalhavam com essa parceria com os alfaiates, o alfaiate não gostava de fazer as calças ?

S.N: Não, não gostava, porque toma muito tempo né.

Pesquisadora: Ah, tem muito detalhe.

S.N: É, é muito tempo.

Pesquisadora: De um paletó e calça e colete, então a peça mais difícil, que toma mais tempo seria a calça ?

S.N: Não, o paletó.

Pesquisadora: O paletó.

S.N: O paletó, um paletó muito bem feito conforme era na época, tinha caseado assim na manga né, imitando um caseado aqui, os botos... Aqui a gente quase não usava máquina naquele tempo.

Pesquisadora: Só a mão.

S.N: Quase tudo feito à mão, frente guarneçada, ponto picado..., você não entende.

Pesquisadora: Um pouquinho só.

S.N: É, era um pontinho que a gente dava aqui na beiradinha né pegando as duas partes, os bolsos também eram..., tinha chapeado, guarnecidos, depois passado o...

Pesquisadora: Então praticamente a peça era feita à mão.

S.N: Era uma peça que levava de dois a três dias pra ser feita, o paletó. Agora a calça não, a calça a gente faz uma ou duas no dia né, que é mais na máquina, mas o paletó é mais demorado.

Pesquisadora: Era artesanal o paletó né, tudo à mão.

S.N: Tudo a mão, naquele tempo usava-se mais a mão do que...

P: A máquina.

S.N: É como o colchoado que ia por dentro, ia algodão, a espaguinha né, era tudo feito à mão.

Pesquisadora: Quando o senhor tinha um cliente novo o senhor tirava as medidas dele e guardava ?

S.N: Tirava, é, no livro né.

Pesquisadora: Tinha um livro.

S.N: É, tinha um livro de medidas.

Pesquisadora: Um livro de medidas. Tinha o nome, o endereço, a casa, tudo mais e as...

Pesquisadora: E as medidas.

S.N: ...as medidas dele. Então a gente tirava as medidas assim, a fita métrica daqui desse ponto aqui da cintura, comprimento né, era o comprimento do paletó, depois era da metade das costas até a ponta da manga, era uma parte, porque ia ser parte dobrada fazia as duas parte. Nós tirávamos a medida do tórax, tirava a medida da Cintura, tirava a medida do ombro, da manga, manga assim, daqui, daqui e daqui, daqui era (?), aqui assim, era...

Pesquisadora: E quando ele engordava ?

S.N: Quando engordava às vezes...

Pesquisadora: Tinha que repassar.

S.N: ...às vezes precisa repassar, fazia novas medidas né.

Pesquisadora: O senhor chegou a contar o número de clientes que teve num livro de medidas ? O senhor guardou algum livro de medida ?

S.N: Não, agora já...

Pesquisadora: Se desfez.

S.N: Desfez. Mas eu tinha muitos fregueses bons aqui da cidade.

Pesquisadora: É ? O senhor lembra de quem ?

S.N: Eu tinha médico, tinha dentistas, tinha corretores, na época era pouco corretores, não existia..., corretor de venda de prédio não existia.

Pesquisadora: Não né.

S.N: É, a cidade não era muito...

P: Advogado tinha ?

S.N: Também já tive alguns.

Pesquisadora: E políticos ?

S.N: Ah, Quintino Maldoné era um advogado lá do Swift.

Pesquisadora: Maldonet?

S.N: É, Maldonet

Pesquisadora: Advogado do Swift (bairro).

S.N: É, eu trabalhei pra ele e pro pai dele, que era um fazendeiro de lá de..., um lugar distante lá na fronteira do Mato Grosso, mas ele gostava de fazer roupa comigo. Tinha Francisco Rodrigues, era um viajante, ele viajava te a Bolívia, mas quando ele voltava por causa da terra roxa, vermelha de lá..

Pesquisadora: A roupa tava...

S.N: Tava em pandareco. Então ele sempre em deixava uns dois cortes pra mim confeccionar durante...

Pesquisadora: O tempo que ele ia.

S.N: ...o tempo que ele tava fora e quando ele chegava, ele encontrava já os dois ternos prontos, porque eu já tinha o modelo ele tirado no papelão.

Pesquisadora: Os moldes.

S.N: É, os moldes. Então eu já com aquilo cortava e fazia.

Pesquisadora: Fazia e já deixava.

S.N: E não tinha problema.

S.N: Ele vendia o que, esse Rodrigues ? Ele vendia (?), ferragem, todas as essas..., atacadista né e ele viajava assim por todos...

Pesquisadora: E o senhor teve algum cliente assim político aqui de Campinas, alguém que ocupava cargo ?

S.N: É, político foi esse Quintino Maldonet, ele foi vereador.

Pesquisadora: Ah foi vereador.

S.N: Foi, foi vereador. Agora ele faleceu, ele morava na Barão de Jaguará entre Moraes Salles e Ferreira Penteadado, onde agora tem banco, um banco japonês.

Pesquisadora: Ah se onde é.

S.N: Lá era residência dele.

Pesquisadora: Seo Natalino me diga uma coisa, na época em que o senhor era alfaiate tinha muitos alfaiates então em Campinas.

S.N: demais, naquele tempo alfaiate, sapateiro e barbeiro era ofício da moda né, carpinteiro não era tanto, marceneiro já era menos, carpinteiro por causa de início de construções né já era menos né, carpinteiro.

Pesquisadora: Então os mais valorizados na época era o alfaiate, o sapateiro e barbeiro, depois com a construção civil veio o marceneiro.

S.N: É, porque naquele tempo a pessoa que conseguia se empregar, vamos supor, na Companhia Paulista de Estrada de Ferro ou na Mogiana era um privilégio, porque a pessoa já se estabilizava lá, tinha um salário mais ou menos, porque o resto..., não sei se você sabe, até 1930 operário não tinha garantia nenhuma, você trabalhava vinte anos numa firma e o patrão por qualquer motivo dissesse, bom, amanhã você não precisa vir is, você está dispensado, você não tinha direito nenhum.

Pesquisadora: Nenhum direito trabalhista, é verdade.

S.N: Não, não, não existia, direito trabalhista nasceu com a Revolução de 1930 com Getúlio Vargas.

Pesquisadora: É verdade.

S.N: Foi aí que ele começou a modificar o sistema né. Mas antes não, era o PRP, partidos do fazendeiros e os fazendeiros era daquele tempo dos escravos, tinham os escravos como empregado, mas não tinha respeito nenhum pelo escravo né, era um ser..., eles podiam até matar e já deixar ele lá pro mato que não tinha pena nenhuma. E depois já veio a imigração italiana e européia também né, então os imigrantes é que eles levaram no caso a frente as fazendas de café né, tratar o café. E a fazenda era o seguinte, não sei se você sabe, a pessoa era contratada numa fazenda pra carpir, vamos supor, tantos mil pés de café né, ele era tratado praquele serviço do café. Agora o que ele fizesse, ele tinha direito de ter sua horta, seu terreno pra plantar verdura, pra ter um pastozinho, pra ter um animal, qualquer coisa,

isso o fazendeiro dava, era livre e o que a pessoa também produzia plantando arroz, feijão, milho, abóbora, o que fosse, era dele, o fazendeiro não usava, não tinha proveito com aquilo, era coisa dele, ele podia colher dez sacos de arroz e ele achava que com dois ou três sacos ele dava pra manter a família, o resto ele vendia pra fazer um dinheirinho, porque ele só recebia tanto pela carta daquele contrato que ele tinha com o fazendeiro né. E era assim a vida de fazenda.

S.N: O senhor lembra, dessas figuras de fazendeiro qual era o fazendeiro que era mais contado na época que o senhor trabalhava como alfaiate ? É, aí...

Pesquisadora: Ou por bem ou por mal.

S.N: Aí já estava acabando a época dos fazendeiros né, porque depois que a Princesa Isabel...

Pesquisadora: Assinou a Lei Áurea.

S.N: ...assinou a Lei Áurea e Ventre Livre libertando os escravos né e os escravos depois de liberto eles também trataram de viver sua vidinha independente. E aí chegaram os imigrantes, muitos imigrantes, que nem meu pai e minha mãe embarçaram lá em Gênova na Itália em mil oitocentos... (Interrupção da gravação)

FINAL DO LADO A

S.N: ...,não, filha de fazendeiro, gente já mais da alta, rodeava o coreto. Então a gente..., cada um procurava os eu lugar, entende ?

Pesquisadora: Ah os iguais...

S.N: Não misturava tanto.

Pesquisadora: Mas e os negros ficavam... ?

S.N: Porque preto não entrava.

Pesquisadora: Não entrava.

S.N: Não, os pretos...

Pesquisadora: Então na praça não aparecia..., tinha operário, tinha gente da alta sociedade, mas não tinha negro.

S.N: Os negros eram no quarteirão de fora.

Pesquisadora: No quarteirão de fora.

S.N: É, os pretos ia fora, eles não entravam dentro, nem que você convidasse não entrava. Tinha esse Otávio que sempre estava junto com a gente, jogando futebol junto, ia no cinema, tudo, quando a gente ia pro jardim ele ficava na parte dele e não era..., não é que a gente mandasse...

Pesquisadora: Eles não se sentiam bem.

S.N: Não, não. É como..., o preto também não entrava em salão de barbeiro de branco.

Pesquisadora: Tinha um barbeiro só de negro.

S.N: Tinha.

Pesquisadora: E o barbeiro de negros era negro.

S.N: Se o branco quisesse ir lá também não podia ir, ele também não ia.

Pesquisadora: Era uma coisa velada né, cada um na sua.

S.N: É. Mas não era dizer aquele preconceito né, mas cada um guardava o seu lugar.

Pesquisadora: Entendi.

S.N: Então era... Não tem o Cultura Artística ?

Pesquisadora: Tem.

S.N: Sociedade Cultura Ar..., agora é Bingo né.

Pesquisadora: É.

S.N: Lá era a alta sociedade, os fazendeiros, filho de fazendeiro, tudo, freqüentavam lá, operário não podia ir lá, a mensalidade já era mais cara. Então a gente tinha o Luzitano, tinha a Record, eu freqüentava muito o Faccio.

Pesquisadora: Faccio ?

S.N: Faccio era uma sociedade de italianos na Rua Barreto Leme, eu era sócio lá. Agora tinha a sociedade espanhol, a era mais pra classe espanhola, tinha o Luzitano, era misto, mas tinha a sociedade portuguesa, que já era só pra Português. Então os pais, as filhas, acompanhavam. Então havia essa...

Pesquisadora: Essa separação.

S.N: Essa separação voluntária né.

Pesquisadora: E quando um branco...

S.N: Sabe que a Casa de Saúde Campinas também era Circolo Italiani Uniti.

Pesquisadora: Era mesmo.

S.N: E lá se ensinava a língua italiana nas escolas lá, eu não cheguei a freqüentar, eu era..., eu já era mais popular aí, eu ia dançar com preto, com branco, onde fosse, não me importava.

Pesquisadora: Seu Natalino, sobre isso, quando um rapaz, ou uma moça, se inclinavam, se apaixonavam por um negro ou negra como que a sociedade reagia nessa época?

S.N: Ah ninguém queria né, os pais nunca quiseram.

Pesquisadora: Nem de um, nem de outro, nenhum.

S.N: Ah nem de um, nem de outro.

Pesquisadora: Era comentado?

S.N: Era comentado. Ela começou a ter esse caso de preto e branco mais foi depois do Pelé, o casamento do Pelé com branca né.

Pesquisadora: Entendi, ficou mais comum a mistura das raças.

S.N: É, ficou mais comum.

Pesquisadora: Entendi.

S.N: Hoje ninguém mais nota se na rua tem uma mocinha bonitinha, branca e...

Pesquisadora: Um rapaz negro.

S.N: ...e um rapaz preto. Quase que..., ainda notam né, tem o preconceito, mas a pessoa já não liga mais tanto. Não é isso ?

Pesquisadora: Agora vamos falar uma coisa, a dona Zuleika, o senhor namorou com a dona Zuleika quanto tempo ?

S.N: Ah eu namorava, eu largava, eu era muito namorador viu, eu namorava duas, três às vezes..

Pesquisadora: Ao mesmo tempo ?

S.N: Uma na Ponte Preta, uma no Bonfim, uma na Vila Industrial...

Pesquisadora: Ao mesmo tempo ?

S.N: Ao mesmo tempo.

Pesquisadora: E elas não descobriam?

S.N: Às vezes descobriam, outras vezes não descobriam.

Pesquisadora: E dava problema ?

S.N: Às vezes dava, outras vezes não dava.

Pesquisadora: E aí a dona Zuleika...

S.N: E dona Zuleika estava sempre na minha mira, se eu pretendesse um dia em casa, que eu não tinha muita paixão por casamento.

Pesquisadora: Ah é ?

S.N: Não, não tinha mesmo, eu casei com vinte e seis anos. Mas quando eu me casei foi o seguinte, eu vou te contar um detalhe: casou-se um irmão da dona Zuleika e ela trabalhava na rua Barão de Jaguará com a dona Ema Riguetto, de modista.

Pesquisadora: Certo.

S.N: E a madrinha dela morava lá na Rua Abolição e eles tinham mudado pra Avenida João Jorge né. Então ela subiu, passou na casa da madrinha dela e ela me viu na esquina e ela veio lá e ela perguntou – Natali..., naquele tempo me chamava de Natali né.

Pesquisadora: Natali.

S.N: Você sabe que o José casou hoje ? Falei sei sim. Ela falou, eu vou indo lá, eu venho vindo agora do serviço, era um sábado, você não quer ir comigo ? Lá na Washington Luís, era tudo mato por lá, não tinha nem luz na estrada, não tinha nada.

Pesquisadora: E iam como, a pé ?

S.N: A pé.

Pesquisadora: Nossa!

S.N: Eu morava aí na rua Álvaro Ribeiro né, na Barão de...

Pesquisadora: Não é Oscar Leite?

S.N: Aqui na Oscar Leite. Mas ela morou aqui na rua Abolição, esquina com Álvaro Ribeiro.

Pesquisadora: Certo.

S.N: Mas eles tinham mudado lá pra Avenida João Jorge. Então nós fomos, eu fui com ela lá na casa do..., aonde se realizou o casamento, mas não tinha festa, não tinha nada, estavam lá só os noivos, poucas pessoas. E nós chegamos lá, a Zuleika entrou, eu também entrei, cumprimentamos o rapaz, a noiva né e aí a irmã dela, a irmã da noiva, chamava-se Mariquinha, ela falou, ah venham aqui, vamos tomar um refresco né e tinha lá uns salgadinhos, ela arrumou pra nós e a Zuleika tinha vindo da costureira, não tinha jantado, comeu lá os salgadinhos... Então essa Mariquinha falou assim..., depois que a gente tava conversando, uma coisa e outra ela falou, e vocês quando é que vão casar ? Era mês de setembro, dia vinte e cinco de setembro. A Zuleika falou, ah não sei, nós estamos só namorando. Eu falei nós vamos casar Mariquinha no dia trinta de dezembro. Ela arregalou os olhos, dia trinta de dezembro ? Então a Mariquinha falou, poxa Zuleika você vai casar em dezembro e não me falou nada ? Ela falou, eu não to sabendo, eu to surpresa que nem você, ele falou que nós vamos casar em dezembro... (risos)

Pesquisadora: Isso era que ano ?

S.N: 1937.

Pesquisadora: Tá. E aí ?

S.N: Aí eu peguei, confirmei, não, nós vamos casar sim dia trinta de dezembro.

Pesquisadora: O senhor já tinha pensado isso antes ou... ?

S.N: Não, foi na hora, foi na hora. Então ela falou, mas trinta de dezembro por que ? Eu falei, porque trinta de dezembro no meu registro é o dia do meu nascimento, você sabe que eu faço ano dia dezoito, mas pelo registro faça dia trinta de dezembro, eu não quero terminar o ano solteiro, eu quero casar. Ah não acredito, não sei o que, sabe como é... Eu falei, não, pode se aprontar, se você tiver..., porque ela era modista, trabalhava por conta dela...

Pesquisadora: Ela era modista.

S.N: Então ela já estava trabalhando na casa dela e lá também na modista dona Ema. E eu falei, não dá pra você fazer o seu vestido de noiva ? Ela falou, fazer é o de menos, o negócio é casar né. Eu falei, mas então pode se aprontar que nós vamos casar dia trinta de dezembro.

Pesquisadora: Então foi assim que o senhor fez o pedido.

S.N: É.

Pesquisadora: Na frente de todo mundo, anunciou.

S.N: Não, na frente da Mariquinha.

Pesquisadora: Certo, da Mariquinha.

S.N: Que era irmã da noiva.

Pesquisadora: Entendi. E ela falou, mas você nem falou com o meu pai ainda, como é que vai ser isso? Eu falei, você não acredita em mim ? Ah, eu duvido. Falei, bom, então eu vou levar a minha mãe, você conhece né, ela vai fazer o pedido pra mim, nós vamos casar trinta de dezembro. Você tem dinheiro pra isso ? Eu falei, tenho, tenho dinheiro. Eu tinha lá um milhão e trezentos, um milhão e quatrocentos, por aí, aquele tempo se falava em milhão né. Era um bom dinheiro.

Pesquisadora: Eu falei, ah vai dar, nós vamos comprar os móveis, agora depende de você, você quer ir morar comigo lá junto com o meu pai e minha mãe na mesma casa ? A casa tinha três dormitórios, tinha sala aonde eu trabalhava, copa cozinha, era uma casa grande né.

Pesquisadora: E ela ?

S.N: E pegava e morava o meu irmão, o João com a Carolina e tinha a inquilina no quintal. Ela falou, mas você tá falando sério mesmo ? Eu estou falando sério sim, nós não vamos terminar esse ano solteiro, nós vamos casar dia trinta. Mas você vai falar com o meu pai ?

Falei, eu to falando que quinta feira, você pode falar pro seu pai que quinta feira eu vou lá com a minha mãe, nós vamos marcar o casamento dia trinta de dezembro.

Pesquisadora: E o senhor já estava noivo, com a aliança de compromisso ?

S.N: Ah não tinha nada.

Pesquisadora: Ali foi que começou o noivado.

S.N: Eu tava livre e desimpedido.

Pesquisadora: Ê seo Natalino!

S.N: Aí eu peguei, naquela semana eu falei com minha, tomei o bonde, bonde dez, parava bem ali na porta da casa dela, na Sales de Oliveira com avenida João Jorge, ela já estava na janela...

Pesquisadora: Esperando, achando que o senhor não ia.

S.N: É. E eu descii com minha mãe, o pai ela tava no bar da esquina jogando botcha, ela foi chamar o pai, o pai veio, aí acertar. Falei bom, é minha mãe com o senhor, ela que vai pedir a Zuleika em casamento pra mim. (risos)

Pesquisadora: E aí dia trinta de dezembro de trinta e...

S.N: Casamos.

Pesquisadora: Casaram.

S.N: Nove horas da manhã no civil.

Pesquisadora: Em que igreja ?

S.N: Na Igreja São José, na Vila Industrial, porque pertencia a Vila Industrial.

Pesquisadora: Sei. E foi uma festona ?

S.N: ãh ?

Pesquisadora: Foi uma festona ?

S.N: É, foi uma festinha lá.

Pesquisadora: O paletó seu quem fez ?

S.N: Eu mesmo, eu mesmo fiz meu terno, ela mesma fez o vestido dela de noiva, eu tenho a fotografia.

Pesquisadora: Ah o senhor tem as fotos.

S.N: Agora ela faleceu faz uma no e..., um ano e pouco, dia quinze do mês que vem vai fazer dois anos que ela faleceu.

Pesquisadora: Entendi.

S.N: Nós vivemos sessenta e sete anos e sete meses, nós nunca brigamos.

Pesquisadora: Nossa!

S.N: Nós nunca discutimos, nunca houve nada que impedisse nossa..., dormimos sempre junto, nunca dormimos separados, nunca...

Pesquisadora: Sempre se deram bem.

S.N: Sempre.

Pesquisadora: Viveram quantos anos de casamento ?

S.N: Sessenta e sete anos e sete meses, seis meses e meio né, porque ela morreu dia quinze de julho.

Pesquisadora: Engraçado né. Ela tinha que idade quando faleceu ?

S.N: Agora ela tava com oitenta e nove.

Pesquisadora: Vocês casaram em trinta e sete viveram sessenta e sete anos e sete meses.

S.N: E sete meses.

Pesquisadora: E ela faleceu no mês sete.

S.N: É e nós conversamos a noite toda, porque ela não ficou doente...

Pesquisadora: Não ?

S.N: Eu não sei o que é que deu nela, ela..., no domingo nós fomos almoçar na casa da minha filha, tinha lá uma comida, uma feijoadinha né gostosinha, mas aquilo parece que não fez muito bem pra ela, encrencou o estômago... Agora ela tinha uma hérnia de disco e ela nunca quis operar e eu acho que a hérnia de disco rompeu, ela começou a por sangue, aquele sangue pisado e eu tratando dela e ela...

Pesquisadora: Nem foi ao médico, já...

S.N: Não, foi durante à noite. Eu tinha na véspera me comunicado com o médico dela e da família né, que tratou muito a mãe dela também, tudo e ela passou a noite toda assim, chegou de madrugada eu perguntei, (?) ? Ela falou, ah eu to com uma dorzinha de nada, vai me preparar umas trinta gotas de Atroveran. Eu fui, preparei as trinta gotas, levantei a cabeça dela, dei a trinta gotas, pus na boca, ela tomou, tudo e nós continuamos lá, ela..., aí os ônibus pararam e ela me falou, deita um bocadinho aqui que você não deitou a noite toda. Eu estava vestido conforme..., era um domingo né, de domingo pra segunda e eu falei e você também, vê se dorme m bocadinho porque você não dormiu a noite toda. E ela se acomodou, eu segurando a mão dela direita, eu com a minha esquerda, deitado ao lado dela, eu percebi que a mão dela foi se soltando e olhei bem no rosto dela, ela parou de respirar e morreu, morreu assim.

Pesquisadora: Nossa!

S.N: O médico Adimael Martins quando ele chegou, sete horas da manhã, eu fui receber ele no portão, falei, ela já foi, já tinha morrido.

Pesquisadora: Nossa!

S.N: Ele foi lá, abriu (?), tomou a pulsação..., foi isso.

Pesquisadora: Morreu segurando a sua mão.

S.N: Morreu. E assim foi (emocionado)

Pesquisadora: Quantos filhos a dona Zuleika teve ?

S.N: Teve dois, tivemos um casal.

Pesquisadora: Um casal.

S.N: O Sérgio morreu logo, seis meses depois, com sessenta e quatro anos, meu filho.

Pesquisadora: Ele faleceu depois da dona Zuleika.

S.N: Depois. Ele na ocasião ele estava meio já sentindo formigamento na mão, na perna né. Ele tinha um filho que é engenheiro, Serginho, estava morando na Suíça, ele estava projetando uma viagem pra Suíça, ainda deu tempo de fazer a viagem pra Suíça, ele foi, ainda lembro, eu fui com ele até Cumbica, lá eles embarcaram, ele e a mulher, ele..., ele me falou, eu perguntei, e você Sérgio como é que tá, você tá se sentindo bem ? Ele falou, não pai, tá tudo em cima, não tem nada, eu vou levando o remédio, tudo, to bem melhor. Mas quando ele voltou ele já voltou com a perna meio ruinzinha, o braço também né, fez tratamento, não adiantou, no fim os médicos acharam que devia de operar na cabeça, um coágulo na cabeça...

Pesquisadora: E agora o senhor mora com a filha, como é o nome dela ?

S.N: Eliana Augusto Manzolli.

Pesquisadora: Eliana.

Pesquisadora: Manzolli é o... Do marido.

S.N: Do marido, ele é professor aqui da Unicamp, ah ele é aqui, você conhece né. Ah, o professor João. Por causa dele que nós estamos aqui.

S.N: É, por causa dele.

Pesquisadora: Então e hoje o senhor tem quantos netos, da Eliana tem algum neto ?

S.N: Da Eliana tem dois, do Sérgio ele deixou três...

Pesquisadora: O Serginho...

S.N: ...duas moças e um rapaz e uma bisneta pra mim, tenho uma bisneta.

Pesquisadora: Que beleza!

S.N: E o Serginho quando estava na Suíça também lá eles tiveram, a mulher dele teve um menino, Cauê.

Pesquisadora: Então o senhor tem dois bisnetos.

S.N: É, um bisneto também chamado Cauê.

Pesquisadora: Que legal! Conhece já ?

S.N: Conheço.

Pesquisadora: Eu queria saber uma coisa, a sua mãe queria que o senhor aprendesse o ofício de alfaiate, mas na sua família, ou na família da sua mãe, ou do seu pai, alguém já foi alfaiate, tinha sido, não ? É que na época era uma profissão...

S.N: Na época foi assim, ela saiu, acho que foi o primeiro que ela topou e perguntou né se precisava de um menino pra...

Pesquisadora: Pra ajudar.

S.N: ..pra ajudar, aprender ofício...

Pesquisadora: O senhor tinha doze anos mais ou menos.

S.N: É, mais ou menos. E ele falou, manda ele vir aqui, ou traz ele aqui, levou e eu fiquei. Não é que eu gostasse do ofício, mas eu tinha prazer em servir bem o freguês.

Pesquisadora: Entendi.

S.N: Por isso que eu fazia todas as peças, eu fazia o paletó, fazia a calça...

Pesquisadora: O colete.

S.N: Quando tinha um colete também eu fazia, porque eu trabalhei muito com dona Deolinda Salvucci Nucci, que era coleteira, irmã do Quirino Salvussi.

Pesquisadora: Ah tá, então era dona Deolinda Salvucci Nucci.

S.N: Nucci, casada com Miguel Nucci, que era...

Pesquisadora: Ela era coleteira.

S.N: Coleteira.

Pesquisadora: Ela fazia colete ?

S.N: Só fazia colete. E eu ajudava muito ela, na hora que dava uma folguinha com a roupa toda do seu Quirino eu ajudava ela também a arrematar os coletes dela.

Pesquisadora: Seo Natalino, então tinha as calceiras, que trabalhavam pros alfaiates fazendo as calças.

S.N: É.

Pesquisadora: Tinha as coleteiras...

S.N: E tinham as coleteiras, que faziam só colete.

Pesquisadora: E tinham as modistas, que trabalhavam... As modistas era pra mulheres. Pra mulheres. As modistas não fazia roupa de homem.

S.N: De homem não, roupa de homem era a coleteira e a calceira.

Pesquisadora: Agora a calceira ela não entrava em contato com o homem, ela recebia a encomenda do alfaiate.

S.N: Ela recebia do alfaiate...

Pesquisadora: Não tirava medida de homem...

S.N: Já cortado.

Pesquisadora: Tudo certo.

S.N: Tudo certo, só costurava.

Pesquisadora: Costurava e entregava a encomenda.

S.N: É e o colete também a mesma coisa.

Pesquisadora: Era bem separado né, o colete também, elas não tinham contato com os homens.

S.N Não.

Pesquisadora: Entendi.

S.N: Homem era só homem com homem.

Pesquisadora: E a dona Zuleika lhe ajudava, já que ela entendia de costura ?

S.N: Ah ela trabalhou mesmo uns par de meses depois que nós casamos, ela tinha..., conheceu aquela Casa (?) ?

Pesquisadora: Acho que já ouvi falar, (?).

S.N: Era Francisco Glicério, Regente Feijó, Cônego Cipião, tinha duas moças lá, professoras, eram freguesas dela e ela teve muita boa freguesia também, a mulher do dono

da Lix da Cunha, dona Maria se vestia muito com ela, tinha dona Julinha, também outra mulher de outro médico também era freguesa dela, ela tinha boa freguesia.

Pesquisadora: Então depois de casada ela continuou trabalhando como modista.

S.N: É, muito pouco, depois a gente já pega e já engravida né...

Pesquisadora: Aí vai cuidar dos filhos.

S.N: Aí vai cuidar dos filhos.

Pesquisadora: Entendi. E o senhor, a sua profissão de alfaiate sustentou a sua família...

S.N: Sustente.

Pesquisadora: Os filhos estudaram...

S.N: É, meu filho estudou até Economista, minha filha fez também curso superior né de Inglês/Português . E deu pra gente..., não deu pra arrumar tanto, nós conseguimos fazer uma casinha no fundo, depois que pros vendemos dos nossos pais uma casinha na frente, eu já tinha construído uma casa no mesmo terreno no fundo, então tinha duas casinhas, vendi por oitenta milhões e comprei a parte do meus cunhados lá na rua Álvaro Ribeiro, 258, é aonde nós morávamos. Porque desde que o meu sogro faleceu, Adolfo Salin, conhece a Casa Líder ?

Pesquisadora: Sim, conheço.

S.N: Irmão dele, o João era tio da Zuleika.

Pesquisadora: Sei.

S.N: O Cid, conheceu o Cid

Pesquisadora: Não.

S.N: Aquele dono da Casa Líder.

Pesquisadora: Não, não .

S.N: Ele também faleceu. Então eles eram primos.

Pesquisadora: Entendi.

S.N: E eu consegui assim vendendo aquelas duas casas lá na rua Oscar Leite e comprei a parte dos quatro irmãos, que eram cinco irmãos herdeiros, da casa onde eu tenho até hoje.

Pesquisadora: Então o senhor morou com os seus pais já casado até que ano ?

S.N: Mais ou menos uns dez anos.

Pesquisadora: dez anos.

S.N: Não, sete anos.

Pesquisadora: Sete anos, depois...

S.N: Quando o meu menino começou a ir por grupo escolar, sexto grupo, aí eu mudei na casa do meu cunhado na rua Abolição.

Pesquisadora: Na rua Abolição.

S.N: É.

Pesquisadora: E continuou trabalhando em casa, sempre trabalhou em casa ?

S.N: Sempre trabalhei por minha conta e em casa. Eu só..., uma ocasião eu parei, larguei do ofício, fui me estabelecer no Mercado Municipal, numa banca de cereais, frutas, ovos, essas coisas.

Pesquisadora: Ah é ?

S.N: Eu trabalhei lá dez anos.

Pesquisadora: Olha!

S.N: Mas eu queria me registrar no INSS, não INSS, era outra...

Pesquisadora: Outro instituto de...

S.N: Instituto de previdência. Na parte comerciária né e queria..., pra poder dar um sustento pra minha mulher e minha filha e meu filho ainda era solteiro, eu queria dar qualquer...

Pesquisadora: Segurança né.

S.N: Segurança.

Pesquisadora: Por isso que o senhor deixou o ofício.

S.N: Por isso.

Pesquisadora: Pra ser comerciante, comerciário.

S.N: Comerciário.

Pesquisadora: E ter o INSS.

S.N: É. Mas eu não consegui, porque naquela ocasião tinha uma lei dentro da Previdência, que a gente que não iniciou o pagamento na...

Pesquisadora: Anteriormente.

S.N:...anteriormente com cinquenta anos não podia iniciar.

Pesquisadora: Recuperar.

S.N: E eu tinha completado cinquenta anos fazia dois meses. Quando meu guarda livro me pediu os documentos, que eu dei, ele falou, ah vai ser difícil você conseguir porque tem uma lei aí que atrapalha, cinquenta anos vencido não dá mais pra iniciar né.

Pesquisadora: Entendi.

S.N: Comerciarío, minha função era comerciarío. Então eu fiquei dez anos lá no Mercado eu passei a banca até no nome da Zuleika, ela contribuiu cinco anos, mas depois eu vendi a banca pra poder voltar, porque um fiscal do INSS me preveniu, ele falou, você não vai conseguir se registrar por causa da idade, por causa dessa lei que impede, você devia de fazer o seguinte seu Natalino, o senhor vai trabalhar, mas não vai trabalhar nos eu ofício na sua casa não, vai se empregar em alguma alfaiataria, porque aí o patrão é obrigado a te registrar. Então..., você conheceu o Lúcio Ziggiati ?

Pesquisadora: Ziggiatti ?

S.N: O dono da Barão Velha.

Pesquisadora: Não..., ah tem até o nome dele no prédio, é verdade, já ouvi falar dele.

S.N: Ele era filho do dono da Casa de Lascio. E ele ficou muito contente quando o pai dele conseguiu, porque eles tinham um oficial que no mês de dezembro na hora aperto, vendendo roupas feitas e precisando de um buteiro, buteiro é o que faz o acerto no freguês né, cortar, encompridar, fechar...

Pesquisadora: Entendi.Chama buteiro ?

S.N: Buteiro.

Pesquisadora: Buteiro, B-U-T-E-I-R-O (soletrando).

S.N: É, buteiro.

Pesquisadora: Buteiro é aquele que faz os pequenos consertos.

S.N: Consertos, é.

Pesquisadora: E normalmente esse buteiro trabalha numa alfaiataria.

S.N: Numa alfaiataria. Então por intermédio de um rapaz lá que sabia que eu podia atender ele me telefonou à noite lá na farmácia pegado a minha casa e eu fui atender, era umas dez e meia da noite, a farmácia ficava aberta até às onze horas da noite. Então esse rapaz me falou, ah fulano, eu to te telefonando porque a Casa de Lascio de um momento pra outro ficou sem o oficial dela que trabalha lá e agora eles tão querendo uma pessoa pra pelo menos esse final de ano pra...

Pesquisadora: Pra ser buteiro.

S.N: Pra trabalhar lá, pra ver se..., fazer alguns consertos, umas coisas. Você quer ir lá ? Eu falei, a ms eu to com banca no mercado, como é que eu vou fazer ? Ele falou, e não dá jeito de você fechar a banca ? Eu fale, bom, eu não vou fechar, mas eu vou fazer o seguinte, eu vou pegar a mercadoria que tem lá e vou mandar meus vizinhos de lá do lado, que eu trabalhava naquelas bancas do lado de fora né.

Pesquisadora: Do lado de fora.

S.N: Quem sabe eu vou dar um jeito, amanhã cedo eu passo por lá. Com quem que eu devo falar ? Ah fala com o pai do Dr. Lúcio lá na Casa de Lascio, sabe aonde que é ? Falei, sei, em frente a Campos Sales. Aí eu peguei e fui lá de manhã, quando eu descii... (interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA

Guerino Andrigo

alfaiate, o resiliente



Entrevista Exploratória com o Senhor Guerino Andrigo (realizada no dia 11 de julho/2006)

O senhor fique à vontade. Fale-me sobre sua vida. Eu posso deixar o gravador aqui assim?

Senhor Guerino: A senhora quer que eu fale só daqui de Campinas né, ou não?

Pesquisadora: É, o objetivo é que o senhor pudesse falar da sua vida, então eu vou lhe perguntando, o senhor vai falando à vontade, o que o senhor for lembrando. Tá bom ?

Senhor Guerino: Daqui eu lembro tudo, agora...

Pesquisadora: Onde o senhor nasceu? (há interferência de dona Lourdes, a esposa que acompanha a entrevista)

SG: Não, pera um pouco... Eu nasci em Catanduva, mas quem foi registrar eu fui eu (risos). É pra rir né. Então, porque meu pai é de Catanduva, mudou lá pra baixo perto de Canabi, numa fazenda e lá em Bálamo ele levou nós pra aqueles matos, eu fui junto, eu e outro meu irmão mais novo, nós dois fomos e ainda pagou multa. Sabe quanto...

P: Em que ano o senhor nasceu?

SG Em 1922, dia oito de fevereiro.

P: Certo.

G: Oitenta e três anos... Estou indo pra oitenta e quatro já.

P: E aí o senhor..., a sua vida foi em Bálamo?

G: É. Aí lá, nós trabalhávamos na roça lá.

P: Sei.

G: Trabalhava na roça, na enxada.

P: Até que ano?

G: Até uma idade mais ou menos de uns treze anos, por aí, quatorze. Depois nós mudamos pra Neves Paulista...

P: A família se mudou pra Neves Paulista.

G: É, meu pai mudou pra lá, aí eu fui aprender ofício.

P: Agora me diga uma coisa, o senhor começou a aprender o ofício com que idade?

G: Eu tinha mais ou menos uns quatorze anos mais ou menos.

P: E como é que é que... tinha alguém na sua família que era alfaiate?

G: Não.

P: Como é que se deu esse encontro do senhor com a profissão?

G: Porque tinha alfaiate lá, chamava Natalino, ele tinha alfaiataria, meu pai fazia roupa lá com ele, até meu pai do sítio ia lá, levava tanta fruta pra ele, que era gostoso né. Aí como nós tínhamos mudado pra lá, meu pai falou, *ó seo Natalino, quer meu filho, eu queria..., o senhor não aceita ele pra ele aprender ofício de alfaiate?* Eu não queria... Eu queria ser mecânico, mas naquele tempo os pais que..., *esse que é bom*, então me pôs pra trabalhar. Nós morávamos no sítio quando eu comecei a aprender ofício, se eu falar pra você, hoje pra andar um quarteirão eu pego ônibus, eu saía às cinco..., levantava cinco horas da manhã no sítio, tinha que andar correndo, correndo, pra chegar lá pras sete horas na alfaiataria. Você faz a conta, eu corria mais de uma hora e meia, porque eu tinha que atravessar fazenda, cafezal e tudo pra chegar na cidade, pra eu chegar, ele dizia sete horas, porque eu que tinha que abrir a alfaiataria, que limpar.

P: Isso na cidade de Neves Paulista.

G: É. Aí eu chegava lá, dava a volta pro corredor, batia na janela, tava dormindo os dois.

P: Ah o casal dormia.

G: É. E tinha uma (?), eu batia, Ô..., então ela abria a gretinha da janela, me dava a chave, eu abria a porta da cozinha, entrava... A primeira..., o que eu aprendi lá..., de casa minha mãe ensinou tudo né, esperava os dois na cama, eu pegava, fazia café, é, fazia café, punha na bandeja, servia leite, café com leite e levava lá na cama pros dois. Tomava café lá, depois que levantava, ele levantava, tal e coisa e eu ia na alfaiataria lá limpar tudo, varrer, passar os panos pra ele cortar depois a roupa, tudo, ascender o ferro, que naquele tempo o ferro era à carvão, quebrava o carvão, punha naqueles ferro de sete quilos que pesava. Então, era a minha vida pra aprender ofício, dois anos na alfaiataria, só ficava lá, não aprendi ofício de jeito nenhum, porque o homem não ensinava, me deixava só eu lá arrematando, arrematando.

P: O que que ele deu assim, do ofício mesmo o que que lhe passou de aprendizado?

G: De aprendizado, eu aprendi ofício quando fui oficial.

P: Ah é ? Mas só tinha o senhor e ele lá?

G: Não, tinha oficial de calça, tinha dois ofi..., outro, até depois casou com a minha irmã um, chamava Getúlio, ele fazia paletó.

P: Tinha o oficial de calça, o oficial de paletó, é isso? Cada um fazia uma coisa.

G: É, o que fazia calça, eu aprendi arrematar calça, fazer bainha, casear, tudo. Ganhava sabe quanto ? Quinhentos réis.

P: Era muito pouco.

G: Quinhentos réis vale hoje mais de cinco reais né, que era mil réis, no tempo do mil réis.

P: Então tinha o oficial de calça, o oficial de paletó e o senhor ia pro arremate.

G: Então eu arrematava pra um, porque eu aprendia mais..., fazer calça pra ver como é que era, quando ele ia cortar aviamento, do jeito que ele fazia, tudo. E esse que foi meu cunhado ele fazia paletó, eu ia lá e olhava do jeito que ele fazia, depois eu aprendi a arrematar paletó, casear, cortar, tudo.

P: Praticamente o senhor aprendeu sozinho, olhando.

G: Precisava aprender naquele tempo tudo isso aí. Outra peça que precisava aprender primeiro, fazer calça, depois da calça aprender a fazer colete, depois do colete que ia pro paletó.

P: Ah então rinha uma hierarquia.

G: É.

P: Então a ordem era primeiro a calça...

G: Calça, depois colete...

G: Colete, depois que aprendia a fazer paletó.

P: Por último o paletó.

G: É.

P: O paletó era considerado uma peça muito importante.

G: É, pra fazer o terno, porque aprendia... o dia que você pegar... porque naquele tempo os ternos não eram quem nem hoje. Você faz o terno, que é calça e paletó, naquele tempo não, você comprava o corte de pano, quando era três metros ou três e meio...

P: É, pra poder fazer as três peças.

G: As três peças, colete, então a gente tinha que aprender a calça, depois colete e depois o paletó.

P: E não tinha nenhum tipo de mulher que ajudava lá na época, fazia calça, ou calceira não existia ?

SG: Não, não, naquele tempo mulher só fazia em casa a roupinha...

P: Só modista.

SG A minha costurava, fazia vestido...

P: Naquele tempo mulher era calceira, não tinha?

SG Não, depois daí muitos anos...

P: Aí surgiu essa figura.

SG Quando mudei pra São José do Rio Preto, lá em São José do Rio Preto eu trabalhei com um alfaiate uma porção de anos lá e depois acabei comprando uma alfaiataria e abrindo a alfaiataria, aí eu punha uma moça lá dentro da alfaiataria, porque eu conhecia muito, ela e a família, depois você ensina ela, ela tá louca pra aprender...

P: E mulher podia aprender alfaiataria ?

SG: Pode, ué! Eu falei: – ó, você manda ela aqui na alfaiataria...

P: Mas não podia tirar as medidas?

SG Não. Aí eu pegava, ela vinha na alfaiataria, então eu ensinava ela a fazer calça, cortar aviamento. Eu falava: tem, alguma calça do seu pai, do seu irmão, qualquer coisa, traz, eu corto a calça e aí eu vou te ensinando as peças de aviamento, isso aqui é a (?), isso aqui é do lado do botão, coisa e tal, fui explicando tudo...

P: Mas quanto tempo o senhor ficou nessa alfaiataria primeira, quanto tempo ?

SG: Na primeira eu fiquei (pausa) uns dois anos.

P: Uns dois anos. Aí depois o senhor foi pra onde?

SG: Aí pra outra alfaiataria lá mesmo, na outra que eu..., que tinha um rapaz lá que era o filho do dono da alfaiataria e eu falei, ele chamava Renato, Renato você me ensina agora fazer paletó aí. E ele foi em explicando, me explicando, me explicando, foi indo e eu comecei a fazer paletó de brim, depois de linho, pra depois pegar paletó de casimira.

P: E era tudo peça encomendada, não tinha que vender, o cliente tinha que vir...

SG: Não, não, era só freguês que vinha e encomendava. Porque os ternos de casimira antigamente a frente aqui, a beira, aqui (gestos), não passava máquina, era tudo à mão, todinho à mão.

P: Olha!

SG: Pra você fazer um paletó, pra você fazer isso aqui, você trabalha de cedo, às vezes ia a noite, pra fazer em três dias, quatro, três dias, três dias e meio. E o paletó tinha alfaiataria se você fizesse mais rápido ele te mandava embora.

P: Ah porque fazia..., não fazia bem feito.

SG Falava, ah o serviço deve ter feito porcaria por dentro.

P: Tinha um prazo de mais ou menos uns três, quatro dias.

SG Eu como sempre trabalhei sempre em coisa fina, roupa fina, tanto quando trabalhei nessa alfaiataria com esse Dario todos os ternos de linho cento e vinte, o paletó tinha que eu que fazer, porque eu não sujava...

P: Ah o senhor era zeloso...

SG: É, a máquina eu limpava a máquina inteirinha, passava pano na ferragem dela pra não soltar óleo, limpava tudo, forrava tudo, costurava um pouco, abria a canelinha pra tirar aquele pó dentro, porque senão não costurava, passa no pano branco, então quando eu passava o paletó tava...

P: Perfeito. Agora depois dessa segunda alfaiataria em neves Paulista o senhor foi pra onde? Já sabia fazer o paletó e tudo.

SG: Já, já. Aí nós viemos pra..., mudamos pra Mirassol...

P: Mirassol.

SG: (risos) Mirassol e fiquemos quanto hein ?

P: Aí já tinha o que, que idade?

SG: Aí eu fazia paletó.

P: Que idade?

SG; Eu tinha mais ou menos o que, uns..., uns quinze, dezesseis anos, por aí, porque lá ficamos só dois anos e aí mudei pra Mirassol e Mirassol ficou um ano só, porque lá não tinha serviço nenhum e mudei pra Rio Preto.

P: Aí foi pra Mirassol e depois Rio Preto.

SG; depois pra Rio Preto.

P: Entendi.

SG; Foi a última cidade de lá...

P: Foi lá que o senhor conheceu a dona Lourdes ?

SG; Não, eu conheci em Rio Preto, eu a conheci no grupo.

P: Em Rio Preto.

SG: É, quando ela tava no grupo.

Dona Lourdes (L): É, em São José do Rio Preto.

SG: Ela tava no grupo, eu conheci ela no grupo.

P: E aí como é que foi esse casamento ?

SG Casamento é que..., eu conversava com ela sempre na cidade, sabe como é, naquele tempo nós fazia footing, você sabe o que é *footing* né.

P: Sei, na praça né.

SG É, andava pra lá, subia e descia na calçada e os moços ficava tudo do lado e as moças e as moças na calçada, subia, descia e nós no meio da rua ali. Aquela que dava certo...

P: Olha só, aquela que dava certo!

SG Às vezes tinha uma moça bonita, os meus colegas perto de mim falaram assim, ó..., eu falei assim, na segunda volta, terceira, eu vou subir com essa moça, uma mocinha nova, porque ela tinha o que, doze, treze anos...

P: Olha só!

SG: O outro lá, *você vê lá, ih você vai ter um fora no meio de gente...* Falei, ih não tenho fora não, você vai ver, enquanto você fica aqui, aqui no meio do quarteirão, eu vou lá ficar lá na esquina, eu passo aqui, dito e feito.

P: Olha que linda dona Lourdes, maravilhosa.

L: Agora faz cinqüenta e oito anos que eu estou agüentando essa coisa (risos)

SG: Peguei ela, o vestido dela era aqui ó (gestos), tinha o quê? Doze... treze anos, quatorze, nem isso, quando eu casei ela tinha dezessete.

P: Quem, ela?

SG Ela.

P: O senhor ?

SG Eu tava com vinte e... Vinte e seis parece, é sete anos de diferença.

P: E ela dezessete.

L: Deixa ela acabar de fazer a pesquisa, você não começa a conversar muita coisa não...

SG Ih tá gravando aqui?!!

L: Coitada da dona Ester está lá sozinha.

L: É, tanta besteira que esse homem falou.

P: Mas aí se o Guerino, o senhor casou e ficaram, em São José do Rio Preto?

SG É, casamos na Igreja Aparecida lá e de lá eu fiquei trabalhando na profissão né, trabalhava dia e noite.

P: Trabalhava por conta ou era na...

SG Pros outros, por peça.

P: Por peça.

SG Por peça, que aí cada peça a gente ganhava, fazia a peça e ganhava, não fazia, não ganhava nada.

P: Mas tinha o compromisso de ir todo dia.

SG: É, era o oficial da alfaiataria né.

P: Era o oficial.

SG: É, a gente tinha compromisso, não podia falhar né.

P: E aí quando foi que o senhor veio pra Campinas?

SG: Nós viemos em sessenta.

L: Nós viemos em sessenta e três.

SG: Não, aqui em sessenta e três não, em sessenta e...

L: É, sessenta e três.

SG Não, não é sessenta e três.

P: Cinquenta e três não é.

L: A Sônia morreu em sessenta e nove.

SG: Ah ?

L: A Sônia morreu em sessenta e nove, já fazia quantos anos que nós tava aqui ?

SG: Nós viemos em sessenta pra cá né.

L: Sessenta e três.

SG: Bom, eu não sei.

P: Sessenta e três ?

SG: É.

P: Em sessenta e três. Aí chegaram aqui já tinha a filha.

SG: Aí nós fomos mo...

L: Tinha três filhos já.

SG: Aí, essa aí que faleceu aí no retrato (aponta o retrato da filha Sônia), dezoito anos, dez anos ela tava no grupo, comecei a tratar dela. Sabe o que que ela tinha ? Não sei se daquilo que ela andava de bicicletinha, lá em Rio Preto mesmo, e ela machucou a perna assim ó, machucou a perna aqui e depois com o tempo ela andava...

P: (?)

SG: Não, criava..., parece que inflamava, você olhava aquela coisa meia dura. Aí foi indo, ela tava no grupo, um belo dia eu falei, pera, vamos levar ela no médico, peguei e levei ela na Santa Casa, o médico, que até ele foi Prefeito lá, levei, foi na Santa Casa, tirou chapa, olhou, tinha um outro médico especialista, operador também lá, tudo, que era negócio de ortopedista, essas coisas. Ele falou, *ah isso aí não é nada, deve ter amassado um pouco, como aqui nós não temos carne assim, mas é nervo, essas coisas, então formou que nem um calo, aquilo foi um cortinho, limpa, não tem nada, dentro de trinta, quarenta minutos no máximo tá...* Levou mais de duas horas e nada, eu pus a mão pra cabeça, ai, ai, ai, tá dando problema, o negócio piorou. Aí depois nem o médico mesmo, ele ficou tão chateado, veio o outro falar comigo, ele falou *ah, infelizmente o senhor tem que levar sua filha pra São Paulo*. Aí eu falei, por que ? *Olha, aqui não tem tanto recurso*. Naquele tempo né. Eu falei, mas causou... *Nós não temos certeza, mas o negócio dela é desde o osso*.

P: Aí levou pra São Paulo.

SG: E aqui pra isso naquela época não tinha recurso. Aí peguei, arrumei o dinheiro que eu podia, deixei um irmão tomando conta da alfaiataria e atemos pra São Paulo. Aí internei..., eu fui direto no médico, o médico trabalhava numa outra repartição de um outro hospital, ele falou, *aqui não pode, precisa operar ela*. Aí internou ela na Santa Casa lá em São Paulo, ela ficou lá mais de mês né mais ou menos, mais, mais...

P: E ela já tinha dezoito anos ?

SG: Não, ela tinha uns dize anos, por aí, assim só.

L: Quando ela tomou a pancada ela tava com oito anos.

SG: É, com oito anos ela tomou a pancada na perna. Aí ficou lá, operou, aí depois da operação eu peguei e fui lá, mas o que que é? Ele falou, o que ela tem é ossomielite, que dá no osso, o osso purga, ele falou. E operou, operou, ficou com a cicatriz aqui que operou né,

tudo, falou, isso aí por muito tempo às vezes fica até purgando um pouquinho aqui, porque fica aquele pozinho do osso, tal, ele falou. Tá bem, ficou boa, tudo...

P: Andava normalmente?

SG: É, então, andava, tudo. Aí nesse meio de tempo nós mudamos pra cá, porque tinha a irmã dela aqui, eu tinha a alfaiataria, eu ia fazer o quê? Eu tinha um tiquinho, três casas e a alfaiataria, tava bem, fui vendendo tudo, a alfaiataria eu quase dei até pro primo dela. A troca do quê? Do estoque que tinha lá, tudo.

P: Pra cuidar do tratamento delas?

SG: É, não, fiquei dez anos praticamente sem trabalhar, só cuidando dela, ia pra baixo e pra cima, pra baixo e pra cima.

L: Ela tratava em São Paulo, nós morava em São José do Rio Preto...

SG: Morava em São José do Rio Preto, olha bem, no começo eu vim pra São Paulo, fiquei aí em São Paulo quase um mês com ela e ela voltou, porque tinha o Antônio Carlos e a Marli que era pequena. Quando eu aia de São Paulo, eu ia pra lá, eu falava pra ela, embarcava ela e ela vinha pra São Paulo, porque eu tinha um irmão em São Paulo, ficava na casa do meu irmão, posava lá. Então era a nossa vida, então eu lá e ela aqui, lá eu trabalhava na alfaiataria, nessa mesma alfaiataria que era do primo dela eu pedia peça, ele me dava, eu trabalhava em casa. Então eu dava banho no Antônio Carlos, ele era maiorzinho, eu só ligava o chuveiro, arrumava a roupa, dava banho na Marli, que era menininha, dava banho, punha a roupa dela de escola, aquela blusinha branca, a saia azul que era...

L: Naquele tempo ela não tava nem na escola ainda.

SG: Não, tava. Aí eu levava, os dois ia pra escola, lá no grupo. A Marli no começo ela ia junto com o Toninho porque tava no Jardim da Infância. Então e era assim, eu que fazia tudo, dava banho, lavava a roupa... Olha eu fico até hoje, o vizinho, nós fizemos tudo pra esse vizinho, a moça casou com o vizinho, essa aqui que cuidou da mulher, desde o dia do casamento, pra ter o filho essa aqui corria lá, na hora que precisou viraram a cara, eu sozinho em casa. Ela não podia, seu Guerino, dá as roupas dos meninos aqui?

P: Ela morava aqui ?

SG: Não, morava lá em São José do Rio Preto, era vizinha. Ela não podia falar assim, dá as roupas dos meninos que eu lavo e passo, da escola. Ela abaixava assim pra passar no quintal, que o muro era baixinho. Sabe o que que fazia? Chegava de tarde, eles chegavam, dava banho neles, tirava a roupa, pegava a roupa, às vezes, criança, então suja tudo né, pegava, punha tudo lá, eu ensaboava, punha tudo lá no tanque com sabão e tudo, deixava lá. Fazia janta, dava jantam, arrumava a cozinha, ainda falava pro Toninho, me ajuda, eu lavo e você enxuga os dois prato nosso aí, era assim. Acabava, aí eu falei bom, o que que eu fazia ? Sentava na máquina de costura depois, sentava na máquina, ia até onze horas, onze e pouco da noite, meia noite.

P: Pra poder defender um ainda.

SG: É, pra ganhar um pouco de dinheiro a mais, porque senão não dava, tinha que sobrar dinheiro pra eu voltar depois pra ela né, aí eu fazia isso e... Então quando chegava..., depois cansava, era quase meia noite, então o que que fazia ? Ele sai dormir, eu deixava só a luz da sala acesa, eu ia no canto lá fora e lava a roupa, é, a roupa deles da escola, porque tinha uma já tava pronta, já tava passada...

P: Já lava a outra.

SG: Lavava a outra, porque depois durante o dia e qualquer coisa eu passava, quando chegava a outra... A minha vida era assim e ganhar dinheiro, era duro viu e a vida era assim. Depois que mudou pra cá que aí..., aí eu tava indo bem né, que eu tinha nada, nada, na alfaiataria aí eu tinha beirando uns dois milhão e pouco...

P: E (?) que o senhor tinha, tudo, o senhor comprou tudo com a alfaiataria?

SG: Não, o negócio que eu fazia..., porque a alfaiataria nunca deu lucro de nada.

P: Entendi.

SG: Eu fazia, pergunta a ela, eu fazia assim, lá eu tinha uma casa, comprei uma casa lá, fiquei..., mais ou menos a casa tinha quatorze metros de frente, que era dois lotes. E tinha a casa da esquina de cinco cômodos, a da esquina foi indo, foi indo, arrumei ela direitinho, depois nós mudemos pra lá, que a irmã dela morou muitos anos com nós, eu sustentava até a irmã dela, é, a Olívia, essa que é professora.

P: Tá viva a sua irmã ?

SG: Uma, uma..., a mais velha morreu né, morreu ele e ela já.

L: Hoje tem só eu e essa minha irmã.

SG: Então a gente...

L: Essa é a Olívia.

SG: A Olívia.

P: E o nome dos filhos, é a Marli...

SG: A Marli...

L: Marli Aparecido Andrigo.

SG: Marli Aparecido Andrigo.

L: E Antônio Carlos Andrigo

SG: E Antônio Carlos Andrigo. Você falou o nome da Marli ?

P: É, falou.

SG: E a Sônia ?

L: Já falou da Sônia também ?

SG: Dela também, não?

M: Não, é só pra eu saber.

SG: Só do que tá...

P: Só pra eu lembrar que são três filhos.

SG: A outra chama Sônia.

L: Sônia Regina Andrigo.

SG: Sônia Regina Andrigo.

P: Agora em campinas, vocês vieram em sessenta e três, abriu um alfaiataria ?

SG: Não, aí eu trabalhei de empregado com ele.

P: Aonde o senhor trabalho, o senhor lembra, com o Dario?

SG: Como Dario.

P: Foi trabalhar pro Dario. Como era o nome da alfaiataria?

SG: Não tinha nome.

P: Dario Alfaiataria.

SG: Alfaiataria Dario Tupiniquini, ele punha o nome, porque era o sobrenome dele.

P: E lá quantos alfaiates..., quantos oficiais, alfaiates tinham?

SG: Quando eu entrei com ele tinha eu, dois que fazia calça, dois calceiros e um outro que fazia paletó, não na alfaiataria, ele pegava e ia fazer em casa, quer dizer, que era dois que faziam paletó, eu e um outro, era em quatro oficial, dois de paletó e dois de calça.

P: Quatro oficial.

SG: É.

P: Ô seu Guerino, me diga uma coisa, eu ouvi dizer que teve uma época na alfaiataria que tinha as mulheres calceiras, o senhor pegou essa época ?

L: Pegou.

P: Pegou ? Por que que tinha as mulheres calceiras, pra ir mais rápido o serviço?

SG: Não, porque tinha muito serviço naquele tempo, então muitas mulher ganhava muito mais, porque naquele tempo mulher ia trabalhar o que?

P: Áhhhh

SG: Não tinha, a única profissão que mulher podia aprender era datilógrafa, porque não tinha outro estudo como tem hoje né e ninguém podia também estudar.

P: Não precisa sair de casa né.

SG: E depois não podia estudar, por que com o que naquele tempo.

P: E elas saíam de casa ou trabalhavam dentro de casa? Elas pegavam as peças...

SG: Não, tinha muita moça que tinha aprendido fazer calça com os alfaiates, como essa que eu tive, ela aprendeu lá dentro, porque depois de lá de dentro ela foi pra casa dela, porque na casa dela rende mais. Porque ela chegava, ela levava três, quatro calças pra casa dela, lá na casa dela ela aproveitava o tempo né.

P: Entendi. Agora me diga uma coisa, além das calceiras tinha aquelas as que faziam só os coletes, as coleteiras ? Era coleteira que falava ?

SG: Não, quem fazia o paletó fazia o colete também às vezes, mandava, fazia o colete, fazia o paletó e falava, você faz o colete, que é do mesmo terno, então você já faz as duas peças.

P: O senhor algum dia teve a curiosidade de contar quantos paletós o senhor fazia por mês em campinas nessa época ?

SG: Na época de serviço eu calculo..., vou fazer uma conta mais ou menos..., fazia três paletós por semana...

P: É, uns doze né, uns doze paletós, muita coisa né.

SG: É, três, seis, doze.

SG: Tá vendo como eu sou lelé da cuca? (risos)

SG: Isso é o mínimo, porque eu trabalhava..., isso na alfaiataria, porque eu trabalhava na alfaiataria, fazia tudo isso, aqui em casa quando vinha pra casa eu ficava aí até meia noite, uma hora, porque eu pegava roupa aqui, tinha freguês...

P: Ah, pegava roupa em casa.

SG: É, sabe por que ? Na alfaiataria na época cobra três mil cruzeiros o feitio,...

P: O feitio.

SG: É, de terno.

P: Três mil cruzeiros daria quanto hoje ?

SG: No real dava menos né, porque o real tá quase..., no real três mil cruzeiros ia dar um e pouco né, então. Então eu na alfaiataria eu pegava por três, eu pegava terno aqui às vezes por dois, dois e meio.

P: Agora o senhor...

SG: O freguês ganhava quinhentão...

P: Seo Guerino me fale uma coisa, o que que diferencia um profissional oficial e um alfaiate ? O oficial ele não sabe fazer nada...

SG: Não, o oficial é assim, o oficial faz a peça toda, vamos supor, calça, paletó, colete, agora pra ele ficar alfaiate mesmo, porque tem mais peça, tem o *smoking*, tem o fraque, tem aquele outro, kimono, tudo faz parte do ofício, antigamente não aprendia isso, aprender o ofício de alfaiate só calça, paletó, colete e...

P: É, o que mais usava.

SG: E fazer o paletó de smoking né, que era o mais, era isso aí, que o smoking é duro... (interrupção da gravação)

FINAL DO LADO A

SG:...vendi a casa, perdeu o dinheiro, vim embora pra cá sozinha, eu deixei ela lá e vim pra cá, andar pra lá, pra cá, meu cunhado morava lá na Rua 14 Bis... (telefone tocando) Essa casa aqui, até aí foi engraçado, desde que (?) porque não tinha nada por aí.

P: Como era aqui?

SG: Não, aí passava o trem e o bonde, era só um poeirão, não tinha essa avenida aqui, essa avenida não tinha, passava gente só a pé, com bicicleta, alguma carrocinha só e o trem, eu pegava o bonde, era quinhentos réis, pegava o bonde aí, pegava o bonde aí, você queria embarcar na estrada de terra, que era a condução mais fácil que tinha na época...

P: Passava o bonde aqui ?

SG: Passava o bonde aí.

P: Que maravilha!

SG: Passava o bonde, aqui você atravessava a estrada, você pegava o bonde, custava quinhentos réis, você queria embarcar lá na estação, olha é longe, você pagava quinhentos réis, o bonde saía daqui, passava na cidade, lá no Centro do Largo ali, ele passava ali, subia

a Francisco Glicério ali... (interrupção da entrevista), aí subia, o bonde subia até lá na Estação, virava pra lá, passava em frente à estação...

P: Entendi.

SG: Aí eu descia lá pra embarcar. E era bom...

P: Então o senhor ia de bonde.

SG: Eu ia de bonde. Em São Paulo, nossa...

P: O senhor pegava o bonde daqui, no seu bairro e descia na cidade.

SG: E descia na cidade. Se você queria embarcar também, pegar o trem que aí...

P: Esse bairro já chamava Taquaral ?

SG: É, Taquaral. Aqui na escritura tá como Taquaral, Vila Eda, Taquaral né, rua Lopes Galvão. Então e passava o trem aí, o trem que vinha lá da Mogiana, passava aí. Eu vi tanta gente morrer aí, ai meu Deus!

P: Ah é?

L: (incompreensível)

SG: Quem ?

L: (?).

SG: É o neto.

P: Veio ver os avós.

SG: Aí o nosso muro, a casa era baixinha, aí eu ficava ali olhando, aí era tudo cheio de casa no meio desse mato, da estrada de terra...

P: Ah as casas do pessoal que trabalhava na Mogiana.

SG: É, da estrada da terra. Tinha muita casa, aí, tudo... Então e uma família que morava aí, tinha uma moça, até uma moça bonita, eu não sei o eu que deu nessa moça, o pai, ou mãe, parece que foi a mãe que bateu nela, ela veio até aí, o trem ia passar, ela se jogou de baixo, eu tava aí, eu falei, nossa, eu escutei o trem até parar... Nossa, o trem parou lá..., porque não tinha esse viaduto, não tinha nada lá, em aqueles prédios que você vê lá, não tinha norte Sul lá não tinha, o trem passava ali, depois virava pra lá.

P: Mas foi suicídio a morte?

SG: Ela se jogou. Ih eu ia com saco, com...

L: Ô bem, não fala essas coisas não.

SG: Catando pedaço, tinha uma (?) pegava no..., aquilo que foi no trilho, com a roda assim, eu vi uma perna dela...

L: Fica quieto! (gritando), para de falar bobagem aí.

SG: Ai que tristeza, uma moça bonita... Duas vezes eu vi, a outra vez eu tava aí um homem, ele tava de chapéu, aí tinha aquele barranco, sabe a estrada de ferro mais baixa ? E tinha aquele..., ele pegou o chapéu, pegou assim e pôs do lado aqui...

P: O senhor viu ?

SG: É, eu falei, mas o que que aquele homem tá fazendo pondo o chapéu de lado? Fiquei ali olhando pra lá, olhava pra cá... Eu falei, será que aquele homem vai fazer alguma arte? Tá esperando trem, ou é bonde né. Aí fiquei ali, aí o trem veio de cá, eu notei, aí nem cinco metros pra chegar e ele Buf...

P: Meu Deus, que absurdo! Coisa louca. Seo Guerino e como era o Centro de Campinas?

SG: Olha, o Centro de Campinas era..., você sabe que era muito mais bonito do que hoje.

P: É, como era?

SG: Tinha aquele..., o largo ali é assim, tudo daquelas pedrinhas, mas do lado de cá tinha uma fábrica...

P: (?)

SG: Mais ou menos como isso aqui ó, sabe, ali, não era coberto, era tudo de coisa assim até lá diante, gozado, tudo daquela travessinha assim ó, eu não sei se roa de cimento que passou, que eu nem sabia...

P: Aonde?

SG: No largo ali.

P: Da Catedral?

SG: Não, no primeiro.

L: Do Rosário.

P: Do Rosário? Ah o Largo do Rosário.

L: É, ali tudo assim, bonito...

P: Mas o que, tinha um teto assim ?

SG: É, dos pilar assim, coiso, um pilar aqui, outro lá, outro lá, do lado de lá a mesma coisa e em cima aquela..., tudo travessinha, uma longe da outra assim, que nem se fosse uma grade de..., que eles trancava às vezes..., como é que fala, um cipó que dá flor...

P: Isso mais ou menos na época de..., na década de setenta? Por aí né.

L: É por aí.

SG: É por aí.

P: Depois desmancharam tudo.

SG: É, depois entra refeito, sai, cada um quer ganhar mais dinheiro.

P: Seo Guerino, rabisca aqui pra mim pela sua memória como que o senhor via o Largo, do jeito que o senhor... ?

SG: Ah, eu não sei não.

P: Não, do jeito que o senhor fez assim com o dedo, do jeito que o senhor fez aí, só pra eu entender.

SG: Não, risca aí, que você tem mais..., eu vou te dizer mais ou menos.

P: Tem que ser o senhor, pode rabisca do jeito que o senhor quiser, aqui, assim, assim, pode usar a folha toda, só pra eu imaginar mais ou menos.

SG: Vamos supor, aqui vamos supor o jardim, lá é assim né, aí é assim, então aqui vamos supor, aqui do lado de cá da rua vamos supor que...

P: Que é a Barão de Jaguará?

SG:...o vermelho é a rua, então depois da calçada até esse aqui serve, aqui tá a calçada e aqui o coiso, então aqui na..., aqui fazia o pilar aqui ó, vamos por uma roda aqui...

P: De cimento?

SG: De cimento.

SG: Vamos supor, mais ou menos aqui outro, depois aqui outro, vamos por pequeno porque senão vai..., muito cumprido né. Aí, agora aqui ó, vamos por aqui, aqui outro, aqui outro, outro aqui, outro aqui. Aqui eles punham uma travessinha em cima né, aqui ó...

P: De cimento também?

SG: É, de cimento, aqui pegava aqui assim ó...

P: Uma guiazinha aqui.

SG: É, aqui, aqui vinha aqui... Agora aqui, aqui a gente fazia isso aqui ó...

P: Pode fazer, não tem problema, pode rabiscar.

SG: Ó, aqui fazia isso aqui, uma travessinha aqui, vamos supor outra travessinha aqui, outra travessinha aqui né, isso porque nesse risco aqui.

P: Entendi, é uma linha do papel.

SG: Olha, tudo aqui ó, tudo aqui.

P: Uma treliça né.

SG: É, ficava que nem uma varanda, sabe.

P: E eles plantavam o que aí?

SG: Eles plantavam um tipo de trepadeira...

P: Trepadeira?

SG:...às vezes aqui perto do tronco aqui, do pé aqui, então ela subia assim e lastrava em cima.

P: Ah certo.

SG: Aqui nisso aqui ficava tudo lastrado aqui.

P: E essa treliça acompanhava toda a área de lá.

SG: Que nem fosse um pé de uva, que nem fosse um pé...

P: Uma parreira.

SG: É e ficava..., e o povo ficava de baixo quando..., porque ficava fechado e às vezes chovia...

P: E quando o senhor acha que desmancharam isso? (pausa) Mais ou menos assim, foi setenta, por volta de setenta...

SG: Quem que foi que desmanchou aí, que desmanchou isso aí... Deixa eu ver quem foi...

P: A senhora lembra dona Lourdes?

L: Não lembro.

SG: O negócio foi quando foi fazer o calçadão, que não tinha o calçadão, a rua Treze era tudo de coisa e depois fizeram o calçadão na rua Treze até uma parte só, aí arrumou o jardim, arrebentou tudo o jardim e os tudo pedra outra vez no jardim inteiro e só isso e aquele coiso de luz né...

P: O poste.

SG: Os postes de luz, isso que tinha, aqueles postes, até não fosse bonito, que parece que era que nem um lampião grandão assim, tudo alto aqui tipo... Mas era bacana, tem isso em São Paulo, muito... Parece... Perto da Igreja Sé, é, lá na Praça da Sé, então que ali é bonito. Porque que precisava melhorar depois que fez o calçadão, arrancou tudo, foi arrebentando...

P: Aí tiraram.

SG: Foi tirando, vem outra, modifica outra vez, é uma..., estragaram tudo. Você vê a Darlene agora acabou com a cidade...

P: Que Darlene (referindo-se à prefeita Izalene Tiéne)?

SG: A prefeita que tá aí.

P: Ah a Izalene, ah entendi.

SG: Que ela desgraçou, até hoje não acabou, teve que gastar..., desmanchar tudo e fazer tudo de novo que ela fez lá na rua Treze.

P: É verdade.

SG: Eu vi, um engenheiro tava falando, além de aproveitar uma parte teve que gastar um milhão e tanto a mais, porque tinha que desmanchar tudo lá.

P: Seo Guerino me diga uma coisa, já to passando acho que do horário de vocês né.

P: Eu vou terminar. Diga-me uma coisa, tem alguma outra..., outro espaço da cidade que o senhor e a dona Lourdes costumavam visitar no Centro de Campinas?

SG: Todo domingo nós íamos ao Centro, era uma maravilha o Centro.

P: É ?

SG: Ah, porque todas as lojas, sabe, tinha aquelas vitrinona, sabe na porta, a porta de ferro suspendia tudo assim, tava em tudo, da cidade inteira, na Treze.

P: Mas o que que concentrava no Centro?

SG: E ficava aberta, as vitrines né, aquelas vitrine, você entrava no meio da vitrine, a vitrine de lá, ali eles punham ali as roupas, aqueles panos bonitos...

P: Domingo?

SG: É, de domingo. Casaco pra mulher, aquela coisa toda. Então a gente ia de vitrina, tinha a casa da..., como é que chamava ? Das noivas né. Era uma casa, ficava do lado de cá, mas você de longe você ficava até admirado do que tina dentro daquela casa, até lá no fundo da casa tudo iluminada, aqueles coisas de..., aqueles vestido de noiva lá na vitrine, tudo branco, e o povo, ficava assim ó de gente, aparecia muitas noivas né pra ver lá qual era o mais bonito, o preço dos vestidos. Então nós íamos... ficava andando, subia a rua de um lado, ia até quase na Estação, depois voltava vendo as..., depois parava num bar qualquer, tomava um sorvete, qualquer coisa, pegava e vinha embora, lá pras onze, onze e meia nós vinha embora.

P: Da noite?

SG: É.

P: E vinha de bonde.

SG: Não, vinha de carro, eu tinha o carro.

P: O senhor já tinha o carro.

SG: Eu tinha um carro, tinha um..., primeiro eu tive um Sinka, depois um fusca, esse fusca antigo, não o mil e trezentos, o outro, mil e duzentos, que é o fusca que hoje não tem mais, que gastava pouca gasolina, depois eu tive um mil e quinhentos, depois o último eu tive um DKV, o melhor carro que eu tive foi o DKV.

P: É ?

SG: Ah, alemão, ô carro, era um espetáculo, não gastava gasolina nada, um pouquinho só.

P: Seu Guerino me diga uma coisa..., (?)

SG: Que nem a Prefeitura, não tinha..., essa avenida aí desse jeito aí não tinha, era rua só ali.

P: Diga-me uma coisa, o senhor se aposentou como alfaiate? A sua aposentadoria é como alfaiate?

SG: É.

P: O senhor teve que pagar a Previdência independente, autônomo né?

SG: É, como autônomo eu pagava, porque o (?) e a alfaiataria não é que ele não queria ter despesa, a despesa não é pequena, isso eu falo, por isso que tem muito empregado às vezes né, bom, você sabe disso, você sabe a despesa que o empregado dá pro patrão. E eu sabia, porque eu tive a alfaiataria né, lá em Rio Preto eu tinha um empregado, vinha o fiscal e eu falava pro empregado como é... Você vai querer registrar? Eu vou ter que descontar de você uma parte, você sabe, porque era seis, sete por cento, eu falei, do que você ganha. *Ah seo Guerino eu...* E ele era..., tinha um defeito na espinha né, coitado, então eu dava serviço

mais pra ele, porque ele merecia, trabalhava muito bem, ele se jogava assim pra andar, pra equilibrar a espinha, naquele tempo não..., se fosse hoje tem tanto recurso pra colocar, colete, essas coisas, naquele tempo não tinha né e ele andava com...

P: Seo Guerino e oficialmente o senhor parou de trabalhar em que ano ?

SG: Até hoje eu trabalho!

L: Quando foi que você se aposentou ?

SG: Que eu aposentei...

P: Até hoje você trabalha? Eu vi, a calça ficou linda, mas o pano que eu trouxe pro senhor não era muito bom.

SG: (?), eu trabalho, ah essa casa fui eu que fiz...

P: Mas ele trabalha muito bem né dona Lourdes ?

SG: Então eu aposentei em mil novecentos e oitenta e quatro, 1984, aposentei com cinco salários agora to ganhando..., fazer a conta, quanto tá o salário, trezentos né ?

P: Trezentos.

SG: Três, seis, ganho seiscentos e noventa, não chega dois salários e meio.

P: Seu Guerino, eu vou perguntar pro senhor uma coisa, eu vou falar uns nomes de alfaiataria de Campinas, que o seo Natalino falou, só pra gente saber se por acaso o senhor lembra de alguma... O seo Natalino também queria ser mecânico, ele queria ter estudado mecânica. Então, deixa eu ver aqui, ele disse que trabalhou numa alfaiataria chamada Tesoura...

SG: De Ouro.

P: Tesoura de Ouro.

SG: É, na Francisco Glicério né.

P: O senhor lembra dessa ?

SG: Eu lembro, bem lá em cima, no último quarteirão bem lá em cima.

P: Tá.

SG: Mas lá era alfaiataria, não era só alfaiataria, tinha muita coisa lá, eles vendiam roupa também, fazia pra vender...

P: Tinha como uma confecção.

SG: É, isso, Tesoura de Ouro. E tinha o..., eu conhecia muitos alfaiates, seu Ziggiatti que morreu, que era...

P: Afonso Jacobussi?

SG: Também eu conheci.

P: O Ziggiatti o senhor conheceu?

SG:: Conheci, ô.

P: O Dr. Lúcio, é isso?

SG:: O irmão dele é médico.

P: O irmão, é.

SG: O irmão dele é médico aí, até eu tratei com ele, que é negócio de bronquite nervoso, essas coisas.

P: E o Micolli, Alberto Micolli, o senhor lembra, na Avenida João Jorge?

SG: Na Avenida João Jorge, não, esse não, pode, pode..., conheci tudo, mas assim por nome não. Orlando alfaiate...

P: Orlando alfaiate, Alberto Micolli...

SG: Esse Orlando alfaiate se não me engano ele tá até hoje no Cambuí.

P: E os alfaiates nunca fizeram uma associação sindical ? (interrupção da entrevista, dona Lourdes manda alguém entrar)

SG: Tinha associação dos alfaiates...

P: Aqui em Campinas?

SG: Sabe aonde? Em São Carlos... (chega alguém) Então aqui tinha o que eu falei, Orlando alfaiate, o Ziggiatti, tinha o..., tinha um português, esqueci o nome dele também.

P: Um português? Ah eu acho que eu tenho aqui o nome, quer ver.... seo Manoel ?

SG: É.

P: Que veio de Portugal.

SG: É, que ele era..., depois sumiu, nunca mais vi esse homem. Eu conheci muito alfaiate, mas às vezes você conhece a pessoa e não pergunta nome.

P: O senhor conheceu o seo Jovanini?

SG: Jovanini?

P: José Jovanini?

SG: Conheci.

P: Eu o entrevistei também, ele é pai do meu cunhado.

SG: Ah é?

P: Então, eu vou deixar o senhor curtir os seus netos... Muito obrigada seo Guerino.
(interrupção da gravação)

FINAL DA ENTREVISTA

Entrevista com o senhor Guerino Andrigo

Data: 01 de maio de 2007

Local: casa do informante, Vila Iza, em Campinas

A entrevista se deu no espaço da casa (edícula), em que o senhor Guerino preserva um ambiente de trabalho, com máquina de costura, mesa e armário. Observamos que ao contrário do primeiro contato presencial, em que a conversa se passou na sala de visitas, acompanhados pela mulher de Seo Guerino, dona Lourdes, neste segundo encontro ele sugeriu que fôssemos conversar na edícula, ambiente em que conserva alguns utensílios da alfaiataria, mesa, máquina de costura, armário, tesouras, dedal, linhas e agulhas. Favoreceu a uma entrevista mais concentrada entre ele e pesquisadora, sem eventuais interrupções da esposa, telefone ou chegada de visitas.

Nesta sessão, Seo Guerino Andrigo permaneceu pouco tempo falando do universo da alfaiataria. Na transcrição, temos os primeiros trechos dele nos contando como foi sua passagem por uma alfaiataria em São Paulo, no início de 1950. Ele vai fixar sua narrativa na vida privada, falando das suas dores, suas decepções na trajetória de vida, principalmente na fase do início do casamento.

LINHA DO TEMPO

A vida vivida nos anos de 1950.

TERRITÓRIOS

São José do Rio Preto (onde casou)

São Paulo, capital

Campinas

PERSONAGENS QUE SE DESTACAM NA NARRATIVA:

O Sogro

A mãe (que não foi ao seu casamento)

A cunhada Ourides (Eurides)

O cunhado Sebastião

O cunhado Milton

A filha Sônia, vítima de uma doença cruel

EVENTOS DE VIDA

O casamento

A vinda para Campinas

Início:

Seo Guerino: Fiquei mais de um ano...não estou bem lembrado...quase dois anos em São Paulo, eu fiquei. Eu tava bem em São Paulo viu!!!

Pesquisadora: Estava se dando bem? Por que o senhor voltou (para São José do Rio Preto)?

SG: – Hã! Por causa da família... Por causa da família. Eu era o mais velho de casa. Que às vezes os outros meus irmãos eram mais pequenos, mais menor né? E e eles pediram que eu voltasse, que não sei o quê, pá pá pá...se não ia vê se iam em São Paulo, por intermédio do outro meu irmão que morava lá falar pra mim pra eu voltar, por que não sei quê, pá pá pá...Eu...com dó...vendi, acabei com minha parte lá que eu fazia parte da...

- Pesquisadora: Da alfaiataria...

SG: Da alfaiataria no sexto andar lá, né? Recebi um pouco...

- Pesquisadora: Era uma sociedade?

SG: É tinha o contramestre de uma Casa de Moda, que ele que era o, o que mandava ah...as madame lá...por que na casa de moda em São Paulo, lá fazia roupa e não é que nem hoje que existe pouca receita, naquele tempo ia nessas grandes casas de moda lá eles tinha aquelas peles sabe? Pra fazer casaco, tanto curtinho como cumprido, naquele tempo em São Paulo, todo dia tinha garoa em São Paulo. Tinha aquela moda no tempo que eu tava lá...de 3 horas em diante começava a garoa, durante o dia e cedo, nove, quando era nove, nove, às dez horas que ia acabando a garoa. Tinha umas duas, três horas, quatro por dia que tinha sol, só...Na época.

- Pesquisadora: E o que era um contramestre?

SG: Contramestre é...vamos supor, eu sou o dono da alfaiataria e eu ajusto um contramestre par ele fazer, vamos supor...ele tanto corta, como prova, como... e eu só tomo conta da parte de freguês que vem, você entendeu? Vamos supor, vem o freguês: ‘ eu quero fazer um terno’. Se traz o pano...bem, senão, eu, a gente na alfaiataria tem, sempre tinha pano...Mostra o pano pra ele, combina, a gente tira a medida, e depois o contramestre que corta. E distribuir pros oficiais...

- Pesquisadora: Ah!!! Ele cortava...

SG: Ele cortava, punha o aviamento, tanto na calça como no paletó, aí é que o oficial de paletó vinha lá e falava: ‘Tá bom...É esse?’ É jaquetão, ô o paletó todo de botão...e calça tudo a mesma coisa.

- Pesquisadora: Ele distribuía o trabalho para os outros?

SG: É...e o dono da alfaiataria...só tirava a medida, e...vê o modelo como é que é...e provava no freguês...Não era o contramestre...contramestre cortava...e lá...os oficiais punham em prova, depois...aí depois...a gente o dono provava e lá como era em três...quando tava esse, eh...o da casa de modas, que ele todo dia ele largava o serviço na época, cinco horas, na casa lá. Então ele ia pra lá e ficava com nós até as seis horas, às vezes, ele que cortava casaco...cara sabido né? Para roupa de mulher?

Então na lá na casa (em tom de segredo), tinha aquelas mulher ricaça, aquelas madame, chegava lá e ele falava pra madame e – ‘Nossa esse aqui fica em seis mil esse casaco!?!?’ De certo, que lá cobrava, uma Nota! Né? E ele falava: escuta dá pra fazer mais barato...Não toca no assunto...se você quer? Eu ajeito, eu posso fazer...mas não aqui.

- Pesquisadora: Aí ele indicava a casa...

SG: Escrevia pra tal, tal rua, assim perto do viaduto...é rua 7 de Abril é! Ta, tal prédio, sexto andar...vai lá que eu tenho lá uma Alfaiataria com mais dois sócios...E trabalha pra

mulher...tudo, gente fina! Então marcava...Ela pegava e, e, e o pano...ele falava olhe: – Você quer o pano? Eu te vendo, te arrumo o pano.’ Se não comprar aqui, eu...tenho um pouco mais barato. Aqui vai pagar, nada, nada, setecentos, seiscentos, oitocentos, o metro! De pele. – ‘E o mesmo, te vendo por quinhentos’. Por que na casa...(risos)

- Pesquisadora: Na casa de moda era caro!

SG: Então, fala, o casado que fica em seis, lá você vai pagar, quatro, quatro e meio. Vai ganhar um, um e tanto...Ela... com chofer, parava lá em baixo que tinha o lugar...coisa...subia...tal ia lá pá...ê...combinava...ia, já pá mestre tinha falado tudo...O mestre já tinha falado tudo, ela já...ele escrevia tudo pra ela, tudo...coisa...vinha lá, a gente às vezes sabia tirar a medida...pegava tirava a medida dela, direitinho, marcava...tanto eu como o outro, lá...e marcava o dia dela vim provar...experimentar. Aí, a gente depois vinha êh... na ta.....[incompreensível] chegava ele né que ele já sabia...chegava...falava...você quer fazer, ele que era mais prático né pra medir: tá aí vê se está tudo certo...às vezes ele pegava no balcão ficava até lá pra sete horas...cortava, deixava tudo e voltava. Aí a gente pegava o casado, punha em prova. Linhava tudo o que era pra fazer, ou enterterlado, tudo fazia. Aí no outro dia, ou daí dois dias que eles marcavam, vinha ela pra provar. Às vezes dava duas provas...né? Queria aqueles casacos mais cinturado...aquela coisa toda, então, dava a primeira prova, depois a segunda prova vinha lá, nós que provava lá. Tinha lá que nem um biombo assim...[gestos], ali né...chegava lá...leva lá. – Você precisa tirar essa roupa aí (se referindo à freguesa). Naquele tempo era frio. E brinca, com um frio de lascar! Hum!! Eu trabalhava de...de...com aqueles blusão, de quente e ...tudo que a gente não agüentava o frio...A mão ficava até dura assim (risos) Tudo fechadinho...a gente...e coisa...né? Então mandava ela tirar aquela blusa grande que ela tinha de ...sabe, outro casaco...tirava né?

Às vezes tinha outra, por baixo, grossa...tem que tirar!!! (risos) Ficava só de sutiã...(risos) Pra.. iih Aí ...vestia direitinho em frente ao espelho...a gente pegava...O que você acha: Tá bom assim ou quer mais? Se queria mais então a gente pegava aquele alfinetinho que a gente tinha já, alfinetava um pouquinho, tirando um pouquinho mais...mostrava pra ela, então: Aí tá bom, o comprimento tudo...tá.

- Pesquisadora: Aí fechava?

SG: Aí ela acabava de trocar a roupa...tudo, arrumava e falava: “Quando tá pronto?” Eu falava: – Oh, Você pode vir buscar pro...deixo eu ver – sexta-feira de tarde? Ou então sábado? Né? Sempre essas pessoas assim gosta sempre na sexta-feira porque sempre passeia no sábado, domingo né? Então vinha na sexta-feira. Marcava...ela vinha lá pegava, pagava. Pagava...(incompreensível) Ela dava uma entrada... se era 4, ela dava 2 e 2 depois quando entregava.

- Pesquisadora: Mas aí a família pediu pro senhor voltar?

SG: Pediu pra voltar...E certo...e coisa...Eu falei (incompreensível)...não vou fazer! E eu não estava bom. Do estômago. Tava com úlcera. E por isso que eu mais voltei, por isso. Aí eu saí de onde eu estava...Pagando hotel lá...

- Pesquisadora: Ah o senhor morava no hotel lá?

SG: No hotel mesmo eu não comia nada... A comida não dava para comer por causa da úlcera. Às vezes eu fazia sopa...eu tomava só sopa.

- Pesquisadora: Estava debilitando a saúde?

SG: É! Aí eu voltei pra Rio Preto...com a minha família...

- Pesquisadora: É...Rio Preto?

SG: É São José do Rio Preto e...aí comecei a trabalhar lá...

- **Pesquisadora:** O senhor tinha quantos irmãos?

SG: Seis irmãos?...Eram em sete? Seis irmãos...e cinco...Eram cinco mulheres. Mas viva, tinha quatro né? Tinha morrido uma...de susto... Então!

- **Pesquisadora:** Eram cinco meninas e seis meninos? São 11 ao todo? Não eram 12?

SG: Não...É...tinha seis homens e cinco mulheres.

- **Pesquisadora:** Então eram 11.

SG: É! 11!...E com o meu pai e minha mãe, então era 13. Número 13 (risos). Aí, depois uma irmã, chamava Nair...mas ela morreu pequena...tava com seis anos. Nós morávamos no sítio e ela foi buscar água num...numa casa lá que a água ééé...era melhor que a nossa, que era água de poço...era tirado com bomba né? No poço alto ficava um cristal. Então foi lá e no fim...ela vinha com o caldeirãozinho assim...cheio d'água. E a minha irmã com...hum...não sei como é que chama. É que nem uma lata, um pote...que naquele tempo...na cabeça assim...naquele tempo tinha um pano aqui (gestos) pra pôr na cabeça...acostumada a levar e coisa...e tinha dois cachorros assim...rolando por cima e ela assustou...caiu...chegou em casa triste, triste. Meu pai falou: - Ahhh não é nada não! (gestos) – Ela caiu. Caiu e quando dava o ataque ela puxava o braço a boca do lado, os olhos do lado...

- **Pesquisadora:** Deu derrame?

SG: Acesso. O médico falou que era, por causa da lombriga...lombriga e coisa...aí foi indo e... (incompreensível)...naquele tempo... tudo...curador, e um dá uma coisa...até querosene, coisa pra beber, êhh bebia e não valia nada...Não é? Depois foi indo, foi indo, acalmando, acalmando...ficou boa! Voltou!

Olha bem voltou boa...mas eu... Parece que tinha aquele sofrimento na cabeça que...ela gostava muito de mim...É ela tava com seis, sete anos...então ela corria assim...chamava...ia brincar, brincar de roda, aquela coisa toda né? Ela falava pra mim:

“Ah Guerino eu tô com uma dor aqui, uma dor...”, eu falava:

Deixa eu ver: Olhava... mas não tem nada...

“É não sei, eu tô com uma dor aqui (gestos). Às vezes a dor parece que vem, vem daqui (gestos) parece que dá aqui (gestos).”

Cheguei tanto pro meu pai e falei assim:

– Pai leva ela pra cidade lá no médico...essa dor...eu falei pode ser do acesso que deu...É capaz...É... vai voltar esse acesso nela...

- **Pesquisadora:** E aí Seo Guerino?

SG: Eu falei, é coisa desse acesso que deu nela que ficou isso aí...porque ela falou que vem de cima. É por causa da lombriga que tá, tava revoltada que quer atacar...(risos) Falei e ele:

– “Ahhhh é bobagem, ê... e coisa”.

Como no sítio era, a sala era mais alta que a cozinha sempre. E a casa que nós morava era coberta de sapé ainda em cima ...é a casa é ...naquele tempo não é que nem hoje né...era de barro a parede...barreado...de barro...E ela sentava assim [gestos] no degrau ali com o prato de comida...ali (gestos)...assim...E quieto ali. Meu pai falou: “Menina come”. Eu falei: pai ela não quer êhh ela não tá boa.

- “Ah, ela precisa é cinta”, meu pai falou. Acabou de falar...ela caiu lá embaixo na cozinha...

- **Pesquisadora:** Ah coitadinha!

SG: Pegou o acesso! Igualzinho, voltou outra vez. Eu falei: “Pai, você tá vendo? Agora você tem de experi...aí (incompreensível)...você não quis escutar o que eu falei, oh, oh eu

falei e que dia é hoje? E que hora é? A mesma hora que deu do mês passado...no mesmo dia, na mesma hora...eu falei. Deu acesso nela de tarde quase...qua...umas 5 hora eu falei e aí...ó é 5 hora né? Deu acesso nela no mesmo, mesmo horário, no mesmo dia da semana.

- **Pesquisadora:** E aí?

SG: Ah (lamento) Aí...aí tá vendo de condução...porque pra pôr em, no cavalo, do jeito que ela tá...num dava...formou um temporal...e tinha o fazendeiro e tinha naquele tempo a única condução era um Fordinho, o Fordinho, até as rodas do Fordinho eu lembro (risos)...era daqueles raio, tudo de madeira...era.

- **Pesquisadora:** Nossa!

SG: Pra fechar a porta aquela lona que puxava assim (gestos) e engatava aqui em baixo assim e coisa... E meu pai falou pra esse meu irmão maior, que era o mais velho:

– “Oh ...[incompreensível], pega o cavalo aí que a gente tinha animal...

– Pega o cavalo e vai lá no fazendeiro

E...chamava Hermi. Parece que o dono da fazenda...fala pra ele se ele pode mandar chofer dele pra levar a menina...êhh no médico, porque não tem outra solução. E ele veio...enfrentou e falou oi “eu vou pegar o carro, êh oh, o Fordinho, enquanto ele...falou que tava a cavalo, então eu vou na frente...pra né...ele chegou aqui..começou um temporal, male má tirou a rédea do cavalo, soltou o cavalo pra lá...e caiu pedra..um temporal...que foi uma coisa né? A noite inteira aquele temporal e vai e vem e coisa...uma ventania e tal...Quando passou o temporal eram 4 horas da manhã. Montou no Fordinho, 4 horas, pois naquele tempo era tudo de terra, de barro e não sei se você sabe...era umas correntes na roda...

- **Pesquisadora:** Sim pra não atolar né?

SG: É nas quatro roda e coisa...e foi...Chegou na cidade era...

- **Pesquisadora:** de manhã...

SG: Era mais ou menos, 6, 7 horas...Chegou no médico, o médico falou:

– “olha”, disse pro meu pai. – “O senhor perdeu uma filha...por...por falta de ter trazido antes...”

- **Pesquisadora:** Estava desenganada!

SG: É...Falou: “Olha, o quê que nós pode fazer? Não há meio”

- **Pesquisadora:** Mas ela estava viva ainda?

SG: - Tava...falou:

– “Olha, se ela tiver duas hora de vida é o máximo!” – Mas quê que é? – “lombriga”! A lombriga, a lombriga tá matando ela! E cê vê o que o médico falou: Oh, a lombriga ficou tão alvoroçada que ela atravessou aquela ..que tem uma pele que separa o coração e..e coisa...ela atravessou aquela pele e tá atingindo coração. O quê que ia fazer? Naquele tempo ninguém operava, não existia isso. Hoje não, Hoje...curava na hora. É? Seis anos...

- **Pesquisadora:** Era solitária?

SG: Não, falaram que era lombriga, depois que ela morreu saiu a lombriga pelo nariz. Cumprida assim oh (gestos). A cabecinha preta!

- **Pesquisadora:** Ah?

SG: Morreu!

- **Pesquisadora:** Tadinha... Como era o nome dela?

SG: Chamava Nair.

- **Pesquisadora:** O senhor tinha que idade Seo Guerino?

SG: Ah eu tava com..acho que eu tinha com 9 anos por aí assim...

- **Pesquisadora:** Era um pouquinho mais velho Seo Guerino.

SG: Um pouquinho mais velho. É que morreu. Tá enterrada em Imbirá... essa aí, minha irmã. Tem uma em Imbirá e outra lá em Neves Paulista.

- **Pesquisadora:** Quantos irmãos o senhor tem vivos ainda Seo Guerino?

SG: Irmão? Um só.

- **Pesquisadora:** E irmã?

SG: Irmã tenho duas. Uma tá em São José do Rio Preto...Não sei se tá viva porque ela não manda notícia né? Que...da mais velha...essa é a segunda...da mais velha. E meu irmão mais velho morreu...em São Paulo. Lá morreu todos os outros mais novo meu...ficou só esse...chama Osvaldo. Que deve tá com... uns 70...

- **Pesquisadora:** Bem mais novo?

SG: É...bem mais novo...Deve ser uns 7, 8 anos mais novo.

- **Pesquisadora:** E mora em São José?

SG: É. Mora lá. É solteiro.

- **Pesquisadora:** Então, o senhor voltou?

SG: Então, aí comecei a trabalhar em casa...eu tinha...peguei freguês meu né? Pegava, ali eu pegava festa na alfaiataria pra fazer...

Pesquisadora: Nessa época o senhor já morava no centro ou morava no sítio?

SG: Morava já na cidade...bem antes...só nesta época que essa irmã morava nos sítios aí depois mudava pra outro, tocava a lavoura...eu fui ...comecei a aprender o ofício lá em Neves Paulista...E vinha do sítio a pé, na cidade, pra aprender ofício né? E depois ..dali dessa fazenda o meu pai mudou pra cidade, mas pegava lavoura, assim fora, pra derrubar a mata, formar, plantar café, formar pasto...é, ó era o que ele fazia...então...depois de lá que eu aprendi um pouco mais o ofício...cidade pequena: meu pai falou:

– Eu vou fazer o que aqui? Quase não tinha serviço...

Serviço era durante cinco, seis meses só, depois...não tinha mais nada...naquele tempo...cidade pequena, até safra...quando chega no tempo de colher café, arroz, feijão...todo mundo fazia roupa...êh casamento...festas, casamento...(risos)...Cabou? Aí ninguém mais fazia mais roupa...Só algum lá da cidade que fazia...mas..ih, não dava pra nada...

- **Pesquisadora:** E quando o senhor não tinha esse trabalho o senhor fazia o quê?

SG: Eu ia trabalhar lá no sítio, junto, meu pai, eu ia pra lá...

-**Pesquisadora:** O senhor acompanhava o pai, na lavoura?

SG: É...na lavoura, roçar mato...essas coisas, ajudar...Minha mão...era alfaiate e era toda calejada (risos)...pegar foice, essas coisas...êh ...andava descalço assim... No sítio nunca via calçado...tudo descalço...fazia bolha d'água assim...por causa do sol quente...andar na areia...né? dá muita frieira... na gente...depois dessa fazenda que depois nós mudemos pra cidade...que nós começemos queixar e u..não sei quem lá falou “compra, manda fazer a botina” , tinha aqueles batonzin que a gente chama né? Que é botin...que...tem elástico do lado...então mandou no sapateiro...no sapateiro...adivinha quanto foi...eu lembro até hoje, quanto ficava o par de...de botina...3...

- **Pesquisadora:** 3?

SG: Dois...Dois e quinhento, é o tempo do mil réis...ficava em dois e quinhento o par. Prontinho!

- **Pesquisadora:** Dois mil réis e quinhentos...

SG: E o sapato grande que ele fazia pro meu irmão e pro meu pai...era de couro, de baqueta né? Couro, ficava em três, três e meio...barato!!!

- **Pesquisadora:** E o senhor fazia roupa pra família inteira?

SG: Eu? Fazia e não cobrava nada...calça, terno, né?

- **Pesquisadora:** E quando foi que o senhor conheceu a dona Lourdes?

SG: Lá em São José do Rio Preto.

- **Pesquisadora:** Que idade o senhor tinha?

SG: Eu tava com...(silêncio)...risos...Eu comecei a namorar ela...ela tava no grupo (risos)

- **Pesquisadora:** Novinha né?

SG: É, ela tava com 12, 12 anos, 12, 13 anos ela tinha só...É! (risos) Aí eu tava com...pera aí...acho que com uns...20 anos e pouco...Ma então, depois disso que eu fui pra São Paulo...Ah eu namorava ela, depois fui pra São Paulo...fiquei lá uns tempos...

-**Pesquisadora:** Mas namorava na casa dos pais tudo?

SG: Não! Quê! O pai dela era nossa!É Ih...

- **Pesquisadora:** Flertava?

SG: Eu vinha na cidade...(risos) dois quarteirões antes de chegar em casa...eu voltava (risos). Pai dela era fazendeiro...boiadeiro...tinha fazenda e ...e coisa...

- **Pesquisadora:** E aí?

SG: E foi...Depois, eu vim pra São Paulo...Cabou. Depois que eu voltei daí ...Daí mais uns dois, três anos, eu sei que eu tava com vinte...quase 26 anos...eu namorava outra moça e ela vinha de fininho (risos). Eu tava na cidade às vezes, e as moças vinham: “Vamos seo Zé...o baile lá de aniversário lá, tem o baile...vamos?” Às vezes ela tava lá junto, às vezes, ah então vamos lá ...aí eu saía no meio das moças, tudo, uma de lado e ela...uma vez uma moça tava conversando comigo, ela veio do outro lado e essa moça conhecia ela sabia que eu já tinha namorado já há muitos anos...coisa...e ela, a outra: “Ah, eu vou um pouco mais pra frente” ...e deixou ela, e ficou comigo. Aí, eu gostava dela né? Então...ela tentou...Eu falei: acho que não dá porque sei pai é meio áspero e...eu...né? ele...e coisa...aí foi indo a gente começou namorar...assim...de às vezes de vizinho da casa dela...a casa dela era numa esquina, na outra casa era um (incompreensível) a, a mulher era...ela bebia muito...era descendente de espanhola. E fez uma festa lá que casou o filho mais velho...me convidou. Me convidou porque eu conhecia o moço, um chamava Carlo, o outro Zezinho e tinha o Nico mas era mulecote...Então como é que ia em baile e até conhecia ele...casa grande e coisa...e era da família inteira era chofer de caminhão. Portanto que depois esse Carlo era amigo meu e eu ajeitei pra namorar a prima dela e casou...Com a prima...dela. Chamava Laíde. E o pai dela era cheio do dinheiro também...É...parente dele...Que nem eu tava trabalhando em casa depois...pegava roupa em casa, terno, coisa e serviços da Alfaiataria e fui tocando. Aí eu perdi a maior oportunidade e teve um alfaiate famoso lá...até quando ele precisava de alguma coisa corria lá em casa: Ah seo Guerino o senhor trabalha tão bem e eu precisava fazer um terno pra mim...Você não faz questão deu vim aqui pra nós cortar? Porque aí ele trabalhava na Alfaiataria... Eu falei: Não, vem aí domingo cedo...Aí ele ia lá domingo, nós punha o pano lá cortava o terno e eu dava uma provada e coisa...no tenro e eu falei...depois você vai fazendo. Na hora de provar a segunda prova ele experimenta a calça... ele mesmo fazia...e a gente ficou amigo mesmo né? Eu não cobrava nada...ele me ajudava também...nunca cobrou da gente nada...Aí não sei por intermédio de alguém ele arrumou um negócio no Rio de Janeiro.

- **Pesquisadora:** E convidou o senhor?

SG: E ele falou: “Seo Guerino eu vou mudar pro Rio. Tenho um conhecido...um alfaiate e eu vou pra lá. Eu vou fazer peça com ele até eu abrir uma Alfaiataria lá. Você não quer ir comigo? Quem sabe nós dois abri uma Alfaiataria? Como você trabalha pra mulher muito

bem, deu certo porque eu fico na parte de homem e você tudo que vim de mulher, você que faz... Aí eu falei: Olha e a minha família? Não tem disposição...E eu era o mais velho...contavam comigo, porque tinha o outro, o outro irmão...pouquinho mais novo que eu...o que ganhava não dava um tostão. Eu combinava em casa assim...Porque quem sustentava os outros mais novo era tudo eu...porque era tudo pequeno...né ? Um com 10, 12, o outro...na escola né e coisa? E a família grande...A casa tinha três quartos, a sala e a cozinha, o banheiro...o banheiro naquele tempo não era assim...a água encanada...na rua não tinha...

(Terminou a gravação...)

A retomada deste trecho se deu quando Seo Guerino falava sobre a realização do casamento dele com dona Lourdes.

SG: Então...aí em maio teve o casamento. Quem achou ruim foi a minha mãe.

- **Pesquisadora:** Em que ano o senhor casou?

- Olha, a minha mãe...(triste) Em 1947...faz mais...quase 60 anos já. Quando eu casei ela tava...tinha...

- **Pesquisadora:** Vai fazer 60 anos...Bodas de...diamante...é...bodas de diamante

SG: (risos)...É...nós fizemos nessa igreja aí é...

- **Pesquisadora:** Dia 29 vai fazer 60 anos de casado...que bom! E aí Seo Guerino?

SG: Então, aí...minha mãe não gostou...porque ela, desde pequena usava óculos. Quando...não esqueço até hoje. Me dói por dentro que a minha mãe falou...Olha, francamente ela morreu, mas até hoje...e coisa. Ela falou: “Éhhh vai casar com uma que usa óculos..é quase cega”, Óia bem, “pra depois...depois cê vai vê que depois vai ser preciso puxando ela pra mão...cega”. Você acha que isso era coisa de uma mãe falar?

- **Pesquisadora:** O senhor ficou chateado?

SG: Pra mim, e pra ela...Tá aí, enxergando até hoje...não muito, mas tá boa, porque ela sofreu um negócio na vista. E falei: Mãe é isso que a senhora deseja? É isso que a senhora ta desejando pra mim? Tanto pra mim como pra ela? Eu falei: Olha, não faz mal não...(triste) Deus sabe o que faz. Eu falei. E falei pra ela. Falei mesmo, porque ela não foi no casamento...e nem o meu pai. Meu pai não foi por causa dela, porque ele ia.

- **Pesquisadora:** O senhor ficou chateado?

SG: Demais...Eu vou fazer o quê? Não quer...paciência...

- **Pesquisadora:** E os irmãos foram?

SG: Foi...Não todo! Também foi (pausa)...acho que foi o tal de Alcir...que faleceu (pausa) e esse que tá lá vivo, chama Osvaldo. E o, o cunhado que era casado com essa minha irmã que eu falei que trabalhava no Cartório...então...e quem que foi o padrinho foi o irmão desse meu sogro que tinha uma fazenda lá que (incompreensível), era um fazendeirão lá...ele foi o padrinho. Tem até um jogo de prata aí na sala que foi ele que foi o padrinho. Você vê esse jogo de prata vai fazer 60 anos...de casamento (risos)...Então aí casemo...e... E eu ia viajar...Ele não deixou. Éhhh (lamentando). Eu ia pra Santos. Por que tinha a outra, a mais nova ...e ele tinha que viajar. “Pra ficar sozinha aí Seo Guerino. Ah não precisa, então...Que que tem? Tem um monte de casamento que o sujeito casa, fica aí pra você é bom...descansa uns dias... E tal. Bom...Ela também falou: “Ah também viajar e deixar minha irmã pequena...” Era pequena né? Ela tinha 17 né...

- **Pesquisadora:** Ela não tinha mãe?

SG: Não. A mãe dela morreu e essa outra era pequenininha.

- **Pesquisadora:** Aí o senhor ficou cuidando da nova família?

SG: É. Aí tinha que cuidar da outra...

- **Pesquisadora:** Então, da família...

SG: Aí ela ia pro colégio...eu muitas vezes. Pegava...Naquele tempo tinha muito charrete...A gente chamava...e levava pro colégio...lá...Depois ela vinha, com as colegas a pé...Vinha até na cidade e... coisa...Mas tinha vezes que era...coisa...Quanta vez eu não tava trabalhando lá...Tinha uma casa de Atacadista e tinha um telefone lá... chamava Galo...era aqueles telefone de parede, desse tamanho assim (gestos) que você primeiro telefonava, tem que telefonar no posto e falar eu quero fazer uma ligação, assim, assim assim, eles faziam e você ficava lá esperando oh..10, 15 minutos, aí no fim eles tocava outra vez, oh, a ligação tá pronta...Aí...apertava o número, rodava aquela (risos) era aquela...era uma zun, zun, zun, (risos e gestos) e discava o número. Às vezes tinha recado lá na casa Galo, porque eu tinha dado o número de lá, lá do Colégio, as irmãs lá..telefonava lá. Aí eu corria lá. “Oh Seo Guerino a sua cunhada tá passando mal. Ela desmaiou e ta passando mal aqui” Tá certo, então vou já pra lá. Pegava... deixava esse Alcir, esse meu irmão tomando conta lá. Fica aí, que eu vou chamar um charrão, charrete, batia pra lá. Chegava lá, ajudava a pôr ela em cima, trazia ela pra casa. Ia fazer o quê? Passava álcool, e a empregada ajudava no braço dela...botava pra cheirar aquela coisa toda...voltava...ficava boa. Nervoso, ela tinha estado de nervo. Você vê...uma vez nós fomos em São Paulo com ela, nós fomos no médico com o Dr. Paulo não sei o quê lá. Ele era médico mas era espírita. É na, na Avenida Paulista parece. E então, uma vez eu fui lá, que eu fui lá pra fazer exame do estômago porque depois eu tive de operar de úlcera, aí o médico falou: “Olha Seo...sua filha...doença ela não tem. Tem esse defeito na perna que até depois ela foi operado, mas outra coisa ela não tem. Agora ele estado dela aí de...de dar essa coisa nela dela ficar nervosa. Quanta coisa...(incompreensível)...isso prejudicou. Às vezes eu tava trabalhando na máquina, apertado de serviço...ela vinha lá querendo a cadeira que eu tava sentado trabalhando. Porque chegava gente lá na sala, às vezes mandei vim 10, 12 pessoas em casa? Senta numa...põe mulher sentava na cama...tinha mais de sete, umas oito cadeira também e coisa...Eu falava: Eu não posso dá a cadeira Orides. Óia eu tenho que entregar isso aqui e não é serviço que eu peguei é serviço da Alfaiataria. O o freguês vem buscar amanhã. Eu tenho que até amanhã, até 9, 10 horas eu tenho que levar pra lá. Só isso, eu falava pra ela. Ela desmaiava...E falava pro pai dela. Agora ela precisa de nós é toda hora...Você vê como é que é coisa...né?

- **É, é parente né?**

SG: É e ele (o sogro) disse seo Guerino o que que foi? O que que foi que...tá vendo essa peça aqui? ...eu tenho que entregar até amanhã, 9 horas...tá atrasada...eu vou trabalhar hoje até 10, 11 da noite...mas eu vou trabalhar de pé? Né? Então... é isso que eu falei pra ele, como é que eu vou, eu não posso deixar o serviço. Daqui há pouco eu fui lá cumprimentar os parentes lá, tudo cumprimentou, pedi desculpas porque eu tinha que terminar o serviço, E durante a semana, semana, que não era domingo, é..é. Aí ele falou: “é, ela é assim mesmo né”? Eu falei então...é e tal e coisa...bom...[trecho sem entendimento]

Em São Paulo eu, eu falei pra Lourdes depois, eu falava Lourdes, esse negócio da tua irmã, esse negócio...(pausa) Ela falava: –“o quê que é?” – Eu sei o que é? Você não estuda? – Estuda, então eu não precisava falar mais nada. Ela é moça, ela fica meio histérica por causa, por não ter relação, é isso que tá matando ela. Foi em São Paulo, o médico falou na minha frente, falou: – Oi, a sua filha ela tem um estado de...vamo dizer assim...é, é...e coisa e ela tá assim...e coisa. Ela precisava casar.

- **Pesquisador:** E aí ela casou?

SG: [sem compreensão] ...depois casou com um rapaz daqui que morava lá em São José do Rio Preto. Depois morreu...faz muitos anos já. Morreu de câncer. Faz muitos anos. [trecho sem compreensão]

Observação da Pesquisadora: Aqui, neste trecho seo Guerino confunde a figura da cunhada Eurides com a da filha Sônia.

Quando meu sogro morreu, eu que tomava conta de tudo. Ele deixou...(pausa) ele pediu 120 contos, naquele tempo não...oooo...mil cruzeiro...cento e vinte mil....pro irmão...esse que eu falei que ele foi padrinho e ele tinha confiança em mim...esse que era o padrinho, que era o irmão dele. Aí ele mandou seo Ermes, eu empresto...ele que, meu sogro que mandou eu falar pra ele...porque eu ia lá pra [texto sem compreensão]. Eu falei pois eu empresto os 120 mas você é o endossante, se você não endossar eu não...eu quero uma pessoa de confiança, que nem você.

Ele tava cansado de saber que tudo que...que tava tudo no meu nome. É tava tudo no meu nome porque tudo que ele tinha, fazenda, tudo tava tudo no nome da minha patroa...Eu casei ...passou.

Pesquisadora: Passou para o senhor também?

SG: É pra mim também. Eu que assinava tudo. Se precisava correr em Cartório. Então ele emprestou. Meu sogro não tava bom...Vai no médico...Achou ruim com ele...Né? Eu falei: o que o senhor tem é negócio de fígado e está dando icterícia no senhor. E os olhos do senhor amarelou... Vai cuidar se o senhor não for pode ser duas coisas – pode dar barriga d'água [trecho sem compreensão] ou cirrose, que hoje chama cirrose. E ele disse: “ Ah o Guerino quer me encher, me amolar, quer que eu vá atrás de médico, eu não preciso de médico...”. Que que eu vou fazer? Ficou, ficou começou a piorar, amarelar, amarelar, a piorar, depois que ele viu que estava amarelou...foi no médico. Foi no médico, o médico falou: Olha seo Fauzino [sem compreensão]...vai ser duro, ...porque ele sentia não sei o quê na barriga, começou a crescer a barriga e...falou: olha, e fez chapa lá não sei o quê, porque tinha inflamação, tumor lá eu não sei. Naquele tempo era uma porcaria né...Foi operar ele...marcou a operação. E eu falei pra ela (a esposa): Olha, seu pai não viver muito tempo. Eu cansei de falar pra ele que [sem compreensão] se tiver tratado do fígado, da ferida que curava, tava salvo. Deixou...o negócio avançou muito (pausa) começou a crescer a barriga. Eu falei: é água que tem na barriga, que o médico falou...[sem compreensão] portanto precisou operar, tirar a água...tirou a água que...com uma agulha grossona...poc...é...fazia até um barulho toc, depois liga uma borrachinha e põe um balde lá...xiiiiii, aquela água, meio avermelhada...era o sangue que vinha na água...Eu arrumei...fora o sangue que ele tomou, arrumei oitenta litros de sangue...parece mentira! Porque [sem compreensão] eu tinha amizade com Deus e todo mundo. Eu falava pra aqueles homens ó...e ia tudo lá na Santa Casa e fazia fila! E ia juntando, juntando, juntando e ia marcando lá, o sangue no meu poder, na Santa Casa. Até chegou 80 litros, a Santa Casa falou: “não é preciso mais que não vão usar tudo isso”. Operou e eu fui assistir a operação...foi na sala lá embaixo e eu fiquei aqui em cima. Tinha um andarzinho assim em cima, um vitrô, então eu vi a mesa lá operar. Operou, abriu ele aqui (gestos). Olho [sem compreensão] o fígado dele...acho que não era marrom, tava preto. Tirou até um pedacinho do fígado. Eu vi. Fechou...aí depois quando eu vi, desci lá embaixo o médico: Oh seo Guerino infelizmente ...seo sogro... se ele durar três meses, no máximo...Eu falei: olha eu até já estava esperando doutor isso, por teimosia dele. Eu fale. Dele não querer ir no médico...aí, ele...é tirar a água da barriga. Levava ele na Santa Casa...[sem compreensão]

FINAL DA ENTREVISTA

Nelson Franco de Oliveira

alfaiate, soldado

disciplinado e bom jogador de futebol



Entrevista com o senhor Nelson Franco de Oliveira

Data: 21 de junho de 2007

Local: casa do informante, no bairro Chácaras da Barra, em Campinas

Seo Nelson: Como eu contei naquele dia né? Falei da minha infância né? Como foi minha vida né?...Quando nós, quatro irmãos, menores, o mais velho tinha 10 anos, outro 8, eu 6 e outro 4...então, todos meninos né? Então foi difícil para nós, tanto pra minha mãe como para nós, moleque. Não tinha recurso nenhum né, naquele tempo não existia o que existe hoje, a aposentadoria né? A gente reclama, o salário é pouco, mas naquele tempo não tinha nada. Hoje ainda tem um salário que a gente recebe né? Vai...E a gente vai vivendo...E passamos...Então falo sempre, minha gente, eu vejo essa situação hoje é [sem compreensão] maior que 10 anos, molecadinha nas esquinas, pedindo dinheiro, pedindo não sei o quê, tentando roubar pra se enfiar em droga...Então, por que que com a minha mãe não teve isso aí então...Porque era ponta firme. Quando meu irmão mais velho tinha já 10 anos, já arrumou...estudava de manhã no grupo escolar e trabalhava na padaria depois do almoço. E o outro que já era...tinha 8 anos também já ajudava, mas o que a gente fazia? Eu ficava na casa da tia minha que morava aqui na... no Cambuí também, ia pra escola, depois com 7 anos já ia pro grupo escolar também...E foi passando o tempo. Foi como te falei aquela história...quando chegou nos meus 10 anos eu já comecei a trabalhar. Várias coisas eu fazia. Cheguei a trabalhar na casa do Dr. Romeu Tórtima que era um advogado famoso em Campinas, o que eu fazia lá? Saía...Dava cobertura nas três, na casa dele e na casa dos dois filhos. Dr. [sem compreensão], dr Romeu Tórtima e Hemengarda, chamava a filha. Isso aí era aos 10 anos. Então eu saía...Todo dia eu ia na casa da mãe dele que morava na Rua Silva Teles, aqui no Cambuí, pra ajudar a fazer algum doce pra mim levar na casa deles. Eu arrumava a cozinha lá, pra comer (gestos), pra comer, pra almoçar. Arrumava cozinha, moleque com 10 anos. Mas depois, daí eu já sai e fui trabalhar na leiteria, entregando os leites de madrugada. Eu lembro uma passagem agora, época de frio, era mais frio né? Mais, ali na Rua Sacramento, até hoje a casa ta lá. Bem em frente ao Senac. Até hoje ta lá a casa. Eu entregava leite naquela casa. A gente não tinha sapato, não tinha agasalho de frio, não tinha nada...Era uma camisa, camisa e calça curta e pronto e ia trabalhar.

Um dia essa senhora deixou autorizado para o padeiro. Que também o padeiro levava pão de madrugada lá. Entregava nas casas pão naquele tempo. E tinha um pãozinho redondinho assim (gestos). Um dia ela esperou eu chegar e que eu fui pôr o leite assim...abriu a porta. Eu levei um susto, quando abriu aquela porta. Ela falou: – Ô menino...todo dia vai ter um pãozinho redondinho assim pra você (gestos)...você pode pegar que é seu. Eu autorizei o padeiro pra ele deixar um pãozinho pra você...pegar todo dia.

Pesquisadora: Era nessa casa, da rua Sacramento?

É na Rua Sacramento. Não via a hora de chegar lá pra pegar aquele pãozinho...De madrugada...Bom...foi passando. Aí chegou a época realmente de frio. Aquela garoa fina de madrugada!!! E Eu com o meu irmão...correndo pra rua.

P: Era frio naquela época...

S. N: Frio, era frio mesmo. Foi outra vez. Foi eu pôr o leite assim (gestos) abriu a porta novamente ...falou: – Entra aqui menino. Entrei na casa dela, veio um pacote assim [sem compreensão]...naquela época, na Casa Ezequiel já tinha... “Abre isso aqui”. Abri...e ela falou: “Isso é pra você. Experimenta, vê se serve”. Ela comprou uma capa! Era capa pra frio e chuva. Ela me deu. Disse: “É pra você”. Eu saí correndo pra rua, não via a hora de chegar em casa, falar pra minha família que eu ganhei uma capa...você acredita? não tomava mais chuva, nem frio. Então veja só as passagens que a gente tem...Aí depois dos 10 anos que eu passei... como falei, a ser entregador de roupa, entregava leite, depois entregador de roupa, na Alfaiataria Patielli...Aí fui entregar de dia e voltava à noite pra aprender o ofício, de profissão.

Aí foi passando...quando eu tinha mais ou menos uns 12 anos, eu passei a ser aprendiz direto, não trabalhava mais na rua, só lá dentro com os profissionais. E fui aprendendo. Daí...eu não contei esse dia que eu patrão falou: Tá vendo seo Nelson... essas nota aqui (gestos)... os oficiais ganham isso aqui...quinhentos...(gestos). Falei, puxa vida...me assustou! Eu nunca tinha visto aquilo na minha vida. Via umas moedinhas amarelinha, de quinhentos mil réis. E...Quando você ganhar hein moleque? Ele falava pra mim. Ele me chamava de moleque. Aí chegou o dia que eu comecei a aprender minha profissão pra valer, aí já tinha salário! E tinha um senhor lá que eu queria muito bem a ele... seo...[sem compreensão] seo Alcides Lopes...morava na Rua Boaventura do Amaral e ta...aí ele...ele

foi trabalhar na casa dele e me levou...eu junto da alfaiataria...me tirou da alfaiataria pra ser ajudante dele. Passei a ser ajudante dele, aí comecei...foi passando o tempo, passando o tempo...aí fui trabalhar...Saí de lá porque ele ficou doente, ficou leproso na época, aí na época tinha de se isolar né? Levaram ele embora para Piratininga...Itapetininga. Lá internado...Aí eu fui trabalhar com o João Pinto Alfaiate. Ele me convidou se eu queria trabalhar...eu falei...vamos lá.

P: Ainda tem alguém da família dele? Hoje em dia?...

S. N: O João Pinto tinha dois filhos mas não sei onde anda...não sei onde estão [sem compreensão] tinha a moça, que até hoje tem [sem compreensão] mais velho que meu filho. Então, fui trabalhar com esse João Pinto. Ali que eu passei...terminei de aprender a profissão...moleque mesmo, aí eu passei a ser, como falei outro dia que nós...eu que ganhava o maior salário na Alfaiataria, era meu. Com 17 anos, por causa da responsabilidade... Disciplina, vontade de trabalhar, vontade de ganhar o dinheiro... Que precisava. E o pessoal reclama porque eu ganhava... Chegava no fim do mês...recebia o pagamento, quem mais recebia era eu...moleque! E os homens casados, com os filhos, quando chegava seis horas da tarde...o pessoal...quando chega seis horas da tarde o profissional vai lá no relógio de ponto...seis horas já ta se arrumando pra ir embora...Eu não! Eu ficava sempre mais. E foi passando o tempo. Aí...fui pro Exército...Aí eu já era...Já trabalhava ali na...era na Dr. Quirino a alfaiataria dele...Dali fui pro Exército. Fiquei um ano em Pirassununga...

P: Aí o senhor tinha 19?

S. N: É...fui...é com 18 anos eu tava ali, mas como eu era de 32 (de 1932) eu fui...no segundo semestre já tinha feito 19...não 18!..Tinha feito 18, aí fui com 18 anos, mas saí só com 19... Fiquei um ano lá em Pirassununga.

P: Hum hum...

S. N: [pausa]

P: Pode continuar Seo Nelson

S. N: Então como sempre eu falo pros meus filhos...eu sempre eduquei eles nessa disciplina...honestidade...É a melhor coisa que existe. Não adianta querer fazer coisa sem pensar que não dá certo. Não dá certo. E...fiquei um ano lá em Pirassununga quando chegou...veja que coisa importante né, a gente era tão disciplinado que todo mundo, soldado, amigo ficavam preso, ficava detido, não podia sair de noite...Porque aprontavam né, faziam coisa que não era pra fazer. E eu não! Sempre ficava na linha, sempre dando exemplo. Eu sempre dei exemplo, pra todo mundo. Dando exemplo, de vida...E...então tinha liberdade! Tinha...um [sem compreensão] que chamava...não me lembro o nome dele...coronel Hermenegildo de Oliveira Carneiro...setenta...cinquenta anos atrás... mais de cinquenta... Hermenegildo de Oliveira Carneiro

Era terrível...era muito indisciplinado...eu aprendi com ele...Era bravo mesmo. Vivia...podia tá calor tava de casacão de frio...[sem compreensão] cavalo... pra lá e pra cá... eu...eu...a turma...pessoal tão diferente... todo mundo tinha medo dele. Eu não! Eu não fiz nada errado pra ter medo de um homem igual a eu. Aí chegou uma época...quando eu tinha chegado de Campinas, eu tinha vindo passear...descanso de um fim de semana. Depois voltei lá no Quartel. Aí tava tudo em forma, o pelotão assim...Chegou lá...tava meio brabo...assim...[sem compreensão] mexendo a perna...parou bem em frente assim...levantou de forma, as instruções e falou: –“Quem é de Campinas aqui?”Eu disse ‘senhor’ ... não fiz, não aconteceu nada no trem, porque nós vínhamos de trem né?...Não aconteceu nada...porque não tinha ninguém indisciplinado porque...[sem compreensão] se tinha indisciplinado comigo tinha que ser disciplinado comigo lá dentro ... Eu punha ordem. Aí eu vi que ninguém levantava a mão né...eu falei...Pronto Seo Coronel. “– Sai de forma. Você é de Campinas mesmo?”- Sou sim. “Você conhece onde é a remonta lá perto de Valinhos? Que tem criação de cavalos, do Exército? – Conheço, sei onde é. – Então, eu quero que você vá Campinas pra mim, você aguarda a ordem de lá de baixo para trazer dois cavalos de lá.

Aí foi passando... aí uma quinta-feira veio a ordem pra mim pegar os... chamado...cabresto pra pôr nos animais pra vir pra Campinas. Peguei os animais na Remonta...o coronel mandou na...onde era a Fepasa, companhia de transporte. Pus os cavalos naqueles vagões de cavalo...Aí quando chegou lá em Pira...aí eu já fui embora lá em [sem compreensão].

Um Pirassununga eu levei os cavalos pro Quartel... aí e o coronel falou: “– Oh cavalo bonito hein? E como foi, foi tudo bem?”

– Foi tudo bem.

E daquele dia em diante esse homem ficou meu amigo. Aí eu fazia o que eu queria com ele...De tanto que ele confiou em mim. Aí quando...chegava...assim Oh Franco...ele me chamava de Franco né?Usava o sobrenome, Nelson Franco. “– Quando você for pra Campinas, me avisa ele falava. – Vem aqui falar comigo, que eu te dou mais uns dias de licença”.

P: Olha que bom!

S. N: O capitão meu chegava...tinha na época de dar a licença...pro sujeito que merecesse...tinha, saía. Oh, Franco...chegava lá... – Coronel, dá licença...Oh vou pra Campinas, amanhã!

–Tá bom.

Entregava pra ele [sem compreensão] tinha permissão papel...aqui. Se tinha dois dias eu punha mais três.

– Pra você ficar na sua casa, autorizado por mim. (risos)

Então, eu peguei aquela...amizade com esse homem. Então...tudo que che [sem compreensão] corria o dia inteiro dentro do Quartel...parecia assim um... auxiliar nos capitães, dos tenentes...todo mundo. Quando eu chegava lá na sala dele, na sala do coronel...tinha uma porta assim vai-vém...tchum-tchum. E eu empurrava a porta e falava assim: Dá licença seo coronel? Ele falava: – Pode entrar meu filho. Já me chamava até de filho dele já. (risos) [sem compreensão] os capitães, tudo ali de pé, em posição de sentido, não podiam sair...só quando ele mandava entrar. Eu já tinha liberdade. Era lá [sem compreensão] coronel o senhor assina pra mim? Às vezes tinha uma pessoa já do lado dele...E eu saí acorrendo...Então o que aconteceu? Toda vez que eu tava lá...tinha um capitão esperando pra ele assinar os documentos e ele...nada. Ele mandava esperar. Aí começaram a pegar eu. Qualquer capitão que precisava de alguma coisa, falava: – Franco você vai...lá com o coronel pra mim? Até os capitães agora...agora tão chegando em mim! Então...É tudo isso aí. Eu fui pegando essa liberdade, essa confiança nele...Aí um dia...Ele tinha o cavalo...o cavalo dele era um cavalo diferente... que nem como ter um Fusca [sem

compreensão] grandão né...um carrão grande. E o cavalo mais bonito era o dele, sabe! Ele chegou tipo...ajudando...pro...como chama..ajudante...Ordenança dele, que cuidava do cavalo e fazia a limpeza do cavalo e deixava bem bonito...[sem compreensão] – Pega meu cavalo lá e traz aqui. Traz aqui, traz aqui na, na portaria. Trouxe o cavalo: – Franco, você vai passear com meu cavalo. Olha! Olha, mas quem tinha coragem de montar no cavalo do homem?Mais nunca, nem pra puxar a turma não puxava porque tinha medo dele...Porque a turma tinha medo dele, se apavorava. Aí eu peguei o cavalo, montei assim e fui embora pra cidade...aquele puxa...proc, proc, proc. E ele só de lado assim...aí em frente à Escola Normal, que só tinha moça...

P: Nossa!

S. N: Aquela moçada e eu fazendo pose lá... [sem compreensão] (risos) Aí tava passando por ali na rua, que é a Rua 13 de Maio, era rua de terra... lá no centro era rua de terra. 13 de Maio...tava passeando com o cavalo ali, chegou um capitão e me cercou. No cavalo dele...[sem compreensão] me cercou...– Oh Franco, que negócio que você tá andando com o cavalo do coronel? Quem te deu ordem? –Falei: Pergunta pra ele...Vai perguntar pra ele. Você acha que sou louco, de andar com o cavalo dele sem ordem? Acabou a conversa. Ele foi embora, e eu continuei andando com o cavalo...Então...daquele tempo em diante ficou assim...Ele precisava de alguma coisa, todo mundo me chamava. Coronel então, nem precisava falar, mandava localizar onde eu estava... [sem compreensão] Tudo ele pedia pra mim. Aí...chegou a época de dar a baixa. E agora? (pausa) E eu não quis fazer curso pra não ficar e ir embora...Aí ele me chamou, mandava, me chamou um dia falou: – Franco, senta aí um pouco. Ele mandou sentar. – Vamos conversar um pouco. Eu gostaria que você ficasse, no Quartel, não fosse embora, não desse baixa.– Mas por que? –Não porque eu gostaria que você ficasse aqui com a gente, engajava você...Você...daqui...

– Quando for em maio... –Eu dei baixa em setembro. Dia 15 de setembro. – – Quando for em maio, garanto que você já é terceiro-sargento. Promovo já.

–Ah, porque que o senhor não pega...tem tanto soldado aí...que tão preso...

–Ah o Quartel quer essas porcarias... Ele quer ver é longe daqui também... Mas você é disciplinado! Você é isso...tu..tu...

P: Lhe elogiou bastante?...

S. N: Poxa! Mas eu vou embora... Deu uma ordem pra mim...eu cumpria mesmo (pausa). Naquela ocasião ainda, muito antes da baixa, houve um ataque num Quartel...não sei se era no Rio Grande do Norte... comunista na época ia atacar o Quartel. Então, nos orientaram: “Vocês que fica na sentinela...” Que eu só ficava na sentinela, só lugar de...de disciplina mesmo...andava com roupa de passeio...andava até trabalhando de calça de gabardine...era na avenida o Quartel...e então alertava nós: Vocês têm que prestar muita atenção, porque pode chegar um...um comunista armado aí você está desprevenido dentro da guarita e eles pegam e invade o Quartel. Então tá bom. Pode atirar eu falava pra ele? – É lógico, tem que se defender...Mosquetão (gestos)...Um dia o Coronel...pra me experimentar mesmo, ele veio da...[sem compreensão] guarita...ele veio [sem compreensão] de lá, assim no jardimzinho, ele fez a curva assim (gestos), ele veio na minha direção...E lá falei, pronto e agora? Quem é esse homem que vem de terno e chapéu na cabeça? ...[sem compreensão] meu Deus. Ele veio me atacar aqui...Peguei o mosquetão, engatilhei e falei: - Alto lá que eu atiro! [pausa] e ele continuou andando... -Alto lá que eu vou atirar hein...e engatilhei, que eu ia meter bala nele! Aí ele falou assim...tirou o chapéu...- Ô Franco é o coronel! Falei, ó o senhor ia morrer viu...ia morrer...eu não ia perdoar não, ia mandar bala mesmo! Se o senhor não dava alô...[sem compreensão] da primeira vez, da segunda vez, da terceira você engatilha e manda vê. Eu falei, não vou esperar três vezes...se ele tava já pertinho. E ele vinha andando...vinha se arriscando, correndo risco. Falei pronto, agora estou perdido, matar o coronel (risos). Eu digo...tô perdido, tô na cadeia...(risos)

P: E aí?

S. N: Bom...aí chegou de noite...já aquilo lá foi à noite, quando chegou a tarde...que sempre canta o boletim, todas as ocorrências [sem compreensão] no Quartel, reuni o Quartel inteiro. Lá tinha mil e duzentos homens...e eles falam o que aconteceu durante o dia...o boletim. E eu falei, vamos ver hoje o quê que vai dar, o que vão falar, o que eles vão falar de mim. Aí, vem lá: – “Agora vamos dar um aviso importante pra nós um lembrete, que o soldado Franco [em voz mais baixa: contou a história que tinha acontecido], exemplo de disciplina... Falou tanto de mim...

“– Como é Franco, você vai embora mesmo, ou vai ficar?”, tentou novamente!

P: Na última hora...

S. N: Falei: Coronel... Infelizmente eu gosto muito daqui, sou disciplinado, tudo isso que o senhor falou aí, mas...eu vou embora. Porque a minha mãe sofria muito com o meu irmão mais velho, ele bebia, ficava... Eu precisava ir embora. Nossa! Ela chorava nas cartas que mandava pra mim. Falei: Vou embora. O que ele fez... Então ta bom, então você vai... [gestos] ... Uma carta que nunca deu para soldado nenhum. Uma carta de apresentação. Isso aqui vai servir pra você, lá na vida civil, quando você for arrumar um emprego, uma coisa... é um documento que você tem Tenho até hoje guardada...Eu saí do Exército em cinqüenta e dois. Mil e novecentos e cinqüenta e dois.

[não compreensível] Tenho até hoje guardado... Ainda ta comigo...Cinqüenta e cinco anos guardado [tom de orgulho].

P: Saiu em cinqüenta e dois?

S. N: Cinqüenta e dois dia quinze de setembro de cinqüenta e dois. Mil novecentos e cinqüenta e dois...

P: E o senhor guarda a carta até hoje?

S. N: Até hoje...tem...eu guardo...Tenho mania de guardar as coisas velhas...era nova, mas ficou antiga né? Ficou estragada [risos]

P: Claro!

S. N: Que nem hoje, eu tenho uma coisinha assim... Coisa de nada... Eu tenho um garfo e uma colher que eram do tempo do Quartel... Até hoje. Guardado...

P: Foi importante para o senhor?

S. N: Foi importante, por causa de disciplina, eu aprendi...Eu falava pros meus netos...Que todos eles servissem o Exército... Fora de Campinas... Em Campinas tá perto da família... Não adianta nada. Fora de Campinas, porque lá ele vai aprender disciplina... Disciplinado. Porque lá tem dois caminhos: ou você entorta de uma vez ou segue... Pro caminho bom. E eu fui pro caminho bom. Depois de um certo tempo eu já não comia mais a comida do

Quartel...comia a comida que vinha pros coronéis... Já tinha uma marmita que deixavam prontinha pra mim...

P: Mas o senhor já era disciplinado...

S. N: Já! Eu já era pela disciplina mesmo né? Minha mãe punha muito na linha a gente né?

P: Ela era... Linha dura?

S. N: Minha mãe...era raça de espanhol né? Bicha era brava mesmo... – Ah, mãe hoje eu não vou trabalhar. Tô com dor de cabeça [tom de choro] – Pega suas coisas. Vamos embora! Ah...[incompreensível] Sentimental, todo mundo inventava uma coisa pra não ir. Mas ela falava: ‘vamo lá’... Largava a gente [ele e os irmãos] na porta da escola.

P: Mas ela... ela, a disciplina dela, ela conversava, dava um castigo? Batia? Ela conversava?

S. N: Batia quando precisava...

P: É mesmo!

S. N: Ô! Metia o chicote mesmo... Ô, aturar quatro moleque?E ela só tinha tempo de noite ainda...Imagina! [admiração] Mas eu devo a ela isso daí...Ensinou a gente... Não deixou ninguém se perder...tal... Todo mundo é trabalhador. Ensinou a gente...Não deixou ninguém se perder...tal... Todos saíram trabalhador. Só tem eu e o meu irmão mais novo... Os outros já faleceram.

P: Tinha um mais velho que o senhor né?

S. N: Tinha dois mais velhos

P: O senhor é o terceiro?

S. N: Eu sou o terceiro. Tinha um que tinha nascido em...21 de abril de 28(1928), o outro nasceu dia 10 de janeiro de 1930 e eu nasci dia 12 julho de 1932 e outro dia 14 de dezembro de 1934... Então, a cada dois anos tinha um [pausa]

P: Bom... Então, depois que o senhor saiu do Quartel o senhor voltou pra...

S. N: Vida civil...

P: E aí entrou direto numa alfaiataria?

S. N: Aí voltei para onde estava antes do Exército.

P: Na...seria na Alfaiataria do João Pinto.

S. N: Do João Pinto...Isso!

S. N: Aí trabalhei lá mais o quê...porque eu... Como eu tinha liberdade... Eu tinha a chave da alfaiataria, eu era desde moleque... Lá junto com eles...Tudo! Eu tinha amizade com os filhos dele...[pausa] Aí tinha um garoto que chamava Renato...[incompreensível] que fazia as entregas dali. Mas como eu era moleque...Eu era oficial.. Já do Exército...[incompreensível] mas era moleque, com 18, 19 anos o quê eu era?!...Jovem. E eu gostava de brincadeira também ainda. Um dia... Ele me enchia a paciência... Mexia comigo e eu saía correndo...pra mim pegar ele. Era isso... Os dois moleques. Eu era e ele. Falei: te pego; amanhã, você esquece! Api quando foi de manhã, assim cedinho, assim... No outro dia... Chegou [o colega Renato] com a vassoura assim varrer... pertinho de mim. Falei: Vou te pegar moleque! Assim [gestos] Segurei ele pelo braço. Brincando com ele. Ah! Aí o dono da alfaiataria... Não sei o que ele tinha aquele dia, quando chegou da rua... Me olhou assim e falou: – Nelson, não quero anarquia aqui dentro. Eu falei: Meu Deus do céu... Falei: Ô João não to fazendo anarquia nenhuma, eu to apenas segurando o Renato pelo braço, porque ele fez isso e eu falei que ia pegar ele w peguei ele...brincando. É, eu não quero anarquia aqui dentro [imitando a voz do patrão]. Não quer: Eu que fiz tudo desde os 12 anos até agora? Tá bom... Não precisa de anarquista... Ele foi pra sala dele lá na frente. Fui para a minha máquina de costura... Peguei meu tesourão que tenho até hoje, tudo... as minhas coisas... enrolei tudo, cheguei lá na frente disse: – João quero acertar aqui, que eu to indo embora...Não. Vou embora...Não trabalho mais aqui. Sou anarquista... Você não precisa de anarquista aqui dentro. Agora você não precisa mais. E vim embora, não voltei mais.

P: Olha!

S. N: Eu era... Eu tinha isso... Essa mania. Se eu disser que vou fazer uma coisa... Eu vou fazer! Não volto atrás não. Eu sofro mas não volto atrás... Palavra cumprida. Aí saí.. Sai e fui trabalhar numa outra alfaiataria, outro alfaiate... [incompreensível] Fiquei pouco tempo aí fui trabalhar na minha casa mesmo. Vou pegar serviço e levar pra casa. Nós morávamos no Cambuí... Aí fiquei costurando em casa, até quando começamos a namorar...eu a Maria [pausa]

P: Então, boa parte da sua vida na alfaiataria foi na sua juventude mais...mais tenra?

S. N: Justamente, juventude mesmo! Eu ganhava dinheiro mesmo... Trabalhava com uma força! Gostava mesmo de trabalhar viu!?

P: E como era a sua primeira alfaiataria, particularmente?

S. N: Primeiro mesmo...eu comecei na minha casa, aqui quando nós casamos, moramos ali na Rua dos Alecrins

P: Hum...Na Rua dos Alecrins?

S. N: Ali que eu comecei a trabalhar...por minha conta mesmo... Assim...fazia...foi pegando os fregueses amigos meu...Foi indo, foi indo.

P: A sua mãe morava lá?

S. N: Não! A minha mãe não. Minha mãe morava na Rua Bandeirantes.

P: Aí o senhor já...

S. N: Casei e vim pra cá. Mudei com a Maria [a esposa], sozinho! Aí trabalhamos mais um...deixa eu vê... Uns quatro anos em casa, aí em 1960 eu fui pro Cambuí [pausa].

P: Aí o senhor trouxe toda a sua freguesia?

S. N: É! Aí...depois de 1960 fui lá pro Cambuí... Na [Rua] Santos Dumont, perto da igreja lá... lá tinha uma alfaiataria, perto da igreja lá... de frente mesmo!

P: Isso em que época?

S. N: Em 1960 que eu mudei pra lá... Fui trabalhar perto da igreja... Aí fiquei lá até 1968, fim de 68.

P: E lá o senhor foi trabalhar sozinho?

S. N: Não, eu tinha empregado. Já tinha... A freguesia... eu era do Cambuí, todo mundo conhecia o Nelson né? Então, com a minha disciplina, exemplo que eu dava pra todo mundo... Aí peguei uma freguesia boa... Eu tinha dois, dois... Tinha um oficial e um ajudante dentro da alfaiataria. Tinha as calceiras que eu mandava as alças pra elas fazerem fora... A dona Maria [se referindo à esposa], que fazia também uma ou outra. Às vezes fazia uma por dia. E foi passando o tempo... Aí, conforme eu falei... foi caindo... A roupa-feira foi entrando né? [pausa] Larguei fui pra loja vender roupa.

P: Aí o senhor foi vender roupa?

S. N: Vender roupa... Os freguês meus vinham trazer pra mim reformar. Falei: Ah, vamos parar com isso aqui. Vou começar a ganhar dinheiro sem esforço. Aí fui vender roupa! Vendi. Todos aqueles fregueses meus, tudo vinham comprar comigo na loja... Na Loja do Tom que eu comecei, depois fui pra Ducal³⁰. E tudo eles tinham lá... Falei: Vocês tão vendo? Se vocês continuassem comprando eu tava até hoje na alfaiataria, fazendo a roupa pra vocês, sob medida [tom lamentação] E no fim fiquei lá uns tempos.

P: Quando o senhor começou a vender a roupa já era que época?

S. N: Em 68 [1968] mesmo... Eu parei naquele ano mesmo, parei no Cambuí... Foi esse negócio de vender roupa.

P: Hum, entendi.

S. N: Na rua... Na Campos Salles [centro de Campinas].

P: Ducal né?

³⁰ Trata-se de uma rede de lojas especializada em roupas masculinas com grande penetração no mercado de roupas prontas, entre 1950 e 1960, nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas. Com a chegada da inflação na década de 1970, a rede entra em processo retração, em função do seu sistema de venda a crediário, com parcelas fixas.

S. N: Eu comecei em lojas do Tom, depois que passou à Ducal, que a Ducal comprou.

P: E o senhor não sentiu falta da alfaiataria?

S. N: Ah, até hoje! Lembro né! Porque eu gosto de fazer, entendeu? Eu falo que... pra encher o saco do pessoal, que não fui pra frente porque eu era caprichoso [risos] Não sabia fazer porcaria [risos]. É nada! Foi por causa disso aí mesmo, falta de serviço...Foi caindo, caindo mesmo. Todo mundo foi comprar roupa-feita e ainda hoje eu veja na televisão...porcaria...mais tem...[incompreensível] Seller Magazine anunciou ontem. Terno de...eles falam oxford, 79 reais, um terno! Que alfaiate que vai sobreviver? Então, tem aqueles que gostam da roupa-feita sob, artesanalmente e vai pagar quanto precisar!

P: Seo Nelson, a gente fala da roupa-feita né? O que o senhor acha que aconteceu pra começar a aparecer roupa-feita em quantidade?

S. N: É a facilidade né? O cara chega lá, experimenta uma calça e vem embora pra casa... Se ta na medida...leva já na hora. Então é a facilidade. Ninguém precisa perder tempo com tecido e tal, provar... Não tem nada disso.

P: É a vida moderna?

S. N: Ah, a indústria foi mudando tudo...Tem roupas boas... Até hoje tem. Quer ver é...[pausa] umas lojas boas de São Paulo...vê...pode comprar, pode comprar [incompreensível] Fazer igual o que a gente faz... Onde é a Renner, Renner, era na esquina da Conceição [Rua Conceição] com a Francisco Glicério [Avenida Francisco Glicério], vendia roupa só pra homem... Da fábrica vinham os paletós... Só fazia a parte da frente...tudo... Alinhavava, prendia, sem manga, sem nada, só provar no cliente, já provava semipronto, aí acabava...Aí era bom o terno. Mas, já no outro dia, dois dias já fazia a entrega pra ele. E foi indo...com as dificuldades... [incompreensível]

P: Seo Nelson, pela experiência do senhor, o alfaiate, ele nasce com o dom, ou qualquer pessoa pode ser alfaiate?

S. N: Eu acho que tem que ter dom... Tudo... Se a pessoa não tiver dom por aquilo, não vai pra frente... Não consegue... É a mesma coisa que eu falar: vai ser mecânico. Mas como

vou ser mecânico? Eu ainda tenho facilidade pra qualquer coisa que... Aprendia tudo... Agora, nem ensinar não sei mais...E garoto então, eu comecei, como falei, com 10 anos. Onze anos já estava dentro da alfaiataria, aprendendo... Prendia o dedão assim [gestos] a gente trabalhava assim [gestos para demonstrar como o alfaiate dobrava o dedo médio para trabalhar com o dedal].

P: Dobrado?

S. N: Dobrado.

Dona Maria [a esposa]: Ele amarrava o meu dedo...dele, pra mim aprender.

S. N: Até ela teve que aprender...

P: E a senhora aprendeu dona Maria?

S. N: É por causa da agulha...

Dona Maria [a esposa]: Por causa do dedal né?

P: O dedal é furado né?

Dona Maria [a esposa]: Não. O dele é furado, o nosso [as calceiras e costureiras] não! Então, precisava amarrar pra mim aprender fazer... Pra não tirar o dedal do dedo...

P: Olha!

S. N: E o dia inteiro não saía daqui [gestos com o dedo médio]. Pega o meu [se referindo a dona Maria]. Até hoje lá...Pega aquela almofadinha que ta...

Dona Maria [a esposa]: Porque fura muito o dedo.

P: Ah...é uma questão...

Dona Maria [a esposa]: Dele é, porque ele trabalha de lado, o alfaiate.

P: Trabalha aqui né? [gestos]

S. N: É.

Dona Maria [a esposa]: E a costureira não! É direto.

S. N: Então...a gente é ensinando e aprendendo...Primeira coisa é o que ela falou: amarrar o dedo aqui [gestos]

Pesquisadora: Ah...mostra pra nós...ah...

S. N: Pega a almofadinha da agulha [pedido feito a dona Maria]... aí...[mostrando o manuseio da agulha e do dedal do alfaiate, que não tem o fundo]. Aé...

P: Ah...porque trabalha na lateral?

S. N: Trabalha do lado né?

Dona Maria [a esposa]: É!

S. N: Aqui...a agulha pega aqui. Tem que segurar aqui...[gestual do manuseio da agulha com o dedal]

P: Nossa! E a senhora aprendeu dona Maria?

Dona Maria [a esposa]: Aprendi!

S. N: A mulher é só aqui...[gestos]

Dona Maria [a esposa]: Nossa! Ele amarrou vários dias. Um dia eu errei uma calça...não sei o que eu fiz...Ele me fez desmanchar inteirinha...

P: É?

Dona Maria [a esposa]: Pra mim fazer direito. Disse: É assim que se aprende!

S. N: Ah...Isso é mesmo. Faz de novo! [tom de riso]

Dona Maria [a esposa]: Faz de novo! [tom de aprovação]

P: Fez tudo de novo? Aí a senhora aprendeu? A senhora acha que esse sistema de uso do dedal, do alfaiate, ajuda a ter uma peça melhor acabada? A senhora acha que aumenta a qualidade?

Dona Maria [a esposa]: Ah, aumenta, porque trabalha com mais segurança.

S. N: Do alfaiate aumenta...

P: Mas o efeito estético, por exemplo, a beleza do acabamento?

Dona Maria [a esposa]: A agulhinha deles também é assim [mostra uma pequena agulha, própria dos alfaiates] né?

P: Palavra de calceira não é dona Maria?

Dona Maria [a esposa]: É... Agora a minha já é maior. A de alfaiate é agulha pequena.

S. N: A agulha minha é assim ó. Não tem 3 centímetros...fininha... [mostra a pequena agulha, própria dos alfaiates]

P: Menorzinha então seo Nelson?

S. N: Eu trabalhava com ela aqui [novamente gestos]. Então, ela não podia ser comprida...

P: Quanto tempo o senhor ficou com o dedo amarrado, na alfaiataria [risos]?

S. N: Ah eu foi pouco tempo... Já peguei logo...

P: Pegou rápido?

S. N: Tinha facilidade pra tudo...

Dona Maria [a esposa]: Minha agulha dá quase duas da dele... A dele é pequenininha [traz a agulha de alfaiate novamente]

P: Ah...Tem um nome específico dessa agulha?

S. N: Agulha, agulha para alfaiate.

Dona Maria [a esposa]: A minha...tem maior.

P: Olha que interessante... Todas as peças o senhor faz com essa?

S. N: Todas sim...

Dona Maria [a esposa]: E se perder hein....a agulha?!

S. N: Segura aqui e ali ó!!! Encostado no dedal.

Dona Maria [a esposa]: Outro dia ele perdeu e ficou desesperado. Porque ele...não tem mais né? [no sentido de que não há mais este tipo de agulha á venda] Você falou? [indagação ao seo Nelson]

S. N: Não tem mais né! Não posso perder essa agulha de jeito nenhum. É difícil pra achar essa agulha pra comprar.

Dona Maria [a esposa]: Então...ele tem um cuidado...com a agulha!

P: Muito interessante!

Dona Maria [a esposa]: Ah, há quanto anos tem esse dedal né?

S. N: Ah, esse dedal...eu era rapazinho né?

Dona Maria [a esposa]: [risos] Desde...

S. N: É material bom...que não furava!

P: Eu to vendo... É um material grosso...

Dona Maria [a esposa]: É material que você não acha...

P: Então...me chamou atenção mesmo, a hora eu a senhora mostrou...Porque hoje em dia...ninguém acha esses assim...

S. N: Não tem isso aí. Eu lembro que quem tinha isso daí era só...Eu tinha esses dedal. Era muito difícil de achar.

P: Muito bonito...parece até uma lâmpada [risos]

Dona Maria [a esposa]: É...Vai um cafezinho?

P: Ah, eu aceito dona Maria.

S. N: [risos] Ela falou que não gosta!

P: Se não for incomodar dona Maria [risos]

Dona Maria [a esposa]: Ela é que nem você. Não gosta... [risos]

FINAL DA ENTREVISTA

Laerte Zago

Alfaiate, fotógrafo



Fotógrafo do Bônusário da Cidade de Campinas

Laerte Zago

Deo deseja muita saúde, alegria, satisfações, sabedoria, calma, paciência, paz no seu coração e que os seus objetivos sejam realizados com o seu trabalho. Deus lhe abençoe

F: (19) 3213-7343-9166-1728
Os telefones que revivem as suas emoções

Rua: Camilo Castelo Branco, nº146, Campinas - SP - Cep: 13075-380

Entrevista com o senhor Laerte Zago

Data: 27 de novembro de 2007

Local: Escritório do informante, no Taquaral, em Campinas

Seo Laerte: Então, eu comecei com uns 15 anos, engraxando sapatos aqui na Vila Nova, em frente à Igreja, então corria ... [incompreensível], se trocava, pegava a latinha lá da caixa de sapato e vinha aqui engraxar os sapatos dos Marianos, de sábado e domingo. Então, esse dia, que eu trabalhava de sábado e domingo, eu pagava ônibus pra aprender ofício na cidade.. na época eu pagava condução pra ir aprender...na época nós tínhamos o bonde da linha Guanabara, que eu pegava na José Paulino e vinha até o... até no Liceu. Então tinha o ônibus que vinha até a Barão de Itapura. Então eu ia de bonde e voltava de bonde... Era na (Rua) Benjamin Constant 654, chamava Bento Pinto de Paula, o alfaiate. Então eu comecei lá, na alfaiataria, aquelas coisas... Em primeiro lugar, comecei a chulear as barras das calças, fazer barra, depois eu recebi pra começar a passar calças, depois passar ternos, passar a entretela, fazer modelo de calça, modelo de paletó, daí, comecei a fazer os enchimentos de ombro... Comecei com os enchimentos dos ombros, que hoje não usa, mas antigamente usava enchimento aqui (gestos) você fica bonito. O homem era baixo, pessoa ficava meio quadrada, e tinha o paletó com botão, três botão e jaquetão, na época né, então tinha casimira, tinha o pano de algodão, tinha o brim, o linho 120, era só milionário que usava, o linho branco 120...

Pesquisadora: 120 fios?

S.L: Não era o modelo, e o nome dessa roupa, era branco, era só milionário que usava. Olha, ele tá com um terno 120! Entende? Era o linho branco, nossa quem... Era só milionário que usava! E tinha o pano xadrez, o listado... Então tudo tinha seus modelos, época de usar, as roupas direito né, a casimira pro tempo quente, o tempo de calor. Aí foi fazendo, fazendo... Fiquei um tempo lá, depois passei na Casa Coração de Jesus, na (Rua) 13 de Maio com (Rua) José Paulino, que já fechou; depois eu fui na Camisaria, Alfaiataria Melicar, na rua Campos Sales,... [incompreensível], que tá fechada também. Aí eu vim, no sábado e domingo, eu acabava de engraxar sapato, então, eu abri a mesma, a minha própria alfaiataria, aqui na Vila Nova, em frente à Igreja Nossa Senhora das Graças.

Pesquisadora: Em que ano, o senhor lembra?

S.L: 62 (1962)... 60 (1960), 61(1961) e 62(1962) . E aí eu comecei trabalhar, de sábado e domingo, engraxava sapato, e o mesmo freguês que fazia, que eu engraxava sapato, começou a ser freguês de roupa de mim, comecei a fazer roupa pra esse pessoal da igreja, tudo, costurar. Então, eu fiquei uns 5... uns 8 ou 9 anos nessa casa aí na esquina, pra costurar... Depois é que as pessoas, amigos meus, que ficaram sabendo lá... aí eles vem pra costurar, fazer bainha de calça...essas coisas assim. Depois eu mudei pra rua Carolina Florence, 293, então lá na Carolina Florence, junto com a alfaiataria, eu abri uma loja que tinha camisa, tinha botão miudezas pra vender. E... ficava do lado da Cia Santa, na Carolina Florence, e está aberta até hoje lá, é a loteria esportiva hoje... do lado do Varejão Oba, o prédio está lá.

Então tem muitas passagens...

Então todo dia, às seis horas, tinha a Ave Maria (oração); então, eu mesmo construí um alto-falante grande assim (gestos), eu pus na porta da loja, da alfaiataria, com aqueles discos antigos. Então, comprei pra tocar a música pra chamar a atenção das pessoas, e enchia de moça ali, que saía da fiação, que trabalhava e passava ali na frente. E às seis horas eu punha a Ave Maria. Aí eu ligava na rádio junto e o padre falava, todo mundo escutando... entende? Eu tinha respeito por tudo mundo ali.

Saía dali, à noite eu tava estudando, aquela música, de um coral, e coisa estrangeira... de óperas assim, e depois comecei a estudar na banda, mas daí faltou tempo eu não estudei mais.

Então nessa alfaiataria, e camisaria junto, eu comecei a trabalhar. E tem uns pontos também que acontecia com a gente, então, o cliente vinha, aqueles clientes enjoados, eles castigavam a gente, entende? Então eles punham a calça e começavam a pôr defeito: – “ah, aperta aqui, aperta ali...”; eu desmanchava tudo, e fazia, ficava até de madrugada lá estudando, né?

Aí quando tinha jogo, acompanhando o jogo, pra passar o tempo, e o pessoal ficava andando ali na frente, que era bem diferente... Antigamente não tinha quase condução, andava-se a pé nessa época, eu andava de bicicleta.

E aí vem as pessoas e se queixavam: “– O paletó pega aqui, pega ali”. Aquele negócio todo... Eu sofria demais com essa coisa, entende?

Bom, eu conversando uma vez com um já experiente alfaiate de mais idade, ele falou: – “olha, você pega um giz e tudo o que o cliente reclamar você mancha tudo com a linha de giz (gestos), na calça, em tudo... aí você fala pra ele vir buscar daí uns 10 dias.” Eu não sabia, mandava buscar no outro dia. E me matava, me matava de trabalhar e nunca tava bom, não deixava a pessoa contente de jeito nenhum. Então ele me ensinou: – Tudo o que ele reclamar você marca num papel, põe o giz em tudo, enche de giz aí porque tá tudo com defeito e manda daqui dez dias vim”.

Depois [o cliente] punha o paletó e dizia: – Ah, agora sim que está ótimo! – E eu não tinha mexido na roupa! Então, quanto que eu sofri para chegar nesse ponto. A calça tava ótima, o paletó ótimo... Tava tudo bom e eu não tinha mexido em nada. Então, quando a gente mexia continuava com defeito e mais defeito ainda, porque tava certo e a gente deixava ruim. E aí encostava apagava todo aquele giz deixava três dias lá parado o terno e o cliente vinha... Aí tava tudo ótimo, não tinha mais nada. Então, as pessoas às vezes reclamam, não é porque tá sentindo, ele está com dor de cabeça, muita chateação, o serviço não deu certo, não deu certo a calça dele, ele vem e desconta tudo na pessoa que vê. E a gente sofria neste tipo aí. Eu tenho o caderno até hoje aí da turma que ficou devendo pra mim de fiado que tinha, dava pra mim construir duas casas se a turma pagasse. Aí, num outro dia, veio um sujeito e mandou fazer um 120 (um terno 120) aí e não deu entrada, não deu nada né. – Não! O dia que venho aqui eu te pago tal...” E fiz, experimentou tudo... E aí, todo mundo olhando, quem que é? E aí chegou um “puta” de um carrão lá, pegou o terno e falou, deixa eu pegar o cheque pra você, e ele entrou no carro, pôs o terno e até hoje desapareceu, não recebi um centavo. Eu tive que pagar o pano, pagar a costureira que fez a calça e até hoje eu não vi ele mais. Então, não é fácil ser um alfaiate! É uma profissão muito maravilhosa, você veste uma pessoa, você aprende, mas não tem o valor devido. Hoje está tendo valor, porque tem poucos alfaiates. Então, o pouco que tem hoje eles tão cobrando o que querem. E merecido né? Porque são uns artistas! Então na época tinha um pano, “listadinho” assim, todo mole, eu ficava até de madrugada costurando, pra depois perder a vista (a visão). Aí eu fui tirar carta de motorista, quando eu pude comprar um carro e aí que eu fui perceber que eu estava com a vista ruim. Aí eu comecei a usar óculos e fui parando com a profissão. Aí eu fiquei doente do estômago, de tanta chateação e não agüentava mais de dor de estômago, entende? Mas era tudo dor que a gente passava dessas pessoas. Aí quando eu fui no hospital

operei e aí eu fui e acertei tudo com o dono da... Ele queria que eu sáísse de qualquer jeito pra alugar o lugar mais caro, entende? Então, conforme eu fiquei doente, então não precisou nem falar nada pra ele, aí desocupeí lá, entreguei e vim no abrigo aqui da casa da minha mãe. Então comecei a trabalhar aqui, tinha o balcão tudo aqui e eu fiquei trabalhando aqui na casa dela. Fiquei trabalhando de alfaiate e aí eu comecei na missa e tinha os congressos marianos que organizavam, iam buscar prenda na igreja do Vila Nova, e aí eu comecei já fotografar de domingo, no campo de futebol e foi indo... Aí chegou uma época que eu parei com a profissão porque não tava dando.

Pesquisadora: O senhor consegue lembrar por quantos anos o senhor foi alfaiate?

S.L: Uns 15... 17 ou 18 anos.

Pesquisadora: E... Seo Laerte, porque o senhor foi ser alfaiate? Aonde o ofício entrou...

S.L: Não, não... o ofício não entrou na gente, porque na época a gente não escolhia nada. Não tinha nada! Então meu pai tinha um amigo na cidade, que era do Círculo Operário, e ele me pôs lá para começar a profissão, sem eu escolher. A gente na época não escolhia nada.

Pesquisadora: Seu pai?

S.L: Isso.

P: E a sua mãe o que pensava?

S.L: Não, não pensava nada. Era um pessoal pobre, simples, não tinha o que pensar. O único irmão meu que estudava no Bento Quirino era o mais velho. E a gente num... [incompreensível] sem estudo, sem grupo, não tinha nada, não tinha diploma, não tinha nada. Então o meu meio foi começar por esse ofício.

Pesquisadora: O senhor ficou como aprendiz por quantos anos?

S.L: Um ano mais ou menos.

Pesquisadora: Aprendeu rápido...

S.L: É.

Pesquisadora: E quando o senhor era aprendiz, quais eram as tarefas que lhe davam?

S.L: Então, eu tinha que fazer o enchimento do ombro...

Pesquisadora: Antes disso, antes do senhor entrar no ofício, tinha outras tarefas?

S.L: Não, eu engraxava sapato.

Pesquisadora: Certo. Mas lá dentro da alfaiataria...

S.L: Ah... eu limpava a alfaiataria... limpava os manequins, limpava a máquina, eu sempre monto a máquina inteirinha, eu sei montar! O ferro eu sei montar, desmontar, o balcão... O ferro pesava três, quatro quilos... tinha ferro de carvão, a gente tinha que fazer fogo pra pôr o carvão pra esquentar. Então, nossa é tanta história assim que a gente...(demonstra cansaço)

Pesquisadora: O senhor conheceu outros alfaiates?

S.L: Sim, conheci bastante.

Pesquisadora: E uma coisa que eu tenho curiosidade Seo Laerte... é... quem lhe ensinou a profissão.

S.L.: Foi Bento, Bento de Paula. Ele está morto já.

P: Bento de Paula... Como ele era como mestre?

S.L: Era duro.

Pesquisadora: Mas ele parava e ensinava? Falava é assim...

S.L: Não, o ensinar dele a gente já ia fazendo, porque o terno, por dentro, tem uma entretela, tem enchimento por dentro, então você tem que fazer tudo com a mão aquela entretela, então, mesmo que você fizer errado não tem importância porque tá dentro, ninguém tá vendo. Então, você ia aprendendo a fazer isso até pra você poder ir aprendendo a costurar.

Pesquisadora: O acabamento?

S.L.: Isso. Mas por dentro... por dentro não e acabamento. Então tinha essa entretela e tinha o alcochoado que ficava aqui assim, algodão. Então, você fazia tudo a mão aquele algodão...

Pesquisadora: Os pontos?

S.L.: Os pontos. Então se você fazia bem ou mal, porque era dentro, então não via. Era uma coisa que você não vê, então, pode fazer. Fazer chulear o pano de um lado, chulear do outro...

Pesquisadora: O caseado, naquela época...

S.L.: O caseado...

Pesquisadora: A mão?

S.L.: Não. O caseado você fazia num pano primeiro para depois passar... fazendo na calça, fazendo no paletó....

Pesquisadora: Mas era a mão?

S.L.: A mão. Tudo a mão... tudo, tudo a mão.

Pesquisadora: Depois que entrou a máquina elétrica que...

S.L.: Não, não. Mesmo com a máquina nunca foi feito com a máquina, sempre com a mão. Tinha o arremate que você fazia, aquilo chamava a atenção também dos ricos, entende? Oh, o terno foi feito a mão, netão, custava mais caro.

Pesquisadora: E quando o senhor fala que o Bento Pinto de Paula era duro. Que passagens que o senhor lembra?

S.L.: Duro em tudo assim... em dinheiro, em ceder as coisas, entende? É... como se diz assim, rígido nas coisas, entende? Exigente, gritava... então não era fácil, não? Acho que aquilo ali foi um aprendizado que você vai aprendendo na vida, né? E ele então morava sozinho, ele com a mãe dele, então de manhã eu ia até no Mercado lá buscar carne, tinha

que fazer a compra pra ele, pra eles fazer almoço. E eu almoçava lá, junto com eles, Quando a mãe dele ficava doente, eu limpava o quarto também, da mãe dele. Aí eu fui aprendendo, eu fazia coisa de marcenaria, também fazia, eletricidade, então o que ele fazia eu fui aprendendo.... Fazia cobrança, ia buscar roupa....

Pesquisadora: Foi um aprendizado...

S.L: É. Eu ia nas lojas buscar o... é... os forros das calças, entretela, o retrós. Esse retrós não usava mais, era um especial que tinha, hoje não fabrica mais, entende? Então não podia fazer torto, fazia torto ficava, ele xingava, mandava voltar... [incompreensível]. Então na época ele fazia compra na casa Regente, na Pernambucana, então o metro de um pano custava na época lá, cinco milhões, porque era outro dinheiro na época... então como ele tinha dinheiro, desse cinco milhões o metro, então ele comprava uns cem cortes lá, e ficava um real só, e ele pagava à vista. Ele jogava o dinheiro e falava: não e à vista! Fazia assim e a turma vendia... Aproveitava das oportunidades.... e ele ganhava dinheiro!

Pesquisadora: E da sua época na alfaiataria, tem alguma coisa da profissão que o senhor sinte saudade?

S.L: A saudade que a gente sente é... porque alfaiate ele fica encostado num canto, ele é valorizado só quando o dono da... ele fica ali até o fim da morte dele e não tem valor. Porque as alfaiatarias pagam por peça pra ele... Então, o cliente não conhece os alfaiates. Ele não tem ligação com os alfaiates. Ele tem com o chefe, com o patrão. O alfaiate mesmo fica escondido. É... quando entrei na cidade, lá no primeiro andar, você entra às sete e sai às sete da noite, esse tempo de Natal, a gente ficava até uma hora da manhã e seis horas de novo a gente estava de novo trabalhando.

Pesquisadora: Então, não via o cliente?

S.L: Não. Mas quando eu abri por minha conta eu via porque eu mesmo que era o alfaiate, eu mesmo que era o patrão, eu era tudo! Mas a pessoa que trabalha para o patrão, não tem ligação com o cliente. Quem tem ligação é só o patrão.

Pesquisadora: Quem fazia a prova?

S.L.: Era tudo o patrão. Tudo ele. Você só ficava olhando, né! Você só ajudava... Quando eu saí de lá eu fui querer me virar sozinho. Eu costurava também pra mulheres, fazia de tudo, entende? Calça comprida, fiquei famoso na época. Tudo sobre medida. Eu tinha bastante trabalho...

Pesquisadora: Eu quero depois que o senhor fale sobre isso. Agora eu queria perguntar pro senhor o seguinte, Seo Laerte...

S.L.: Na época se chamava... Os modelos sempre mudavam. Então tinha calça até no joelho que se chamava que era apertada, depois pra baixo era “grandona”, e se chamava boca de sino. Na época, boca de sino.... Então, depois numa outra época era tudo apertado e o pé também, até embaixo, era tudo agarrado, entende?

Então mudamos aí, na moda que eles inventaram no momento, mas eu não tenho saudade dessa fase, foi muita tristeza nessa época, entende? Acabei não ganhando nada, não levei nada, não usufruí de nada, não consegui nada. Eu fui conseguir todas as minhas coisas como fotógrafo. Depois que eu passei a ser fotógrafo que fiz tudo o que eu tenho. Não como alfaiate. Alfaiate você trabalha que nem um condenado e não tem valor. É uma profissão que tem valor, mas você em si não ganha nada. Hoje o pessoal tudo ganha por peça, entende? Então, o cara que costura, a costureira, tudo, então, vamos supor que hoje está custando 50 reais o corte de uma calça, que cobra do cliente, o patrão, ele vai ganhar cinco, seis reais para costurar cada corte. É dia e noite, aquilo, e você não ganha mais, entende? Você só trabalha mais, mas ganhar mais mesmo você não ganha. Não tem valor. Dificilmente você pega uma... Mas agora quem vende já, uma pessoa que tem uma loja que trabalha por conta, que vende a roupa junto, esse aí tá rico, porque ele não está ganhando só de fazer a roupa, ele ganha o lucro da fazenda, já está cobrando junto; aí tem aquele lucro maior, mas não é de costurar que você fica rico. Você não pega uma costureira rica, nenhuma. Não tem. Tem a dona, que é dona da confecção, mas o que trabalha mesmo você não pega um rico. Não tem. Trabalha que nem condenado e não tem valor.

Pesquisadora: Então, a alfaiataria, na vida profissional do senhor não lhe traz boas recordações?

S.L.: Não, não ganhei nada, não faturei nada, só perdi. Só trabalhei, que nem doido.

Pesquisadora: E o senhor não escolheu aquilo?

S.L.: Não. A minha maior chateação mesmo era porque ficava escondido. Porque com a fotografia... eu fazia umas mensagens, as mesmas que eu faço, mas não como hoje, e tinha pessoas que falavam, oh patrão!, chamavam de patrão, que patrão... não ganhava nada, entende? Agora com a fotografia você conhece as autoridades, você conhece a cidade toda, a cidade vizinha, eu trabalhei no Diário (Jornal *Diário do Povo*) com fotos sociais da região, eu rodava até de madrugada; e o trabalho do alfaiate lá na alfaiataria, às cinco horas eu vinha, tomava banho e pegava a máquina, ia pro jornal, fotografava, voltava, depois eu vendia terreno no cemitério, depois eu asfaltei o jardim do Parque Taquaral, eu que asfaltei... pus iluminação aqui. Jardim Nova Europa eu asfaltei, pus iluminação de lá. Teve época que eu fiz quatro ou cinco profissão [telefone toca]....[pausa].

Pesquisadora: Então, Seo Laerte vamos falar sobre sua alfaiataria que o senhor montou na década de 60, 61... como ela se chamava, o senhor fala um pouco pra gente.

SL: Chamava Alfaiataria Nossa Senhora das Graças. Ficava aqui na esquina com a Imperatriz Leopoldina com a Rua Alberto de Macedo, mas na época não tinha essa avenida, não tinha nada, não tinha aqueles salões que tem hoje, essas lojas... Então tinha o armazém do Seo Arlindo, na frente, tinha a farmácia do Alcides, porque não tinha médico, então, ele atendia todo mundo ali, Alcides Carnier, chamava o enfermeiro. Então, o pessoal era conhecido um do outro ali, então, a maioria trabalhava na Fazenda Santa Elisa, como meu pai também, então eles eram de confiança da gente, por que a gente não tinha promissória, não tinha nada, era tudo pela boca assim, dava o preço, cada um pagava um pouquinho por mês e... uma vez, então, um homem lá trouxe um terno pra fazer um linho azul e na pressa, então, porque estava perto do Carnaval, eu passar assim (gestos de passar roupa), eu esqueci, eu tinha esquecido; o homem pegou o giz foi lá mexer, eu passei com o giz, com o ferro assim (gestos de passar roupa), e marcou o paletó na frente... e aquilo sujou e não saía mais e o homem: então o senhor acerta a conta que eu tô passando! E não tinha... E aí no fim, deu curto circuito na lâmpada lá, foi minha sorte: queimou a minha luz aqui! E na casa do fundo, porque eu estava na casa da frente, na casa do fundo onde o homem tava tomando banho, queimou o chuveiro, o homem veio bravo me xingar lá... Porque tinha

acabado a força. Aí nós ligava o... queimava de novo! O homem vinha gritando, eu saí pra entregar o paletó do homem e ficava aquele desespero ali, eu não sabia o que fazia, e a sujeira não saía...

Pesquisadora: E aí?

S.L: E aí o homem acabou vindo lá e viu que eu estava passando e levou daquele jeito mesmo. E ele trouxe depois, eu mandei ele lavar, limpou tudo lá, mas são daquelas coisas que você fica sabe? Às vezes a pessoa marcava não vinha, cheque sem fundo, você deixava ele passear pra você ficar costurando e a pessoa não aparecia mais... Nossa tinha tanta história, que é bom nem lembrar. Não faz bem pra gente!

Pesquisadora: Então a profissão de alfaiate é...

S.L: É mais importante para o ser humano do que ser fotógrafo, mas a função de fotógrafo pra você poder viver é mais importante do que... dá mais dinheiro do que a de alfaiate.

Pesquisadora: Então, mas em que momento o senhor deixou de ser alfaiate?

S.L: Quando eu fiquei doente, que eu fui pro hospital...

Pesquisadora: O senhor já tinha casado?

S.L: Eu estava solteiro ainda... porque daí o médico deu um remédio que chamava [incompreensível]... porque doía o estômago e não tinha nada, entende? Então, era pedra no rim, mas me doía o estômago e daí fiquei internado 18 dias na Beneficência Portuguesa e aí a hora que eu saí [incompreensível] e de lá não fiz mais nada, fechei tudo e vim aqui pra casa do meu pai. E aí já tirava fotografia amador; aí a roupa que eu tinha fui dando pra fora, as coisas que eu tinha, régua, ferro, eu não ia ocupar mais, eu fui dando pras pessoas... [incompreensível]... tem gente que está costurando até hoje que eu ensinei...

Pesquisadora: Então o senhor foi alfaiate mais ou menos até... qual idade?

S.L: Até uns 30 anos mais ou menos...

Pesquisadora: Uns 15 anos mais ou menos?

S.L: É, eu tinha 18 anos.

Pesquisadora: Depois o senhor passou a ser fotógrafo?

S.L: É profissional... Eu tirava fotografia como amador, aí depois que ingressei em São Paulo oficialmente como profissional aí eu comecei a me dedicar...

Pesquisadora: E como é que o senhor entrou na fotografia?

S.L: Viajando com os marianos, nas quermesses, campo de futebol, eu montei um maquinário [incompreensível], eu ia tirando e vendendo fotografia pra um, pra outro e fui indo... Ali que comecei, aqui na Vila Nova. Aí comecei a enfrentar os grandes fotógrafos da cidade. Eu chegava perto... Eu ficava escondido no meio de tudo mundo, de medo, de medo que eles me pagassem, que eles ficassem bravos comigo... Aí eu fui pegando amizade com eles, pegando amizade, hoje nós somos os mais conhecidos da cidade de Campinas. Mas foi tudo na luta, na raça, não foi nada... Não tive escola de fotografia que eu fui aprender, foi tudo na raça mesmo, foi tudo na persistência...

Pesquisadora: Como alfaiate o senhor foi aprendiz e como fotógrafo o senhor...

S.L: Fui aprendiz, mas depois eu fiquei como patrão, né? Mas não ganhei nada, só perdi como alfaiate... no fim do mês não tinha dinheiro pra nada.

Pesquisadora: E hoje o senhor é feliz como fotógrafo?

S.L: Sim...

Pesquisadora: Há quantos anos já?

S.L: Tô com 39...

Pesquisadora: Já tem o dobro da profissão de alfaiate?

S.L: Não entendi.

Pesquisadora: O senhor já tem o dobro da profissão de alfaiate?

S.L: Tem o dobro e eu tô realizado, porque eu posso fazer muito mais coisas pras pessoas, pra ajudar as pessoas, e nesse convívio, a gente procura participar, com honestidade com as pessoas, passar amor, passar amizade, entende? Como alfaiate eu não podia, não tinha

tempo né, nem vivia também. Não almoçava, não jantava, porque o tempo não dava, não tinha dinheiro.

Pesquisadora: Quantas horas de trabalho o senhor trabalhava Seo Laerte?

S.L.: Pegava às seis da manhã e ia até dez, onze horas da noite. Até acabar o esporte, tinha jogo né. Lá tinha bastante jogo, então, começava nove e meia e terminava onze horas. E eu deixava o rádio ligado no esporte e ficava bastante gente escutando, amigos meus, enquanto eu ficava lá pra trabalhar.

Pesquisadora: Ia até que horas que o senhor falou?

S.L.: Onze horas, onze e meia da noite. Isso foi anos e anos....

Pesquisadora: Mesmo quando o senhor foi patrão?

S.L.: Isso, como patrão.

Pesquisadora: Como patrão?

S.L.: Isso!

Pesquisadora Como aprendiz, depois como...

S.L.: Como aprendiz eu trabalhava normal. Eu chegava às sete e saía às cinco. A (Avenida) Campos Salles não era avenida era rua na época ainda. A avenida Aquidabã não era avenida era rua. O Mercado era um mercado velho, antigo ainda, não tinha perto a (Rua) Benjamin Constant... Então era tudo coisa.... a (Avenida) Senador Saraiva não era avenida, era rua, não tinha o viaduto, era o bonde que a gente usava.

Pesquisadora: Lá na Alfaiataria do Seo Bento tinha quem: o patrão, que era o Bento, que era alfaiate?

S.L.: Isso...

Pesquisadora: Depois tinha mais quem junto?

S.L.: Era ele mesmo, ele sempre trabalhou sozinho.

Pesquisadora: Sozinho. Então,

S.L.: Ele ensinava um, ia embora, vinha outro, ensinava...

Pesquisadora: Então, era ele e mais um?

S.L: Isso.

Pesquisadora: E depois que o senhor deixou a condição de...

S.L: Entrou outra pessoa.

Pesquisadora: Tá, mais depois que o senhor deixou de ser aprendiz, ele chamava o senhor de quê? Qual era a hierarquia, o cargo?

S.L: Não, era normal. Só alfaiate normal...

Pesquisadora: Sim, mas dentro da profissão, o senhor era alfaiate, oficial de alfaiate, contramestre...

S.L: Alfaiate, alfaiate...

Pesquisadora: O senhor era alfaiate? E aí ele dava quais tarefas para o senhor?

S.L: Não, não... depois disso eu me virava. Não tinha tarefa.

Pesquisadora: Mas quando o senhor estava trabalhando lá como alfaiate quais eram as peças que o senhor fazia?

S.L: Não, fazia calça, paletó, fazia tudo...

Pesquisadora: Fazia calça, cortava...

S.L: Tudo, cortava, molhava. Então pra molhar você estendia no balcão grande é... um metro e vinte pra fazer uma calça e dois metro e oitenta o terno, então, um metro e vinte...De largura. Então você estendia todo aquele pano em cima do balcão e você pegava que nem uma tigelinha de feijoada hoje, cheia de água, você pegava o pincel e ia molhando um pedaço assim e aí você enrolava o pano, depois ia puxando, ia molhando, enrolando. Então, você não molhava ele no tanque e pendurava. Então você punha aqui molhava, enrolava, como está aqui assim. Aí vinha outro pedaço, você molhava e vinha enrolando, até enrolar tudo. Aí você deixava que nem um rolo de massa num canto. Aí no outro dia você ia passar...

Pesquisadora: Pra secar...

S.L: Não porque... pra lavar o pano, que molhava... lavar não, molhar! Pra tirar aquela goma... aí você passa aquele ferrão de dois ou três quilos, pesado, aí levava quase meio dia pra você passar um corte. Doía tudo os braços da gente, sabe?

Pesquisadora: Mas o senhor pegou uma época difícil né Seo Laerte?

S.L: Sim, de tudo.

Pesquisadora: O senhor fazia tudo...

S.L: Tudo. Aí tinha imposto que a gente pagava, tinha contador, pagava INPS. Na época era EPC comerciários...

Pesquisadora: Por que os outros alfaiates tinham quem ajudasse? O senhor pegou a fase...

S.L: Já peguei a fase que fazia tudo sozinho, tem o patrão, e toda alfaiataria o que faz... o que corta, e o que manda, ele só costura. Então, eu não, eu molhava, passava, cortava, costurava, experimentava, entregava. Perto do Natal a pessoa ficava que nem doido, não tinha um minuto... Você não tinha mais o tempo... só trabalhar, trabalhar, trabalhar...

Pesquisadora: Seo Laerte, me diga uma coisa, na época do senhor, Seo Laerte, já tinha o Getúlio Vargas, já tinha instituído o contrato de trabalho...

S.L: Ah, mas nós não tínhamos, nunca tivemos...

Pesquisadora: Como era?

S.L: Quando você entrava, entrava sem nome, sem nada, não contratava assim....

[Fim do lado A]

[Início lado B]

S.L: ... levou mantimento, tudo. E aí a irmã falou, se você começar a confessar e comungar eu vou te arrumar um médico pra te operar. Então, eu tinha um radinho, todo dia que dava seis horas, a bênção do padre, Ave Maria, aí o padre veio... confessou e comungou... Aí a médica me operou e eu fiquei 18 dias internado, depois que eu saí. Então, não quero nem ver mais... Eu ía nos quartos, os outros estavam pior do que eu tava passando... Aí que saiu a mensagem...

Eu tô com uma semana escrevendo sábado e domingo ali e eu tô com o dedo até duro, porque a carta só tem que ser a mão, entende? E é cinco por dia só... Então, eu colocava e voltava tudo, aí uma pessoa me ensinou... Seo Laerte só cinco por dia... porque existe uma lei, você não pode escrever pra ninguém, tem o nome da pessoa... é carta social... Aí eu comecei a mandar...

Pesquisadora: E quando o senhor começou a fazer essas cartas?

S.L: Ah, desde que eu era alfaiate, não parei mais... Mas não como hoje, hoje tá bonita, mas não era bonita assim. Eu ia fazer mensagem, muito comprida... eu fui me aperfeiçoando... Hoje eu faço a minha mensagem e tem uma pessoa que corrige quando eu erro, que põe a vírgula, porque antes ia tudo sem nada, né. E hoje ela está corrigindo pra mim, mas ela não mexe na mensagem. Ela põe c, a vírgula, o r, o dois, o s, que falta...

Pesquisadora: Uma revisão ortográfica?

S.L: É.

Pesquisadora: Seo Laerte, e quantas mensagens o senhor escreve por ano?

S.L: Não, cada situação eu mando mil mensagens pelo correio, duas mil...

Pesquisadora: Mas qual é a situação?

S.L: O Dia dos Pais, Dia das Crianças, o Natal, o Dia de Páscoa, todas as datas, Dia do Fotógrafo, Dia das Mães...

Pesquisadora: Em datas comemorativas?

S.L: Isso...(mostra uma carta escrita por ele)

Pesquisadora: Ah, que coisa linda!

S.L: Aí a turma recebe a mensagem... O importante é que eu faço um encontro anual de fotógrafo em São Paulo... estô falando muito?

Pesquisadora: Não, pode falar...

S.L: E aí tem um rapaz que todo ano ele ia lá coma gente... faz três anos que ele não foi e a gente achou falta desse amigo. E aí eu telefonei pra ele, não, não... é que ele ta tratando faz um ano de resfriado e gripe e não sara e aí foi ver tinha câncer. Eu tenho a carta, ta tudo aí. Eu saí daqui, peguei o ônibus, fui pra Belo Horizonte, andei mais 300 quilômetros de ônibus pra ir na casa dele, somente pra visitar... Aí eu tava em Belo Horizonte, o padre da Catedral me ligou, perguntou o que você tá fazendo, visitando um amigo... ah bom gesto que você está fazendo... e esse amigo sarou do câncer. Eu tenho a carta aí, eu pus no jornal da cidade dele... Agora em julho eu tenho que fotografar o casamento da filha dele.

Já mandei mensagem pra ele, eu ligo sempre pra família, a família dele liga pra mim. A cidade toda ficou me conhecendo, porque todo mundo conhece, ele é o maior fotógrafo que existe lá... depois ele colocou no jornal agradecendo a minha lá só pra visitar ele. Eu tenho carta dele, tudo registrado. Ficou feliz!

Pesquisadora: Me diga uma coisa, o que eu não lhe perguntei da profissão de alfaiate que o senhor queira dizer e o que eu não perguntei da profissão de fotógrafo?

S.L: O que você não perguntou de alfaiate... eu quis esquecer...

Pesquisadora: O senhor quis esquecer?

S.L: Ah, quis! Tem muita coisa mal que eu não quero não lembrar.

Pesquisadora: O senhor quis esquecer, Seo Laerte?

S.L: Ah, quis, porque não foi pra deixar saudade...

Pesquisadora: Se o senhor não quiser contar...

S.L: Não, não... só lembrar o que era na época... Mas o que está sentindo hoje é porque faz tudo em que você não encontra pessoas verdadeiras, hoje. Porque nós estamos podendo olhar nos olhos, porque você é verdadeira, eu sou verdadeiro. Você vê que 90% a pessoa não olha mais nos olhos da pessoa. As pessoas têm medo... Pode reparar... ninguém mais olha na sua cara, nem médico, você entrou, o que que você tem, ta, ta, ta.... e vai embora. Os médicos não olham nem em você mais, você pegou a receita, vai embora... Eu levei minha filha a semana passada no pronto socorro, ah é dor muscular, deram um soro pra ela, de manhã soltou uma pedra deste tamanho (gestos). Levei um outro dia, num outro médico, lá, até xinguei o médico, nem olhou, não pôs a mão nela... e ta pagando. Ai eu telefonei lá, porque eu conheço o diretor da Beneficência Portuguesa... mandou o médico embora, agora pôs uma pessoa só pra tomar conta desse setor, vai ver o atendimento como mudou. Mudou tudo... tá sendo bem atendido.

Pesquisadora: Mas vamos fazer o seguinte, o que o senhor quis dizer...

S.L: Não, as coisas de mal que passou... Nesse meio aí eu ia pagar o aluguel, o cara xingava a gente: “você não é de nada!”... [incompreensível; intervenção de som de um pássaro] Nossa senhora! De bicicleta eu andava, aí uma vez a gente tava... morava lá em cima na Vila Nova e ia buscar o leite aqui na Barão de Itapura né... eu peguei a bicicleta de um lugar, que não tem aquele varal no meio.... eu passei em frente a igreja, fui fazer o nome do padre, levei um “tombasso”, porque essa mão aqui não tava no guidão, eu tava segurando o leite, eu tirei essa mão do guidão e fui fazer o nome do padre levei “um puta” de um “tombasso”. E eu não tinha dinheiro pra comprar o leite de novo...

Pesquisadora: E os seus pais trabalhavam com o quê?

S.L: 45 anos na Fazenda Santa Elisa... [ruídos] 45 anos de fazer vinho, tudo essas coisas. O patrão vinha, pegava ele, levá-la pra Fazenda, fazenda particular dele, punha pra ele dormir junto com as vacas, com os bois, passava aqueles ratões perto dele, nem na casa o homem mandava... E aí ele morreu magoado, entende? Depois que ele aposentou, o homem nunca perdeu o ordenado dele, morreu como um servente...

Pesquisadora: Era o dono da Fazenda?

S.L: Fazenda Santa Elisa, do governo.

Pesquisadora: Mas já era do governo na época?

S.L: Sim, sempre foi do governo. Tinha os chefes né... O chefe dele era estudado, ia pros Estados Unidos, diplomado, mas o meu pai não fazia conta, o homem tinha estudo, mas meu pai não sabia... Meu pai trabalhava... tratou dos quatro filhos e repartiu o que ele tinha pros pobres. A gente saía daqui e ia lá no Bonfim ia levar comida pros irmãos dele, pras pessoas. Repartiu o que ele tinha e nunca ganhou salário.

Pesquisadora: Mas ele trabalhava lá e não ganhava salário?

S.L: Não, menos, servente... morreu como servente... até aposentar.

Pesquisadora: A remuneração era....

S.L: Menos que um salário mínimo... Não tinha salário mínimo do governo... não tinha décimo terceiro, não tinha bolsa de estudo, não tinha cesta básica...

Pesquisadora: E a mãe do senhor?

S.L: Lavava roupa...

Pesquisadora: Lavava roupa...

S.L: Tinha umas galinhas no quintal, couve, ela sustentava a casa... Minha mãe foi uma santa. Sem dinheiro ela fazia milagre pra sustentar...

Pesquisadora: Quantos filhos foram?

S.L: Quatro... três homens e uma mulher...

Pesquisadora: E o senhor é o mais velho?

S.L: Não, eu sou o terceiro....

Pesquisadora: O terceiro?

S.L: Eu sempre fui o que mais sofreu... [silêncio] mas eu fui o que mais minha mãe gostou de mim... porque eu dava carinho pra ela [ruído]...[incompreensível] [silêncio]

Pesquisadora: Olha Seo Laerte, por mim eu ficava mais um dia aqui...

S.L: Pode vir o dia que você quiser... Não eu não tenho.... Quando faço assim, eu dou valor pra você, você acha que eu ia ficar lá, fazendo serviço e conversando? Não...! Eu não perdi tempo.... Eu fiquei conhecendo uma pessoa maravilhosa. Como que eu ia perder? Aqui não tem mentira...

Pesquisadora: Eu sei disso! Eu posso fotografar a máquina e o senhor?

S.L: Lógico, o que você quiser...

Pesquisadora: O senhor que fotografa tanta gente...

S.L: Você quer que eu costure?

Pesquisadora: Primeiro deixa eu fazer uma foto do senhor aí, na máquina...

S.L: Então, mas eu costurando...

Pesquisadora: Eu vou...

S.L: Você quer foto pra fora...

Pesquisadora: Aí depois o senhor olha se não ficarem boas...

S.L: Ah, não! Aqui não tem... estou acostumado a fotografar né... [risos]

FINAL DA ENTREVISTA

José Jovanini
alfaiate, viúvo



Entrevista com Seo José Jovanini

Data: 09/08/2007

Trata-se da segunda visita ao informante. Na primeira, tivemos uma conversa alimentada por assuntos genéricos e por sentir que ele não estava à vontade para gravar, resolvi retomar noutra data. Vamos observar que este informante, ao contrário dos demais fala pouco, tem respostas bem concisas.

Local: Casa do informante, no bairro Jardim Amazonas, em Campinas

Seo José: Ele entrou na Bosch né?

Pesquisadora: Quantos irmãos eram Seo José?

S.J: Eu também tinha pegado... Ah tem o...

P: O senhor era o mais velho?

S.J: Eu era o mais velho.

P: E depois o Valentim?

S.J: Depois tem uma irmã...

P: A Bertina?

S.J: É a Bertina, depois o Valentim, depois o Antonio, o Pedro, Tarsila, Florindo... Florindo morreu, né?

P: E seus pais eram descendentes de italiano? Eles eram filhos de italianos?

S.J: Italiano... Filho de italiano... E meus avós vieram tudo da Itália, né?

P: E viviam... normalmente na roça?

S.J: Na roça... é!

P: Plantando... e tal? Em fazendas?

S.J: Naquela época não tinha tanto... tanta fábrica assim como tem hoje, viu? Hoje... hoje na roça quase não... só dono mesmo da propriedade que fica né? Assim mesmo... coloca empregado lá... mas o resto...

P: Pois é e então... Se o senhor não tivesse sido alfaiate o que o senhor gostaria de ter sido?

S.J: Risos... Nem sei que que ia ser... viu? (incompreensível) Tinha que... estamos firme aqui né? Eu tava com diploma... Não tinha nada... Estudar... não conseguia estudar né? Minha mãe queria... mas meu pai falou: - não! Depois vou tirar ele da roça, vai fazer falta... num. E ele não pagava nada... A professora minha falou: - você pode ir que eu pago tudo... Ela gostava muito de mim né? Que nem tinha... Nós tinha... Nós tinha o sítio... No... E o pai dela... Toda tarde... ele... Ele morava em Nova América... uma cidadezinha...ficava... seis quilômetros... oito quilômetros né? E toda tarde ele vinha lá no sítio caçar... (pausa) Por causa disso, ela queria que eu estudasse... amizade né? Mas não forcei não...

P: Seo José, me fale uma coisa, em nenhum momento, antes de casar, o senhor pensou em mudar de profissão?

S.J: Não!Não, não sabia fazer nada, nada.

P: Não tinha outra alternativa?

S.J: Não tinha... Era uma vila, uma vilazinha, tinha três comércios, salão de barbeiro, uma farmácia, passava um ônibus que vinha de uma cidade ia pra outra, passava reto. Não tinha nada, era tudo sítio. Mesmo quem morava nessa vilinha, era tudo espalhado em sítio, não tinha firma, não tinha nada, mas nada, nada!

P: Seo José, e... quando o senhor era criança, da sua infância, que lembranças o senhor gosta de ter?

S.J: Ah, eu gostava muito de... futebol. Chegava, trabalhava na roça, sábado, até meio-dia, chegava em casa, nem banho, que... trabalhava na roça, sem tomar banho, chegava em casa à noite tinha aquela, puxar água do poço (...) tirava camisa, lavava os braços assim, arregaçava as calças, lavava as pernas, trocava de roupa e no sábado ia pro futebol... pegava o... tinha cada cavalo bonito lá, nossa...pegava o cavalo e ia assistir futebol.

P: Lá mesmo, em Nova América?

S.J: Ah, é. Lá no bairro...

P: Nunca quis jogar futebol?

S.J: Ah, nunca... ah, eu jogava quando estava na escola. Mas eu gostava muito de assistir, porque ia muita gente né... Chegava assim naquele campo, às vezes, tinha aquela fileira de cavalo, que nem nessa rua aqui, tudo numa fileira, tudo aqueles cavalos amarrados... Meu pai tinha um cavalo tão bonito que... até ele precisou esconder uma vez, uma temporada, esse cavalo, porque a polícia queria, porque teve aquela guerra e aqueles cavalos de mais de sete palmos eles iam levar embora. Aquele do meu pai, os caras vieram lá, mediram, dava sete palmos e meio, falaram que iam levar o cavalo embora...

P: É na Revolução de 32?

S.J: Oi?

P: É na Revolução de 32?

S.J: É

P: Queriam levar o cavalo do seu pai embora? Como chamava o cavalo, o senhor lembra?

S.J: Oi?

P: O cavalo, qual o nome dele, o senhor lembra?

S.J: Acho que... era Estrela... parece que era, né?

P: Estrela?

S.J: Estrela, é... mas, era bonito... mas, aí meu pai, quando as pessoas ameaçavam de passar lá no sítio ele fechava ele pra não deixar ir embora né.

P: A terra era do seu pai? Do sítio, era dos seus pais?

S.J: Era do meu vô, ne.

P: Era do seu avô?

S.J: É, mas nós que morávamos lá. Só meu pai que morava lá. Eles eram em quatro irmãos...

P: Vieram da Itália os avós, os pais?

S.J: Oi?

P: O que tinha quatro irmãos era o seu...

S.J: Era o meu pai.

P: O seu pai tinha quatro irmãos?

S.J: Quatro irmãos. Esse outro que é alfaiate, tinha outro que era barbeiro, ele tinha barbearia lá em Nova América mesmo, né. E tinha outro que chamava Carlos, que tinha saído do sítio e tinha ido morar longe, mas na roça mesmo então só ficou meu pai lá. Se nós tivéssemos lá no sítio, nossa nós tinha... meu avô falou pro meu pai: fica aqui você toma conta do sítio aí, o que você fizer é seu... nós tinha quase umas 100 cabeças de gado, porco... matava um porco cada mês, meu pai matava um porco... galinha. Depois os outros irmãos que estavam no sítio, que eles não queriam ficar, um era barbeiro, outro era esse alfaiate, então, começaram falar, a perturbar o meu avô, que era meu pai que tava gozando lá e eles não tinham nada, e aí meu pai falou: quer saber de uma coisa eu vou embora e aí minha avó falou: não vai não! Eu vou! E aí precisou vender, jogou tudo fora aquele gado que ele tinha pra mudar de lá por causa dos outros... né.

P: E Seo José, naquela época, qual era a lavoura que vocês cuidavam?

S.J: Nós cuidávamos muito, meu pai usava plantar muito algodão, né. Algodão e arroz. Ele não gostava de tocar café. Trabalhar em café ele não queria, só com plantação arroz, milho, tudo o que dava assim pra vender, mas café ele nunca quis café. Mas era bom, eu gostava da roca, viu? Que chegava no sábado a gente se divertia, saía, pra ir no futebol, mas não é como a gente quer, né?

P: Não.

S.J: Mas tá bom assim também, né?

P: Seo José, e na velhice, como é que o trabalho pro senhor, esse trabalho que o senhor teve na sua vida, quando o senhor olha pra ele, hoje, o senhor já velho, uma pessoa de idade, que sentimento o senhor tem do seu trabalho?

S.J: Ah, eu gosto de ver. Eu tinha vontade de... eu fui ...[incompreensível] me chamou pra trabalhar, mas eu ia ganhar R\$ 400 por mês, pra trabalhar no sábado até às seis horas da tarde.

P: Já é pesado, né?

S.J: Mas eu gosto de trabalhar... eu se colocar uma placa aí, aparece muito serviço, mas não posso ficar muito parado porque me incha muito os pés. Também trabalhei desde a idade de 15 anos, sentado, parado, até hoje. Eu tô fazendo tratamento tudo, mas tem, de vez em quando, andar um pouco, esticar a perna... Se não fosse esse problema eu pegava serviço ainda. Eu ia... porque tem loja aí que precisa de alfaiate principalmente agora no fim do ano, né? Essa loja mesmo... [incompreensível o nome da loja] já me chamaram lá, mas nem adianta mais porque do jeito que esse governo tá se ele souber que trabalha né. Ele corta o... a aposentadoria da gente.

P: Seo José e assim, do trabalho de alfaiate, qual é a peça que o senhor acha mais inteligente? Que dá mais trabalho?

S.J: Principalmente, de terno assim, e o paletó, é a manga e a gola. Esse dá trabalho, esse é difícil, viu? Que o principal do paletó é a manga se prega uma manga bem direitinho, não pode deixar prega, nada, bem lisinho, mas fica uma beleza, viu? E gola também, se você faz bem direitinho, fica bonita, agora do resto, não tem nada, tem um bolso aqui, um bolsinho aqui, pronto... é costurado, né? Costura aqui, vira, alinhava, mas a manga é o principal do paletó. Pregou uma manga, pregou uma manga e ficou bem direitinho, acabou, o paletó tá...

P: E o senhor tem saudade da época que o senhor era alfaiate?

S.J: O que?

P: O senhor tem saudade da época que o senhor era alfaiate?

S.J: Assim... também não adianta ter saudade, não volta mais mesmo... mas já trabalhei a minha parte...

P: É... já fez a parte que lhe devia, né? Agora o senhor mantém a oficina aqui, tem uma máquina, duas máquinas, tem os tecidos, é... isso é importante para o senhor tem esses equipamentos perto, quando o senhor... vez ou outra alguém pede se pode atender, isso é importante?

S.J: Ah é! Não eu faço as coisas aqui pra meninas...

P: Suas netas...

S.J: Às vezes aparece, tem a mulherada aqui sempre, tem uma costureira aqui que ela não sabe fazer nada... é costureira mas ela pega uma barra de calça jeans, ela não sabe fazer uma barra de calça jeans igual que está né? Então ela vem aqui [...] ou ela não tem vontade ou num guarda.. Ah Seo Zé eu estou fazendo, mas não está dando certo, o que que foi...e eu falou e assim, assim, mas agora vamo marcar, agora eu vou marcar, viu? Não sei... (risos) Ela pega umas bermudas aí e não conseguia apertar as bermudas... trouxe aqui pra mim.

P: Seo Zé, tem alguma coisa que o senhor queria falar do seu trabalho que eu não tenha perguntado?

S.J: Não só isso aí, o alfaiate não tem segredo!

P: Pra ser alfaiate precisa ter o quê? Pra ser alfaiate, o que a pessoa precisa ter?

S.J: Aprender né... depois que... a primeira... agora não tem mais esse negócio de... antigamente não tinha todas essas máquinas de costurar, não tinha nada ...primeira coisa que precisaria começar a aprender, tinha que amarrar o dedo aqui, amarrar o dedo com um pano assim, você ficava oito dias com o dedo amarrado aqui, se você ia passear, enfiava o dedo no bolso assim pra ninguém ver né... pra ele acostumar a ficar solto assim pra furar a agulha, porque senão... pra empurrar a agulha assim três por [incompreensível]... então

tinha que ficar solto [ou torto]. A única coisa que me perturbava era isso aí, mas depois acostuma. Você tira o... pano, porque agora nem precisa mais, você vê, a máquina faz... tem máquina que prega até botão já! Prega botão, chuleia... caseia, faz tudo!

P: Seo José, e a questão, por exemplo, o senhor perdeu a sua companheira, que inclusive ajudava na costura, isso deixou a vida mais difícil pro senhor?

S.J: Como assim?

P: Perder a Dona Lúcia?

S.J: Ah, é! Oh!...[incompreensível]... levanta cedo, tinha que fazer comida pra levar pra almoçar depois que... daí uns dias, falei: eu não vou mais fazer comida, eu vou... e aí eu comecei almoçar lá! Mas atrapalha viu? Ainda mais ela já tinha costura aqui, aquele mês que ela morreu, eu falei, este mês eu vou fazer... ela estava querendo ir em Americana comprar uns tecidos, né, pra fazer roupa pra vender, eu falei, pode deixar, este mês eu vou fazer todo hora extra e eu vou dar tudo pra você, eu falei né, quando eu receber. Quando chegou no meio do mês, não deu tempo receber, ela morreu... Eu ia pegar o dinheiro pra ela ir fazer a compra em Americana... ela tinha vontade de ir em Americana comprar uns tecidos lá pra vender, aí não deu... (voz entristecida, olhar cabisbaixo)

P: Faz quanto tempo que ela faleceu?

S.J: Oi?

P: Faz quanto tempo que ela faleceu?

S.J: Faz, foi em 96 que ela morreu... (silêncio)

P: Treze anos? Não... onze anos.

S.J: Eu nem me lembro, mas já faz tempo. E acho que faz sim...

P: Seis anos? Eu estou contando errado, se foi em 96... seis anos?

S.J: Ah? 96? Tamos em 2007... 12 ou 13 anos...

P: Ah Seo José, então, tá bom... olha

S.J: Aí eu parei, falei não! Aí descorçoei né? Agora que eu aposentei, falei agora eu vou...
(silêncio)

P: Descansar também um pouco? Mas hoje o senhor já ajuda as netas...

S.J: Mas tá bom....(pausa)

P: Então está bom seo José, eu agradeço muito...

FINAL DA ENTREVISTA